

ARMANDA ÁLVARO ALBERTO  
(Organização)

# A ESCOLA REGIONAL DE MERITI

DOCUMENTÁRIO  
1921 • 1964



EDIÇÃO ATUALIZADA

INEP

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO | MEC**

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS  
EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA | INEP**

# A ESCOLA REGIONAL DE MERITI



# A ESCOLA REGIONAL DE MERITI

DOCUMENTÁRIO | 1921-1964

Armanda Álvaro Alberto  
(Organização)

Alberto J. Sampaio  
Alberto Rangel  
Belisário Penna

C. A. Barbosa de Oliveira  
Carlos Drummond de Andrade  
Edgar Sússekind de Mendonça

Fernando de Azevedo  
Francisco Venâncio Filho

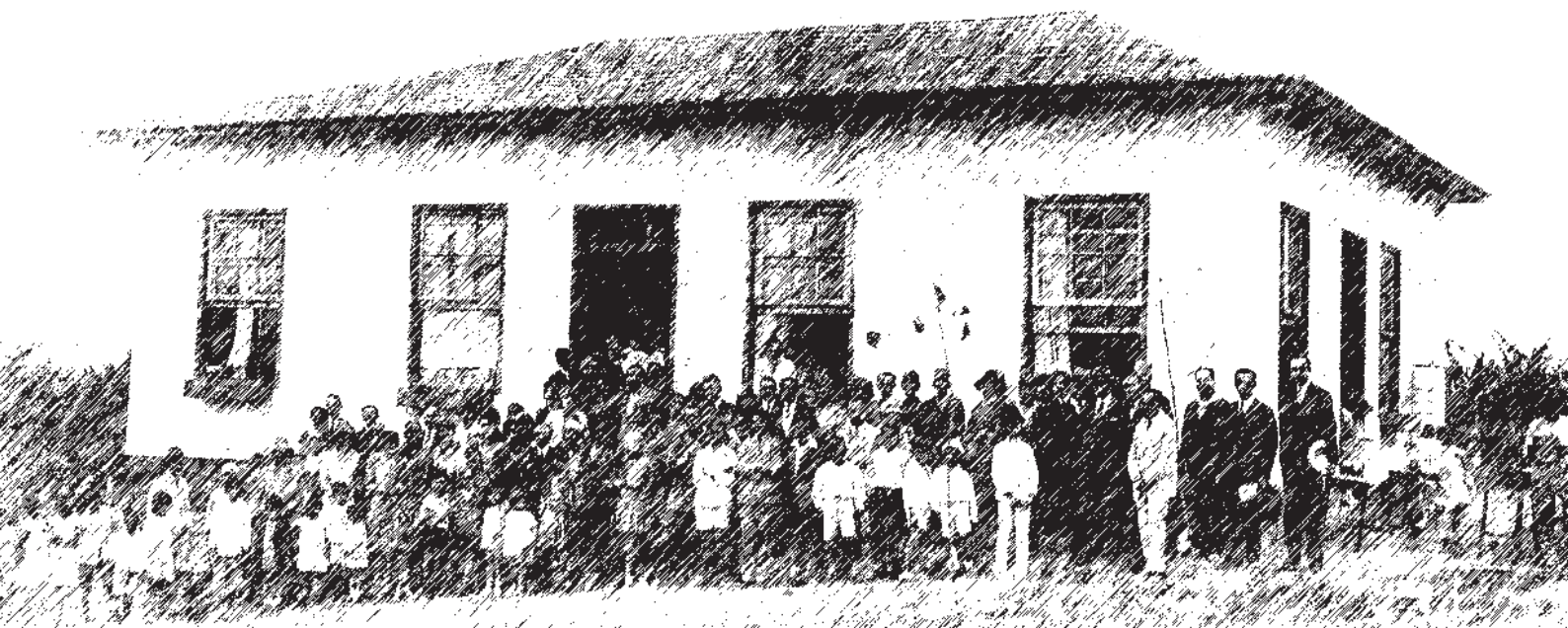
Heitor Lyra da Silva  
João Telles Bittencourt  
Júlia Lopes de Almeida

Lourenço Filho  
Olga Obry

Orlando M. de Carvalho  
Paschoal Lemme  
Raquel Trindade

Raul Bittencourt  
Savino Gasparini  
Tristão de Athayde  
Yvone Jean

Brasília-DF  
MEC/Inep/CEPEMHEd  
2016



 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP)  
É permitida a reprodução total ou parcial desta publicação, desde que citada a fonte.

## **ASSESSORIA TÉCNICA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES**

REVISÃO/NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

**Jair Santana Moares**

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL

**Marcos Hartwich**

IMAGENS

**Banco de imagens do fundo Armanda Álvaro Alberto pertencente ao Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Proedes/UFRJ)**

EDITORIA

**Inep/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
SIG Quadra 4, Lote 327, Edifício Villa Lobos, Térreo – Brasília-DF – CEP: 70610-908  
Fones: (61) 2022-3070, 2022-3077 – editoracao@inep.gov.br**

CENTRO DE PESQUISA, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS E BAIXADA FLUMINENSE (CEPEMHED)

**Rua Benjamim Rocha Júnior, s/n – São Bento, Duque de Caxias, RJ – CEP: 25045-010  
Fone: (21) 2653-7681**

APOIO

**Fórum de Oposição e Resistência ao *Shopping* (Foras)**

**A exatidão das informações e os conceitos e opiniões emitidos  
são de exclusiva responsabilidade dos autores.**

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.  
PUBLICADA EM 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A escola regional de Meriti : documentário : 1921-1964. – Armanda Álvaro Alberto (Org.) ;  
[autores] Alberto J. Sampaio ... [et al.]. Brasília : Inep, CEPEMHed, 2016.  
209 p. : il.

ISBN 978-85-7863-050-8

Edição atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999.

1. Educação - Brasil. 2. Escola regional de Meriti. I. Alberto, Armanda Álvaro. II. Sampaio, Alberto J.

CDU 37.013(81)

---

## **DEDICATÓRIA**

A meus amigos de Duque de Caxias – a Meriti de minha mocidade –,  
ofereço este documentário dos quarenta e quatro anos de nossa convivência.

*Armanda Álvaro Alberto*





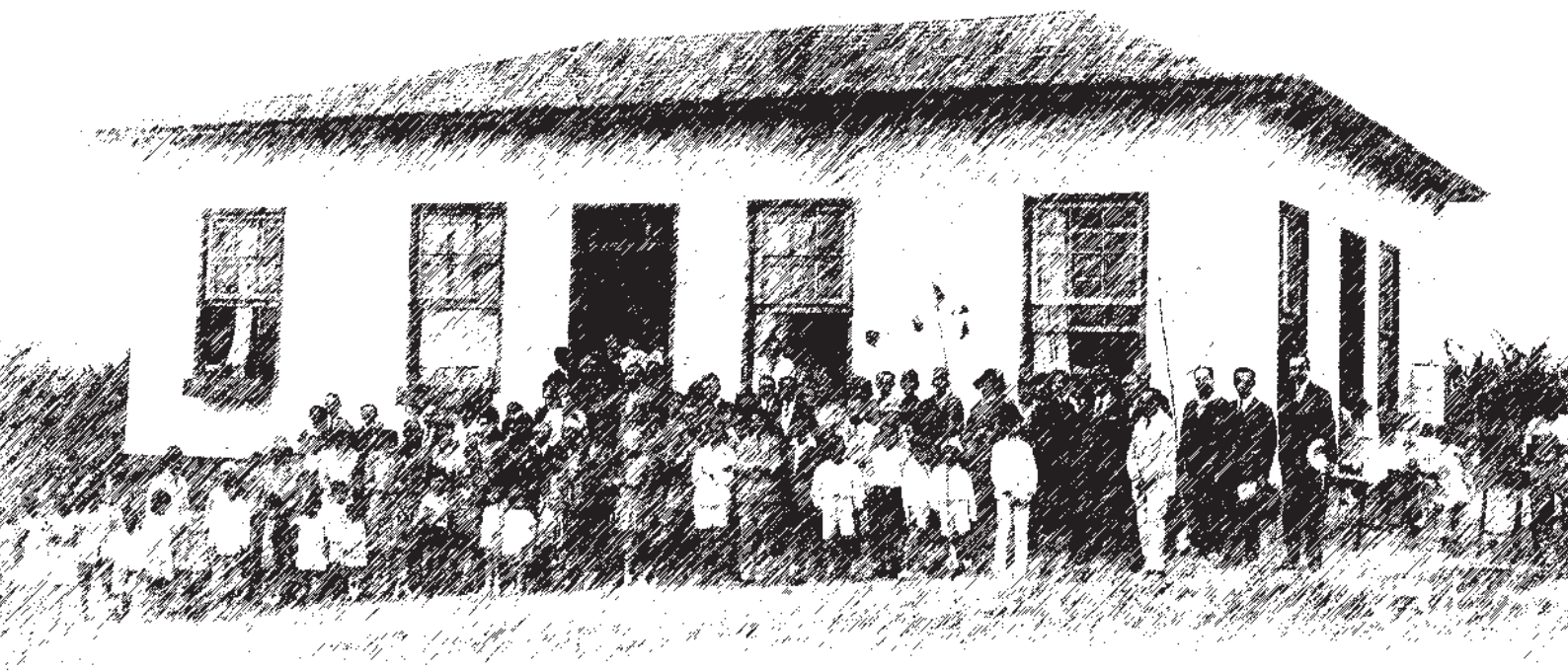
## **AGRADECIMENTOS**

Laboriosa fase da fundação, período de experiências e adaptações ao ambiente regional, lutas de todo gênero para mantê-la, preservando-lhe as características originais, motivam a presença nesta página de alguns nomes, os nomes dos colaboradores que mais contribuíram para a existência da Escola Regional de Meriti:

Francisco Venâncio Filho  
Edgar Sússekkind de Mendonça  
Álvaro Alberto da Motta e Silva  
Coriolano Martins

Belisário Penna  
Heitor Lyra da Silva  
Edgard Roquette Pinto  
Corina Barreiros

Rosa Dufrayer de Oliveira  
Maria da Luz Carvalho  
Marina Motta Veiga  
Octávio Ferreira Veiga  
Bernardino Jorge  
Maria T. da Motta e Silva (Viúva Álvaro Alberto)  
Ernesto de Otero  
Ari Parreiras  
Celso Kelly  
Tácito de Moraes Rêgo  
Flávio Lyra da Silva  
Frederico Rêgo Neto  
Luís Bustamante Castello  
Brasilina Del Mugnaio  
Custódio Pires d'Aquino  
Humberto Freire de Carvalho  
Martha Rossi  
Albino Vaz Teixeira  
Evelina Couto Borges  
José Montes  
Carlos Baptista dos Santos  
Moisés Xavier de Araújo  
Pachoal Lemme  
Branca Perissé



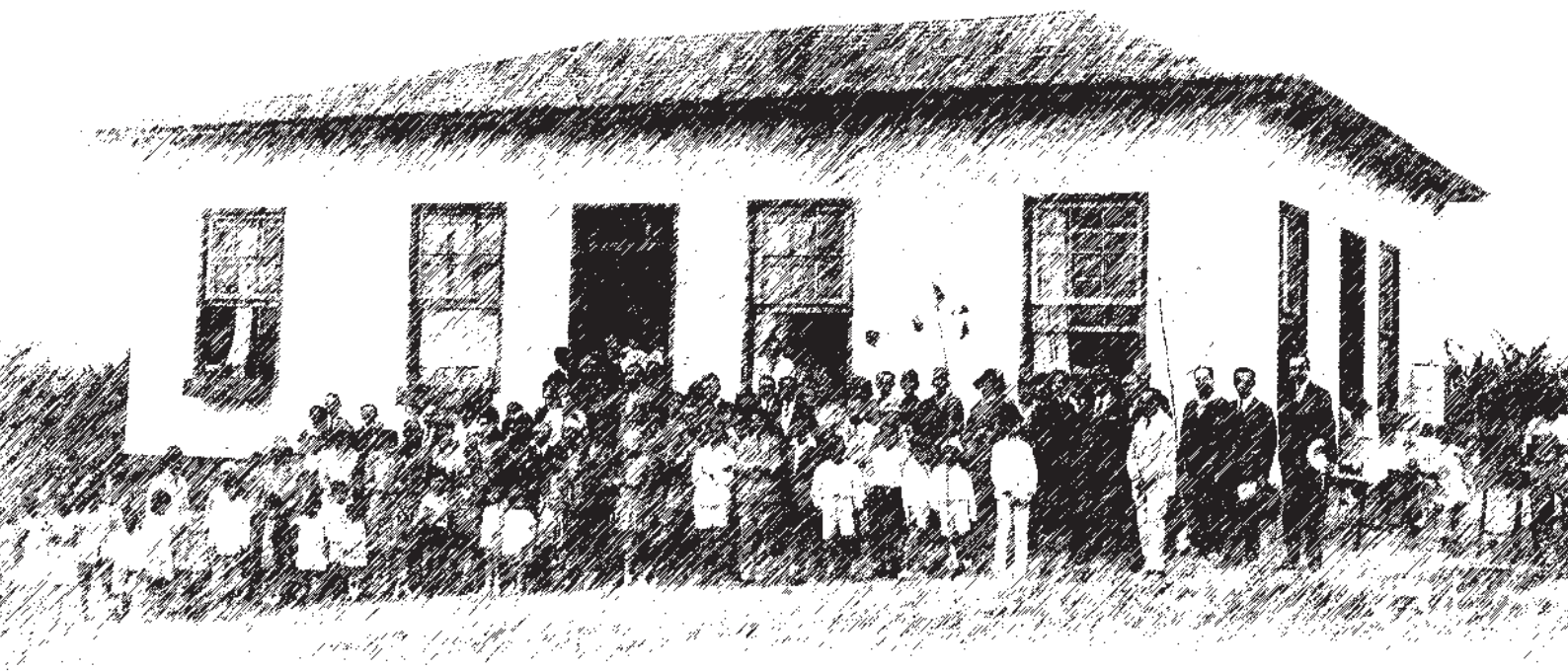
## SUMÁRIO

CARTA A TOD@S QUE SÃO GUARDIÕES DA MEMÓRIA .....	13
PREFÁCIO .....	17
APRESENTAÇÃO .....	21
A ESCOLA REGIONAL DE MERITI (REALIZAÇÕES E PROJETOS) .....	27
<b>Edgar Sússekind de Mendonça</b>	
A ESCOLA POPULAR (ESCOLA REGIONAL DE MERITI) .....	37
<b>Francisco Venâncio Filho</b>	
CONDIÇÃO PRIMORDIAL DE EFICÁCIA .....	43
<b>Tristão de Athayde</b>	

TENTATIVA DE ESCOLA MODERNA .....	45
<b>Armanda Álvaro Alberto</b>	
VOTO DE APLAUSO DA 1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO .....	55
UMA EXPERIÊNCIA DE ESCOLA REGIONAL .....	57
<b>Armanda Álvaro Alberto</b>	
UM MAÇO DE CARTAS .....	67
<b>Júlia Lopes de Almeida</b>	
MISSÃO EDUCACIONAL .....	71
<b>Heitor Lyra da Silva</b>	
SOLUÇÃO DE UM PROBLEMA VITAL .....	75
<b>Belisário Penna</b>	
HIGIENE E EDUCAÇÃO POPULAR .....	85
<b>Belisário Penna</b>	
INICIATIVA PARTICULAR E HIGIENE PÚBLICA .....	89
<b>Savino Gasparini</b>	
NOTÁVEL ENSAIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO RENOVADA .....	97
<b>Lourenço Filho</b>	
A ESCOLA REGIONAL – ASPECTOS URBANO, RURAL, MARÍTIMO E FLUVIAL .....	101
<b>C. A. Barbosa de Oliveira</b>	
PROJEÇÃO DE UMA ESCOLA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA .....	111
<b>Alberto J. Sampaio</b>	

ESCOLA VIVA E EM MOVIMENTO .....	117
<b>Orlando M. de Carvalho</b>	
PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA .....	131
<b>Fernando de Azevedo</b>	
GRANDE PÁGINA DA HISTÓRIA DE NOSSA EVOLUÇÃO .....	133
<b>Alberto Rangel</b>	
UMA ESCOLA VIVA .....	135
<b>Carlos Drummond de Andrade</b>	
EMPREENHIMENTO ORIGINAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO .....	139
<b>Raul Bittencourt</b>	
INOVAÇÕES ADMIRÁVEIS .....	143
<b>Yvone Jean</b>	
NO 30º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI .....	151
<b>João Telles Bittencourt</b>	
CAXIAS – CIDADE BEM-COMPORTADA .....	155
<b>Olga Obry</b>	
DISCURSO DE PARANINFO .....	159
<b>Lourenço Filho</b>	
NO 40º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI .....	163
<b>Paschoal Lemme</b>	
NA FESTA DA DESPEDIDA .....	179
<b>Raquel Trindade</b>	

PROPOSTA DE DOAÇÃO DA ESCOLA AO GOVERNO DO ESTADO ....	<b>183</b>
<b>Armanda Álvaro Alberto</b>	
RESPOSTA DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO .....	<b>191</b>
SEM ÊXITO OS ENTENDIMENTOS COM O GOVERNO .....	<b>193</b>
APÊNDICE: DECRETOS, REFERÊNCIAS, IMPRESSÕES DE VISITANTES, ETC. ....	<b>197</b>
Decreto do Governo do Cte. Ari Parreiras .....	<b>199</b>
Deliberação da Câmara de Caxias .....	<b>200</b>
Impressões de Visitantes .....	<b>201</b>
Do Instituto Central do Povo à Escola Regional de Meriti .....	<b>206</b>
Moção da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro .....	<b>208</b>



## CARTA A TOD@S QUE SÃO GUARDIÕES DA MEMÓRIA

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la,  
isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela,  
isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela.  
Antonio Cícero. *Guardar*.

Vigiar o patrimônio que nos é caro... Fazer vigília por ele... Velar por ele... Ser por ele. Ser relutante, ser militante. Várias mãos e vozes na defesa da Escola Regional de Meriti, atual Escola Doutor Álvaro Alberto. Desse ato

de vigília surge o desejo de reimpressão da obra *A Escola Regional de Meriti (documentário) 1921-1964*, da professora Armanda Álvaro Alberto.

Aideia nasce no coletivo do Fórum de Oposição e Resistência ao *Shopping* (Foras), em 2014, como estratégia para o fortalecimento da mobilização pela salvaguarda da escola, localizada em Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

Criada em 1921, representa uma referência na história da educação nacional pela concretude na implementação dos pressupostos e das práticas do movimento da Escola Nova no Brasil. Não obstante sua importância para a educação e a contribuição cultural e social para a região, a “Mate com Angu” – nome pelo qual é mais conhecida –, também constitui um nascedouro do movimento social organizado.

Ao acolher em suas dependências, a partir da década de 1970, instituições como o Centro Estadual de Professores do Rio de Janeiro (CEP), o Movimento União de Bairros (MUB), o Cine-Clube Mate com Angu e os Movimentos Negro e dos Trabalhadores Rurais, serviu como anfiteatro para importantes discussões e decisões que culminaram em políticas públicas para o município.

No início dos anos 2000, a dilapidação e a deterioração do patrimônio da Escola Regional de Meriti sensibilizaram e mobilizaram os profissionais da educação pública do município a buscarem a guarda de suas memórias, reivindicando a criação de uma instituição voltada à preservação das memórias escolares.

Dessa luta, foi instituído, por decreto municipal, o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHed). A semente lançada a partir do desejo de proteção do patrimônio escolar da Regional germinou com a ampliação do olhar dos educadores da cidade para a preservação dos objetos de memória, patrimônios e arquivos escolares de outros espaços educativos e seu reconhecimento como lugares de memória.

Há mais de uma década, dá-se em Duque de Caxias a mobilização de professores, militantes e historiadores pelo tombamento da Escola Doutor Álvaro Alberto, entre outros patrimônios históricos locais.



Em 2013, a organização é retomada, ante a construção de um shopping center ao lado da escola, ameaçando sua preservação. Um requerimento com dezenas de assinaturas de instituições e de pessoas interessadas é, então, entregue à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, solicitando o processo de seu tombamento.

A despeito da Lei Municipal de Tombamento – nº 2300, de 2009, – assegurar a conclusão do processo de tombamento em até 105 dias, este se encontra, ainda, em 2016, na mesma Secretaria.

Em 2014, o CEPEMHed dá entrada no processo de tombamento na instância estadual, com requerimento ao Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. A proteção da escola estende-se à esfera jurídica por meio de denúncia ao Ministério Público pelo Foras, articulador de instituições que pensam a cidade e nela intervêm para alimentar a luta por um espaço mais humanizado para a população local.

O fórum vem também protagonizando um momento de disputa com o poder público pela afirmação de valores mais humanitários, no esforço de assegurar que valores econômicos e individuais não se sobreponham à qualidade de vida da coletividade e ao meio ambiente. Integra-se à luta pela preservação da Escola Regional ante a iminente ameaça desse patrimônio pela construção do *shopping*.

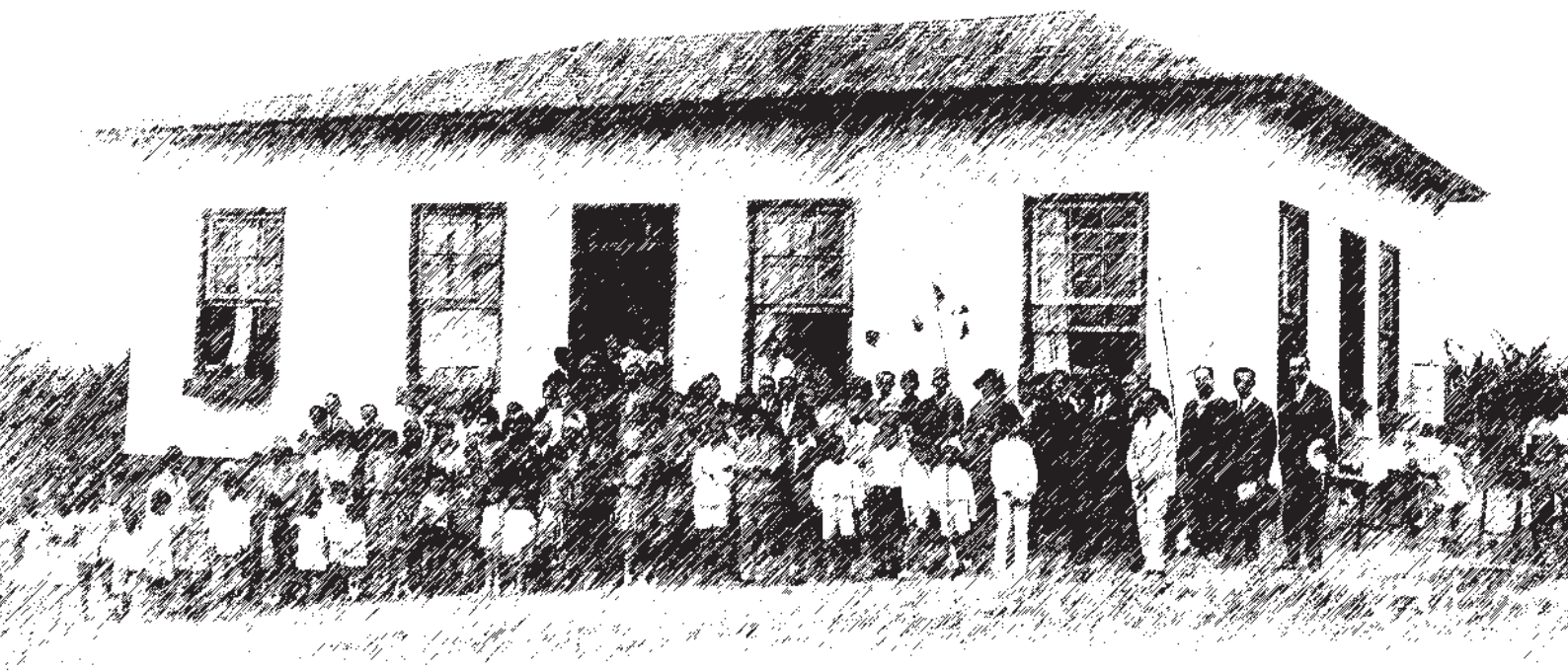
A sociedade civil, por organização do Foras, vem tomando iniciativas para divulgar e envolver a população no movimento de salvaguarda da Regional, através de abraço simbólico à escola, confecção de gibi, panfletagem, grafiteagem...

De onde a ideia: e, por que não, a reimpressão da obra em que a fundadora da escola compilou escritos e documentos sobre a instituição no intuito de eternizar a memória do trabalho ali realizado?

Façonha concretizada por meio da solidariedade e tecida coletivamente... Cada etapa, uma trama urdida e custeada por várias mãos, várias instituições, com a colaboração, inclusive, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que atualizou a edição, elaborou a diagramação e o projeto gráfico da obra. É mais uma ação na luta pela proteção das memórias e do patrimônio da Escola Regional de Meriti, um meio de colocá-la à vista, “olhá-la, mirá-la por admirá-la, iluminá-la ou ser por ela iluminado”.

### *Fórum de Oposição e Resistência ao Shopping (Foras):*

Associação dos Professores de História da Baixada Fluminense (Clio); Associação Pró-Melhoramento de Gramacho; Associação Guadá Vida; Associação dos Amigos do Centro de Referência Patrimonial e Histórico de Duque de Caxias; Associação dos Trabalhadores Aposentados da Petrobrás; Casa Fluminense; Centro de Cultura Ile Ase Ajunssun; Centro de Defesa da Vida; Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense; Círculo Palmarino; Cine-Clube Mate com Angu; Coletivo Feminista Luiza Malvim; Eco Cidade; Federação das Associações de Moradores de Duque de Caxias; Fundação Educacional de Duque de Caxias; Fórum dos Atingidos pela Indústria do Petróleo e Petroquímica das Cercanias da Guanabara; Fórum de Defesa dos Direitos das Mulheres; Grupo de Educação e Recuperação Ambiental; Movimento Negro Unificado; Movimento Rua; Mulheres da Periferia; Membros e Lideranças da Igreja Católica; Movimento de Luta pela Moradia de Bairros, Vilas e Favelas; Movimento Nacional de Luta pela Moradia; Pagufunk; Programa Integrado de Pesquisa e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense/Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Roque Pense; Sindicato dos Bancários da Baixada Fluminense; Sindicato Estadual dos Profissionais em Educação/Núcleo Duque de Caxias; Sindicato dos Petroleiros de Duque de Caxias; TV Caxias Comunitária; União Brasileira de Mulheres de Duque de Caxias; União dos Estudantes de Duque de Caxias; Voz da Baixada.



## PREFÁCIO

É uma honra prefaciar esta edição de uma obra que trata de uma escola que se tornou referência pedagógica e política na história educacional, em especial em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, região do Estado do Rio de Janeiro. Esta obra, de caráter documentário, reúne artigos e discursos que narram lutas, limites e experiências de uma escola que buscou expressar um movimento de renovação. Armanda Álvaro Alberto, signatária do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, ousou traduzir esses sonhos por meio da Escola Proletária de Meriti, situada em Duque de Caxias, inaugurada em 13 de fevereiro de 1921, rebatizada como Escola Regional de Meriti e, mais tarde, como Escola Dr. Álvaro Alberto, em homenagem ao seu pai.

A inauguração da Escola Regional de Meriti insere-se num contexto de influência da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: um Brasil cindido entre o litoral e o ambiente sertanejo. Nessa visão dicotômica, presente na

matriz euclidiana, a reunião desses “dois brasis” suscitava políticas sociais comprometidas com a incorporação da população sertaneja à nação brasileira. Vale notar que a trajetória de Armanda e/ou da própria Escola Regional tem sido objeto de análise no mundo acadêmico, como expressam, por exemplo, os trabalhos de Ana Chrystina Venâncio Mignot, Ana Maria Magaldi, Júlio Cesar Paixão Santos e Vilma Correa Amancio da Silva.

A Escola Regional nasceu gratuita, embora tenha sido o resultado de uma iniciativa particular, contando com um grupo de colaboradores que partilhava do mesmo projeto. A ação da Escola “Mate com Angu”, como é conhecida em Duque de Caxias, extrapolava seus muros e desafiou modelos cristalizados pelo tempo tanto no campo educacional como nas práticas sociais. Armanda, uma mulher comprometida com as lutas de seu tempo e com os mais humildes, inaugurou a Escola Regional antes mesmo da fundação da Associação Brasileira de Educação, que ocorreria três anos depois, em 1924. Como educadora, buscava pôr em prática um ideário que se contrapunha ao modelo tradicional em suas distintas facetas. Não foi uma trajetória simples nem linear e, por isso, a presença firme de amigos e de colaboradores, que apostavam no projeto renovador que a escola materializava, foi fundamental para enfrentar resistências diversas.

“Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade” eram princípios que perpassavam o projeto da Escola Regional, que buscava construir uma nova relação não só entre docentes, discentes, funcionários e comunidade, como também entre os saberes e a comunidade escolar. Uma escola laica, sem prêmios, sem castigos e sem notas. Algo que para alguns pode soar, ainda hoje, como uma prática vanguardista. Conteúdos relativos ao ensino de matemática ou de ciências, por exemplo, também se faziam presentes nos espaços da marcenaria e da horta, buscando tecer um diálogo entre o trabalho intelectual e o manual. Tais saberes ganhavam sentido e vida, seja por meio de cálculos que se materializavam em móveis, ou das hortaliças que produziam alimentos que compunham a merenda escolar. Tais procedimentos, por um lado, diversificavam as experiências pedagógicas e, por outro, aguçavam nos alunos o espírito da pesquisa, da descoberta, tornando-os sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Armanda, sensível às questões sociais, fez com que a ação pedagógica da Escola Regional não se restringisse aos seus alunos, mas envolvesse a comunidade como um todo. De maneira firme, porém respeitosa às especificidades da região, estimulava a participação, a criatividade, e apostava na potencialidade dos seus moradores para criar vivências que reinventavam aquele lugar, demonstrando a conjugação possível entre simplicidade e beleza, como ocorria nos famosos “Concursos de Janelas Floridas”, os quais teciam novos cenários. Se as exposições de trabalhos manuais possibilitavam despontar e valorizar os artistas locais, o Círculo de Mães envolvia a família no trabalho escolar. “Mate com Angu” materializava uma proposta de educação popular que tinha o regionalismo como princípio. A Escola, a um só tempo, estimulava a coleção do Museu Regional, que guardava quaisquer artefatos ou documentos da região que chamassem a atenção dos seus alunos, e criava situações para estimular a produção local; contudo, igualmente, mantinha a região em contato com a política maior por meio de uma estação receptora de rádio, que possibilitava promover lutas para a conquista da água encanada, de medidas de saneamento, ou maior frequência de trens para a região. Nesse sentido, Armanda apontava, de forma pedagógica, naquela região repleta de dificuldades e desafios de distintas ordens, a relevância de se edificar um processo permanente de lutas, nos âmbitos micro e macro, como estratégia fundamental para se conquistar uma vida digna, em que o morador local se percebesse como cidadão que tem deveres e que é, também, portador de direitos básicos, como tratamento de esgoto, transporte, hospital e escola. As práticas efetivadas na Escola Regional de Meriti extrapolavam, portanto, um projeto individual.

Por tudo isso, a atualização desta obra vem em excelente momento, pois partilhar a história da Escola Dr. Álvaro Alberto é ativar memórias individuais e coletivas que possam somar forças para o seu tombamento histórico. Tal luta é premente em face da existência de um projeto que, à revelia de vários protestos, visa construir um *shopping* ao lado da Escola, ameaçando, portanto, sua preservação. Nesse sentido, o Fórum de Oposição e Resistência ao *Shopping* (Foras) vem mobilizando diferentes instituições e sujeitos em prol da Escola Dr. Álvaro Alberto. Assim, esta obra contribuirá para driblar a amnésia social, que costumeiramente assola nossa sociedade, como também

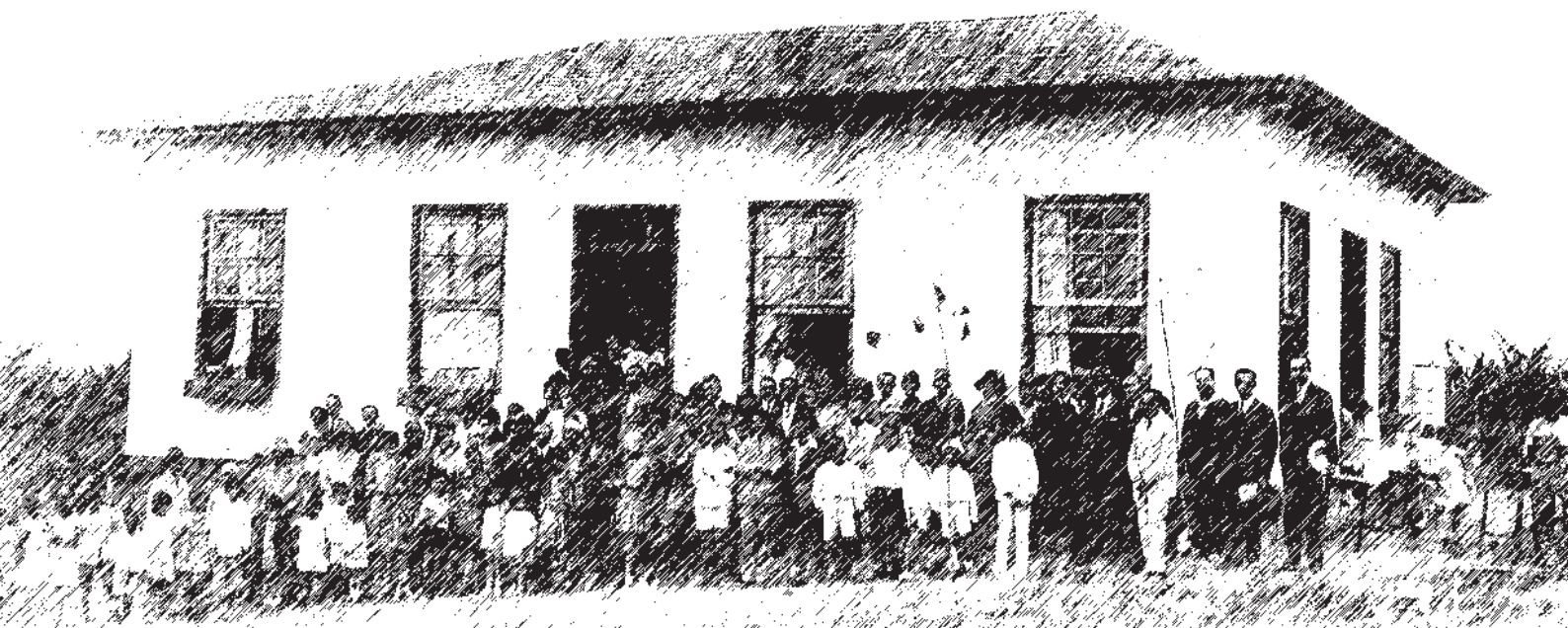
para recuperar memórias que expressam o valor da Escola “Mate com Angu”, marco na história e na política educacionais da Baixada Fluminense. Tempo de reavivar antigas lutas e travar novas batalhas.

*Prof<sup>a</sup> Alzira Batalha Alcântara*

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

# APRESENTAÇÃO







Este volume é um simples documentário da vida da Escola Regional de Meriti, suas vicissitudes, suas lutas e realizações. São 44 anos da vida de uma instituição inspirada no mais puro idealismo!

Não pretendemos aqui fazer nem mesmo uma tentativa de análise do que foi a experiência de Meriti, de sua significação no movimento educacional brasileiro, da influência que exerceu no meio social em que se realizou e da lição que deixará à posteridade. Análise desse tipo não teria cabimento nesta apresentação introdutória.

Em germe, a Escola Regional de Meriti já estava na carta de uma criança a uma revista infantil, no ano de 1906. A vocação pedagógica de Armanda Álvaro Alberto e sua intuição do sentido social da escola revelaram-se precocemente, muito antes de se concretizarem na grande obra que iniciou em Angra dos Reis e desenvolveu em Meriti.

Conto de fadas, sonho de criança e adolescente que se torna realidade, pouco importa. Quando o que parecia maravilhoso patenteia-se aos nossos olhos como fato objetivo, somos forçados a procurar uma explicação natural.

A infância de Armanda transcorre em ambiente de alta densidade intelectual. O pai, médico ilustre, homem de ciência e professor, é o seu

grande mestre, guia, exemplo e modelo. A imagem do Dr. Álvaro Alberto é permanente no espírito da filha. Devem-se a essa influência o interesse de Armanda pelos seres e fenômenos naturais, seus hábitos de observação, sua constante inquietude intelectual. A adolescente lê Júlio Verne e lê Fabre. Dois símbolos... O sonho e a realidade. Os voos da imaginação e a observação meticulosa. Vem dessa fase da vida a atitude, que conserva até hoje, de “naturalista sentimental”, que se encanta na contemplação do maribondo que faz a casa de celulose ou de João e sua cara-metade a construir o ninho de barro...

Mais tarde, quem visitasse a Escola Regional de Meriti poderia verificar que são amigos e colaboradores de Armanda, naquela obra admirável, homens como Heitor Lyra, Belisário Penna, Roquette Pinto, Alberto Sampaio, dignos representantes do que de melhor havia em educação, saúde pública, ciências da Natureza.

Mas não fica na atitude contemplativa e estética: penetra-se do sentido humano da ciência e da técnica. É a época de Oswaldo Cruz, de Carlos Chagas, de Vital Brasil e, também, a de Santos Dumont. O contágio das ideias é inevitável. Armanda quer tornar-se cientista e, sem renunciar aos projetos do tempo do *Tico-Tico*, pensa em dedicar-se à Química para trabalhar ao lado do pai. Mas a motivação social é mais forte. O desejo de servir às criaturas humanas é uma constante naquele espírito. Não tardariam os primeiros ensaios de Angra dos Reis – a “Escola Proletária” –, depois Escola Regional de Meriti.

Por tudo isso é difícil dizer de onde vieram as influências pedagógicas (estritamente pedagógicas) que orientariam a ação de Armanda Álvaro Alberto – professora. Seu espírito de investigação, sua ânsia de aperfeiçoamento se, d um lado, tornam-lhe a inteligência receptiva a todas as ideias progressistas, não se coadunam com a estrita fidelidade a qualquer particular e determinada escola ou doutrina pedagógica.

Educada num regime de compreensão, amor, liberdade, estímulo à iniciativa individual e à autoexpressão, tinha, certamente, encontro marcado com as ideias de Montessori. Mas o que lhe interessa não são as técnicas e sim os princípios que inspiram a pedagogia montessoriana: liberdade, trabalho educativo, criatividade, ideias fundamentais que devem iluminar a ação

educativa, venham de onde vierem – da Itália, da Suíça, da Inglaterra ou dos Estados Unidos (vide Comunicação à 1ª Conferência Nacional de Educação, em Curitiba, 1927).

A visão social da escola, por outro lado, não foi aprendida em nenhuma dos mestres da “Escola Nova”. Foi o contato com a gente humilde – jangadeiros do Rio Grande do Norte, pescadores de Angra dos Reis, operários de Meriti – que deu a Armanda a noção clara de que a escola, principalmente nos meios de baixa densidade cultural, terá que ser a instituição civilizadora por excelência, capaz de atuar sobre toda a comunidade, não apenas sobre as crianças. Já em 1925, realizava a Escola Regional de Meriti uma exposição de trabalhos manuais de alunos, professores e auxiliares, ex-alunos (13 expositores), moradores de Meriti (mais de 50 expositores, número aproximadamente igual ao total das outras quatro classes reunidas).

A escola deverá ser, além de civilizadora, assistencial. São as próprias condições do meio social – pobre, atrasado, inculto, que impõem essas necessidades e ampliam-lhe as funções. Por isso e para isso, a escola terá que ser regional, pois, somente assim, será autêntica e brasileira, tanto mais brasileira e autêntica quanto mais regional...

Acreditamos que foi esta visão dos problemas do povo, tão bem assinalada por Lourenço Filho, que levou Armanda Álvaro Alberto a desenvolver o sistema próprio, e o que suscitou o interesse do Prof. Paulo Fauconnet pela sua experiência (v. prefácio de Paul Fauconnet à 2ª edição de *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho).

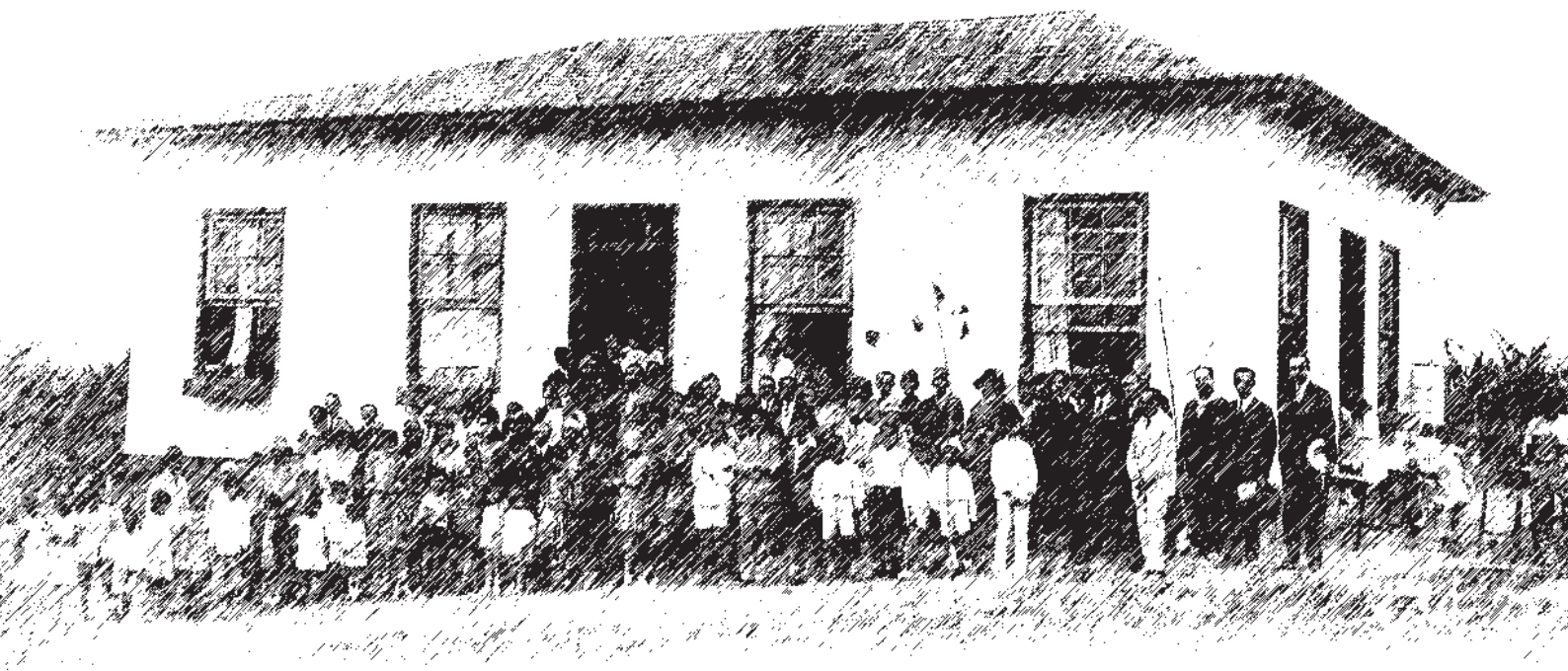
São os comentários que nos ocorrem no momento em que a amizade e a generosidade de Armanda Álvaro Alberto insistem em associar o nosso nome a esta publicação. Não poderíamos recusar a honra, embora não merecida, sem ferir os sentimentos que inspiraram o convite para que redigíssemos esta apresentação. Resta-nos a esperança de que outros, com maior autoridade, venham a fazer, oportunamente, trabalho profundo de análise, verdadeiramente digno da experiência que este volume documenta.

Agradecemos a valiosa cooperação de Paschoal Lemme, na fase de seleção e coordenação dos documentos.

Agradecemos, muito especialmente, ao Prof. Carlos Mascaro, Diretor do Inep; ao Dr. Péricles Madureira de Pinho, Diretor do CBPE; e ao Dr. Aydano

do Couto Ferraz, Editor desse Instituto, pelo apoio decisivo que tornou possível esta publicação.

*Moisés Xavier de Araújo*



## A ESCOLA REGIONAL DE MERITI (REALIZAÇÕES E PROJETOS)

**Edgar Süssekind de Mendonça**

... que venha a ser uma acabada escola regional; afeiçoada pelo seu próprio meio, é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele.

(Do 1º Relatório da fundadora da Escola Regional de Meriti, D. Armanda Álvaro Alberto, em 25 de dezembro de 1921)

A lei natural da adaptação impõe nos domínios de ensino a regionalização da escola primária. É um axioma fundamental, este, que terei sempre em vista no presente artigo, que relata algumas das realizações da

Escola Regional de Meriti,<sup>1</sup> nos seus quatros primeiros anos de existência. Procurarei antever, em linhas gerais, o que a mesma escola poderá realizar para corresponder, como espera, aos compromissos da sua denominação.

## Educação popular e educação regional

Antes da seleção da escola secundária, a educação primária de todas as crianças e do povo é dominada pelo interesse imediato da vida local. A regionalização do ensino, preceito de ordem metodológica e social, é para ambos, crianças e povo, condição indispensável da própria compreensão, pois o povo e a criança, para abrangerem a realidade, precisam recebê-la através da região.

Estiveram, assim, presentes no plano inicial da fundadora e diretora da nossa Escola, os dois grandes propósitos conjugados da educação popular e da educação regional, que lhe inspiraram, simultaneamente com a Escola, a ideia de uma Biblioteca Euclides da Cunha para o povo e, para a terra, atualmente, de um Museu Regional de Meriti. O trabalho articulado dos três órgãos se fazia mister para uma completa instituição de ensino regionalizado: a escola, visando a justa exemplificação de suas aulas, colecionaria em seu museu documentos locais, dados concretos, familiares, a cuja positividade não resistem as mais cativantes abstrações prematuras, e os interpretaria e os generalizaria em sua biblioteca. Assim, diversamente adaptada à melhor compreensão de suas professoras e seus alunos, a matéria de ensino deixa retida nas malhas da observação direta qualquer generalidade malnascida, que seria moeda sem curso em seu ambiente natural e, portanto, moeda falsa no seu ensino.

.....

<sup>1</sup> Situada no então município de Nova Iguaçu, Estação de Meriti, da Estrada de Ferro Leopoldina; atualmente o município tomou o nome de Duque de Caxias, e a estação, da hoje populosa cidade, tem o mesmo nome, à margem esquerda do rio Meriti, na Baixada Fluminense.

## Escola uniforme de educação fictícia e escola regional de educação real

Querer realizar o nosso ensino primário é, de princípio, ordenar que cada escola desse grau de ensino seja diferente de cada outra. Eis uma fórmula simplista, reconhecemo-lo, mas que serviria de lema de combate contra outra fórmula também simplista, que é a fórmula oficial da uniformização de todas as aulas primárias, onde o aprendizado é aferido por exigências médias comuns, que, afinal, querendo servir a todas, acabam por não servir a nenhuma. Entre as duas fórmulas simplistas, antes a primeira, que não está com o sinal trocado... Não copiar a “escola-modelo” valeria por um repúdio, embora exagerado, de um tabu de comodismo e, principalmente, seria uma nota de sinceridade na afinação em falsete do nosso ensino primário uniformizado.

Mesmo nos arrabaldes, a desconformidade do ambiente com a escola que o não traduz já é notável; nos subúrbios, entra pelos olhos; na zona rural então – onde o município disputa ao Estado um exemplar “*nec varietur*” da sua tiragem oficial –, a desconformidade, por aberrante, escandaliza. Embora não se trate de formar exclusivamente pessoas para um ambiente que será o mesmo durante toda a sua vida, a regionalização progressiva se impõe, pois o que essencialmente importa é ensinar a noção controlada pelo fato, e este, na escola primária, sobretudo, existe no ambiente atual do aluno. Exemplificação colhida no imediatismo é condição indispensável para que todos cheguem a abstrações gerais, que são o patrimônio comum dos instruídos. Dos verdadeiramente instruídos, dos que, pela assimilação do exemplo oportunamente escolhido e regionalmente controlado, adquiriram não só o conceito contido no exemplo, mas também o método para adquirir, por seu próprio esforço, todo um mundo de conceitos correlacionados.

Entre nós, nos domínios do ensino oficial, dá-se o inverso da progressão preconizada: em virtude da norma administrativa de se fazer da escola distante (zona rural) o campo da iniciação professoral, enquanto que a maturidade pedagógica se premia com a escola da vizinhança, o que se vê é isto: as escolas que servem às populações mais pobres e que, por obra de um professorado maduro, se deveriam imiscuir na intimidade definidora de seu meio “*sui generis*”, são justamente as escolas que menos contato mantêm

com tais singularidades, que escapam às generalidades psicopedagógicas dos compêndios recém-decorados. E, portanto, as escolas pseudorrurais são as que, entre nós, mais ostentam as suas carrancas agressivas de instituições transmudadas, para a salvaguarda a todo transe de preconceitos teoricistas, em fortalezas que se erguem contra as investidas redentoras da região...

Enquanto isso, a Escola Regional de Meriti, com o seu prédio em construção de estilo rural,<sup>2</sup> pronunciadamente doméstico, e que tudo faz por ser chamada escola-casa de família, é frequentada diariamente pelas mães dos alunos, que, por sua vez, são procuradas em casa pela professora-visitadora, abrindo as suas portas às visitas prediletas das necessidades locais, reclamando a colaboração da região a todo instante; enquanto isso, a Escola Regional de Meriti só compreende uma norma comum a toda escola primária: o dever de adaptar-se.

Com efeito, não foram uma nem duas as ideias preconcebidas como universalmente aplicáveis que o deixaram de ser em Meriti. Basta lembrar que se a pobreza, característica regional mais considerável da povoação em que ensinamos, invalida a regra clássica de Binet, que ordena classificar cada aluno em sua “idade mental” pela variação geral de sua capacidade avaliada em testes, que fazemos, se a pobreza não acompanha a variabilidade comum dessas normas, mas, antes, as retalha em sentidos francamente contrários, ao mesmo tempo retardando aquisições e excitando precocidades, ela que sacode os pobrezinhos entre os extremos do desejo de toda hora e a satisfação de quase nunca?...

Nas escolas como a nossa, que, fiel a seu regionalismo, considera as crianças pobres a sua gente favorita – que trabalho de sondagem intelectual, estímulo físico e conforto moral, não incumbe à professora? Até reconhecer, vitoriosa, enfim, naqueles tristes abandonados das nossas zonas rurais, irmãos das crianças de outras terras mais felizes, flores dos “jardins de infância” das cidades ricas, que revelam a sua espontânea vivacidade a uma Montessori e

.....

<sup>2</sup> Projeto devido à generosa colaboração do arquiteto Lúcio Costa; construção custeada por donativos em material e dinheiro angariados pela “Campanha de Nossa Casa”, na Capital Federal; prédio inaugurado em 1928.



idealmente realista inspiram a George Leroy, um educador-poeta, o sonho de “Murmure”.<sup>3</sup>

O que é essencial é que a decepção do primeiro contato entre a professora e os alunos “*sui generis*” não lhe tolha o ânimo para a obra de elevação popular que há reduzir, de geração em geração, a distância que hoje tanto separa a povoação brasileira da pedagogia universal.

## Regionalismo como finalidade

A esses sacrifícios, ou melhor, reduções, que a condição humilde de uma região como Meriti impõe à sua escola, contrapõe-se um fator de reforçamento, que é a influência mais prestigiadora de sua mais direta e mais visível ação social. A escola regional, centralizando a atividade local no que esta possui de mais nobre, leva essa vantagem sobre a escola urbana: não tem concorrentes na sua obra desinteressada pelo bem de todos, indiscriminadamente, e o contraste do seu ideal com as preocupações terra a terra que a rodeiam despertará a solidariedade da população contra os males coletivos que ninguém venceria sem ela.<sup>4</sup>

Juntamente com o ensino que fornece, e a que pode chamar educativo, porque o amplia pelo futuro social do aluno, nele interessando seu espírito coletivo despertado; com a alimentação e vestimenta que fornece, e que são condições de frequência nas escolas rurais; com o tratamento médico, que mantém cem por cento de infestados em condições escolares permanentes e organiza “fichas de saúde” para socorrer, dia a dia, qualquer caso, figurando o médico sempre ao lado do professor em regiões desassistidas como a

.....

<sup>3</sup> *A Casa dei Bambinim*, de Maria Montessori, e *Murmure*, de George Leroy, dois livros inspiradores da fundadora da escola, foram presentes oportunos de dois grandes educadores: Francisco Venâncio Filho e José Piragibe.

<sup>4</sup> Esta, uma previsão que acontecimentos inesperados pouco depois prejudicaram, é verdade que favorecendo Meriti: a construção, pelo governo federal, da rodovia Rio-Petrópolis, veio tirar à Escola Regional esse domínio sobre uma coletividade restrita, tais foram os progressos, mais materiais que morais..., que se verificaram em Meriti (atual Duque de Caxias), que a sua escola, para continuar a ser regional, passou de rural a suburbana.

nossa; juntamente com estas e outras obrigações de maior premência, nossa escola está procurando resolver três séries de problemas, que julga ligados à ampliação de sua atividade sobre o meio:

1º) Manter nas aulas o aluno já em idade de ganhar a vida, para si e, às vezes, para os seus. Para tanto, na própria escola, proporciona-lhe campo para atividades lucrativas, vendendo, para a manutenção dos pequenos “produtores”, alguns objetos mais vendáveis de sua aula de trabalhos manuais.

2º) Incentivar e proteger as indústrias locais, que é a questão mais comumente tratada pelos autores e que mereceu todo o patriótico cuidado de um Agostinho de Campos e de um António Sérgio, quando escreveram sobre a regionalização da escola primária portuguesa. A nossa escola se preocupa, fundamentalmente, com a questão, chegando mesmo a preferir, em suas exposições públicas, trabalhos efetuados com recursos do local, com o que resolve o problema da maior procura com o cunho documental, capaz de interessar a um só tempo aos compradores “snobs”, pela nota do exotismo e novidade, e, pela nota sincera, regional, os compradores artistas... Isso sem falar nos compradores piedosos, cuja caridade não escolhe gêneros...

3º) Irradiar a sua ação pela região inteira, para o que trata com carinho e gosto o interior e ornamenta, com as belezas da natureza local, o exterior da Escola, dando o exemplo do conforto, sem riqueza, às casas vizinhas destratadas, algumas das quais já atenderam ao apelo todo seu do “Concurso de Janelas Floridas”;<sup>5</sup> promove, atualmente, junto aos poderes municipais, a arborização do povoado, exposto ainda ao sol; secunda a tarefa oficial do saneamento, propondo-se a distribuir, com conhecimento direto de causa, recursos enviados ao povo pela Saúde Pública; e vem tomando iniciativas que deveriam caber à administração local, tanto é verdade que a uma escola regional rural cabem, cumulativamente, funções ainda não devidamente distribuídas em sociedade rudimentar – como sejam o aproveitamento do cinema que lá existe<sup>6</sup> e a inauguração de uma estação

.....

<sup>5</sup> Essa iniciativa da Escola Regional de Meriti mereceu a honra de ser incorporada, com a mesma designação de “Concurso de Janelas Floridas”, nas escolas típicas rurais do ensino oficial do Estado do Rio, organizadas pelo Prof. Amaral Fontoura.

<sup>6</sup> Esse aproveitamento do cinema local teve a mais feliz das estreias: o curso popular de higiene que, a convite da escola, aí realizou Belisário Pena, cujo nome glorioso, de “Apóstolo do Saneamento Rural”, foi dado, a pedido da escola, à rua em que está situada.

receptora de rádio (talvez a primeira que possui uma escola primária brasileira!),<sup>7</sup> para o fim altamente educativo de manter a região em dia com a vida nacional e universal; a campanha pela água encanada a domicílio; pela maior frequência de trens da Leopoldina e pelo prolongamento, até Meriti, da estrada de rodagem que, vindo da capital, não teve forças para transpor o rio.

Assim, a escola se irá irradiando pela região inteira... Há, porém, que completar a conquista da família, simpatizando com o grande gesto primordial de Ângelo Patri. Contai com a solicitude das mães para com a escola, que seja, como a nossa, uma continuação do lar doméstico: é uma das excelências do regionalismo, pois a “pequena pátria” da mulher é o interior de sua casa, e ela não hesita em querer bem à escola que não retira suas filhas desse ambiente insubstituível. Mas não conteis com a aceitação, pelos pais, do ensino não livresco, como o nosso: a preparação de seus filhos para a vida profissional, para uma vida conformada com os ditames do trabalho, sendo uma continuação de destinos, seu e deles, os atemoriza: querem os filhos pertencendo a um outro mundo, que não aquele em que passaram a sua existência de vencidos... Quando, em nome da boa cultura popular, contrariamos frequentemente essa má vontade dos pais contra o ensino manualizado, bem percebemos que estamos tocando em um mal maior a combater, pois essa descontinuidade ambicionada da vida paterna e a de seus filhos revela uma nação de descontentes... Colocar o filho no ambiente da atividade do pai já é um passo, é um passo contra a corrente da opinião local; mas não basta: é preciso que a escola, em turmas, visite os trabalhadores locais em flagrante atividade, para que eles, pais de nossos alunos, percebam que a escola lhes veio ensinar a ter orgulho de uma tarefa que ela eleva à dignidade de suas aulas.

## Regionalismo como princípio

Certamente que a vida local não influirá sobre a escola só para lhe dar rumo de suas finalidades educativas: pelo interesse máximo de sua

.....

<sup>7</sup> Sem falar no cinema escolar, assunto em que a escola, se não foi pioneira, pode orgulhar-se de havê-lo realizado com um aparelho presenteado pelo seu querido mestre, Prof. Roquette Pinto. prolongamento, até Meriti, da estrada de rodagem que, vindo da Capital, não teve forças para transpor o rio.

proximidade, pela observação de toda hora e pela comunhão emocional da convivência, fator pedagógico de valor inestimável, a região constitui a coleção dos temas mais apropriados à atividade das aulas – é a mestra por excelência da melhor metodologia.

Mas por isso mesmo que exige pormenorização de exemplos concretos que venham demonstrar suas excelências pedagógicas, essa metodologia, tão ao sabor da “escola ativa”, está a exigir que desrespeitemos os limites previamente demarcados deste artigo. Para que tal não se verifique, referiremos, apenas, duas modalidades que nos parecem mais características da maneira pela qual a nossa escola se desobriga do seu dever de ensino regionalizado. No que concerne propriamente a programas de aulas, que todos subentendemos harmonizando os dois aspectos da informação e da expressão, diremos que os “Estudos da Natureza” são de fato naturais em virtude de se regionalizarem, e os estudos de linguagem, que se processam em torno daqueles estudos naturais, se mantêm fiéis ao mesmo princípio básico, visando a exercícios, já que exercícios têm que haver... onde a matéria observada transpareça no conceito emitido, sem a opacidade, de permeio, de uma só frase insinceramente decorada.

E quanto ao que, na escola comum, transcende, do âmbito da aula diária para só aparecer nos momentos excepcionais das festividades, isto é, ao aspecto social, digamos mais simplesmente, cívico, do nosso ensino, diremos que ele não transcende da nossa íntima preocupação diária, mas antes, radicado na vida real dos nossos alunos, não precisa aguardar momentos de comemorações excepcionais: o regionalismo também regula as normas sociais do nosso curso: desconhecemos a pseudoeducação cívica das festas protocolares, a que preferimos a comemoração das efemérides vividas da nossa existência escolar, convictos de que só depois de os alunos vibrarem com as comoções mais próximas do ambiente em que vivem, é que poderão vibrar sinceramente aos apelos da Pátria, que, para eles, transposta aquela fase de preparação intelectual e emocional, não será um vão desdobrar-se de formalidades. Absolutamente neutros em matéria religiosa, preferimos a variedade dos exemplos de cada dia à inflexibilidade dos mandamentos de sempre e, para citar, pelo menos uma vez, o educador cujos ideais de escola renovada mais sintonizam com os nossos, Edmond Blanguernon, eis como ele,

em *Pour l'école vivante*, exprime a nossa atitude pela educação moral livre de doutrinas: “nous devons munir nos élèves, non point d'un avenir tout fait, engainé dans nos théories, mais de bons outils d'avenir; ces outils, ce sont les méthodes, méthodes d'observation, de critique et de jugement”. É a região dando lições de moral com os métodos que inspira.

## Educação regional e educação nacional

A Escola Regional de Meriti, com o que já conta de regionalizado em seu ensino, pode ser e ambiciona ser um exemplo. Inclui, por conseguinte, junto à sua fase inicial de construção, tipicamente regional, uma fase necessária de repercussão posterior.

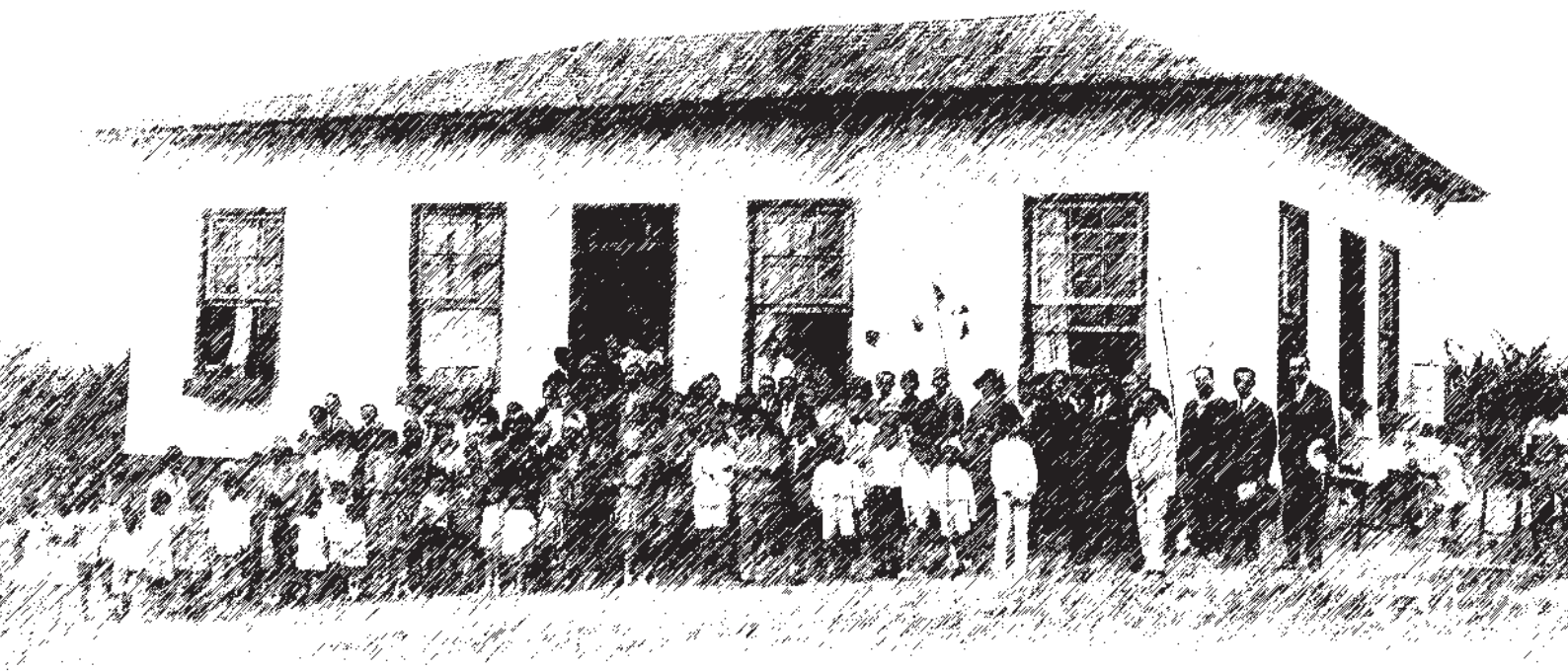
– Repercussão?

– Assim, abertamente, o desejamos, como sinceridade que exclui qualquer ideia menos desvaidosa: se tomamos para campo de experiência a pequena povoação fluminense de Meriti, não foi para constituir um exemplo de perfeição, ou mesmo apurada qualidade, mas foi para constituirmos um exemplo de possibilidade de realização, que mais valesse porque nos cercamos, justamente, das menos vantajosas das condições locais. Justamente por causa das péssimas condições peculiares a uma povoação desorganizada, parasitando um grande centro, onde a civilização, por mal compreendida, só mostra o reverso da medalha – região nem tipicamente urbana, nem tipicamente rural; justamente por isso é que podemos afirmar que o pouco que aí venceu poderá vencer em qualquer parte do Brasil. Somos um pequeno grupo de professores cariocas atentos dia a dia à vontade de quem nos reuniu; contamos apenas com os recursos materiais da Fundação Dr. Álvaro Albert, de exclusiva iniciativa particular; por isso mesmo, para a nossa almejada irradiação, em escolas semelhantemente organizadas, por grupos igualmente dependentes de si próprios, timbrando em prescindir de subvenção oficial, a qual, impossível de acorrer a todos os recantos necessitados do país, teria desvirtuado a nossa ação, provando – a de sua capacidade essencial, que é a de ser imitável em qualquer desses recantos patrícios.

Resta, apenas, o temor longínquo de que, se cada região vier a ter a sua escola, não aconteça que essa profusão de componentes regionais desaprenda combinar-se em uma única resultante nacional. É uma questão de confiança na unidade brasileira, a que não nos incumbe responder. Mas não será na época da aviação e do rádio que se há de temer, no Brasil enfim solidarizável, a segregação de suas gentes quando educadas pela vida própria de cada região.

Nós, os da Escola Regional de Meriti, absorvidos ainda por muito tempo em tarefa simplesmente local, não nos esquecemos, todavia, de pensar na Pátria inteira: reunimos, para tanto, na sala principal de nossas aulas, um pouco do que fale aos nossos alunos meritienses da vida própria de cada uma das grandes regiões do Brasil, e fazemos com que contemplem, alteado por sobre isso, o retrato de Euclides da Cunha, mestre de regionalismo que não deixou de ser, conjugando os aspectos regionais de sua obra numa inspiração comum, genuinamente brasileira, o gênio tutelar da nossa nacionalidade.

Acreditamos que, assim, a Escola Regional prepare a Escola Nacional, porquanto não compreendemos a nacionalidade sem que contenha as linhas características de cada região, diretamente ensinada para ser sinceramente compreendida.



## A ESCOLA POPULAR (ESCOLA REGIONAL DE MERITI)\*

**Francisco Venâncio Filho**

POVO é, para muitos povos, uma expressão insignificativa. Conjunto de habitantes de determinado território, só após longa sedimentação de cultura, adquire consciência coletiva, capaz de ser determinante eficaz de seu governo.

Mesmo assim, é verdadeiro o aforisma político: “nem um, nem todos governam; governam sempre alguns”. E para que estes alguns sejam capazes, é necessária a formação das elites.

.....

\* O presente trabalho foi publicado na revista *A Educação*, v. X, n. 5 e 6, junho de 1925. Transcrito em *Educação*, órgão da Associação Brasileira de Educação, em janeiro de 1952.

Os países que não têm povo lutam, na idade média em que jazem ainda pela incultura, com este dilema: ou educar o povo para que dele surjam elites, ou formar elites para compreenderem a necessidade de educar o povo.

Esses problemas, comuns às nações em formação, como o Brasil, têm despertado discussões infundáveis e sem solução que concilie todas as opiniões. Enquanto elas se travam às mais das vezes inócuas e infrutíferas, à margem delas, alguns sinceros vão realizando, sós ou amparados por poucos, iniciativa de resultado infalível.

O problema apresenta dois aspectos. Um, a educação dos adultos, já de mentalidade formada, em que menores são as modificações possíveis. Outro, a educação das crianças, matéria plástica ainda confortável.

A ambos, vitais para a nacionalidade brasileira, modesta, mas corajosamente, vem, há quatro anos, a Escola Regional de Meriti procurando atender.

Partindo do princípio fundamental, que já devera ser truísmo, de que o problema não consiste em ensinar a ler, escrever e contar, porque o analfabeto não é, muitas vezes, ignorante e inculto e o alfabetizado é, várias vezes, ineducado, fixou a escola como base essencial de seu programa educar crianças do povo, preparando-as integralmente para viver no seu meio e no seu tempo.

Nas paredes de suas salas encontram-se estas palavras simbólicas: Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade, aí postas adrede, na ordem da lógica infantil.

Desses quatro símbolos podem-se tirar todos os processos pedagógicos e educacionais praticados na Escola Regional de Meriti.

A cultura da Saúde, que torna o ser humano “antes de tudo um forte”, pelos preceitos da higiene, prevenindo contra a enfermidade e que, depois dela, facilmente a combate, menos que ensinada, é praticada, diariamente, no interregno escolar e principalmente na convicção da necessidade de sua prática doméstica, lentamente, entre os adultos, de casa, dos mesmos hábitos.

A Alegria, com o trato carinhoso de flor necessária à vida, pelo ensino do espetáculo da Natureza, perpetuamente em festa, nos “Estudos da Natureza”, este ensinamento, quase novo, introduzido pelos americanos, bem diverso das antigas “Lições de Coisas”, coisas destacadas e isoladas, ante o conjunto da



Natureza, com todos os seres e fenômenos entrelaçados e interdependentes; as noções geográficas presas ainda à Natureza, a princípio obtidas à vista dos acidentes, em excursões locais, e depois reproduzidas em barro; pela imagem, na fotografia, no postal,<sup>1</sup> ou desenhados pelo próprio aluno; o que a terra dá e que o homem aproveita no intercâmbio dos produtos; a variedade de hábitos e costumes, que as condições do meio possibilitam; os recursos naturais ou artificiais que a civilização criou ou aproveitou; e a jardinagem ensinada como beleza e proveito. Tudo isso, ministrado em noções suficientes, por programas que se fazem “*a posteriori*”, que se modificam à pressão das oportunidades, acompanhados de instruções, às vezes pequenos manuais. Lado a lado, a linguagem, meio e instrumento para a expressão do pensamento escrito e falado, aplicada, portanto, a todas as outras disciplinas, nas descrições indispensáveis, e apenas coberta de noções indispensáveis de gramática compendiada, ao termo do curso. Como consequência da linguagem clara e precisa, este proveito moral: a expressão com sinceridade e verdade. O adorno literário só virá mais tarde, apoiado nesse alicerce sólido e seguro. O desenho, ainda instrumento e meio de expressão, distenso a todas as disciplinas, largamente desenvolvido, pela cópia do natural, direta, conduzindo, pelo atrativo do colorido, à noção estética e à geometria, ensinada como forma e medida. O cálculo aritmético, vivo e ativo, pelas normas admiráveis de Paula Vera.<sup>2</sup>

Todo esse corpo de conhecimentos, elementares, mas exatos, experimentais, concretos, tem uma finalidade geral e humana: o trabalho. O trabalho, que é função orgânica do ser normal, equivalência exterior de uma energia interna armazenada, torna-se, na educação contemporânea, objetivo predominante. E como quem tem preparo trabalha melhor e é, portanto, mais apto e deve ser mais feliz, é urgente criar a convicção de que é ele uma finalidade na vida.

.....

<sup>1</sup> Essa “visualização” por coleções de cartões-postais de todos os países e especialmente do Brasil, acompanhados de letreiros para uso das professoras, constitui iniciativa da escola que mereceu citação de prioridade em *Metodologia do ensino geográfico*, do Prof. C. Delgado de Carvalho.

<sup>2</sup> Contidas em *Como ensinar la Aritmetica*, livro doado à escola, pouco depois de sua fundação, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva.

Nas classes pobres, em que a miséria é, muitas vezes, vizinha próxima, como se dá com quase todas as populações rurais brasileiras, o trabalho é indispensável à manutenção das próprias escolas.

A criança, mal lhe desponta a adolescência, ou pelas contingências ou pela incompreensão dos pais, atira-se, desde logo, ao ganho áspero da vida, seja no recinto doméstico, sempre melhor, seja no torvelinho rude das indústrias. Os males não se contam. Quanto obituário diminuído fossem outras as condições! As leis de proteção, feitas quase sempre sem sinceridade, falham porque inadaptadas. Depois não lhe sobrarão mais tempo para o seu preparo. Daí este duplo inconveniente: a criança não perfaz o seu aprendizado indispensável; a escola não vê o termo de seu objetivo. Como solução, sem subterfúgio, fixar pelo trabalho remunerado a criança à Escola. Foi a contingência com que se defrontou a Escola Regional de Meriti.

Já preparando pelo seu próprio programa, nos ensinamentos de economia doméstica, para o governo de si mesmos e da própria casa, e pelos trabalhos manuais a habilidade de, por seus próprios recursos, prover a pequenos misteres, tornou essas duas disciplinas fonte de renda para seus alunos. Conta-se mais de um que se vestiu e calçou pelo lucro de seu trabalho. Em uma exposição que se realizou no Rio, nas encomendas posteriores e em outras que se sucederão, ir-se-á dilatando este recurso imprescindível.

Claro que, se há muito já feito deste programa, aqui esboçado, há ainda muito por fazer. Lentamente, mas sempre, como no *“ex libris”* de Anatole France, vão-se fazendo realidade os projetos desse sonho.

A Solidariedade é o último símbolo da Escola. Pelo ensino da História do Brasil e de ligeiras noções da Universal, partindo da história de cada um, das próprias famílias, do local em que vive, vão-se estendendo as noções até à compreensão dos fatos históricos, mostrando essa imensa obra coletiva, de que nos beneficiamos, e que nos prende às gerações do passado, criando-nos a consciência da obrigação de fazermos alguma coisa pelos que vierem em pós.

Outrossim, pela impersonalidade desta ação contínua, em que se solidarizam todos os esforços, salienta-se a grande fraternidade que, cada vez mais, há de ligar os povos entre si. Os países têm méritos e defeitos cada qual e não se educam crianças na crença falsa de uma superioridade nacional sem condição.

A solidariedade firma-se entre alunos, no auxílio que se emprestam, no que cada qual faz para os outros, nos trabalhos coletivos, como as aulas de Canto e Música, em que o resultado provém do conjunto. Todos os serviços domésticos da escola são feitos pelos alunos, responsáveis aí, como mais tarde na vida afora, pelo que cada um executa, sem sanção do prêmio ou do castigo, absolutamente ausentes da Escola, assim como exames. Solidariedade de todos os que colaboram nesta hora, de mestres para discípulos, de discípulos para mestres. Ainda no auxílio, várias vezes, a família de alunos, quer assistência à enfermidade, quer até em litígios entre senhorio e inquilino. Assim, pouco a pouco, vai-se despertando o interesse dos pais na educação dos filhos, que os vão, de certo modo, também educando, pela convivência frequente na escola. Solidariedade, afinal, de todos os que contribuem para esta obra, com a Diretora D. Armanda Álvaro Alberto, que a tudo prevê, onipresente e onisciente.

Custeada, a princípio, por uma indústria localizada em Meriti,<sup>3</sup> na justa compreensão de que, na fase guerreira-industrial que vamos vivendo, intermedeia as que Augusto Comte estabeleceu, é a indústria a que cabe o custeio desses empreendimentos de solidariedade humana, que se ampliou mais tarde e teve de receber outros auxílios, que acorreram espontâneos. Pôde, então, manter assistência médica completa, extensiva, às vezes, às famílias, atender à merenda e prover o vestuário dos alunos.

Assim ampliada, em justa homenagem variamente significativa, pela circunstância de ter de firmar sua base definitiva com a construção de seu edifício próprio, para o qual recebeu oferta de um terreno,<sup>4</sup> tomou o nome de Fundação Dr. Álvaro Alberto.

O que estava reunido dividiu-se e consta hoje de três seções: Escola Regional de Meriti, Museu Regional de Meriti e Biblioteca Euclides da Cunha. Esta, que homenageia o mais brasileiro dos pensadores, atende agora e há de atender cada vez mais ao outro aspecto do problema – os adultos. Rigorosa e criteriosamente selecionada, possuidora de cerca de 650 volumes, podendo satisfazer já a qualquer curiosidade, pelo empréstimo a pais e alunos, vai, lentamente, espalhando a cultura.

.....

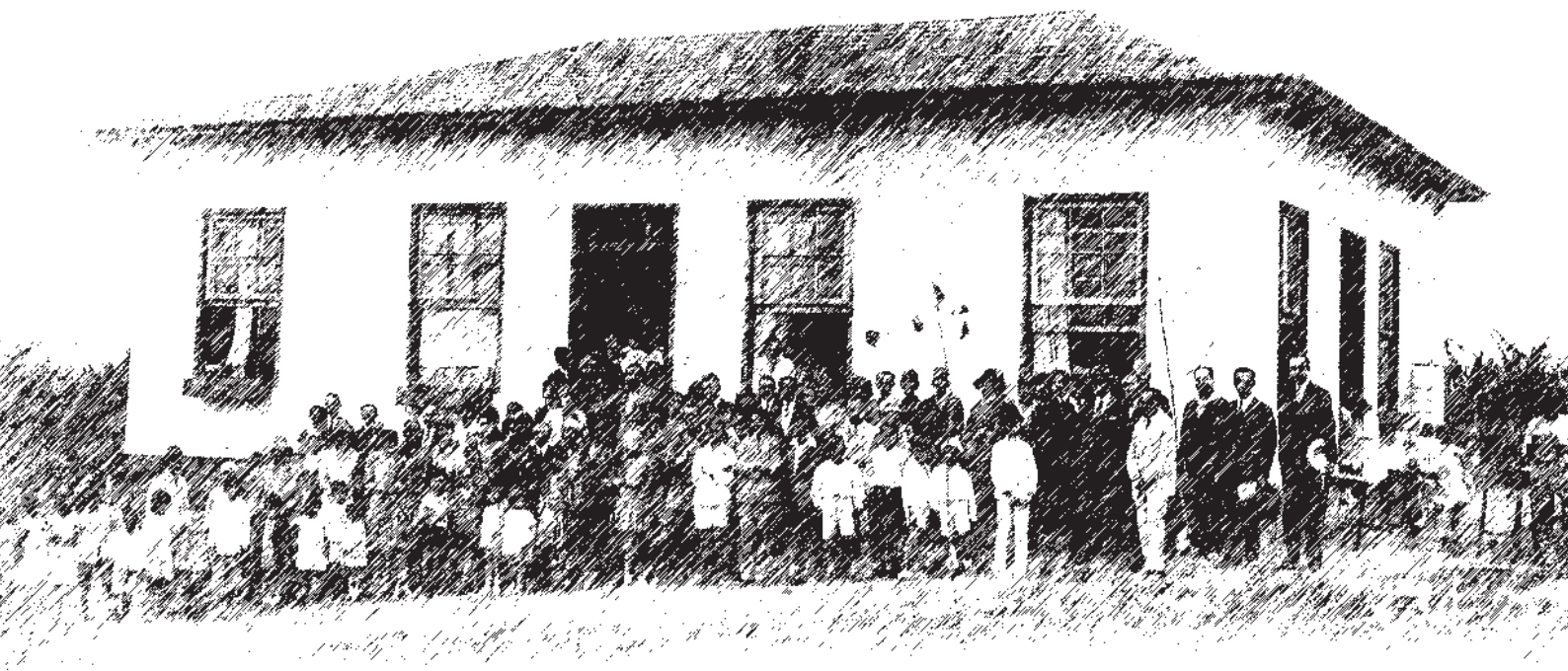
<sup>3</sup> Sociedade Brasileira de Explosivos Rupturita.

<sup>4</sup> Donativo de dois proprietários locais.

Recentemente, quando de sua luminosa passagem pelo Rio, o pedagogo colombiano Nieto Caballero, expondo a sua obra em Bogotá, lembrou as dificuldades, inclusive econômicas, com que teve de lutar para vencer. Veio-lhe à memória a velha imagem da bola de neve, pequenina a princípio, e que por aglutinação vai crescendo, ao rolar.

Todas as obras humanas, alimentadas por um grande sonho, com raízes na realização imediata, são alguma coisa como a bola de neve.

Certa vez escreveu Roquette Pinto: “No Brasil todos sonham. Nem sempre tão e tão digno”.



## CONDIÇÃO PRIMORDIAL DE EFICÁCIA\*

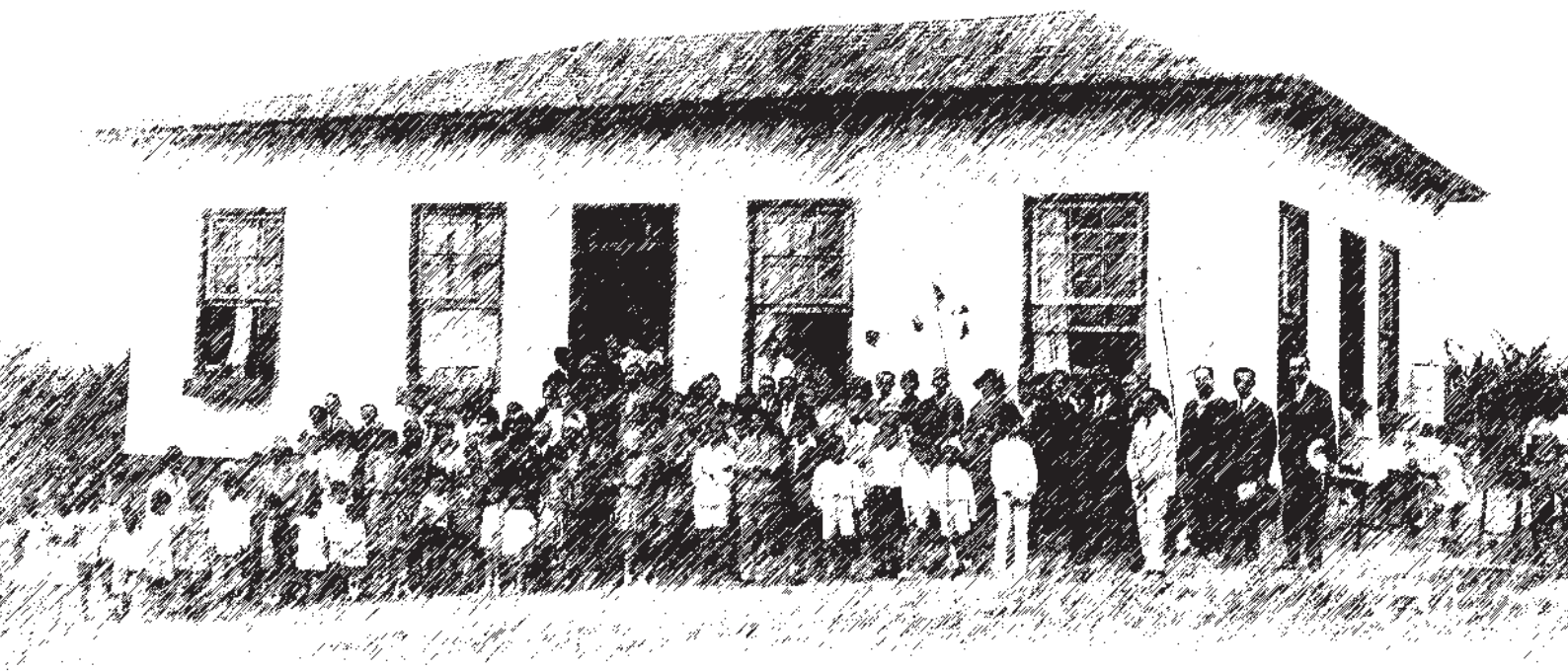
**Tristão de Athayde**

E o que de excelente escreveram os senhores Francisco Venâncio Filho e Edgar Sússekind de Mendonça, sobre essa tentativa muito interessante e bem orientada da Escola Regional de Meriti. A não ser aquele absurdo de “região dando lições de moral” para justificar o emprego da moral prática, de moral leiga, em vez de moral religiosa, por qualquer preconceito de “anticlericalismo” ou de liberalismo muito pouco realista, muito pouco “regionalista”. Aliás, é necessário, por sua vez, que a necessidade de adaptação da escola às variedades de meios e de gentes, condição primordial de sua eficácia, não

.....

\* Impressão de Tristão de Athayde publicada em *O Jornal*, de 27 de setembro de 1925, Rio de Janeiro.

degenere justamente no que há de acanhado e de perigoso no regionalismo. Defendendo-se da objeção, escreve o Sr. Edgar Sússekind de Mendonça que isso “é uma questão de confiança na unidade brasileira”. Infelizmente, nesse assunto não há questões de confiança e sim de desconfiança.



## TENTATIVA DE ESCOLA MODERNA\*

**Armanda Álvaro Alberto**

Impossibilitada de comparecer pessoalmente, ou um dos outros membros da diretoria da Escola Regional de Meriti, à 1ª Conferência Nacional de Educação, tenho, entretanto, a satisfação de enviar um resumo do que tem sido a vida de nossa tentativa pedagógica.

### Antecedentes

Tendo observado de perto, em convivência longa, vários grupos de população brasileira do centro e do nordeste do país, sempre interessada pelos

.....

\* Tese apresentada pela diretora da Escola Regional de Meriti, D. Armanda Álvaro Alberto, à 1ª Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE) e realizada em Curitiba, em dezembro de 1927.

problemas de educação no Brasil, aproveitei, durante uma estadia de muitos meses numa praia de Angra dos Reis, em 1919, a primeira oportunidade que se me oferecia para ensaiar uma escola. Apareceram prontamente cerca de 50 crianças, para as quais não existia escola pública ou particular, por toda a redondeza. Não tendo coragem de rejeitar nenhum desses alunos, que iam dos 3 aos 16 anos, organizei as turmas com a homogeneidade possível em tais circunstâncias e pus-me a praticar o que estudara nos livros da Montessori. Era pouco, por causa dos alunos mais velhos. Enfim, experiências, tropeços, não é mister recordá-los aqui, bastando acentuar que lidava com crianças, adolescentes mesmo, que não sabiam sequer dar nome às cores, salvo a dos frutos verdes e maduros, que ignoravam sua condição de brasileiros, que dos engenhos da civilização moderna, apenas conheciam os vapores costeiros e os navios de guerra de vez em quando ancorados na baía.

Os desenhos espontâneos, que ainda conservo, são documentos fiéis daquela mentalidade. Para compreensão de tanto atraso é preciso lembrar que o impaludismo, a opilação e o alcoolismo degradam a população da Ponta da Cidade, tal e qual a de Meriti. Além da pesca, ocupação de todos os homens, existia uma indústria – a da aguardente; lavoura, unicamente a da cana e da bananeira, em escala reduzida.

Aquela escola ao ar livre, à sombra dos bambus, cujo mobiliário constava de uma mesa, uma cadeira e esteiras pelo chão, onde as manhãs eram consagradas à distribuição de remédios, e muito material escolar improvisado ali mesmo, do que pudesse ser aproveitado – se foi a escola que iniciou alguns patriciozinhos nas coisas primordiais da vida, foi também a nossa própria escola a que preparou essa outra de Meriti, fundada menos de um ano depois de sua extinção.

## Objetivos fundamentais

Eram propósitos, ao fundar-se a então Escola Proletária de Meriti, continuar o que fora interrompido em Angra: um ensaio de escola moderna, regional, criada e mantida por iniciativa particular.



## Feições próprias

Não tendo sob os olhos nenhum modelo a seguir, foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1921, sem um só programa escrito; tomou desde o começo, no entanto, a feição de um lar-escola, embora externato, com número limitado de alunos, a quem não se dão notas, prêmios ou castigos. A orientação geral apresentava-se resumida em quatro cartazes com os dizeres: Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade. Juntamente com a Escola, considerada anexo indispensável, inaugurava-se a Biblioteca Euclides da Cunha, repartida em três seções: para alunos, professores e moradores de Meriti. Um museu escolar foi-se logo organizando, em parte com as contribuições trazidas pelos próprios alunos, da natureza local. Muito naturalmente, as funções domésticas, mais as de auxiliar da biblioteca e do museu, e outras que a vida do estabelecimento ia exigindo, foram sendo exercidas pelas crianças. Nunca tivemos um servente ou outro empregado para tais misteres.

A diretora e os membros do Comitê de Auxílio – Dr. Francisco Venâncio e comandante Coriolano Martins – davam aulas para orientação das professoras e conhecimento individual de cada aluno. A diretora começou, então, ainda seguindo Montessori, a escrever suas notas no *Livro de generalidades sobre a criança*, que, hoje, bastante modificado, continua a ser feito. O primeiro programa escrito – isso era de esperar – foi o de higiene, para o 1º grau do curso (hábitos de saúde). Ainda hoje temos programas em elaboração. Todos são acompanhados de “instruções” destinadas às professoras, que suprem os compêndios inexistentes, e de indicações bibliográficas (para o que está aparelhada a Biblioteca Euclides da Cunha).

Dadas as condições em que vivem nossos alunos, cedo compreendemos que a sua escola não devia ter férias completas. Assim, a assistência médica e as aulas de trabalhos manuais não se interrompem nesse período. “Afeiçoada pelo seu próprio meio é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele”, está dito no 1º relatório anual da diretoria.

## Feições que se acentuam

Se a feição de escola-casa de família, baseada na liberdade, no trabalho individual, nos hábitos de saúde, na alegria com que se desempenham as funções domésticas, se essa face evidenciou-se desde os primeiros dias, a outra, de ação na vida local, direta, essa foi surgindo a partir do 3º ano de existência da escola, com o 1º concurso de “Janelas Floridas”, em 1923. São notórios a indolência, o descaso por tudo que não seja o estritamente necessário ao seu viver de incultos, sem uma parcela de intuição na arte de aformosear a vida, entre os nossos roceiros. Combater a fealdade e o desconforto de Meriti, dar-lhe a alegria das flores e a sombra das árvores, tais são os fins visados pela iniciativa da escola. A princípio, só os alunos floriram suas janelas; depois, a população foi concorrendo também, sendo distribuídos, em 1920, 64 prêmios dos quais 26 aos moradores. Casas construídas recentemente já apresentaram nas janelas jardineiras de cimento ou de madeira! Claro é que a comissão julgadora das janelas floridas não concede prêmios àquelas desacompanhadas de um quintal bem tratado. E o gosto pelas plantas vai-se desenvolvendo. Na mesma ordem de ideias, institui-se o “Concurso de Criação”, o ano passado. Para começar, 20 moradores foram premiados.

Em 1924 e 1925, realizamos exposições de trabalhos manuais aqui no Rio, a elas concorrendo, de par com os alunos, os moradores. Da primeira vez expusemos 120 trabalhos e da segunda, 232. Nossas aulas de trabalhos são franqueadas a pessoas estranhas à casa, a quem estimulamos nos labores mais característicos, tais os tapetes de aniagem tecidos à mão, objetos de bucha, contas, etc. Quem sabe se não veremos nascer, um dia, uma indústria feminina, caseira, das mãos rudes destas mulheres? Já temos um plano de cooperativa, para elas, dependendo principalmente de capital. Em 1928, pretendemos efetuar nova exposição.\*\*

Que saibamos, coube à Escola Regional a fundação do primeiro “Círculo de Mães” entre nós, o qual, como as outras afirmações de sua atividade,

.....

\*\* A escola retira apenas 20% sobre o lucro das vendas na exposição, quer se trate de trabalhos dos moradores, quer dos alunos.

foi-se esboçando desde os primeiros tempos, para afinal surgir em hora oportuna. Daí a sua eficácia. Tem dois anos e meio de funcionamento, com programa especialmente traçado para aquelas mães, analfabetas em sua maioria; higiene, educação familiar e economia doméstica são as três partes do programa destinado a preparar a cooperação, que sonhamos, das famílias com a escola.

Entre as campanhas em que se tem empenhado a escola em favor da comunidade, certo a do saneamento é a mais importante. Este ano satisfez-nos esta aspiração – a maior do povo meritiense – a Diretoria de Saneamento Rural.

Ainda incluídas em nossa campanha pelo saneamento devem figurar as conferências populares, sempre realizadas na sala do cinema local. Tem-se incumbido de quase todas o Dr. Belisário Pena, cuja ação apostolar sobre o povo é excusado encarecer.

Atualmente estamos iniciando o movimento escoteiro e bandeirante dentro e fora da Escola. Ao grupo de escoteiros já foi dado o nome de “Belisário Pena”.

Em outras campanhas de menor alcance social tem-se envolvido a Escola; delas não nos ocuparemos por falta de espaço.

Como se vê, a escola tem lançado raízes profundas no seu meio social. A doação do terreno para o seu prédio próprio, “Nossa Casa”, não é o reconhecimento formal, por parte ao menos dos dois proprietários que a fizeram, Dr. Bernardino Jorge e Sr. Manuel Vieira, daquela afirmação?

## Programas e métodos de ensino

O curso completo da escola está contido em quatro graus, três fundamentais e um de aperfeiçoamento em desenho, trabalhos manuais, economia doméstica, jardinagem e criação. Devemos advertir, todavia, que não tendo até hoje nenhum aluno completado o 3º grau (todos saem antes para ajudar à família), é possível que alguma alteração venha a ser feita, imposta pela experiência. Sendo Meriti um distrito meio rural, meio operário, de população instável (os assentamentos dos Livros de Generalidades provam-no de sobra), ora em caminho de sanear-se, portanto de reter os habitantes,

futuras alterações podem ser feitas, segundo o tipo que venha a predominar em sua heterogênea população. A proximidade do Rio de Janeiro se lhe traz inegáveis vantagens, traz-lhe, em troca, desvantagens sérias. Ademais, é preciso confessar aqui, com franqueza, que tivemos de modificar, ou mesmo de desistir de muita coisa praticada com sucesso em meios estrangeiros. É sabido que o principal, o único fator de eficiência dos métodos modernos de educação é o professor. Infelizmente, desde que inauguramos a Escola, não temos tido maior preocupação que a de preparar as professoras por meio de aulas, empréstimos de livros, excursões, etc. É doloroso constatar que depois de tanto trabalho, quando começam a agir razoavelmente, deixamos, nomeadas para as escolas do Governo (quase todas são normalistas) ou outro emprego igualmente vantajoso. Outras não podem continuar por inadaptáveis aos métodos adotados. Está reservado à professora-residente, se a encontrarmos em condições, uma vez terminadas as obras de “Nossa Casa”, um papel preponderante em nosso trabalho educacional.

Não podendo, ainda, dotar os “horários orgânicos” das escolas novas, praticamos, conteúdo, o princípio de não interromper uma atividade interessante, ao mesmo tempo que vamos entrelaçando mais e mais os conhecimentos nos exercícios que se executam, das seguintes matérias: linguagem, desenho (fazem parte de todas as aulas), cálculo, geometria, trabalhos manuais femininos e masculinos, jogos e cânticos infantis, estudos da natureza, higiene, jardinagem e criação, geografia (especialmente do Brasil), história da humanidade (especialmente do povo brasileiro), economia e trabalhos domésticos.

Os programas até agora prontos ou em andamento são os de estudos da natureza, geografia, higiene e jardinagem, escritos por mim; desenho, pelo Prof. Edgar Sússekind de Mendonça; história (1º grau), pelo Prof. Francisco Venâncio Filho; cálculo, adaptação de Paula Vera (indicação do saudoso Prof. Heitor Lyra); geometria, de Heitor Lyra e Paula Vera, pela professora da escola D. Laura Araripe; o de economia doméstica está sendo escrito por Miss Maud Mathis, do Colégio Bennett.

Para a formação das turmas vigora o grau de desenvolvimento intelectual, podendo o aluno passar de uma para outra em qualquer época, porque não se fazem exames, nem se corre ou estaciona à espera dos colegas. Os anormais, os inadaptáveis ao regime da escola, os que faltam sem justificativas são eliminados.

As excursões, como aulas de geografia e estudo da natureza, são semanais. No Rio, quando o permitem os recursos financeiros, visitam-se museus, fábricas, o Jardim Botânico, etc. Os álbuns de postais e fotografias sistematicamente organizados, tendo notas explicativas, e as revistas ilustradas prestam inestimável auxílio no ensino da geografia, da história e outros.

As salas são adaptadas ao ensino das diversas matérias, inclusive a cozinha e a sala de jantar; temos um gabinete para os exames médicos e um banheiro, de bastante utilidade. Temos uma vitrola com discos escolhidos; o aparelho de rádio e o de cinema serão para depois de inaugurada a “Nossa Casa”.

A educação sexual é iniciada no estudo das plantas e animais (que se cultivam e criam) e continuada na fisiologia humana (terceiro grau), mas não a consideramos bem feita, porque pensamos que só aos pais compete fazê-la, como deve ser feita, isto é, com oportunidade. O que a escola faz, e não é pouco, é habituar o espírito das crianças a considerar, com naturalidade, com espírito científico, podemos dizer, os fenômenos da reprodução. No Círculo de Mães, tem-se procurado prepará-las para o exercício dessa função educativa. Mas há ainda dificuldades a vencer.

As visitas domiciliares efetuadas por uma professora são obra complementar à do Círculo de Mães.

Mandamos às famílias boletins mensais, comunicando todas as atividades do aluno, os exames de saúde, os atos de bondade que praticou (se os praticou), seguindo o seu desenvolvimento, sem compará-lo ao dos companheiros. Nada que se pareça com notas, pelo contrário; estimulamos em cada um a autocrítica, desejosos, antes de tudo, de favorecer a formação de homens e mulheres fortes.

Nesta data frequentam a escola 61 alunos, sendo 37 meninas e 24 rapazes. É o mês de menor frequência; 80 é o número máximo que aceitamos.

## Assistência geral

Além de educação gratuita, a Escola Regional fornece merenda, vestuário, calçado, assistência médica e remédios.

Ainda não obtivemos um dentista, nem a enfermeira-visitadora. O médico e uma professora se encarregam das fichas sanitárias. A pobreza e a doença são a regra entre os nossos escolares.

## Situação financeira

A escola, em seus primeiros tempos, foi mantida exclusivamente pela firma F. Venâncio & Cia., fabricantes do explosivo Rupturita, em Meriti. Decorrido um ano e pouco, em 1922, modificamos nosso plano inicial, fundando uma caixa escolar, para a qual os moradores de Meriti poderiam também contribuir. Passados outros dois anos, em 1924, o desenvolvimento da caixa era tal que resolvemos transformá-la em Fundação Dr. Álvaro Alberto, agora com três seções: Escola Regional de Meriti, Biblioteca Euclides da Cunha e Museu Regional de Meriti, as duas últimas destinadas a auxiliar a primeira e a espalhar um pouco de cultura entre os adultos.

No ano financeiro, terminado em setembro, a despesa total foi de 8.377\$ 800. A Fundação conta, hoje, com 173 sócios contribuintes e 6 fornecedores de material.

Está funcionando em prédio próprio, não concluído ainda; desde abril deste ano, em cuja construção se gastaram até agora 32:499\$ 050.

O maior doador tem sido o comandante Álvaro Alberto, com donativos que sobem a 14:000\$ 000.

O município de Nova Iguaçu ofertou 500\$ 000, único dinheiro do governo recebido por nos.

## Nomes ligados à Escola Regional

Seria injusto atribuir-se a uma só vontade o esforço de que resulta nossa escola. Os nomes de Francisco Venâncio Filho, Edgard Sússekind de Mendonça, Belisário Pena, Heitor Lyra e Otávio Veiga, colaboradores no passado e no presente, a ela estão ligadas pelo muito que deve a cada um.

## Conclusões

Oito anos de ação e meditação, sulcados de acertos e desacertos que, todos, redundam em alguma experiência, levam-nos às seguintes conclusões:

1º) Os métodos de educação – venham eles da Suíça, dos Estados Unidos, da Itália, desde que se baseiem na liberdade, que consente a plena expansão da individualidade, e no trabalho, que leva a criança a observar e experimentar, a descobrir e a fazer por si – são os únicos dignos de serem adotados hoje em dia. Em nosso meio, poucos são os professores capazes de os empregar com segurança; faz-se necessário, portanto, antes de tentar a escola ativa, preparar os mestres para ela.

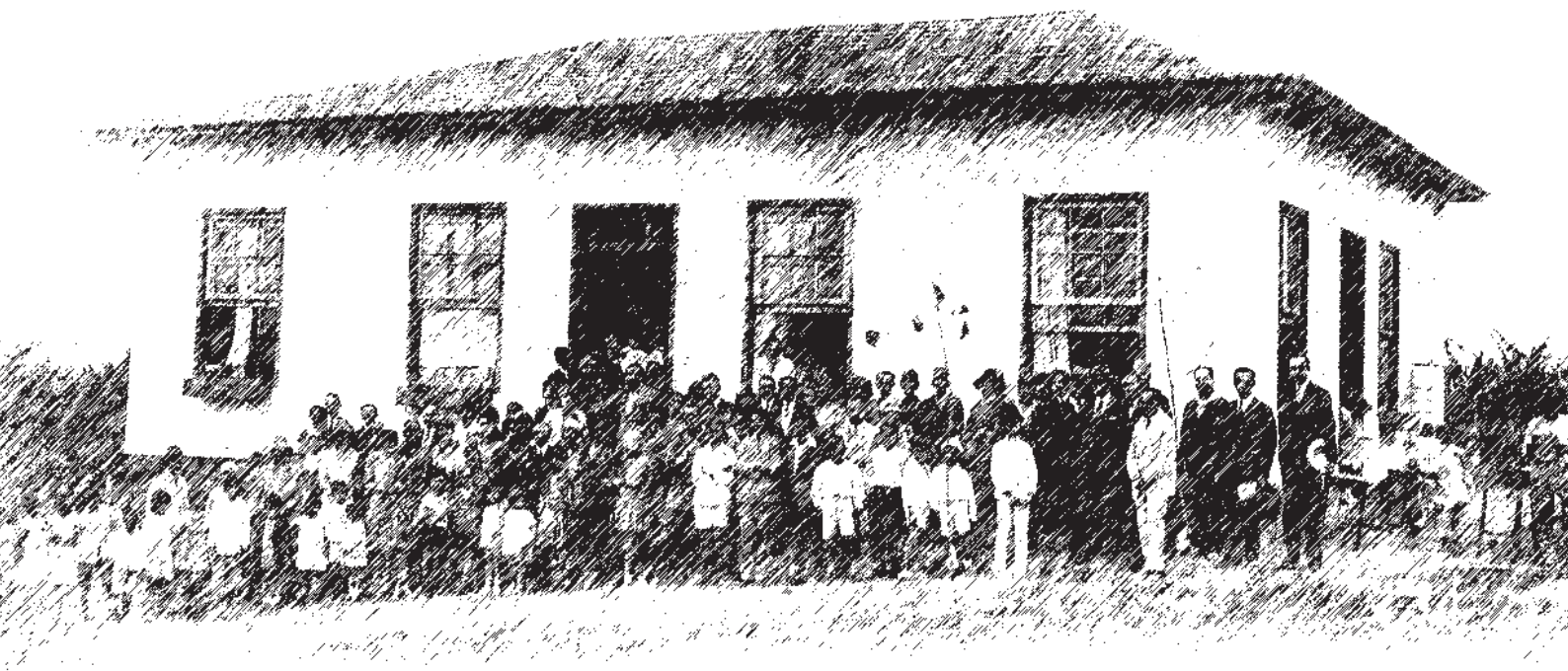
2º) A escola primária tem que ser regional, o que não impede de ser brasileira. Tanto melhor reagirá sobre o seu meio, quanto mais adaptada lhe estiver. Na roça é o único centro, muitas vezes, de vida intelectual; deve sentir as necessidades de progresso da sua região e tomar a si as iniciativas em benefício da comunidade a que pertencem os seus alunos.

3º) A cooperação da família na obra da escola é indispensável. Em cada escola deve existir um Círculo de Mães que as prepare convenientemente.

4º) Sem a iniciativa particular, o Brasil não resolverá tão cedo o problema da educação do seu povo, simplesmente porque faltam à União e aos Estados os recursos financeiros suficientes. A Escola Regional de Meriti tem por máxima aspiração ser reproduzida em todo o país. Que os fazendeiros, os industriais, os capitalistas fundem escolas para os filhos dos seus colonos, sitiantes, operários, empregados. Peçam aos poderes públicos ou aos centros de educação, como a Associação Brasileira de Educação, os programas, mesmo as professoras, mediante entendimento com o governo. E aqueles que só dispõem de boa vontade fundem associações como a nossa – que o se ocupar da criança ainda é a mais humana das funções de nossa espécie.





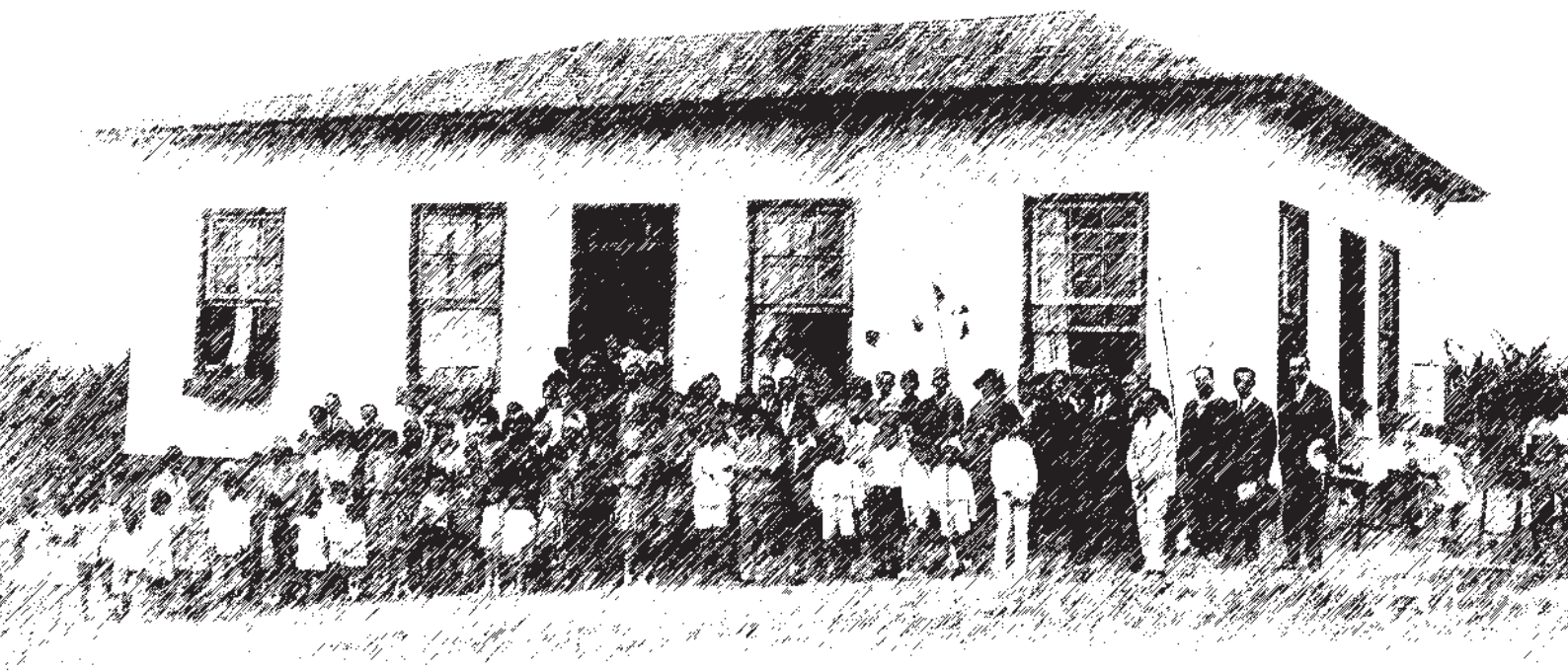


## **VOTO DE APLAUSO DA 1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO**

Foi o seguinte o voto aprovado, por proposta de Osvaldo Orico, pela 1ª Conferência Nacional de Educação, lido na sessão do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação, realizada a 26 de dezembro de 1927:

“A Conferência Nacional de Educação resolveu especial voto de aplausos obra realizada escola Meriti nossa distinta consócia Armanda Álvaro Alberto.”





## UMA EXPERIÊNCIA DE ESCOLA REGIONAL\*

**Armanda Álvaro Alberto**

Ao realizar-se a 1ª Conferência Nacional de Educação, em 1927, foi a Escola Regional de Meriti, numa resenha escrita por mim e lida por Belisário Pena, apresentada aos educadores brasileiros reunidos no Paraná. Hoje, no próprio Estado onde trabalhamos, somos de novo chamados a dizer alguma coisa, mais alguma coisa, sobre a nossa tentativa pedagógica, pois já decorreram cinco anos depois daquela apresentação. Não fossem as limitações de toda ordem que a fase atual de nossa vida coletiva impõe às realizações do caráter

.....

\* Trabalho apresentado pela diretora da Escola Regional de Meriti, D. Armanda Álvaro Alberto, à 5ª Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE) e realizada em Niterói, em dezembro de 1932.

desta, limitações que atingem desde as bases econômicas da instituição até as condições em que a escola pode influir sobre a educação de seus alunos; fossem menos perturbadoras tais interferências inevitáveis, talvez este relato de agora contivesse dobrada porção de informações otimistas. Mas, a realidade que nos cerca é esta mesma – e uma experiência ainda quando resulta em fracasso, desde que sejam conhecidas com rigor as circunstâncias em que se efetuou, nunca será inútil. As obras sociais, como os seres vivos, querem viver. Lutam, procuram adaptações, abandonam postulados conhecidos alhures, contanto que cheguem ao equilíbrio. O próprio controle de quem as fundou, muitas vezes, se perde ante o surto do que nasceu para vingar. E do conjunto de sucessos e malogros resultantes dessa luta pela vida é que vão surgindo as respostas às questões que tais obras suscitam. Assim, apoiada nesta convicção, exporei os dados negativos tanto quanto os positivos, colhidos na experiência de Meriti.

Depois do meu relatório de 1927, da exposição e da crítica dos livros de Lourenço Filho, Delgado de Carvalho e Barbosa de Oliveira, não irei cansar o auditório contando de novo a história da nossa pequenina escola, nem divagar a respeito de seus objetivos fundamentais. Parece-me que aquilo que mais poderá interessar, hoje, é simplesmente examinar os pontos em que melhor a escola pôde integrar-se no seu próprio programa – e onde não pôde.

Quando foi fundada, em 1921, a escola não exibiu perante o grupo de pessoas de boa vontade que se abalou até Meriti, em pleno verão, nenhuma promessa visionária com programas elaborados para um currículo imaginário. Longe disso. Foi logo declarado que ela pretendia, dentro dos seus poucos recursos, tornar-se uma “acabada escola regional”, “afeiçoada pelo seu próprio meio”, aparelhada para atender às necessidades educacionais das crianças da localidade. Modéstia realista de propósitos, sinceridade consigo mesma, respeito absoluto pela verdade apreendida experimentalmente.

Nessa atitude tem-se mantido sempre. Seu regionalismo não é mais uma aspiração, é uma realidade. Por isso mesmo, serve à parte mais numerosa, a que caracteriza a população, a massa dos pobres. Comparem-se as fichas dos alunos dos primeiros tempos com os de ultimamente: entre os primeiros figuravam filhos de comerciantes e outros moradores abastados; entre os que frequentam agora todos são de famílias proletárias. A prática

da jardinagem e os trabalhos domésticos explicam o fenômeno. Uma consequência que é a prova do que afirmo: em 12 anos de funcionamento somente dois alunos concluíram o curso da escola. No entanto, vendemos os trabalhos das meninas e como os dos meninos são menos vendáveis, a estes damos pequena remuneração diária quando se ocupam em confeccionar ou reparar o material da própria escola. Essas medidas atenuam, não há dúvida, mas não removem o grande mal. Outras vão sendo aplicadas, paralelamente a essas: horário especial para as crianças cujo trabalho em casa as impediria de frequentar qualquer outra escola; merenda quente (mate com angu de milho, ou feijão ou macarrão); fornecimento do avental ou do macacão, conforme o sexo, além de outras peças de roupa; todo o material escolar, inclusive os belos livros recreativos; convivência das famílias com as professoras, pois podem ficar assistindo às atividades dos filhos quantas horas queiram; permissão, em alguns casos, para que as meninas tragam consigo o irmãozinho de que cuidam, ou porque não tenham mãe, ou porque esta trabalhe fora; assistência médica, remédios, hospitalização em vários hospitais do Rio, serviços esses extensivos às famílias dos alunos, vendo-se a escola, uma ocasião, na contingência de fazer o enterro da mãe de duas alunas, uma boa e valente mulher de trabalho a quem quisemos evitar a vala comum. Para melhor acentuar o que acabo de dizer sobre a situação econômica da camada social a que pertencem nossos alunos, ainda acrescentarei: mesmo que a escola fosse internato, garantindo, portanto, o sustento das crianças, o número dos que fariam o curso todo não chegaria a ser apreciável. A única aluna que conseguimos preparar para admissão a uma das escolas profissionais do Rio teve que abandonar o curso no 2º ano, por ser necessária aos serviços da casa paterna.

Antes dela, dois meninos também encaminhados por nós tinham sido obrigados a deixar a escola profissional (externato, desta vez) para ganharem a vida. É essa a gente para quem foi feita a Escola Regional de Meriti.

Gente que tem que andar depressa, que aos 11, aos 10 anos, diz adeus à escola, por mais amiga que ela seja!

O que nos resta fazer e temos feito quando possível em relação a esses alunos, que levam dois anos no 1º grau, e que nos deixam antes mesmo de chegarem ao 2º grau do curso (o curso completo é de quatro graus), é

emprestar-lhes os livros de nossa Biblioteca Euclides da Cunha (715 volumes) e não deixá-los perder de todo o contato com a escola. Aliás, a falta de luz elétrica tem impedido a biblioteca (dividida em três seções: para os alunos, as professoras e os moradores) de exercer, convenientemente, suas funções extraescolares.

Mas, voltando à questão da execução do programa global da Escola, isto é, em relação à criança e à comunidade, alguma coisa tivemos, desde certo tempo, que modificar na orientação e no conteúdo desse programa, embora flexível como sempre foi. É que positivamente o ritmo da vida em Meriti é outro, depois de inaugurada a estrada Rio-Petrópolis. Começa ram a surgir oficinas industriais, o comércio tomou outro vulto, as obras de saneamento fizeram sentir seus efeitos, a população estabilizou-se. O arrastão da metrópole tem-se tornado mais sensível também, e o número de mulheres que vão às fabricas ou para os empregos domésticos cresce dia a dia. Não mais se nota aquela instabilidade da população, de efeitos péssimos para a vida escolar, de que a insalubridade dantes era causa, porém se conta muita casa onde a mãe falta o dia todo. Hoje, não falaríamos mais naquela cooperativa de moradoras para sustentar uma indústria feminina, caseira, com que tanto sonhamos de começo e a que demos um tímido início com os tapetes feitos à mão. Vamos mais longe em nosso regionalismo. Prevemos, para um futuro não remoto, a inutilidade de nossas aulas de costura. Por enquanto, fazemos questão que nossas alunas aprendam a coser seus vestidos e saibam confeccionar sua roupa branca, que, embora trabalhos modestos e ligeiros, concorrem para o conforto e o aformoseamento de seus lares. Brevemente, porém, a roupa feita em grande escala fará com os atuais labores de agulha o que já fez com os tecidos, o calçado, a malharia, etc. A costura à mão, sob medida, ficará reservada às mãos criadoras das artistas, será uma indústria fina, cuja iniciação só terá cabimento na escola profissional. Devo esclarecer, contudo, que os trabalhos manuais femininos e masculinos ensinados na escola sempre foram de fácil execução e adequados ao uso dos próprios alunos, nunca objetos de um luxo que o seu meio popular desconhece. E, sempre que possível, aproveitando o material humilde e comum do lugar. Os 23 prêmios distribuídos pela escola, no Concurso de Janelas Floridas deste ano, a moradores de Meriti, todos trabalhos de alunos seus, serviriam de testemunho daquele critério.

Temos sempre encontrado – e raramente vencido – grandes dificuldades no ensino da cozinha e da higiene alimentar, por três motivos: deficiência técnica das professoras, pequena variedade de gêneros fornecidos pela escola e impossibilidade de auxílio por parte das famílias, cujos conhecimentos dietéticos e cuja despensa não são tão fartos assim que possam acudir. Fazemos o que está ao nosso alcance, certos de que o nosso povo não sabe comer e que compete à escola primária fazer esse ensino essencial.

Na prática da jardinagem, o fato de a atual professora não se furtar ao trato das ferramentas, dando o exemplo do desprezo pelo preconceito tão generalizado, foi o ensejo para que se firmasse outra disposição de espírito entre os alunos. E ainda há pouco tivemos uma nota expressiva de “educação pela vida para a vida”, com o combate à formiga saúva que assolava o terreiro da escola. Recebidos os donativos da máquina extintora e do formicida, alunos e professoras entraram a estudar e agir sem desânimos, até livrarem as pobres plantas da sua terrível inimiga. Daí, estimulados pelo êxito, passaram a estudar as outras pragas animais e vegetais encontradas no terreiro escolar – o que deu ocasião ao oferecimento valioso da Sociedade Nacional de Agricultura de nos proporcionar as lições de um agrônomo, em 1933.

Temos a preocupação em nosso regionalismo de não contrapô-lo aos interesses genéticos da criança, que devem ser respeitados. Nunca adotaríamos, por exemplo, num centro exclusivamente fabril, o abandono do estudo dos animais e das plantas, que em certa idade apaixona os pequenos. Assim, embora voltando a atenção cada vez mais para a indústria das noções de ciência e geografia, sempre reservaremos um lugar importante para aqueles interesses. É um direito da infância essa expansão de sua personalidade ávida, digamos a palavra – de beleza –, ao contato das maravilhas naturais. No nosso caso, dos brejos e dos morros, bem como das oficinas percorridas nas excursões semanais, os galhos floridos, os frutos, as pedras, os insetos, os produtos industriais são levados para o Museu Regional. Mas, aí, não serão material morto – porque foram antes vistos em vida, no conjunto natural de que faziam parte ou surpreendidos no segredo de sua fabricação pelo homem. O material do museu, porém, não há de ser todo proveniente da região. Isso é o que serve de elemento básico, o que desperta o interesse e a compreensão

para conhecimentos mais largos. Da região amazônica, da região das secas, do Rio Grande do Sul, de fora do Brasil, arranja-se o que é típico e conseguível.

Nota indispensável. Nossas crianças vão-se habituando a respeitar a vida dos seres pequeninos. Costumam estudá-los vivos e soltá-los depois. Em todo caso, diga-se a verdade, ainda temos, uma que outra vez, necessidade de agir de outro modo, menos sentimental. Temos ninhos de madeira pintados de verde em todas as árvores, obra dos alunos, e como troféu, de que nos orgulhamos, a arapuca de apanhar passarinhos oferecida ao museu pelo irmão de uma de nossas alunas que, por influência dela, sentiu-se, um belo dia, arrependido de suas maldades de caçador.

Gostam de desenhar os pequenos meritienses. O desenho é a atividade predileta de quase todos. Só desenho espontâneo – lápis de cor existam – os menores. Os maiores, disciplinando as mãos e a vista, ilustram os relatórios com desenhos do natural.

Decididamente, a História, os acontecimentos do passado interessam muito pouco àquelas crianças; a transposição no tempo é-lhes quase impossível, porque são mentalidades infantis, naturalmente, e porque provêm de um meio inculto – sem nenhuma tradição regional, ao menos. Um velho filho de Meriti refere-se apenas à abolição, ao imperador, à proclamação da República, e de maneira vaga, sem emoção. Do passado do próprio lugar, ignora tudo. À vista disso, seria um artifício querer começar a história pelas histórias tradicionais. O que nossos alunos retêm são os fatos pitorescos, um ou outro aspecto da vida passada. Confesso que tenho sofrido meus desapontamentos neste terreno e que, em consequência, já ando imaginando um plano diferente para experiência, deixando de lado tudo o que não seja realmente interessante à curiosidade intelectual de quem desejamos educar e não treinar. A História sistematicamente exposta ficará reservada àqueles dos nossos alunos que, já amadurecidos, vierem a frequentar a Biblioteca Euclides da Cunha.

Histórias de mentira contam e ouvem com prazer (depende de quem conta), e alguns leem gulosamente. Consideramos o hábito da leitura como uma das mais importantes finalidades da escola. E timbramos em pôr à disposição daquela curiosidade nascente pelas coisas do espírito os mais belos livros que nos é dado adquirir. O uso da biblioteca, consultas, manuseio do



fichário, registro e conserto dos livros são habilidades adquiridas à proporção do desenvolvimento intelectual do aluno.

Nossa maior ambição no ensino da linguagem é que nossos alunos falem e escrevam claro, que se entenda, e mais ou menos certo. Os que vão até o 3º grau do curso conseguem chegar até aí.

A pecha que os opositoristas locais da escola lhe atribuem é de que as crianças trabalham demais e brincam demais. Tirando os demais, está certo. Além dos jogos organizados pela professora, gosto de ver (sem ser vista) os grupinhos de meninas entretidas naquelas fabulações tão comuns na roça, “brinquedo de comadres” e outras, em pleno domínio do “faz de conta”, como se estivessem brincando em algum recanto do quintal de suas casas. Deixamo-las dramatizar espontaneamente.

Cantam com verdadeiro gosto, voz e afinação. Quando querem, trabalham cantando, como anelava o filósofo. São donos de uma vitrolinha com alguns discos.

Em higiene, saber é uma coisa, praticar é outra. Se a falta de recursos não atrapalhasse, o justo equilíbrio entre esses dois termos da questão estaria estabelecido no comportamento higiênico de nossos alunos. Mas é justamente contando com essa pobreza que o nosso regionalismo tem de encontrar os recursos com que sustente a campanha pela melhoria da saúde das crianças e da comunidade de que são parte. Arvorou-se a escola numa espécie de posto de saúde pública, onde o médico, a professora-enfermeira e a aluna-auxiliar desempenham cada qual o seu papel. Os medicamentos têm várias procedências, regulares, sendo a maior parte, assim como o material de propaganda sanitária, obtida na Diretoria de Saneamento Rural. Lamentável é que as conferências públicas, que chegaram a ser a oportunidade de maior aproximação entre a escola e o meio – com Belisário Pena e Savino Gasparini – não possam continuar por falta de local. As visitas domiciliares da professora, complementares às aulas no Círculo de Mães, encarregam-se dessa função social da escola.

Sob certos aspectos, no entanto, o Círculo de Mães supera qualquer outra realização do mesmo gênero feita pela escola. As relações daquelas mulheres conosco, pela franqueza que usam, chegam a ser tocantes. Comparecem com um ou dois filhinhos ao colo ou pela mão e, ao redor da

mesa da sala de refeições, assim como aprendem, também ensinam o seu bocado. De suas confidências, queixas, críticas é que recolhemos a melhor parte do material informativo de que a escola carece para se pôr em dia com a vida local.

Porventura, das coisas pretendidas pelo plano inicial da escola mais lentas de chegar era a sua máxima aspiração: o ser reproduzida nas diversas regiões do país. Naquele tempo não tínhamos ainda a experiência do México, por exemplo, hoje tão conhecida, mas os princípios da Escola Regional, mesmo para quem não tivesse a par da literatura pedagógica, já se impunham aos que encarassem objetivamente, sem parti pris, as questões da educação entre nós, aí por esse Brasil afora. Ora, convencida de que a experiência começada em Meriti podia ser feita noutros lugares, desde logo confessamos aquela aspiração. A nosso ver, então como hoje, a escola regionalizada é a única que resolverá o nosso problema de quantidade porque pode funcionar em qualquer casada roça, em galpões de sapê, com uma professora para numerosos alunos, utilizando-se do material grátis, arrecadado na redondeza, interessando no seu desenvolvimento toda a vizinhança que nela não verá mais a inimiga que desvia os meninos e as meninas de suas tarefas utilitárias, mas, ao contrário disso, um centro de ensinamentos para a vida real cá de fora, onde até eles, os adultos, às vezes vão em busca de um esclarecimento, de um socorro. Só duas coisas são imprescindíveis para essa escola existir de verdade: a professora preparada para o seu mister e a cooperação da Saúde Pública. Pois bem, passados tantos anos de espera, parece que as escolas regionais serão tentadas. Depois de visitar a escola de Meriti, de ver a pobreza do material de que dispõe e o realismo de sua orientação pedagógica, a Sociedade Nacional de Agricultura resolveu promover um curso, confiado a vários especialistas, para professoras estaduais, sendo a parte da pedagogia confiada à escola. Foi-me informado que nove estados vão enviar duas professoras cada um. Que surjam breve essas escolas regionais, algumas decerto em condições de prosperar muito mais que a de Meriti, situadas em localidades de população mais homogênea ou mais apta a contribuir diretamente para o seu progresso. Nosso contentamento será tanto maior.

Não podemos compreender o educador desinteressado das questões sociais. Nesse caso, falha ao compromisso de melhorar a sociedade, o qual

assumiu, tacitamente, quando, pela primeira vez, tomando a mãozinha de seus primeiros alunos, reproduziu o gesto pestalozziano de quem inicia e conduz para diante. Sentindo qual é a atitude da Escola Regional, a Frente Negra de Meriti veio pedir-lhe a colaboração. Sala de aula, biblioteca, tudo lhe será franqueado, logo que tenhamos a luz elétrica. Então, os elementos negros mais progressistas – entre eles muitas mulheres – subirão à noite, depois do dia afanoso do trabalhador, a encosta Íngreme da escola – mais regional, por certo, depois dessa colaboração.

Por outro lado, é também prestando-nos serviços que os meritienses dão-nos a contraprova do sentido que liga a escola ao seu torrão. Este ano o número de sócios contribuintes da fundação mantenedora do estabelecimento aumentou bastante entre os moradores, tendo um grupo deles, recentemente, concorrido com o tributo de um festival no cinema de Meriti. Finalmente, do próprio Governo do Estado do Rio, veio-nos um gesto propício à efetivação crescente de nossos propósitos com o decreto concedendo duas professoras fluminenses para trabalharem conosco. As razões que nos levaram a solicitar esse favor especial foram, realmente, de ordem pedagógica. Oferecendo às professoras oportunidade de estudos de educação regional e vantagens econômicas – pois a escola não se desobrigou do seu dever de remunerá-las, toca-nos, enfim, a possibilidade de reter aquelas auxiliares, de quem depende, em última análise, a eficiência da escola.

Que interesse, na verdade, podia vincular à obra modesta da Escola Regional de Meriti a professora formada para o Distrito Federal, entre nós apenas de passagem, enquanto esperava pela nomeação definitiva dentro da sua carreira? E se não estava à espera da nomeação e porque fora mal classificada entre as colegas de turma. De mal a pior.

Tal é a situação de incertezas de que vinha padecendo a escola. Agora, sem nada perder de nossa independência de ação e liberdade de autocrítica, prosseguiremos mais tranquilos na tentativa de educar – sobretudo pelas sugestões do ambiente escolar e pela vida nela vivida pela criança.

Todas as atividades em grupos homogêneos, com permissão de se manifestarem as simpatias pessoais, liberdade de movimentos e de iniciativa, solidariedade com os interesses da sua comunidade escolar – ali tudo é de todos, e cada um tem a sua parte de responsabilidade na conservação do

material e outros serviços –, opinião pública provocada e mexericos pessoais desprezados, interesse pelos acontecimentos gerais que mereçam a atenção infantil – para isso a escola assina um jornal fluminense diário –, tudo isso tem sido estimulado e conseguido em parte ou de modo mais completo, conforme as professoras em exercício.

Todos os alunos, dos dez anos em diante, desde que cooperem para a comunidade, votam e são elegíveis para diversos cargos, sem, entretanto, terem competência para legislar ou participar da direção da escola. Nas próprias assembleias gerais, ainda não sabem agir inteiramente sós, embora aqueles já mais treinados deem o exemplo de opinar com seriedade sobre os assuntos de interesse comum.

E as resoluções da assembleia são respeitadas pela diretora.

O contraste entre esse modo de viver na escola e o regime doméstico já é bastante acentuado.

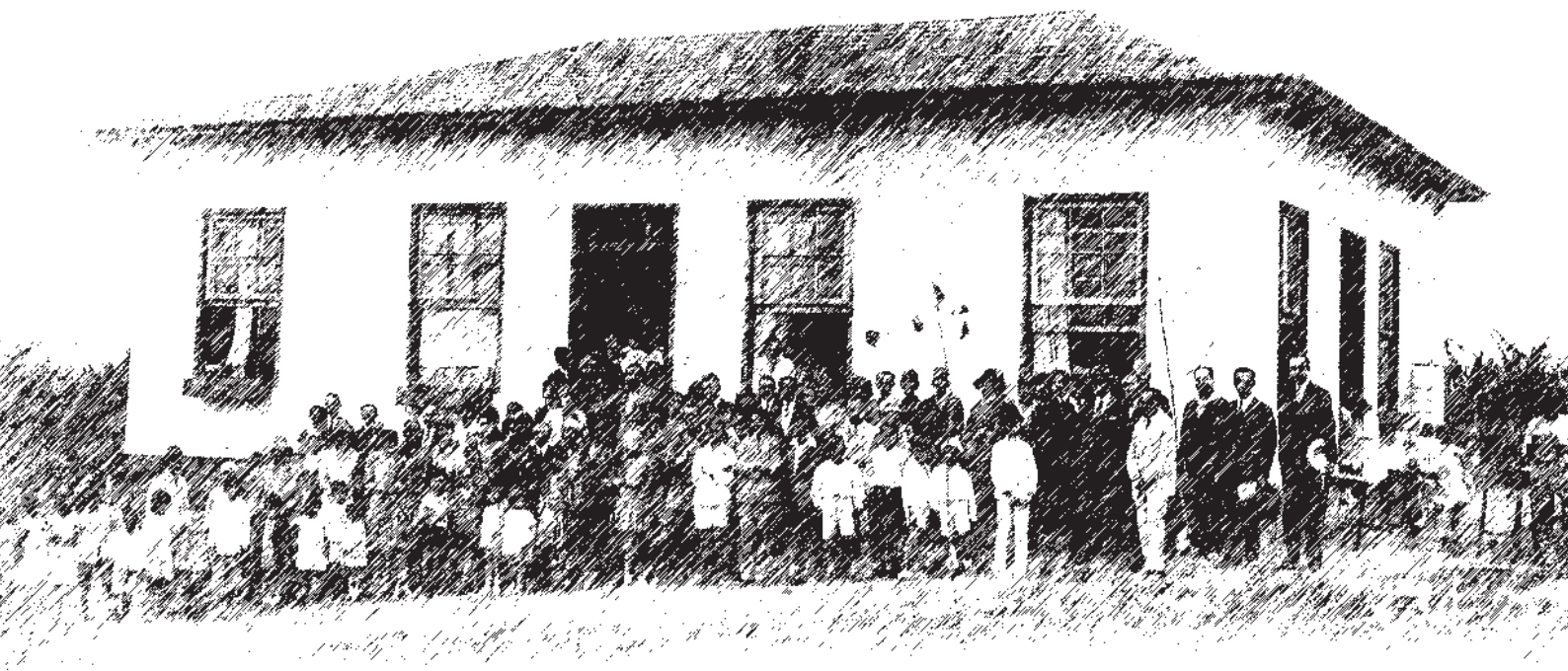
Pátrio poder levado a extremos absurdos, preconceitos, incompreensões, a rotina protestando por todas as suas bocas estão entre aquelas interferências a que há pouco aludi – e que não têm permitido condições favoráveis ao desenvolvimento de uma mais ampla preparação para a autonomia dos alunos.

Sejam, entretanto, as professoras, o que precisam ser – amigas de mais idade e experiência, que sabem e, às vezes, também não sabem, não se acanhando de pesquisar ao lado dos alunos, de aprenderem, mesmo com eles, as coisas todas da região que conhecem desde pequeninos.

Amigas discretas que, ao apresentar um plano de coisas a estudar, esperam sugestões, discutem com os alunos os detalhes de execução, respondem a perguntas muito mais do que perguntam, na atitude de quem encaminha o aprendizado, sem o autoritarismo de quem dá lições. Amigas que sabem deixar cada um dar tudo de si, satisfeita do esforço próprio.

Sejam as professoras essas camaradas que ensinam como querem que as crianças aprendam – fazendo. Sejam capazes de encontrar a sua própria infância na infância delas, e corram, e brinquem no meio delas.

Sejam as professoras as trabalhadoras conscientes e alegres do seu trabalho, trabalho que as identifica inteiramente com as aspirações sociais que nutrem para os seus alunos e, pouco a pouco, aquelas linhas ideais, que já se deixam entrever, mas ainda não fixadas, se fixarão.



## UM MAÇO DE CARTAS

Júlia Lopes de Almeida

Espanta-te: acabo de chegar de Meriti e, mal sacudido o pó da viagem, na ânsia de comunicar-te as minhas impressões, sentei-me à minha secretária para escrever-te estas linhas.

Percebo, através da grande distância que nos separa, a expressão dos teus lindos olhos, engrandecidos por uma súbita interrogação mental: – Em que ponto do planeta ficará situada essa terra de tão doce nome e tanto pó?

Acostumada a conhecer do Rio de Janeiro só a parte que vai da Rua do Ouvidor ao Leblon, com escala por Santa Tereza, porque és fanática, tudo o que se estende por outros vales e outras montanhas não logrou nunca interessar a tua curiosidade de mulher nascida e criada em Botafogo e para cuja opinião só é bom, só é habitável, e só é elegante essa zona da urbe imensa. Sem deixar de te recomendar o estudo da nossa corografia, dir-te-ei,

desde já e para sossego da tua consciência, que o lugar de que acima te falei está fora do perímetro da nossa cidade natal, sendo uma das estações mais próximas da Leopoldina, no vizinho Estado do Rio.

Adivinho que o preâmbulo está a evitar-te e que me vens responder que já conheces Meriti por teres lido nos jornais os anúncios de seus terrenos a prestações. Tanto melhor. Já é uma noção.

Mas o que tu não conheces, minha querida, do que ainda não ouviste falar com o merecido louvor, é da obra de larga visão moral, espírito humanitário, social e moderno que, num recanto obscuro dessa humilde estação ainda tão árida e tão agreste, está realizando uma das mais inteligentes e mais cultas das nossas patrícias, de cuja mocidade irradiante se estende em largo círculo uma claridade fecunda e civilizadora.

Essa obra na aparência simplíssima é uma escola – a Escola Regional de Meriti.

Pela sua orientação moderna, carinhosa e profundamente patriótica, essa escolinha de povoação pobre tem já conseguido uma verdadeira transformação nos hábitos e na higiene, não só das crianças que ela educa como, através das crianças, de seus pais e irmãos adultos.

As aulas funcionam ao ar livre, quando o bom Deus permite sol clemente e dias secos, e quando não, em uma casa de campo modestíssima, rodeada de árvores ainda novas, plantadas a pedido da diretora, por pessoas de nome feito nas ciências, nas artes ou letras do país. Nas modestas salas de telha vã, veem-se, pendentes sobre a cal das paredes, retratos de alguns escritores nacionais, ao lado da biblioteca, onde todos os livros estão metódica e cuidadosamente encapados de papel de uma só cor. Na sua simplicidade não pode haver culto mais expressivo nem mais sugestivo!

E há em uma dessas salinhas um recanto encantador – o destinado às coleções do Museu Regional, para o qual todas as crianças procuram concorrer trazendo cada qual o que encontra ao redor das suas choupanas ou pelos caminhos: uma pedrinha, um inseto, um ovo de passarinho, um punhado de areia, qualquer coisa que lhes pareça, por qualquer circunstância, original e digno de atenção. E a diretora, sorridente, recebe a dádiva, estuda-a com os alunos, determina a sua qualidade e a sua espécie, cataloga-a e acoroça a criança a estudar a natureza e amar, nas suas expressões mais

variadas, todos os prodígios da criação. Ao mesmo tempo, com o olhar de boa observadora, procura perceber qual a feição predominante do trabalho feminino na localidade, para o aperfeiçoar pelo estímulo das exposições na sua escola e desenvolver, assim, uma arte regional ainda incipiente, ainda mesmo ignorada, mas suscetível talvez de magníficas realizações para o futuro.

As crianças aprendem sorrindo que devem andar lavadinhas, penteadas e sem alfinetes em vez de botões e, pouco a pouco, vão corrigindo as suas faltas e desmazelos e fazendo, ao mesmo tempo, propaganda desses bons costumes entre as pessoas da sua família e da sua vizinhança!

Há poucos meses a Escola Regional de Meriti promoveu o concurso entre as suas alunas, de janelas floridas!

Janelas floridas, luxo de arte e de bom gosto num recanto poeirento e tristonho dos subúrbios da Leopoldina! Pois a linda verdade é que, chegada a hora do concurso, várias choupanas ou casebres de barro e cobertos de palha ostentavam, nas suas janelinhas e muros de taipa, festões de verbena, de hera, ou de melão de São Caetano, em molduras graciosas e bem dirigidas! Mãozinhas brancas, pretas, caboclas ou mulatinhas, com o auxílio das mãos paternas, já interessadas no caso a que se tinham dedicado ao doce mister de beleza e de poesia. Não te posso dar aqui todo o programa dessa Escola, criada e dirigida por Armanda Álvaro Alberto, mas espero ter ocasião de falar-te nela mais detidamente e o que tiver esquecido agora nomearei depois.

Felizmente, os recursos pecuniários dessa instituição não foram grandes assim; pobre entre os pobres, ela não inspirou desconfianças nem temores. Era uma irmã, era uma igual.

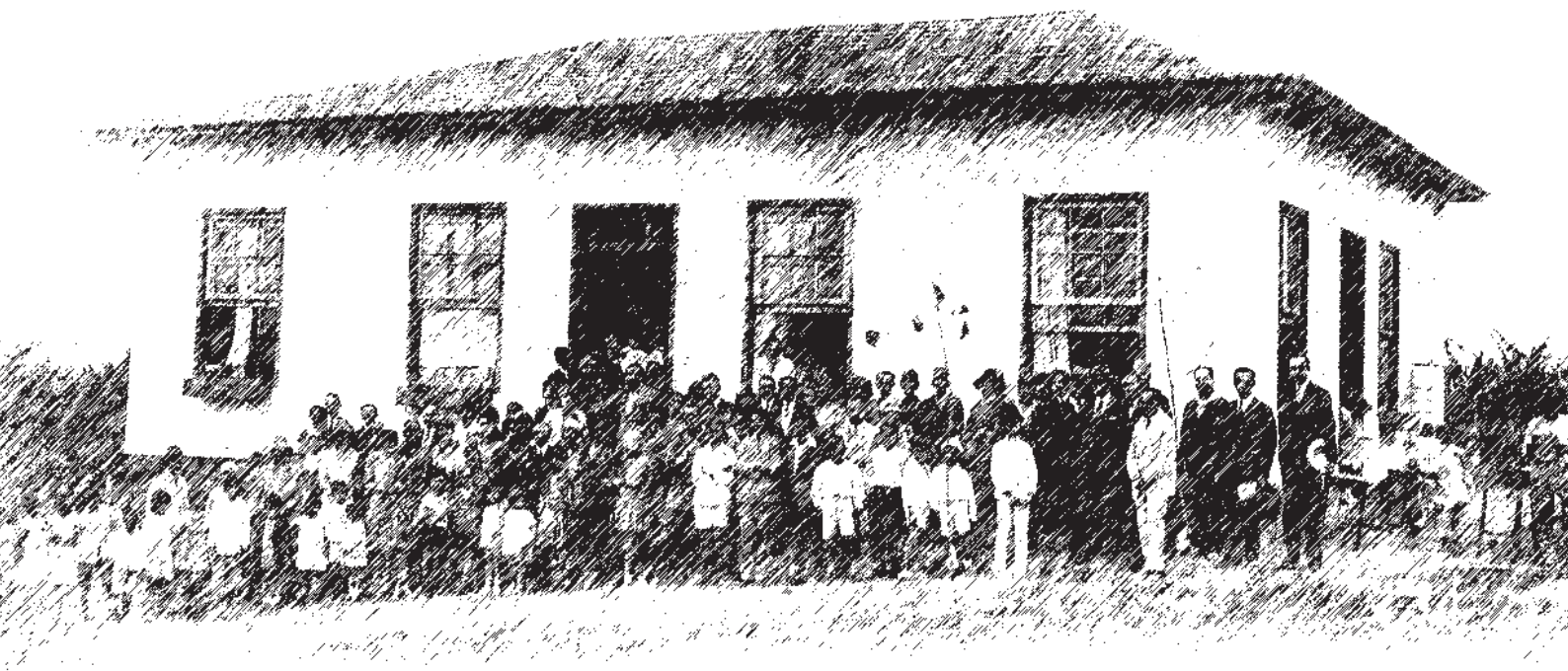
Mas, sob a sua aparência modestíssima, quanto dispêndio, quanto sacrifício, quanta luta! Agora está feita.

Mas o número de alunos aumenta a cada dia. São precisas mais professoras e um telhado maior.

Confesso-te que tenho imensa mágoa de não poder fazer eu a casa nova para a Escola Regional de Meriti!







## MISSÃO EDUCACIONAL\*

**Heitor Lyra da Silva**

O que acabamos de entregar ao solo não é uma pedra, mas uma semente. Ela há de germinar, a planta crescerá, transformar-se-á em árvore frondosa, capaz de abrigar em sua sombra acolhedora todos os que a procurarem, vizinhos deste lugar, e capaz de atrair pelo seu porte majestoso, pela beleza de seus ramos erguidos para o céu, a atenção dos que passarem, céticos ou distraídos.

Aquilo que um pequeno grupo de vontades esclarecidas empreendeu aqui realizar, posso dizê-lo livremente porque não pertenço ao número dos iniciadores, é, ao mesmo tempo, uma obra de inteligência e de coração.

.....

\* Discurso pronunciado pelo Prof. Heitor Lyra da Silva na oportunidade do lançamento da pedra fundamental do edifício da Escola Regional de Meriti, em 22 de abril de 1925.

Comoveu-os o espetáculo de miséria, de incultura, de imprevidência que rodeia num doloroso contraste a nossa grande, bela e luxuosa capital, contraste a que só espíritos desatentos e sensibilidades embotadas podem ficar indiferentes, quando ele deveria gritar violentamente na consciência de todos os que têm em mãos uma parcela de poder ou um elemento qualquer de ação prática.

Não é raro, entretanto, empregar tais recursos em serviços exclusivamente materiais, em trabalhos suntuários, que, se uma ou outra vez se harmonizam com o ambiente, muito mais frequentemente o deformam e são quase sempre adiáveis, ao menos diante do dever primordial de cuidar, antes de tudo, da criatura humana. Por isso já tivemos um visitante, estrangeiro ilustre, que ao defrontar o fausto arrogante de um de nossos edifícios públicos, não se pôde impedir de perguntar, a quem o acompanhava, qual era o número de escolas que a administração da cidade mantinha.

A Escola Regional de Meriti pretende realizar muito mais uma missão de educação do que de simples instrução! Estamos aqui, felizmente, emancipados do preconceito de que o mero conhecimento da leitura, da escrita e das contas possui virtudes intrínsecas, capazes de transformar cada indivíduo em fator social útil, de elevá-lo moralmente, de fornecer-lhe melhores elementos de conforto e de felicidade. Sabemos, ao contrário, que a instrução pura e simples é uma arma e, como toda arma, perigosa. Sabemos que incumbe a quem a entrega o dever estrito de preparar quem a recebe para manejá-la, benfazejamente, para si e para os outros.

A Escola Regional de Meriti quer evitar que uma instrução mal orientada possa vir a agir como fator de dispersão; quer ligar intimamente a instrução e o trabalho; quer afeiçoar e não escravizar à terra a população infantil que nela vai labutar; quer que essa população saiba viver mais racionalmente, ajudando a sanear o meio e conhecendo os recursos de higiene individual e coletiva; quer que ela possa executar um trabalho mais eficiente e, portanto, mais remunerador, conseguindo, assim, materialmente, viver melhor; finalmente, quer que ela aprenda a discernir no ambiente que a cerca, nas cousas mais simples e aparentemente mais banais, assim como na solidariedade humana, todo o tesouro de beleza que encerram, elevando as almas e enobrecendo a vida.

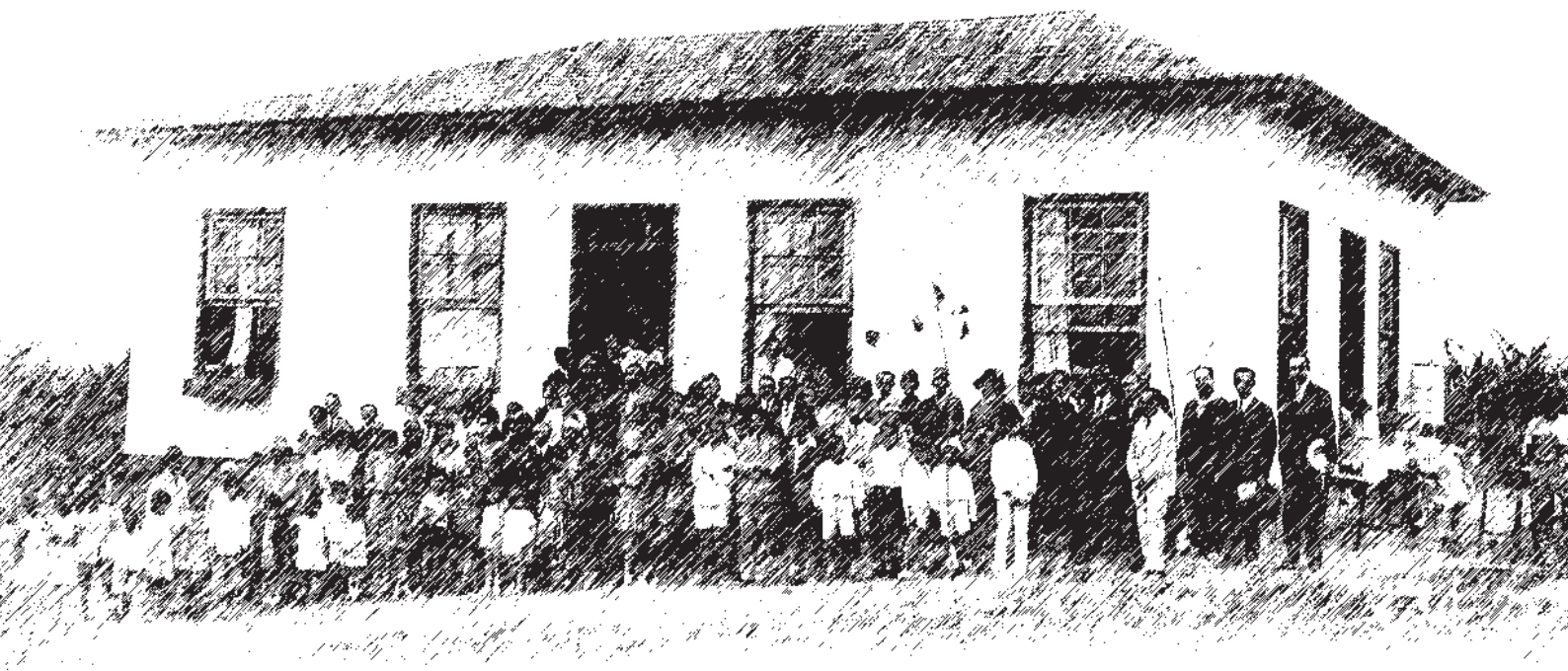
Não nos iludimos, contudo, os fundadores desta instituição de bondade e de justiça que não é uma esmola, mas uma reparação, nem os que a eles nos viemos juntar com o mesmo entusiasmo refletido que desde o início os caracterizou sempre; não nos iludimos acerca das dificuldades que teremos de vencer. Para não descer a minúcias, basta dizer que compreendemos bem que nunca será possível realizar neste meio uma verdadeira obra de educação, sem que ela se apoie na franca melhoria da saúde pública e em uma organização estável do trabalho.

Temos fé, porém; estamos animados desse idealismo fecundo que não esquece a necessidade de pisar em solo firme, quando se quer caminhar erguendo os olhos para o alto.

A casa que esperamos erguer aqui não será um palácio que humilha a pobreza; será modesta, clara e alegre, hospitaleira e franca; será a casa que pertencerá a todos e que precisará do apoio e do carinho de toda a população que vive em volta e a que ela deseja servir.

E só assim estará realizado o sonho dos trabalhadores que a idealizaram, porque só assim a Escola Regional de Meriti terá adquirido a força material de que ainda carece, sem nada perder da pureza do espírito que a anima desde o primeiro instante e que, temos confiança, a animará sempre.





## SOLUÇÃO DE UM PROBLEMA VITAL\*

**Belisário Penna**

Foi com intraduzível satisfação que recebi da jovem e já exímia educadora D. Armanda Álvaro Alberto o convite para realizar uma preleção de higiene, dedicada aos seus queridos discípulos da Escola Regional de Meriti.

Essa escola é um empreendimento auspicioso que exprime melhor do que palavras os sentimentos altruísticos, patrióticos e humanitários da sua fundadora e dos seus dignos e abnegados colaboradores.

É um produto de iniciativa particular, digno de imitação e do incentivo e colaboração material, moral e intelectual de todos aqueles que desejam sinceramente contribuir para a evolução do organismo brasileiro, dentro das

.....

\* Conferência do Dr. Belisário Penna, promovida pela Escola Regional de Meriti e realizada no Cine Meriti, no dia 12 de julho de 1925.

leis imutáveis da biologia humana, dos preceitos científicos da higiene, da eugenia e da educação intelectual, moral, e cívica, de que resultam a saúde física e mental; o trabalho metódico, adequado, remunerador e salutar; a disciplina consciente e voluntária, e não apenas automática e apavorada, como a que se observa; a ordem, sem necessidade do emprego da força e de medidas restritivas ou supressivas da liberdade, que é o bem supremo dos indivíduos e das coletividades dignas, e o sentimento mais intrínseco da natureza superiormente psíquica do homem; finalmente, a solidariedade e a moralidade, consequências lógicas da saúde, do trabalho, da disciplina, da ordem e da liberdade.

É na escola, e mais que tudo, na escola primária, quando bem compreendida, pelos que as dirigem, na sua inestimável finalidade social, moral e cívica, que se modela o caráter da criança, em cujo cérebro maleável e receptível se gravam, indelevelmente, os fatos observados e os ensinamentos ministrados.

Ninguém mais do que a criança tem direito à civilização e às conquistas da ciência, acumuladas pelas gerações que se vêm sucedendo desde milênios. A criança é o começo do homem, e o começo, dizia Aristóteles, é a metade do todo.

Ela é a esperança do futuro, a segurança da nacionalidade e a garantia da raça, quando bem gerada e convenientemente cuidada, como é o desespero do futuro, a fraqueza da nacionalidade e a degeneração da raça, quando mal gerada e descuidada.

Bem diz Claraz: “Uma nação se constitui das gerações que lhe dão as famílias, do mesmo modo que o oceano se alimenta das águas dos rios que se derramam em seu seio. A infância é a sementeira da sociedade, a seiva e a força da pátria”.

É necessário, pois, que a semente seja abundante, e boa, e as plantinhas bem cuidadas, para que se desenvolvam com viço e produzam mais tarde frutos opimos.

Há pouco mais de um ano, numa conferência realizada em São Paulo, sobre o “Dever social de assistência à infância”, eu disse: “A ignorância e a doença, de braços dados, livres e desembaraçadas na sua ação perniciosa, têm solapado física e psicologicamente o organismo nacional”.

Se quisermos nos constituir em nação respeitável, precisamos reagir contra esses dois flagelos, incentivando a instrução, a educação e o saneamento, a começar pela salvação da criança desde a gestação até a idade pós-escolar, quando ela já poderá orientar-se na vida com relativa segurança.

De uma infância sadia, de uma mocidade vigorosa e educada, dependem a felicidade futura do indivíduo, da família, da raça, e a grandeza e o prestígio da nação. Infância minguada e débil e mocidade fraca, sem desenvolvimento físico e psíquico normal, sinal de ruína ou de tutela estrangeira.

Para uma dessas vergonhosas finalidades caminharemos nós se, urgentemente, não mudarmos de rumo, adotando e praticando com sinceridade, sem desfalecimentos nem descontinuidade, a política agrossanitária e educadora, com a amplitude que comportam essas palavras mágicas.

É indispensável, porém, que essa orientação seja seguida, não só pelos governos, como por todos aqueles em condições de concorrer para a sua difusão e prática. E nenhuma influência é mais decisiva do que a do professor primário na orientação psíquica dos seus discípulos e na formação da consciência sanitária.

É imensa a sua responsabilidade perante a comunidade, pela boa ou má direção que imprime aos seus próprios atos, para exemplo dos que se acham sob sua guarda e disciplina.

Se as suas ações não forem concordes ao ensino ministrado, aos alunos caberá o direito de pôr em dúvida a palavra do mestre, e mais facilmente imitarão os atos do que seguirão os ensinamentos.

A prática dos preceitos da higiene individual, escolar e familiar, deve constituir hábito banal, como tem sido até agora o seu desrespeito.

Os hábitos higiênicos já se encontram arraigados em alguns povos, sobretudo nos de origem anglo-saxônica, que são, por isso, os mais robustos, mais resistentes e de mentalidades mais equilibradas. Não somente a higiene individual, a domiciliar e a escolar, mas a pública e a social, constituem constante e especial preocupação dos seus governos e classes dirigentes.

Não basta às administrações públicas exigirem do povo cumprimento de leis e regulamentos severos; cabe-lhes o dever imperioso de dar o exemplo, executando com perfeição as providências da sua alçada, relativas à instrução e à educação, à organização do trabalho, à profilaxia geral e específica, ao

saneamento do solo e das águas, ao destino conveniente dos dejetos e detritos dos hospitais, à assistência e à higiene dos edifícios públicos.

É notável e decisiva no espírito público a influência benéfica do exemplo dado pelos governos com a execução de providências salutaras, deles dependentes, como é perniciosa essa influência quando eles se limitam às exigências, sem efetivarem as obrigações da sua alçada.

Os maus exemplos dos governantes, na transgressão dos seus deveres legais e sociais, com irresponsabilidade e impunidade, contaminam, perniciosamente, todas as classes, infiltram-se na mentalidade receptível das crianças e dos jovens, trazendo como consequência o domínio da imoralidade e da anarquia.

Como o povo, a criança é imitadora, porém, mais do que ele, é assimiladora e fixadora.

Por isso, o aspecto mais notável e benéfico da educação escolar bem orientada não é só o de preparar intelectual e moralmente a futura mãe de família ou o futuro cidadão para a luta pela vida, mas, sobretudo, o de transformá-los em preciosos instrumentos educativos do meio em que vivem.

São bem conhecidos o prazer e a tendência das crianças em revelar conhecimentos ignorados, ou que elas supõem ignorados pelas pessoas de mais idade.

A criança em idade escolar, instruída em noções práticas, claras e seguras de história natural e de higiene, é um elemento apreciável de propaganda no seio da família e entre as pessoas das respectivas relações.

A proporção do seu desenvolvimento físico e intelectual, uma vez ministrado o ensino, gradativamente, esses conhecimentos se gravarão de vez nos seus cérebros receptíveis, concorrendo para o abandono de velhos hábitos e a aquisição de novos, salutaras; a modificação do ambiente, criando-se, assim, a consciência sanitária nacional, sem a qual dificilmente se alcançarão resultados satisfatórios, simplesmente com leis e regulamentos.

A nossa longa experiência nesse assunto leva-nos à mesma conclusão do Dr. René Sand, secretário geral da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, quando diz: “A organização mais completa, a legislação mais admirável não serão mais do que uma fachada, se não se apoiarem sobre uma opinião pública esclarecida e consentidora”.



Do exposto, muito resumidamente se deduz a importância capital da educação higiênica escolar, como básica do povo, e a necessidade imperiosa de preparar convenientemente o professorado primário para dar eficiente desempenho a essa nobilíssima tarefa de patriotismo, de civismo e de legítima defesa nacional.

Ensinar o nosso povo a viver com saúde nos campos, arrancar-lhes do cérebro a miragem enganadora do urbanismo perversor da simplicidade e moralidade tradicionais da nossa gente rural, é certamente o mais valioso serviço que se pode prestar ao Brasil. Ele deve ser executado o quanto antes, a tempo ainda de salvar e fortalecer esses elementos de nutrição e de vida do país, profundamente degradados pela ignorância, pelo alcoolismo e pelas endemias.

Qual a solução prática desse problema vital da nacionalidade?

Essa elevada função de salvação da raça, de dignificação do trabalho, de engrandecimento da pátria, deve caber, principalmente, ao magistério das classes primárias, exercido, em geral, por moças e senhoras, as mais aptas, as mais apropriadas para dar proveitoso desempenho a essa tarefa sublime, desde que a ela se disponham com entusiasmo patriótico e com a cordura, a paciência e a tenacidade de que só é possuidora em alto grau a mulher.

A sua ação benfazeja se estenderá às famílias dos seus alunos, dependendo isso, tão somente, da confiança e da estima com que se imponham, pela conduta impecável, pelo interesse, paciência e energia bondosa com que dirigirem o seu álaure bando de futuros cidadãos brasileiros e de esposas e mães.

O magistério não deve ser exercido apenas como um meio de vida, ou um dever burocrático, e sim com a consciência de que, depois da responsabilidade dos pais, nenhuma é tão grave, pela influência na formação da mentalidade do indivíduo, quanto a do professor, sobretudo a do professor primário, que recebe, em primeira mão, um cérebro virgem e maleável, onde indelevelmente se gravam as imagens, os exemplos e os ensinamentos.

Inúmeras vezes a função do professor é incomparavelmente mais importante do que a dos pais do educando, por se tratar de pessoas rudes e ignorantes.

Tão elevada e de importância tão decisiva, na formação da mentalidade, é a função do professor primário, que entre os candidatos a esse magistério deveria ser feita rigorosa e severa seleção.

Não basta o diploma de normalista ou qualquer outro; além da competência técnica, são indispensáveis aptidões didáticas, e caráter e temperamento especial, para o bom desempenho de tão delicada função.

Do estado de saúde do aluno dependerá o seu aproveitamento na escola. Daí a necessidade, para o professor consciencioso, de conhecer as causas que perturbam ou prejudicam o estado normal do organismo, a fim de aconselhar acertadamente os meios de corrigir a perturbação e indicar a respectiva profilaxia.

Constitui preocupação dos pedagogos a instrução e a educação no sentido da formação do caráter nos princípios da moral e do civismo. Tornar-se-ão improfícuos os seus esforços quando se tratar de crianças doentes.

Não é possível instruir e educar convenientemente crianças anêmicas, desnutridas, com o cérebro irrigado por sangue pobre ou intoxicado.

O professor que tiver conhecimentos de biologia, de higiene, de puericultura e de maternologia prestará à sociedade serviços incomparavelmente mais valiosos do que um médico competente e caritativo, que se limita a tratar os seus clientes sem se preocupar com os meios de extinguir as doenças.

A escola de hoje, depois das maravilhosas conquistas da ciência, a partir, sobretudo, do meado do século passado, não se destina mais a simples alfabetização e ao ensino de rudimentos de aritmética.

A sua missão é, principalmente, educadora, no sentido mais elevado dessa função de ordem psíquica, moral e social.

À mulher está reservada essa missão sublime, através da escola primária.

Do que ela é capaz, da ação que deve desenvolver na sociedade, digo nos poucos períodos que passo a ler, extraídos da conferência a que já me referi. Ei-los:

A menina, moça amanhã, filha carinhosa, irmã afetiva, preceptora dedicada, enfermeira paciente; mulher ao depois – esposa amorável, mãe extremosa, consolo e amparo moral da família, símbolo da dedicação e do sacrifício, da resignação e do amor em todas as suas modalidades –, a mulher é a metade boa da humanidade, o seu órgão sentimental e afetivo, o coração do mundo, isto é, o amor, a bondade, a fé, o perdão, o desprendimento, a resignação, a tolerância, a paciência, a abnegação e o sacrifício.

Daí a sua força, a sua benéfica influência na evolução humana, pois nenhuma ação é mais criadora de que a bondade aliada à fé.

Para o bem da humanidade, é indispensável que a mulher conserve e apure essa força sem igual, não se deixando seduzir pela lábia dos homens que, presunçosos e arrogantes, alegando o predomínio da razão pura sobre o sentimento, subjugados pelo egoísmo, pela força bruta e alheados da fé, têm tentado, por todas as formas, destruir a sentimentalidade feminina e perverter a alma terna e afetiva da mulher, para transformá-la, de um lado, em simples objeto de adorno e de gozo, de luxo e de apetites perversos, em boneca enfeitada para deleite da vista e excitante da lascívia; e de outro lado, em máquina de filhos mal gerados, marcados desde o nascimento com taras degenerativas, para serem, mais tarde, parasitas sociais, ou escravos dos prepotentes, e servir de pasto nas lutas e guerras que se armam, em geral, por motivos inconfessáveis.

Ela deve reagir energeticamente, instruindo-se, educando-se e inteirando-se dos problemas sociais, para bem gestar, criar, educar e orientar os homens, no recesso do lar e na escola, pelo consórcio da razão e do sentimento, do cérebro e do coração, da ciência e da fé.

E o caminho seguro para essa sublime finalidade é o da proteção e assistência às mães e à infância, não só pelas instituições puerícolas e maternas, como pelo ensino de puericultura e higiene nas escolas e outros estabelecimentos de instrução e educação.

É indispensável que a moça, ao ligar o seu destino ao de um homem, pelo casamento, tenha nítida compreensão da responsabilidade que assume perante a sociedade, a pátria e a humanidade, de constituir uma família que contribua para o progresso da coletividade, para o aperfeiçoamento físico e psíquico da espécie; que tenha a preocupação primordial de gerar filhos eugênicos, que dignifiquem os progenitores e a raça; de bem criá-los, amamentando-os na primeira infância, assistindo-os na instrução e educação escolar, no ensino secundário e superior, ou em qualquer ramo de atividade a que se entregue, formando o seu caráter com o equilíbrio da razão e do sentimento, até entregá-los independentes à sociedade.

Haverá função mais elevada e dignificante do que essa? É por esse caminho de aperfeiçoamento do homem que a mulher dominará o mundo.

A missão da professora primária, bem compenetrada dos seus deveres, é de alcance social incalculável. Preparemo-la para isso e teremos dado o passo mais seguro para a evolução salutar do nosso Brasil. Essa a via da redenção e do progresso.

São de Pestalozzi as seguintes palavras: “Conhecer o que é o homem e do que ele necessita, o que o eleva e o deprime, o que o fortifica e o debilita, é um dever tanto para os dirigentes de povos, como para o habitante da mais humilde choupana”.

Nessas poucas e sábias palavras se consubstancia o nosso ideal orgânico e básico da saúde, pela instrução higiênica do povo, através do magistério primário e das Guardiãs da Saúde, nos lares proletários, nas fábricas e fazendas.

A biologia dá a conhecer o homem, as suas necessidades, estudando o organismo normal, a sua estrutura, o seu crescimento, os órgãos e respectivas funções; a instrução e a educação lapidam a inteligência e disciplinam o raciocínio; a higiene protege o organismo individual e coletivo, porque ensina a modificar ou a remover e eliminar de qualquer ambiente as causas que nos debilitam.

Esse o programa que julgo adequado às Escolas Normais, de onde sairão as Bandeirantes da Saúde, e a um departamento de educação sanitária, de onde sairão as Guardiãs da Saúde.

Deixo de entrar em detalhes, que serão expostos brevemente em livro, sobre as Bandeirantes e as Guardiãs da Saúde, estas para agir nos lares, como auxiliares daquelas nas escolas.

Se fizermos isso o quanto antes, os brasileiros de amanhã, higienicamente educados, verdadeiramente civilizados, portanto, bendirão essas criaturas sublimes, que, na sua modéstia de um trabalho diário de regeneração física e de lapidação psíquica da infância e da mocidade, terão prestado ao Brasil o mais valioso serviço, porque terão de fato consolidado a nacionalidade e dignificado a raça. Saneados o corpo e o espírito da população, ela poderá distinguir os bons e os maus, os capazes e os incapazes, e saberá escolher os seus dirigentes e impor-lhes um regime de ordem com plena liberdade de pensamento, de crítica e de fiscalização, que os não amedrontará, considerado antes como a melhor garantia da boa gestão dos negócios públicos e da conveniente solução dos problemas de interesse coletivo.

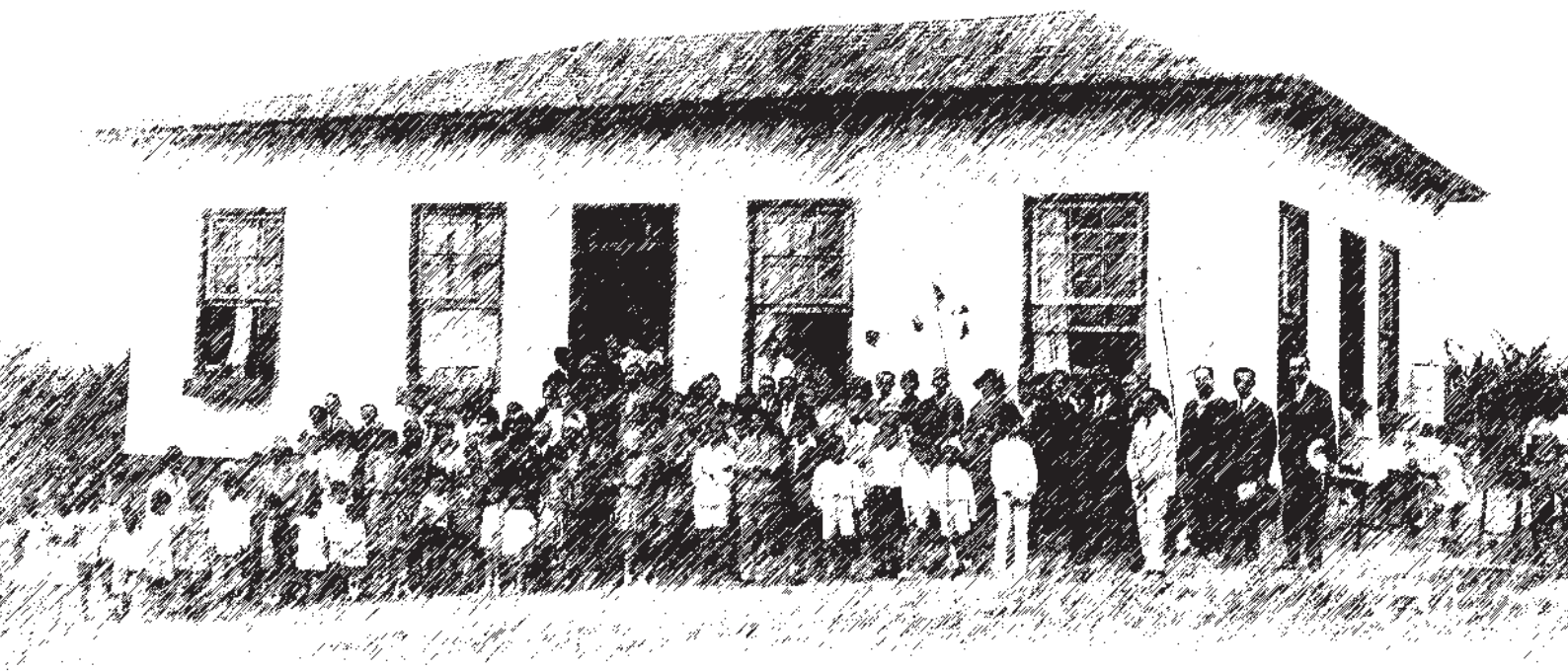
A professora primária, isto é, a Bandeirante da Saúde, e a sua colaboradora, a Guardiã da Saúde, serão as atalaias do povoamento útil do solo brasileiro, alicerçado numa infância sadia e numa mocidade vigorosa, alegre e triunfadora; da prosperidade real, revelada na grande e variada produção, no bem-estar de todas as classes, na sua educação e espírito de disciplina e moralidade; da grandeza efetiva do Brasil, não apenas pela extensão territorial e pelas riquezas naturais, mas pela capacidade dos seus povoadores, pela modalidade de sua política e pelo respeito e estima que há de inspirar aos outros povos.

Povo sadio e vigoroso e, naturalmente, produtivo e rico, ciente e progressista, patriota e moralizado, destemido e acatado.

O clarividente e culto espírito da benemérita D. Armanda Álvaro Alberto, fundadora da Escola Regional de Meriti, antecipou esse projeto e o está realizando com a força que lhe empresta a fé no nosso futuro, com a abnegação e o entusiasmo de uma alma idealista, que é o apanágio dos benfeitores da humanidade, condenados à indiferença da sua geração e à glorificação póstuma, quando somente se apreciam os ideais de aperfeiçoamento que, com o tempo, se vão corporificando em realizações práticas.

Eu, que sou também um sonhador acordado, e que tenho, por isso, sentido o peso da indiferença, da maldade e da conspiração do silêncio em torno dos meus ideais, sem que, contudo, se me afrouxe o ânimo, aqui estou para aplaudir sem reservas o idealismo sublime da jovem patrícia, rogando a Deus, com fervor, para que a sua iniciativa seja coroada de completo êxito e encontre imitadores em cada canto do nosso querido Brasil.





## HIGIENE E EDUCAÇÃO POPULAR

**Belisário Penna**

Não há mal que não traga algum bem. Vem-nos à mente este velho adágio, a propósito de benéficas iniciativas particulares em assuntos de higiene, de educação e de instrução popular.

Esses fundamentos de um povo digno e ciente da sua finalidade no concerto do mundo eram considerados como de exclusiva obrigação dos governos, que deles não cuidam ou, se o fazem, é de maneira imperfeita, errada, sem sinceridade, tão somente para enganar o povo e transformar os serviços em vastas burocracias, ninhos de afilhados e viveiros de parasitas, docílimos elementos da sua máquina eleitoral.

Ora, quem possui dignidade, valor próprio, consciência de deveres e desejo honesto de os cumprir, por elevado sentimento de patriotismo e de solidariedade humana, não se presta a essa degradação, ou terá de manter luta

viva e permanente, para ser vencido, afinal, pela força bruta dos comparsas da politicalha.

Várias tentativas honestas têm sido feitas no sentido de dar organização eficiente aos serviços fundamentais do ensino e da higiene, com a escolha de homens competentes, e inacessíveis à perniciosa influência da politicalha. Tais tentativas, entretanto, têm duração efêmera e, embora excelentes os resultados da experiência, a politicalha que é a grande calamidade do Brasil, incomparavelmente mais nefasta do que as doenças e vícios, que flagelam o país, desperta do cochilo e intervém desabridamente, deturpando e destruindo quanto de eficiente havia sido feito.

É que doenças, vícios e ignorância são maravilhosos adubos desta calamidade que só medra e viceja nos meios incultos e degradados.

É muito de indústria que a politicalha não só não combate, como estimula e auxilia o jogo, o alcoolismo e as endemias; que entretém a carestia da vida; que, finalmente, alimenta a ignorância, o mais valioso esteio desses flagelos.

Não lhe convém, absolutamente, o levantamento da energia física e do nível intelectual e moral do rebanho, que seria a cessação do seu pernicioso domínio. Só assim, o rebanho se conserva passivamente obediente e escravizável.

Expoliação do trabalho; predomínio de castas insaciáveis; escravização à vontade dos dominadores; lesão de direitos e da propriedade; proibição de pensar, de raciocinar, de tudo quanto constitui a razão de ser da existência e distingue o homem do irracional; a tudo isso se submete, passivamente, um rebanho de doentes ignorantes, o que não acontece aos povos cuja mentalidade, elevada pela saúde, pela educação e pela instrução, paira muito acima da mentalidade servil dos que vegetam atolados no pântano da ignorância, da doença e do vício.

O único recurso para os que ainda amam esta terra é abstraírem-se dessa entidade a que o hábito dá o nome de governo e agir fora da sua maléfica influência. É o que, felizmente, está acontecendo, razão porque dizemos que não há mal que não traga algum bem.

A dolorosa convicção de que se não deve esperar do governo realizações honestas, práticas e eficazes para solução dos vitais problemas da instrução e



da educação moral e higiênica do povo, está despertando a iniciativa particular, que, inteiramente fora do oficialismo, desenvolve um trabalho digno do estímulo e do auxílio de todos aqueles que desejam sinceramente concorrer para o progresso do Brasil e para arrancá-lo da pestilência em que se debate.

Foi-nos dado ultimamente o imenso prazer de verificar o ardor patriótico de espíritos esclarecidos na solução proveitosíssima do magno problema da educação popular.

A Escola Regional de Meriti, fundada há quatro anos pela jovem e exímia educadora D. Armanda Álvaro Alberto, e o Museu de Higiene Popular, inaugurado há poucos dias em Niterói, feito e organizado pelo provector clínico e higienista patricio Dr. François Norbert, são duas valiosas instituições de educação popular que revelam a eficiência da iniciativa particular, quando orientada por inteligências esclarecidas, almas idealistas e corações sensíveis, que se não limitam a sonhar e sentir, mas realizam, com patriótica abnegação, os ideais e gozam o prazer sem par da sua realização e dos benefícios que espalham, através de penosos trabalhos de luta incessante e diária, para convencer os próprios a serem beneficiados.

A Escola Regional de Meriti, cuja divisa “Saúde, Alegria, Trabalho, Solidariedade” indica os seus intuitos, é modelar na organização e nos métodos de educação moral e higiênica, com que mais se preocupam a benemérita fundadora e seus dedicados auxiliares, professores Francisco Venâncio Filho e Edgar Sússekind de Mendonça.

Ali se cuida de fato, com inteligência e carinho, da saúde das crianças; se acompanha cientificamente o seu desenvolvimento físico e intelectual; se ensinam e se praticam preceitos de higiene; se forma um ambiente de alegria; se realizam trabalhos manuais, domésticos, de jardinagem; e se implanta entre os discípulos o espírito de ordem, de asseio, de cooperação e solidariedade, dentro de uma disciplina ativa e consciente, alcançada sem castigos nem prêmios. O ensino é intuitivo, ministrado de acordo com a psicologia de cada aluno e com o aproveitamento das tendências que revela.

A influência da escola estende-se aos pais das crianças, com os quais se relacionam a diretora e as professoras, entre elas uma visitadora, estabelecendo uma convergência de esforços, para que no lar não se inutilize a orientação educativa da escola.

As mães visitam à vontade a escola, acompanham a educação dos filhos e, num dia da semana, em hora determinada, ali se reúnem para receber lições de higiene, de puericultura, de maternologia, de educação domiciliar, dentro das normas da biologia e da moral.

Ali se pratica o culto da natureza, se respeitam os seus mandamentos e se cultiva a arte da vida sã, da vida operosa, e a moralidade, seja na escola, no lar, ou mais tarde, na oficina e na sociedade.

A saúde e o trabalho, como fatores primordiais da alegria e da solidariedade, são as grandes preocupações do método educativo adotado na Escola Regional de Meriti, que possui uma biblioteca escolhida e aprimorada ao meio, com cerca de 700 volumes; um pequeno museu de história natural; uma exposição permanente de trabalhos dos escolares, cujo produto cabe ao autor do trabalho; e um aparelho de radiotelefonía, que põe aquela população a par do que se passa no país e no mundo.

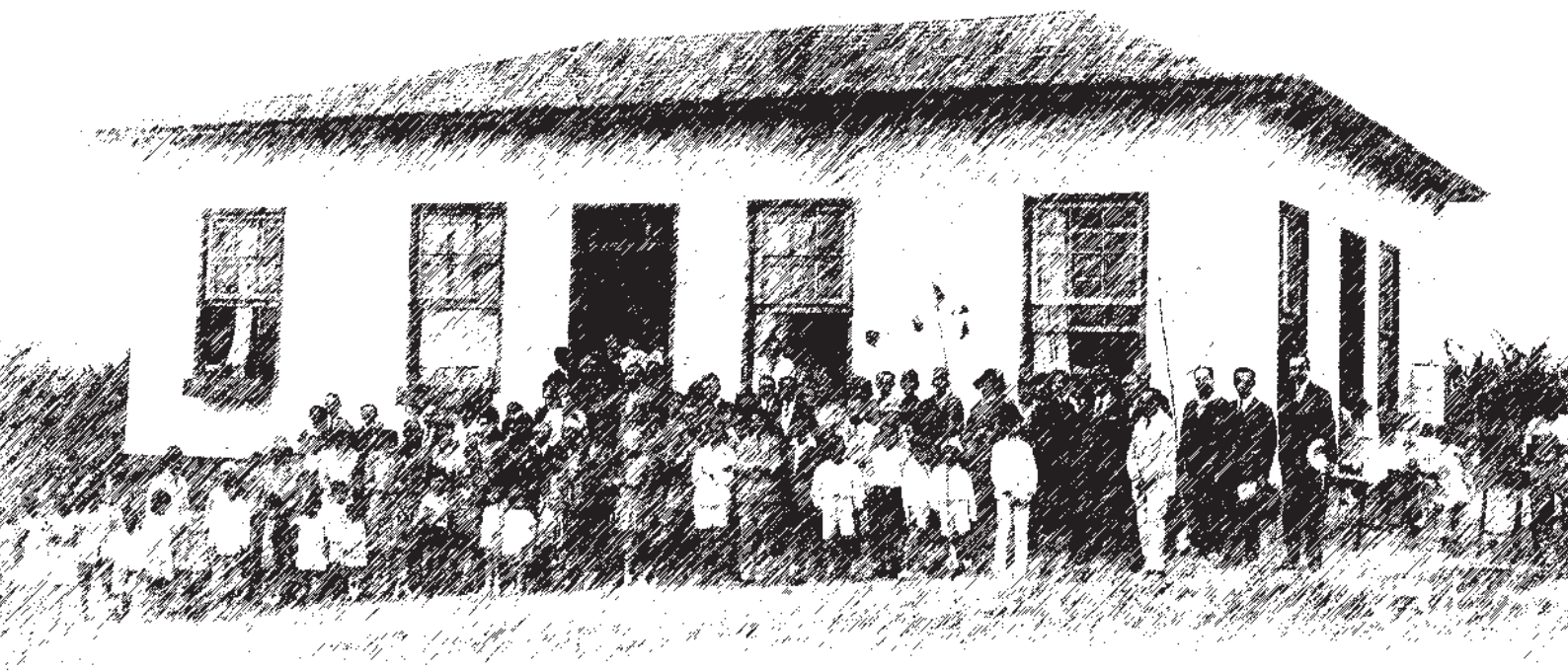
A escola, mantida pela generosidade não caritativa, mas consciente, de um grupo de pessoas compenetradas do seu elevado alcance patriótico, social e humanitário, distribui merendas aos alunos e socorre-os, quando necessário, com roupas, alimentos e assistência médica.

A sua benéfica influência já se faz sentir naquele núcleo de população operária, onde a ação dos poderes públicos é nula ou quase nula.

É, repito, uma brilhante iniciativa particular, que põe em realce a competência, a capacidade criadora e de trabalho, a abnegação patriótica e o coração magnânimo da exímia educadora – D. Armanda Álvaro Alberto. Tornar conhecida, enaltecer e auxiliar a sua obra benemérita é estrito dever de todo aquele em cujo espírito se refletir a imagem de uma pátria digna, em cujo peito pulsa um coração verdadeiramente brasileiro.

Oxalá ela encontre imitadores, e de cada centro rural do país surja uma instituição modelada pela Escola Regional de Meriti. Então, ninguém mais poderá pôr em dúvida o auspicioso futuro do Brasil.

Em outro artigo, ocupar-nos-emos do Museu de Higiene Popular, outra obra benemérita de educação, que faz honra à iniciativa particular.



## INICIATIVA PARTICULAR E HIGIENE PÚBLICA\*

**Savino Gasparini**

Foi com agradável surpresa que, em certo dia cheio de sol do mês de novembro de 1925, pela primeira vez, num dos pitorescos e afastados subúrbios da Leopoldina, visitamos a Escola Regional de Meriti.

A casa tosca, mas de aspecto atraente, pelo cuidado especial com que haviam sido embelezadas portas e janelas, sobressaía dentre as demais pobres choupanas que servem de precário abrigo transitório aos míseros habitantes das nossas férteis zonas rurais.

.....

\* Trabalho publicado em *Saneamento*, órgão do Serviço de Saneamento Rural, v. I, n. 2, dezembro de 1926.

Entramos na sala, modesta e simples, levados pela diretora e pelos professores da escola.

Impressionaram-nos logo duas coisas significativas: primeiro, a fotografia de Madame Montessori – a notável professora italiana, criadora da benemérita obra revolucionária da pedagogia moderna, concretizada na instalação das “Case dei Bambini”; em segundo lugar, o lema escrito nas paredes: “Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade”.

Ninguém poderia pensar que o interior daquela casa abrigasse tão magnífico tesouro. Explicou-nos D. Armanda Álvaro Alberto, a fundadora e diretora da escola, que naquelas palavras estava todo o programa da escola. Continuamos a visita. Na sala contígua, encontramos uma magnífica biblioteca, enriquecida com selecionados volumes da nossa literatura, cuidadosamente separados, em seções, onde se encontram as mais preciosas joias da cultura intelectual brasileira. A biblioteca tem o nome de “Euclides da Cunha”, seu patrono. Ao lado da biblioteca, um museu de história natural, com belas coleções mineralógicas, mapas, etc., para o ensino prático objetivo.

Entre admirados e surpresos, passamos à sala de jantar da escola, onde uma mesa de chá nos esperava, servida pelas alunas, que tudo haviam disposto com rara habilidade.

Cada aluna encarregada de um dos serviços domésticos trabalhava com a naturalidade de uma pequena dona de casa.

Tivemos a impressão de que não se tratava de uma escola, porém, de um lar, onde a divisão do trabalho caseiro era feita pelos diferentes membros de uma só família, feliz e trabalhadora e sadia. Após o chá, saímos. A localidade apresentava aspecto festivo, Por todos os recantos viam-se cartazes, convidando o público para uma conferência de educação higiênica, promovida pela Escola Regional de Meriti. A conferência era no cinema da localidade. Uma multidão esperava o grupo que vinha da escola. Eram mulheres, homens, crianças, numa alegria imensa, abrindo alas à passagem dos professores e convidados da cidade. Era de enternecer o coração o carinho com que as mulheres e as crianças cercavam a diretora e as professoras. Umas tinham um sorriso; outras, um amável olhar; outras, palavras de gratidão; outras, ainda, uma flor singela; outras, afinal, um

abraço, fraternal. E a todas D. Armandinha acariciava como se fora uma irmã mais velha, muito bondosa, que velasse por todas aquelas pobres famílias beneficiadas pela escola.

Depois da conferência, foi-nos possível verificar o quanto a Escola de Meriti estava integrada no conceito do público e quanto era querida sua esforçada diretora e os seus companheiros de cruzada. De volta, na calma de um poente luminoso, fui colhendo informações sobre a obra grandiosa, de construção social e moral, da nossa nacionalidade, iniciada quase anonimamente por um pugilo de idealistas, animados pelo calor da alma boa, generosa e ardente da fundadora da Escola Regional de Meriti, que, incontestavelmente, poderá ser o modelo de iniciativas idênticas, em todo o nosso país, realizando dentro da pátria brasileira a reforma que Montessori conseguiu na Itália, com uma diferença, porém: aquela teve para materializar um plano de ação social o amparo do Estado; esta procura fazer, modestamente, trabalho semelhante só contando com o esforço particular.

## Quem e quando foi fundada a escola

A fundadora foi a senhorita Armanda Álvaro Alberto, em fevereiro de 1921.

Professora culta, de uma mobilidade prodigiosa, espírito criador por excelência, é uma dessas criaturas que impressionam à primeira vista, pelo brilho de uma rara inteligência; pela bondade transbordante que toda se revela, num constante sorriso de meiguice acolhedor; pela vontade férrea e inabalável; pela confiança absoluta na consecução de suas ideias; pela superior visão prática americana, se assim podemos dizer, de sua atividade realizadora; pela independência intelectual, muito rara ainda no sexo feminino; pelo espírito de tolerância harmonizador e, acima de tudo, por iluminá-la, como um fecundo sol criador de miragens luminosas, um “grande e belo ideal”, de construção moral e intelectual da nossa sociedade humilde dos campos, onde residem, incontestavelmente, as energias latentes, porém adormecidas, de uma pátria destinada a imorredouros destinos.

## O que faz a escola

A Escola Regional de Meriti dá aos seus alunos instrução, educação, ensino profissional, roupa, alimentação, higiene; presta assistência médica e tratamento. Prolonga a ação educativa higiênica da escola ao lar, por meio de dois traços de união: a professora visitadora e a “ação do Círculo de Mães”. A visitadora organiza fichas onde constam os dados sobre o ambiente material e moral da família. As falhas encontradas são corrigidas pela diretora, que dá aulas semanais às mães que fazem parte do Círculo. Este é o ponto de contato da escola com o lar.

A fim de verificar o quanto influi na ação educativa do Círculo de Mães da Escola Regional de Meriti, basta ler os deveres das que fazem parte dele.

## Deveres

- 1) Frequentar com assiduidade as aulas do curso para mães.
- 2) Cumprir fielmente, em casa, os preceitos de higiene, educação familiar, ensinados naquelas aulas, compatíveis com as condições de cada família.
- 3) Não retirar os filhos da escola antes que concluam o curso, salvo por motivo julgado justo pelo Círculo de Mães.
- 4) Não criticar desfavoravelmente, diante dos filhos, os atos da escola; fazê-lo, francamente, à diretora da escola.
- 5) Assistir frequentemente às aulas dadas a seus filhos e manifestar suas impressões à diretora da escola.
- 6) Ser solidária com a sua presença nas festas, conferências e outras reuniões promovidas pela escola.
- 7) Agir, em relação a sua presença, a todo aluno da escola que encontre na rua, como se tratasse de seu próprio filho e comunicar à diretora as irregularidades de conduta que acaso observe em meninos confiados a sua orientação.

“Cooperai com as professoras”!

Ajudai a manter bem alto o prestígio da escola de vossos filhos!

## A escola e o povo

Além disso, há o traço de união diretamente com o público por meio das “Conferências Populares”, em que, embora com menos eficácia, mas sempre com algum proveito, “a ação civilizadora” da escola se projeta na vida social da localidade. Assim, em 1925, foi organizada a primeira série de conferências populares, em número de sete, realizadas com projeções luminosas, sobre “Educação Sanitária do Povo” – verminoses, impaludismo, sífilis, alcoolismo e tuberculose. Essa série: de conferências, levadas a efeito em sua quase totalidade pelo “Apóstolo do Saneamento” – Belisário Penna –, que desde o início emprestou todo o seu apoio à campanha salvadora da escola, foi o traço de união mais forte entre a novel instituição e a população de Meriti.

## Como se mantém a escola

A escola é mantida por uma fundação denominada “Fundação Dr. Álvaro Alberto”, em homenagem a seu patrono, com 220 sócios, concorrendo cada um, mensalmente, com uma importância módica, que perfaz, atualmente, 1:200\$ 000.

Além disso, há contribuição espontânea de casas comerciais, em gêneros, calçados, fazendas, utensílios, etc. Os sócios da fundação são contribuintes, benfeitores, beneméritos, fornecedores, etc.

## Trabalhos manuais

A escola mantém cursos especiais de trabalhos manuais femininos e masculinos. Os trabalhos realizados pelos alunos são expostos e depois vendidos. O produto da venda reverte em benefício dos alunos.

Realiza a escola o duplo desideratum: dá ao aluno uma profissão e permite prolongar mais algum tempo a sua vida na escola, ganhando. A escola fomenta o desenvolvimento de indústrias regionais. Em 1925, foram expostos, em 10 dias, 232 trabalhos, sendo 135 dos alunos, 29 dos moradores e 68 de auxiliares.

## A educação estética do povo

Não para aí a ação benfazeja da instituição. Ela vai além. Na sua ação direta no lar, não cuida somente de modificar, como vimos, a vida do ambiente material e moral, higienizando a casa e educando principalmente a mulher; desperta-lhe, também, o gosto pelas coisas de arte.

Para isso foi organizado um original concurso de “Janelas Floridas”. É um encanto para a vista o aspecto que vão tomando as modestas casas pobres dos moradores, cujas portas e janelas se enfeitam de flores dispostas com esmero. Cinco moradores, em 1925, foram classificados em 1º lugar, sendo distribuídos 41 prêmios, oferecidos por sócios aos professores da escola.

## O útil ao agradável

Não ficou, porém, somente nisto a organização dos concursos entre os moradores, despertando-lhes o gosto estético, pelo embelezamento das casas, e melhorando-lhes a saúde, pela transformação higiênica do interior; promoveu, em 1926, outro concurso anual, “o de criação de galinhas”, tendo sido oferecido prêmios para os melhores criadores.

## Frequência da escola

Estão matriculados na escola 74 alunos.

Não estabelecendo a escola castigos, os alunos que em absoluto se não podem adaptar são delicadamente afastados. Todos os alunos matriculados frequentam a escola.



## Ação da escola sobre a saúde dos alunos

Nos alunos da escola, graças à comunhão de vistas do “professor e do médico” em ação conjunta, zelando não só pela sua instrução e educação, mas, principalmente, pela sua saúde, não se verificou, nestes últimos dois anos, um só caso de paludismo, embora vivendo em zona palustre.

A epidemia da varíola não atingiu a um só dos alunos, que foram todos vacinados e revacinados. O tratamento dos opilados foi feito pelo nosso distinto colega Dr. Rodrigues, do Posto da Penha.

## A nossa casa

Integrada a escola na gratidão do povo de Meriti, foi com relativa facilidade que, lançada a ideia da criação de casa própria, denominada “Nossa Casa”, todos os moradores facilitaram a empresa.

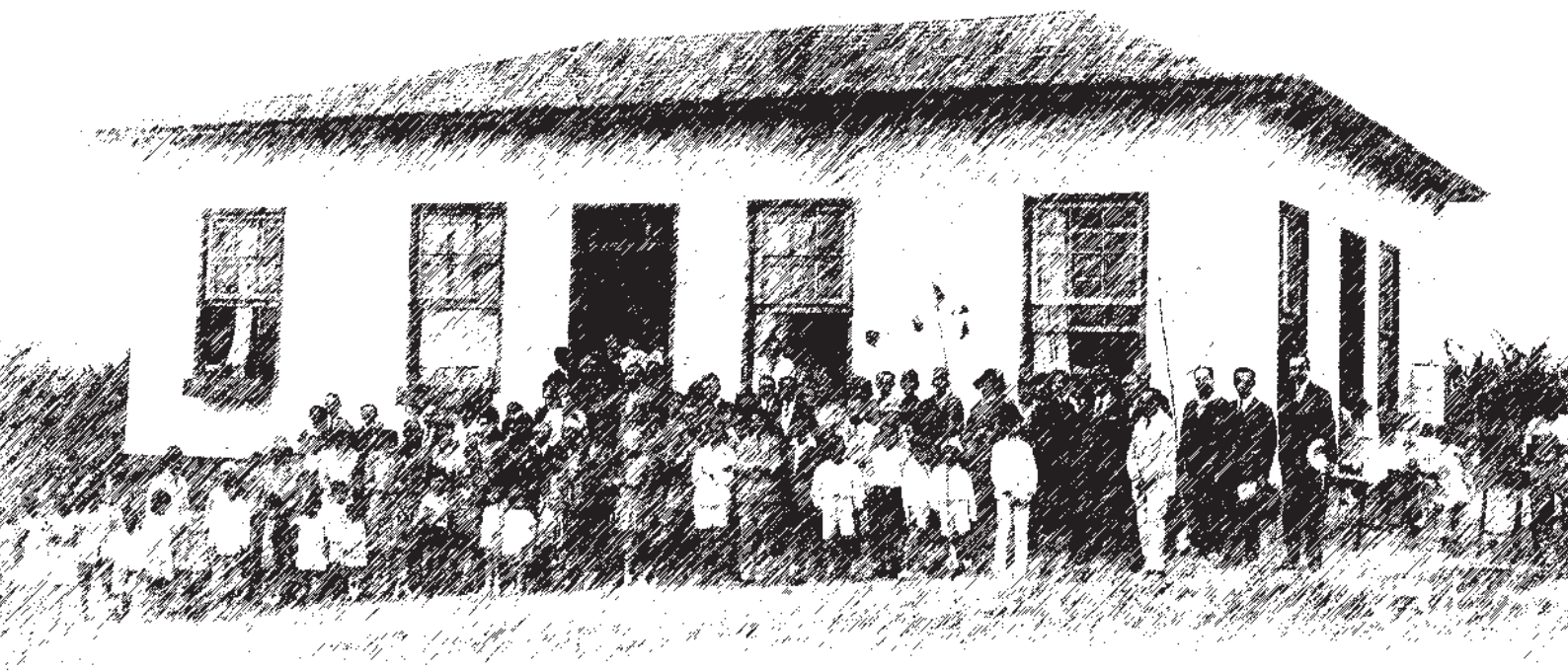
Ela já está em construção e pode ser denominada justamente de “lar-escola”, pela sua organização acima descrita. A multiforme atividade da sua diretora e auxiliares, entre os quais destacamos, pela abnegada dedicação, entusiasmo, iniciativa, capacidade de trabalho, inteligência lúcida e brilhante, além do Dr. Venâncio, o professor da escola e seu atual secretário Dr. Edgard Sussekind de Mendonça, a quem nos prende uma simpatia sincera, nascida espontaneamente, desde o primeiro encontro, permitiu que se concretizasse o grande sonho de sua alma ardente e idealista, erigindo, no silêncio da vida simples de Meriti, uma obra grandiosa, de aperfeiçoamento moral, intelectual, da nossa gente esquecida do interior.

Oxalá seja o exemplo contagioso! O modelo do lar-escola existe, e suas vantagens sociais aí estão claras e evidentes.

Possa a pálida ideia que procuramos dar da sua organização despertar, em todos os recantos abandonados do nosso maravilhoso país, uma escola como esta.

Seria a mais prática tentativa de redenção de nosso povo, chumbado criminosamente à importância pela doença e pela ignorância.





## NOTÁVEL ENSAIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO RENOVADA\*

**Lourenço Filho**

Antes de passarmos às conclusões dos diferentes sistemas de ensaio e experimentação do estrangeiro, temos sincera satisfação em assinalar aqui um notável ensaio brasileiro, o da Escola Regional de Meriti, nas proximidades do Rio de Janeiro. Essa escola nos parece a precursora da escola renovada no Brasil, pela admirável intenção socializadora que a tem animado, pela forma do ensino, baseada no trabalho em comunidade e no interesse natural da criança, e pela compreensão da cooperação da família na obra da escola. Visitamo-la, em 1926, e podemos afirmá-lo com conhecimento de causa.

.....

\* In: LOURENÇO FILHO. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Cia. de Melhoramentos, 1930.

Sua criadora e diretora é a Sra. Armanda Álvaro Alberto de Mendonça, que iniciou primeiramente a experimentação em Angra dos Reis, transferindo-a, logo depois, para Meriti, onde funciona há cerca de oito anos. Inspirada, a princípio, em Montessori, Armanda Alberto organizou, em breve, um sistema próprio, visando não só à educação das crianças, mas, à dos pais dos alunos, problema muito particular às nossas populações rurais, que não lhe escapou ao espírito arguto. A escola organiza, assim, campanhas de higiene, concursos de trabalhos e de arte, entre os moradores da vila, e abre sua biblioteca à população. Foi a primeira escola a fundar, no Brasil, um “Círculo de Mães”, não só para maior coordenação do trabalho da escola com o da família, mas também para disseminação dos conhecimentos de higiene e educação doméstica. O curso da Escola de Meriti compreende quatro anos, com um ano de aperfeiçoamento em desenho, trabalhos manuais, economia doméstica, jardinagem e criação. Não há um programa rígido, mas flexível, atendendo ao ensino de oportunidade. Os processos ativos são largamente empregados. O horário tem por base “não interromper nunca uma atividade interessante”. O ensino é globalizado. As excursões frequentes. Vale a pena transcrever aqui as conclusões da comunicação que, a respeito de sua escola, fez em 1927, na Conferência Nacional de Educação reunida em Curitiba, a Sra. Armanda Álvaro Alberto:

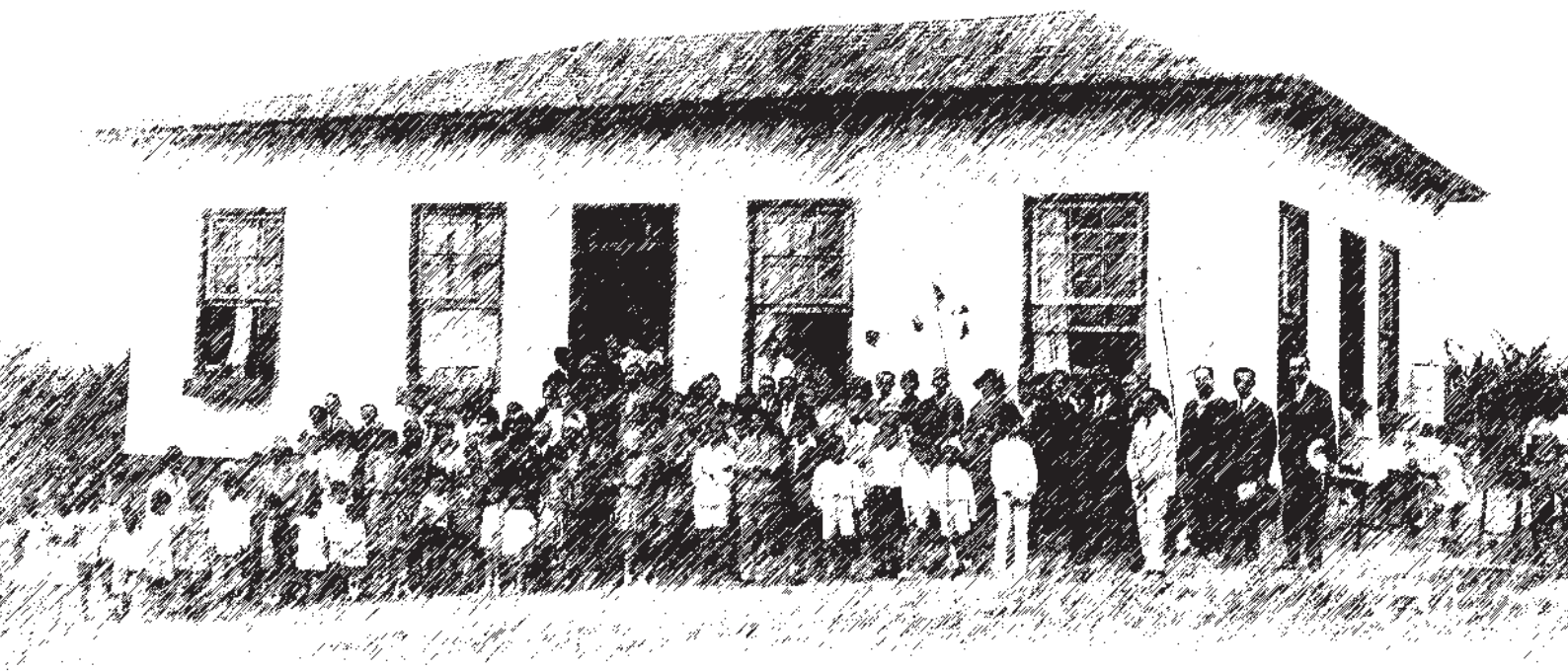
1) Os métodos de educação, venham eles da Suíça, dos Estados Unidos, da Itália, desde que se baseiem na liberdade, que consente a plena expansão da individualidade, e no trabalho, que leva a criança a observar, a experimentar, a descobrir por si, são os únicos dignos de serem adotados hoje em dia. Em nosso meio, poucos são os professores capazes de os empregar com segurança; faz-se necessário, portanto, antes de tudo, preparar os mestres para ela.

2) A escola primária tem que ser regional, o que não a impede de ser brasileira. Tanto melhor reagirá sobre seu meio quanto mais adaptada estiver. Na roça, é o único centro, muitas vezes, de vida intelectual; deve sentir as necessidades de progresso de sua região e tomar a si as iniciativas em benefício da comunidade a que pertencem seus alunos.

3) A cooperação da família na obra da escola é indispensável. Em cada escola deve existir um “Círculo de Mães” que as prepare convenientemente.

4) Sem a iniciativa particular, o Brasil não resolverá tão cedo o problema da educação de seu povo, simplesmente porque faltam à União e aos Estados os recursos financeiros suficientes. A Escola Regional de Meriti tem por máxima aspiração ser reproduzida em todo o país. Que os fazendeiros, os industriais, os capitalistas fundem escolas para os filhos de seus colonos, sitiantes, operários, empregados! Peçam aos poderes públicos ou aos centros de educação, como a Associação Brasileira de Educação, os programas, mesmo as professoras, mediante entendimento com o Governo. E àqueles que só dispõem de boa vontade, fundem associações como a nossa – que o se ocupar da criança, ainda, é a mais humana das funções de nossa espécie.





## **A ESCOLA REGIONAL: ASPECTOS URBANO, RURAL, MARÍTIMO E FLUVIAL**

**C. A. Barbosa de Oliveira**

“A Escola Regional é uma aspiração consagrada, pelo caloroso aplauso da pedagogia moderna!”

O ensino, inspirado no ambiente de trabalho onde vivem a criança e o adolescente, é uma conquista pacífica da organização educativa contemporânea.

Pensam muitos, pelo combate ao velho método da autoridade e pelo prestígio da atividade investigadora do aluno, ter resolvido o grande problema, o máximo problema de nossos dias.

E, nesse pensamento, esquecendo-se, geralmente, do apoio imprescindível de uma filosofia universal da vida, estabelecem prescrições severas, taxativas, para a remodelação escolar desejada.

Mal formulada a questão, mal compreendidos os seus termos, mal provida para a realização de seu programa de pessoal docente, não tem entre nós a escola regional bem correspondido aos seus altíssimos objetivos.

O Estado só conhece no Brasil um meio de acudir às crises, mais ou menos fortes, desta abençoada terra: tem mostrado dispor, apenas, de um recurso para debelar essas crises de crescimento, tão frequentes nos países novos, onde o povo vibra na consciência, ainda em formação, dos seus direitos e de seus deveres.

Esquecem os poderes públicos a sábia interrogação, que diante dos olhos deviam sempre trazer: "*Quid leges sine moribus.*" E, nesse esquecimento, atribuem às leis uma virtude maravilhosa, infelizmente fracassada!

De que valem as leis, que montam instituições, estipulam regulamentações, descendo mesmo a todos os pormenores, se lhes não corresponde a moral dos costumes?

De que servem as perfeições decretadas se, exatamente por isso, já são postas em dúvida?

O espírito humano só bem pratica o que nasce de suas intimas convicções; apenas realiza o que lhe dominou, por força superior, a razão e o sentimento.

Na ausência dessa força, o "império da lei" não passa de uma hipérbole, e o sociólogo avisado, conhecedor das tendências inatas da contradição, busca nos costumes, gradualmente educados, o fundamento único, pela eficiência, da legislação a criar! Condena, sumariamente, as reformas radicais, pretendendo destruir, de um para outro dia, o que, defeituosamente embora, representa um trabalho de anos. Não levam ao insucesso medidas acertadas pela precipitação em executá-las; não provoca, contrariando, bruscamente, hábitos inveterados, uma oposição justificável, talvez, à ideia orientadora de um plano educativo bem traçado.

Poderão perguntar qual o motivo dessas ponderações antes do tema de que cumpre me ocupar.

Responderei, calculadamente, pela sua importância preliminar na escola regional, estabelecimento de educação adaptada ao meio onde vivem os seus alunos, com o interesse despertado pelos fatos concretos diariamente observados e de explicação por eles inicialmente desconhecida.



Estimulada, assim, a curiosidade de saber, provocada pela experimentação como trabalho individual, a iniciativa, e encorajada pelo resultado alcançado, a confiança no esforço próprio, cria esse regime escolar um meio físico, intelectual e moral, onde nada se impõe e tudo se dispõe para educar no trabalho, fortalecendo o corpo e formando o caráter de cada aluno como uma individualidade digna de todo o respeito.

Nessas escolas não se moldam as crianças em um determinado tipo; a educação é feita aproveitando para o bem as propensões reveladas, de forma a preparar a consciência dos deveres e a cultivar as faculdades pessoais, para em labor produtivo todas cooperarem na obtenção do progresso da sociedade em que irão viver.

Não há, portanto, um método taxativamente prescrito, e a grande obra a realizar depende, primordialmente, do mestre que a executa.

No magistério, convenientemente instituído e altamente prestigiado, permiti a insistência, altamente prestigiado, está uma boa parte do precioso fruto a colher.

No ambiente onde for instituída a escola, encontra-se outra parte, igualmente boa para o almejado êxito, desde que o educador saiba apropriar e, gradativamente, melhorar tal ambiente, para a finalidade elevadíssima confiada à sua competência e indiscutida dedicação.

Uma página escrita por mão afeita à vida infantil e ditada pelo sentimento nobre de um patriotismo raro ilustra superiormente o espírito que tem de presidir tais instituições, provando como na natureza riquíssima e no trabalho multiforme encontramos as melhores sugestões para imprimir ao ensino acentuado cunho educativo:

Tendo observado de perto, em convivência longa, vários grupos de população do centro e do nordeste do país, sempre interessada pelos problemas de educação no Brasil, aproveitei, durante uma estada de muitos meses numa praia de Angra dos Reis, em 1919, a primeira oportunidade que se me oferecia para ensaiar uma escola. Apareceram prontamente cerca de 50 crianças para as quais não existia escola pública ou particular por toda a redondeza. Não tendo coragem para rejeitar nenhum desses alunos, que iam dos 3 aos 16 anos, organizei as turmas, com a homogeneidade possível em tais circunstâncias, e pus-me a praticar o que estudara nos livros da Montessori. Era pouco, por causa dos alunos mais velhos.

Enfim, experiências, tropeços, não é mister recordá-los aqui, bastando acentuar que lidava com crianças, adolescentes mesmo, que não sabiam sequer dar nome às cores, salvo a dos frutos, verdes e maduros, que ignoravam sua condição de brasileiros; que dos engenhos da civilização moderna, apenas conheciam os vapores costeiros e os navios de guerra de vez em quando ancorados na baía.

Os desenhos espontâneos que ainda conservo são documentos fiéis daquela mentalidade. Para a compreensão de tanto atraso, é preciso lembrar que o impaludismo, a opilação e o alcoolismo degradam a população da Ponta da Cidade, tal qual a de Meriti. Além da pesca, ocupação de todos os homens, existia uma indústria: a de aguardente; a lavoura única: a da cana e a da bananeira em escala reduzida.

Aquela escola ao ar livre, à sombra dos bambus, cujo mobiliário constava de uma mesa, uma cadeira e esteiras pelo chão, onde as manhãs eram consagradas à distribuição de remédios e de muito material escolar improvisado ali mesmo, do que pudesse ser aproveitado, se foi a escola que iniciou alguns patriciozinhos nas coisas primordiais da vida, foi também a nossa própria escola, a que preparou essa outra, a de Meriti, fundada menos de um ano depois.

Eram propósitos, ao fundar-se a então Escola Proletária de Meriti, continuar o que fora interrompido em Angra: um ensaio de escola moderna, regional, criada e mantida por iniciativa particular.

Não tendo sob os olhos nenhum modelo a seguir, foi inaugurada a 13 de fevereiro de 1921, sem um só programa escrito; tomou, desde o começo, a feição de um lar-escola, embora externato, com número limitado de alunos, a quem não se dão notas, prêmios ou castigos.

A orientação geral se apresentava resumida em quatro cartazes com os dizeres: Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade.

Juntamente com a escola, se inaugurava a Biblioteca Euclides da Cunha, repartida em três seções: para alunos, professores e moradores de Meriti.

Um museu escolar foi-se logo organizando, em parte, com as contribuições trazidas pelos próprios alunos, da natureza local.

Muito naturalmente, as funções domésticas, mais as de auxiliar da Biblioteca, e do Museu, e outras que a vida do estabelecimento ia exigindo, foram sendo exercidas pelas crianças. Nunca tivemos um servente ou outro empregado para tais misteres.

Dadas as condições em que vivem nossos alunos, cedo compreendemos que a sua escola não devia ter férias completas. Assim, a assistência médica e as aulas de trabalhos manuais não se interrompem nesse período. “Afeiçoada pelo seu próprio meio é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele” – está dito no primeiro relatório da diretora. Se a feição de escola-casa de família, baseada na liberdade, no trabalho individual, nos hábitos de saúde, na alegria com que se desempenham as funções domésticas; se essa face evidenciou-se desde os primeiros dias, a outra, de ação na vida

local, direta, esta foi surgindo a partir do terceiro ano de existência da escola, com o primeiro concurso das “janelas floridas”, em 1923. São notórios a indolência, o descaso por tudo que não seja o estritamente necessário ao seu viver de incultos, sem uma parcela de intuição na arte de aformosear a vida, entre os nossos roceiros. Combater a fealdade e o desconforto de Meriti, dar-lhe a alegria das flores e a sombra das árvores, tais são os fins visados pela iniciativa da escola. A princípio, só os alunos floriram suas janelas, depois a população foi concorrendo também.

Esse quadro encantador, tão vivo no seu colorido, tão fiel na realidade – que lastimavelmente reproduz –, tão rico na generosidade revelada pela alma brasileira, foi traçado por um dos mais brilhantes elementos do nosso professorado, do “nosso” – digo bem –, considerando que a ABE tem, desde a sua fundação, nela encontrado um dos mais poderosos esteios da imensa obra idealizada por Heitor Lyra.

Esta página cheia de ensinamentos para todos nós, pelo precioso empreendimento realizado por uma pessoa de boa vontade – no significado evangélico da boa vontade –, é de D. Armanda Álvaro Alberto, a ilustre diretora da Escola Regional de Meriti, a quem a nossa associação deve serviços inestimáveis pelo entusiasmo comunicativo, pela colaboração valiosa e pela verdadeira devoção com que se consagra à causa do ensino.

No momento em que o mundo proclama métodos de organização de trabalho, como fator essencial da prosperidade econômica; na hora em que a educação moderna se institui, dando a esse trabalho, desde os primeiros passos do aluno, uma diretriz segura para a “racionalização” unanimemente prescrita em todos os ramos da atividade humana, a escola regional, sobretudo em países como o nosso, de vasta extensão territorial e enorme diversidade de costumes, assume uma relevância difícil de exagerar.

O êxodo dos campos, o abandono de certas indústrias locais, o insucesso dos que tiram do mar e dos rios o seu sustento e das suas famílias, o êxodo, o abandono e o insucesso tantas vezes combatido como causas de nocivo urbanismo promanam todos de um erro grave do nosso pobre aparelhamento educativo, onde raras são as escolas regionais, com o seu caráter essencialmente marcado, pela sua adaptação ao meio em que devem viver e sobre o qual devem, eficientemente, atuar!

O exemplo de Meriti, de iniciativa particular, fala aos poderes públicos com a incomparável autoridade de uma excelente lição.

Urge exaltar a importância social dessas escolas e, com esse objetivo, a ABE adotou como “tema geral” da “Quarta Semana de Educação”: a escola regional, particularmente no seu aspecto mais relevante, o da educação agrícola, e os meios de desenvolver essa educação e de, assim, aumentar a riqueza nacional.

A agricultura oferece em nossa terra, sem possível contestação, recursos excelentes para uma iniciação escolar, desde que esta obedeça às sábias prescrições do método ativo e do real interesse do aluno, despertado pela zona em que se desenvolve a sua vida. O trabalhador rural precisa aí encontrar as vantagens do seu semelhante, o operário das cidades.

Convém não esquecer, para tanto, a necessidade de mais escolas e, preliminarmente, o caráter da educação que lhes devem ministrar. Não visam esses estabelecimentos ensinar somente ao aluno a melhor plantar o milho ou bem engordar um porco: pretendem, valendo-se da parte material comum a certas zonas rurais, ensinar, sobretudo, a viver como gente, pelo aproveitamento mais completo de seu esforço, pelo conforto, então, acessível aos seus maiores recursos. Deixando o carro de boi com a marcha lenta dos passados séculos, procuram, servindo-se das boas estradas e do aperfeiçoamento dos meios de transporte, assegurar uma aproximação dos centros comerciais onde os agricultores colocam, diretamente, o produto de sua lavoura e onde encontram as diversões que completam as exigências de sua vida de civilizado.

O problema da pesca, no rio ou no mar, oferece outro aspecto interessantíssimo da escola regional. Este carece de integral organização, pois, o que existe feito, praticamente, pouco vale, e as possibilidades do Brasil são enormes e merecedoras da maior atenção das autoridades públicas.

Recordando que importamos em 1927, 1928 e 1929, respectivamente, em números redondos, 74.310, 92.150 e 87.800 contos de réis de peixes, ou um valor médio de 84.840 contos de réis para 40.851 toneladas, mostramos o papel que essa iniciativa poderia ter, permitindo pela nossa extensão de costas e pelos nossos rios, desenvolvendo as escolas regionais, despertando, com aparelhamento adequado, ideia comercial de tão grande valia.

A Companhia Brasileira de Produtos do Mar está pleiteando junto ao Governo Provisório uma proposta mediante isenção de impostos de importação, por 30 anos, para barcos, mecanismos, sobressalentes, combustíveis e lubrificantes, cessão de terrenos pertencentes à União e direito de desapropriar as áreas necessárias às instalações de usinas, frigoríficos, carreiras com oficinas, bairro-jardim com casas para pessoal e escolas.

Pretende essa Companhia estabelecer, imediatamente, oito “núcleos” nos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Distrito Federal. A produção será de 36.000 toneladas de peixe fresco, 36.000 toneladas de adubos e farinhas de peixe, 11.000 toneladas de óleo e 11.000 toneladas de conservas, obtidas essas 94.000 toneladas com 53 navios, sendo 21 barcos de pesca de arrasto (*trawlers*), 6 barcos-usinas (estacionários), 21 barcos especiais para pesca de lagosta, camarão, tainha, etc., e 5 barcos para pesca de sardinha.

O interessante, no caso de que me ocupo, dessa proposta, reside na construção, em todos os oito núcleos, de um grupo de escolas, constituído por uma escola maternal com creche, uma primária e uma elementar de pesca.

Poderemos ter, assim, em sete estados, além do Distrito Federal, magníficas escolas regionais, completado o problema educativo local por uma escola profissional de pesca, convenientemente aparelhada.

Outras indústrias podem, igualmente, inspirar a criação de escolas regionais, dentro ou fora do perímetro urbano. A agricultura, entretanto, tem para esse fim prerrogativas particulares, oriundas das pequenas exigências para a finalidade educativa desejada.

As colônias escolares de Neukoller, subúrbio de Berlim, e mais tarde a escola-jardim, ambas organizadas por Augusto Heyn, são exemplos de grande eloquência. Terras do governo foram, assim, aproveitadas para, educando os alunos, abastecer, principalmente de hortaliças, uma grande capital como Berlim. O terreno foi dividido em parcelas individuais, de 80 a 100 metros quadrados, e parcelas coletivas para grupos de quatro alunos, geralmente de 10 a 14 anos. Essas parcelas coletivas têm o objetivo de criar o espírito de comunidade, enquanto aquelas, individuais, mantêm o caráter próprio do seu pequeno e temporário detentor.

A escola de Wilmersdorf, também subúrbio de Berlim, é de grande valor no tema em apreço, por exemplificar uma completa comunidade educativa, onde os produtos das parcelas de terrenos são vendidos aos alunos pela metade do preço do mercado. Dessa forma, os jovens “lavradores” colhem uma vantagem pecuniária imediata de seu trabalho, e o estabelecimento de ensino, um pequeno fundo para as despesas de custeio. Flores, frutas e legumes são produzidos, com abundância e alegria, pelos alunos, que recebem, destarte, com a sua função pessoal em uma escola de trabalho, o prêmio de seu esforço. Para determinados serviços há departamentos apropriados, onde se especializam alunos, cujo maior interesse e gosto se tenham bem revelado.

Bela paisagem a da escola, cercada de jardins, campos de jogos, salas de coleções, laboratórios, oficinas, tudo, enfim, onde, pelo trabalho organizado, palpita a vida, de modo a empolgar a criança, levando-a a acompanhar a harmonia da natureza e a reconhecer a onipotência do seu Divino Criador.

No Brasil – penso –, escolas desse tipo, escolas-jardins, escolas-granjas, tão desenvolvidas na Alemanha, onde podia citar ainda pela sua importância, a de Schoneberg, Steglitz e Essen, teriam notável sucesso, sobretudo nas vizinhanças das grandes cidades.

Nesta bela capital, onde vivemos, no meio de tão decantadas formosuras naturais, mas onde há deficiência de gêneros de primeira necessidade, deficiência para a justificativa dos altos preços que alcançam nesta cidade do Rio de Janeiro, aproveitando o lado econômico do problema, poderíamos, com escolas rurais desse tipo, em zonas suburbanas, conseguir o almejado êxito para o ensino público.

Regulamentando convenientemente a propriedade fundiária, utilizando terrenos públicos da União, do Estado e do Município, seria possível e de bom conselho instituir em nossa terra escolas onde o centro de interesse, sendo a agricultura em torno dele, criasse valores para a grandeza nacional.

O campo, para a lavoura, tem amplos recursos educativos e serve para corresponder aos mais variados aspectos do espírito infantil.

Sem desejar – direta ou exclusivamente – preparar agricultores, abre a escola rural, com o trabalho e a atividade intelectual do aluno, pelos seus métodos modernos de ensino, as suas portas largas para formar indivíduos aptos a adquirir a técnica de outras profissões.

Abre-se, também, de par em par, a alma da criança, pelo estímulo de sua curiosidade insaciável, e o meio agrário oferece, com pequeno dispêndio, milhares de recursos.

A divisão do terreno, em parcelas iguais, entre os alunos e o estudo das condições e dos fenômenos da germinação, com a influência do ar, da humidade, do calor, etc. são problemas e observações altamente educativos; o estudo do solo, a permeabilidade da areia e a impermeabilidade da argila, o papel dos diversos adubos no valor das colheitas, as práticas meteorológicas, com os gráficos correspondentes, são outras tantas questões que, bem dirigidas pelo mestre, emprestam ao método ativo inestimável relevância.

Adjudicadas as parcelas do terreno, individualmente a cada aluno ou coletivamente a um grupo de estudiosos trabalhadores, consegue-se com sementeira, em diversas condições, formar experimentadores, com uma certa autonomia e uma conseqüente responsabilidade no seu empreendimento.

O campo torna-se, então, o centro da autoatividade escolar, pois, indicado o trabalho a realizar e os vários meios apropriados, ao professor cabe a tarefa de resolver dúvidas, orientar investigações e nessa fonte riquíssima captar as oportunidades de distribuir os ensinamentos teóricos, recebidos, assim, pelos alunos, como consequência do seu labor fecundo e independente.

Na autonomia do seu plano de ação, no zelo em sua realização e no incentivo da produção, ficam refletidas as grandes linhas, os traços essenciais de um encantador aspecto da vida escolar ativa, relacionado com o ambiente característico em que vive o aluno.

Estudando a escola regional, urbana, agrícola, marítima ou fluvial, e mostrando a sua importância na prosperidade econômica brasileira, exalcei, pesadamente, o incremento da lavoura e as escolas rurais, atendendo ao tema geral desta “Semana de Educação”.

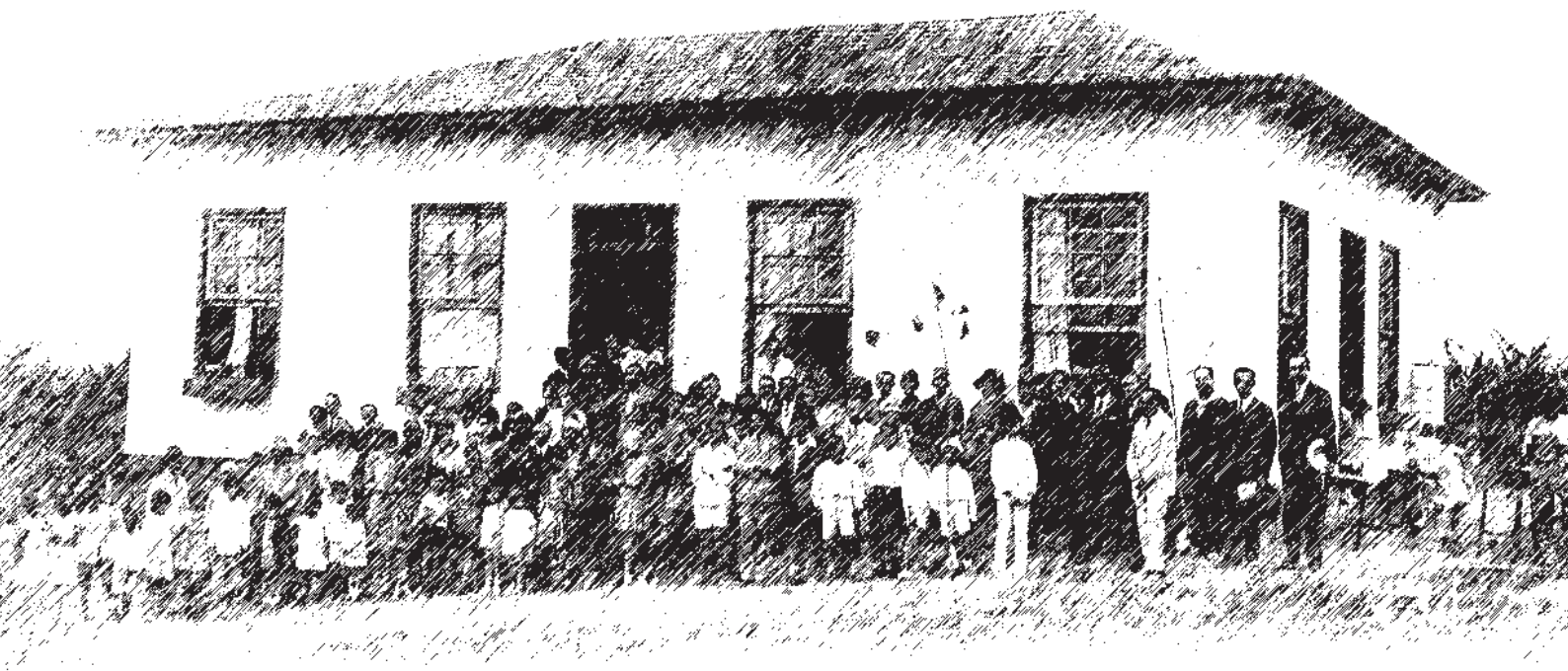
Criando o gosto pela agricultura, com o adestramento da mão do semeador; amparando o amor ao campo pelo preparo consciente da terra e pelo fruto abundante do trabalho honesto; fundando a pequena propriedade pela divisão e fácil aquisição de terrenos atualmente inaproveitados, constituiremos com essas pequenas propriedades patrimônio de infinito valor!

Alexandre Herculano já o disse em sentença lapidar: “O que rodeou com sebe um campo, o que roteou e semeou pelas próprias mãos e pelas

mãos de sua mulher e de seus filhos será, forçosamente, um homem de paz, um defensor da ordem pública”.

E ser um homem de paz constitui, neste século, a suprema aspiração humana!





## PROJEÇÃO DE UMA ESCOLA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA\*

**Alberto J. Sampaio**

A visita da Sociedade Nacional de Agricultura à Escola Regional de Meriti, no dia 12 de novembro, motiva a honra de ocupar vossa atenção, com o fim especial de estudar a projeção dessa escola na educação nacional.

Simple elogio, aliás, bem merecido, ao grande esforço educativo que essa escola representa, ser-lhe-ia prêmio muito inferior a seu mérito; no mínimo, esse prêmio teria de ser a perfeita compreensão da importância técnica e da finalidade econômica de seu método; esse mínimo ainda não

.....

\* Comunicado feito pelo Dr. Alberto J. Sampaio, naturalista do Museu Nacional, à Sociedade Nacional de Agricultura, em 12 de novembro de 1932, sobre uma visita à Escola Regional de Meriti.

lhe bastaria, pois o que visa a Escola de Meriti não é prêmio de palavras, nem apenas ser compreendida, mas a propagação efetiva de sua onda dinâmica a todos os setores de atividade no “habitat” rural, em prol da grandeza do país; essa conclusão decorre nítida da visita feita à Escola de Meriti. A imprensa já se manifestou a respeito, realçando, na visita à escola, a presença do Exm<sup>o</sup> Sr. Gratuliano Brito, digníssimo interventor federal da Paraíba, bem como a dos representantes do Sr. ministro da Viação e do Sr. interventor do Estado do Rio; do Sr. Dr. Arruda Negreiros, prefeito de Iguazu; do Dr. Edgard Teixeira Leite, ex-secretário da Agricultura de Pernambuco; Dr. Arruda Falcão, presidente da Sociedade de Agricultura de Pernambuco; general Lima Mindello, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, e outras personalidades, o que bem evidencia a atenção que a educação brasileira vem merecendo de quantos tenham uma parcela de responsabilidade nos destinos do país.

Essa responsabilidade cabe, em partes iguais, a estadistas e educadores, na condução perfeita de todo um povo a seus altos destinos, razão porque se torna cada dia mais intensa a “sede de saber”, com que devemos porfiar no estudo a fundo de cada problema, como recomendava Graça Aranha, para que a cada propósito se defina o modo mais certo de agir com eficiência.

Evidente hoje essa “sede de saber”, despertando o interesse de cada cidadão no estudo de nossos problemas, manifesta-se também, brilhante e paralelamente em parte de nossos educadores, a vontade firme de ensinar, pelo que vem se formando por fim o ambiente favorável à Organização Nacional que ora se individualiza, como pregada por Alberto Torres, e que precisa ser tão objetiva ou prática quanto completa.

O Brasil atravessa agora, por motivo das mesmas causas econômicas que sacodem o mundo, um período evolutivo em que terá de traçar com firmeza, sem ficções ou devaneios, sua nova rota, deste século da técnica.

Não basta alfabetizar ou instruir, ensina a Escola Ativa; é preciso preparar cada cidadão para seu papel útil na comunhão social, de acordo com a aptidão pessoal e o “habitat”.

Pondo em conta esses sábios ensinamentos de Ferrière (*A lei biogênica e a Escola Ativa*), de que não basta alfabetizar, pois seria deixar depois os alfabetizados ao léu da sorte, condenados ao naufrágio na vida, a Escola Regional de Meriti, benemérita e esplêndida realização de sua emérita diretora

D. Armanda Álvaro Alberto, orienta-se nos moldes lietzianos das Landersie-Hungsheime da Alemanha, isto é, o Lar da Criança no Campo, na tradução literal de Lourenço Filho.

Em vez de férula, clássica na escola antiga, encontra a criança, na Escola de Meriti como nas demais escolas modernas, particulares ou oficiais, o carinho das educadoras, assistência médica, roupa e alimento, aí aprendendo, sob disciplina tão suave quão persuasiva, coisas interessantes e úteis, em ambiente liberal, francamente aberto à sua curiosidade e sua crítica; aprende especialmente tudo quanto seja útil à vida rural, ficando, porém, desde logo apta ao “habitat” urbano, se os fados a isso compelirem.

Sem se descuidar de um só detalhe prático, pois até mantém serviço infantil permanente de combate à saúva e outras pragas da lavoura, a escola de Meriti vai, metodicamente, até a arquitetura paisagística do “habitat” rural, mediante interessantes “Cursos Anuais de Janelas Floridas” e de “Casas Rústicas”, ou “Vivendas Naturais”, na feliz expressão de Francisco de Aparício (“La vivienda natural en la region serrana de Cordoba”, em *Pub. Mus. Antrop. y Etnog.*, de la Facultad de Filosofia y Letras de Buenos Aires, A-I, 1931), realizando, assim também, um utilíssimo curso de Senso Estético e Proteção à Natureza, dessa nossa natureza que, segundo Alberto Torres, tem estado entregue a verdadeiro saque e, o que é pior, saque consciente, pois se vinha processando sob o conhecido e fatídico lema “Quem vier depois que se arranjar!”, vergonhoso lema, por ser, nada menos, que a mais formal e absoluta negação de civismo.

É natural, pois, que julgue insuficientes as palavras para expressar meu respeitoso apreço a essa orientação cívica com que D. Armanda Álvaro Alberto, representante emérita da mulher brasileira na educação nacional, concretiza, em sua essência, um programa da mais alta relevância para o país, e cuja onda dinâmica repercute no setor biogeográfico como um verdadeiro toque de atenção! Aí suscitando não somente elogios, que merece sem restrições, mas, também, a perfeita compreensão de sua finalidade e, em consequência, providências asseguradoras do êxito das novas gerações no “habitat” rural.

Estando já em franco desenvolvimento vários setores da assistência oficial e particular a esse “habitat” (saneamento, aperfeiçoamento agropecuário, industrial, etc.) e em estudo a individualização de outros, como sejam Código

Rural, Crédito Agrário, Genética ou Tipos Finos, Reflorestamento e Proteção à Natureza, Combate ao Alcoolismo, etc., já quase podemos assegurar aos educadores que não se destinam ao naufrágio na vida as crianças que a escola de Meriti e suas congêneres preparam para os campos.

Precisam, ainda, providenciar, e sem demora, para que essa afirmação seja em breve possível, sem restrições, e que, além das crianças supraindicadas, exige também a organização do setor de Segurança da Vida, Honra e Propriedade no “habitat” rural, em especial onde se registre banditismo.

A Geografia Humana, registrando concludentes observações em outros países, ensina como vencer, de uma vez e para sempre, esse grande mal; basta compulsar os relatórios da Comissão do Habitat Rural, mantida pela União Geográfica Internacional, e seguir, no caso, a orientação do Egito e da Itália, por exemplo.

Quando isso tivermos feito, será tão perfeita quanto possível nos sertões a garantia permanente da vida ou da atividade rural, permitindo ao programa demográfico que os poderes públicos vêm desenvolvendo todos os seus possíveis benefícios à economia nacional, a partir de indispensável e grande aumento de nossa capacidade de consumo interno, dependente, como é sabido, do povoamento de nosso território.

Para isso, a Escola de Meriti e suas congêneres, oficiais e particulares, modelam já caracteres, professam energia, como ensina Edmond Picard, exercendo, assim, com a maior eficiência, sua função primária e tão nitidamente multiplicando, além disso, seus exemplos por todo o país, condicionando desde logo o “habitat” rural para receber seus educandos.

A onda dinâmica que nasce, como disse, na Escola de Meriti e suas congêneres, ultrapassa ainda os setores indicados, pois focaliza o seguinte, em conclusão:

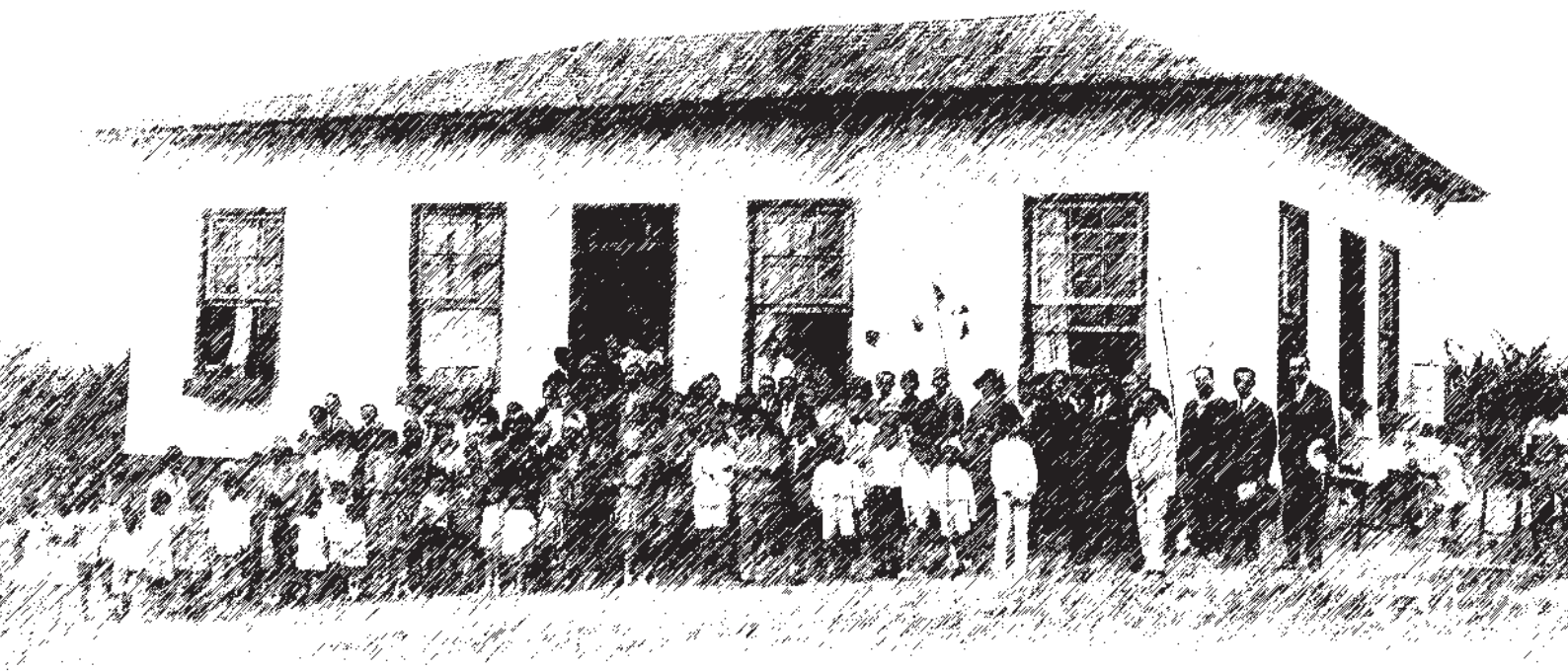
Pode-se afirmar que não nos faltam nem orientação técnica segura, nem forte vontade de realizar.

Estamos, porém, com todo esse nosso alto potencial de energia represado por uma forte barreira que é preciso vencer: a deficiência do “meio circulante”, isto é, do numerário em vulto suficiente para a solução adequada a um tempo de todos os nossos problemas em foco.

Parece que a solução de nossa crise econômica terá de tomar por base a equação: Emissão + Produção Seleccionada = Ouro, isto é, “emitir previamente”, como lembra o Prof. Herman Fleiuss, em seus *Elementos de Economia Política* (Rio, 1920, p. 44).

E nesta base, ou melhor, se houver, evitando-se sempre que possível empréstimos e impostos, visar coerentemente à organização *standard* de cada um dos setores da Organização Nacional, como ensina Alberto Torres, cujas lições magistrais ora se professam nesta casa e concitam maior atenção à educação nacional, orientadora de nossos destinos e de que a Escola de Meriti e suas congêneres são nada menos que as pedras angulares.





## ESCOLA VIVA E EM MOVIMENTO\*

**Orlando M. de Carvalho**

A Escola Regional de Meriti é o tipo da escola viva, em constante movimento de adaptação. Não é um instituto criado antes de um programa e de um regulamento. Ela nasceu de uma iniciativa pedagógica particular e se constituiu, aos poucos, com o sacrifício e o carinho de seus fundadores, caracterizando-se pela sua acentuada evolução, de ano para ano. Tudo está se integrando no tipo regional, lentamente.

A escola se chamou “Escola Proletária de Meriti”, que é um subúrbio do Rio, embora fluminense, e se baseava em todos os princípios das escolas populares.

.....

\* In: CARVALHO, Orlando M. de. *Ensaio de Política Econômica*. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1934. p. 47-74.

Criando programas novos, a escola proletária, já no ano seguinte ao de sua fundação, em 1921, mudou-o para “Escola Regional de Meriti”, à espera de, um dia, quando os planos da diretoria forem realizados plenamente, dar-lhe o nome definitivo de “Escola Álvaro Alberto”. O próprio nome dá ideia de como caminha a escola. Tudo nela é um belo esforço de compreensão.

O meio da escola é absolutamente inesperado, para 40 minutos do centro urbano da capital do país: a massa é pouco instruída, a cidadezinha é pobre e mal ajambrada, a topografia é agreste, e a escola tem de lutar com o mal maior do impaludismo.

No entanto, lentamente, vê-se que caminha para as suas finalidades, com uma força de mover montanhas, realizando, a cada ano, uma parcela de seus planos extensos e se fortificando, para o futuro, no coração de seus alunos e no dos habitantes de Meriti.

A escola já conseguiu prédio próprio, por exemplo, no alto de uma colina, que domina o casario, mas, quem a visita, nem sempre compreende a sua pobreza. Ela se organiza à custa de donativos particulares. O governo dá duas professoras, a Prefeitura de Nova Iguaçu dá, de vez em quando, uma ninharia<sup>1</sup> e o mais vem do particular. Ora, nós sabemos bem o quanto custa uma iniciativa desse gênero, numa terra onde o Estado assume feições absorventes no desenvolvimento da vida privada, não por modernismos socialistas, mas por defeitos de evolução histórica. A singeleza da escola de Meriti é uma vitória.

Em 12 anos, já conseguiu aparelhar-se para executar, brilhantemente, um programa regional próprio, que merece estudos da parte da administração, porque está em perfeita concordância com as necessidades de Meriti.

Assim, vemos que a escola procura fazer dos alunos ativos participantes em todos os trabalhos. Os pais de Meriti estranharam. Alguns retiraram seus filhos, alegando que iam a estudos e não a trabalhos.

A escola iniciou um exaustivo trabalho de visitas domiciliares. A população já concorda. As mães já plantam flores nas janelas para ganhar os prêmios do “Concurso de Janelas Floridas” e já cuidam de selecionar a criação de galinhas e outros animais domésticos para o prêmio respectivo.

.....

<sup>1</sup> Exatamente 500\$ 000 (quinhentos mil réis)... (Nota da Comissão de Amigos da Escola).



A escola abriu uma exposição no Rio com material dos alunos. E o vendeu. As mães mandaram os seus trabalhos, no ano seguinte, para ganhar algo mais, além do orçamento da família. A escola expôs tudo e vendeu. A escola venceu e já pensa definitivamente em não dar férias, para não prejudicar a educação das crianças, e outra vez vencerá. O horário modificava-se sempre, cada vez mais próximo do almejado horário orgânico.

Além disso, vai-se aparelhando culturalmente com uma biblioteca escolar bem rica, onde os alunos se abeberam com entusiasmo, pois, no seu livro de entradas e saídas, se registram os nomes de meninos que leem 50 e 60 livros por ano, o que raros belo-horizontinos farão. Retiraram-se 377 livros em 1923, 597 em 1926 e 274 em 1928.

O Museu Regional se enriqueceu constantemente, e a direção da escola, cujo entusiasmo sonhador é uma força contagiosa, já cogita da sugestão de uma arte regional das senhoras de Meriti para futuro não mui remoto.

De tudo, restam três grandes problemas: a infrequência, o encaminhamento dos alunos e o professorado.

A zona infestada de febre perturba a vida escolar, certamente. Mas, há outras causas mais daninhas à educação, e cuja destruição é mais problemática. Do relatório de 1921 vê-se que, em novembro, 13 crianças não compareceram por precisarem de “tomar conta da casa”, na ausência dos pais; por “estarem sujos os vestidos”; por “terem ido fazer lenha”; cinco alunos deixaram de vir para “ganhar a vida”; um não tinha roupa, e assim por diante. O estudo da infrequência é sobremaneira expressivo. O outro problema duro é o da criança que terminou o curso.

A escola afeiçoa esse garoto para a vida rural, para a labuta dos pais, mas o ambiente é desfavorável. A maioria dos alunos desvirtua o ensinamento. Raros vão para as escolas profissionais, que são o coroamento natural dessa instrução orientada o mais racionalmente possível, dentro das possibilidades de Meriti. Os poucos meninos, dos 60 de média de matrícula anual, que vão até o fim do curso não conseguem orientar as próprias vocações. Ora o comércio, ora a pequena indústria os arrastam para finalidade diferente, porque o Estado ainda não pôde amparar a todas essas manifestações de dispareas atividades que caracterizam a vida movimentada da classe proletária e da classe média.

Finalmente, o professorado é o grande trabalho da Escola de Meriti. As professoras ficam no exercício raramente por mais de um ano. Fogem todas para longe, levando para outras escolas uma experiência que não aplicam e entervando o progresso da escola que abandonaram.

Os relatórios anuais dessa instituição estão cheios de queixas contra tal situação, porque os seus programas estão em pleno período de gestação. São, quase sempre, instruções manuscritas, fornecidas por professores autorizados do Rio, que não podem ser impressas por serem de pouca saída nas livrarias e que necessitam de estudos especiais do professorado. Este, varia e borboleteia, atrasando a sua execução.

Todas essas considerações refletirão bem para o leitor o que é o trabalho de constituição da escola acima descrita. Ela é uma gloriosa iniciativa, de cujas consequências já muito fruto poderá tirar qualquer organização rural. É pobre, está fazendo muita coisa que as nossas praxes refugam. Não dá férias. Não dá notas. Mora lá dentro da escola uma família. As crianças tomam conta de tudo, inclusive do próprio almoço que a escola dá. Tem um terreno de criação, um de cultura e um jardim. Tem um roceiro-lavrador a dirigir os trabalhos agrícolas.

Exatamente por isso, a Escola de Meriti está realizando uma obra de educação rural que não pode ser desprezada, nem esquecida, num momento em que o país, pelos seus órgãos mais expressivos, se declara necessitado de reforma e apela para o povo, no sentido de enriquecer a economia com a força criadora da técnica agrícola e industrial.

Juntamos alguns programas especiais dessa “escola em movimento”.<sup>2</sup>

#### ESTUDOS DA NATUREZA

1921

1º Grau

- Plantas, animais, pedras.
- Plantas comuns, cultivadas ou não.

.....

<sup>2</sup> Para não alongar demais esta transcrição, reproduziremos apenas um dos programas. (Nota de A. A. A.).

- Animais comuns, domésticos ou não.
- Árvores, ervas, arbustos.
- As diversas partes da planta.
- História do feijoeiro.
- História do fruto; história da semente.
- Papel da corola.
- O cão, seu modo de vida, hábitos e alimentação, suas qualidades, serviços que presta a seu dono, em geral; seu corpo, boca e patas adaptadas a seu modo de vida.
- Outros mamíferos: o gato, a cabra, a vaca, o porco, o coelho.

Comparar, diferenciar e aproximar.

- Agalinha e o ovo: o papagaio, o pato, os pássaros. (Mesmo estudo que dos mamíferos).
- A borboleta, história do “bicho da seda”; as asas, as pernas, as antenas, a boca da borboleta e sua alimentação e modo de vida.
- A abelha e sua cidade; os três tipos de abelha que existem na colmeia e o papel de cada um; o mel, a cera e o favo.
- Outros insetos: a formiga, o gafanhoto, o besouro, a cigarras, a mosca, o mosquito.
- Os minerais comuns, a beleza e utilidade de alguns deles.
- Água, ar, calor, luz – de onde nos vêm, o bem que cada qual nos faz.

## 2º Grau

- Água (continuação). A água que trabalha. Água doce e salgada, qual a mais pesada. A necessidade que têm da água os animais e as plantas. O espaço que a água ocupa na terra.
- Ar (continuação). O ar e a necessidade que dele têm todos os seres vivos. Ar quente e ar frio, como se verifica que o primeiro é mais leve. O balão. O ar está sempre em movimento.
- O vento.
- Calor (continuação). De onde nos vem. A necessidade que dele têm todos os seres vivos. Diversos empregos que fazemos do calor. Corpos que produzem calor: combustíveis. Lenha, carvão, hulha, óleos, álcool. O primeiro fogo que o homem acendeu. Efeitos do calor sobre a água; a chuva; circulação da água na natureza. Corpos sólidos, líquidos e gasosos, sujeitos todos aos efeitos do calor, como a água. O termômetro.
- Luz (continuação). Necessidade que têm da luz os animais e as plantas. Luz artificial, corpos que a produzem. De onde se conclui que a luz é irmã

gêmea do calor. Uma luz fria: a do vagalume. Outros animais que fabricam a sua lanterna. As cores na natureza, o arco-íris.

## Plantas

- História do feijoeiro (continuação). A semente e a plantícula. Ensejo para a apresentação de uma semente que difere do feijão; o milho. Condições para a germinação. Funções das raízes. Composição do solo e a seiva bruta. Funções do caule e seus ramos. O que fazem as folhas: respiração, transpiração e seiva elaborada.
- Ainda o feijoeiro e o milho comparados, diferenças notáveis em seus órgãos. Outros vegetais monocotilédones e dicotilédones, confrontados.
- Plantas anuais e vivazes, diferenças no caule e nas raízes. Ervas que vivem mais de ano. Raiz armazém. Caules subterrâneos, tubérculos e bulbos. Corte transversal de um caule lenhoso. Circulação da seiva. As principais formas da folha. Flores solitárias, inflorescências agrupadas: cimeira, umbela (chapéu de sol), cacho e espiga. Flores compostas. Flores incompletas. Flores femininas e masculinas. Frutos múltiplos, frutos compostos. Frutos carnosos: baga e drupa; frutos secos: aquênio, cápsula e legume. Como todos se prestam aos desígnios da natureza.
- Plantas que não dão flor.

## Animais

- Mamíferos (continuação). O gato, tipo de caçador (carnívoro). A cabra, tipo dos que só comem plantas (herbívoros). O porco, tipo do comilão (onívoro). O coelho da Índia, tipo do roedor. Um chamado desdentado: o tatu. Talhado para a corrida: o cavalo. Único mamífero que voa: o morcego. A baleia: tipo de mamífero que vive dentro d'água. Um que leva os filhos na bolsa: o gambá. O mais aperfeiçoado: o macaco.
- Aves (continuação). A mais familiar às crianças, a galinha, o ovo e o pinto. Os cantores da natureza – os pássaros, muitas vezes também exímios arquitetos. Os rapaces: malefícios e benefícios. Os trepadores, únicos que conseguem falar: o papagaio. O perfeito nadador: o pato. A graça entre os pernaltas: a garça. A ave que não voa: a ema.
- Insetos (continuação). O mais útil – a abelha, e sua vida admirável. A borboleta e a seda. O mais inteligente: a formiga e sua sociedade. O flagelo de Meriti: o mosquito, e sua história interessante. Outro amaldiçoado pelos homens: a mosca. A lavadeira, a esperança, o louva-deus e outros insetos de fácil estudo.
- A aranha e sua arte. O escorpião.
- O sapo e sua vida dentro e fora d'água.

- As cobras. Uma que parece e não é: “cobra de duas cabeças” Lagartos, lagartixas, camaleões. O jacaré.
- Moluscos comuns em Meriti.

#### Minerais

- Pedras e metais. Minerais úteis e de luxo. O mais útil: o ferro e sua indústria. Principais aplicações do ouro, da prata, da platina, do alumínio, do chumbo, do cobre, do mercúrio, do petróleo. A hulha e sua utilidade. Rochas. O subsolo.

Julho de 1923.

## Instruções

Nenhuma outra matéria oferece, como esta, campo tão largo à curiosidade e à iniciativa da criança. O próprio material, quase sempre colhido por ela mesma, leva-a à observação e às pesquisas melhor que os incitamentos da professora. Compete à professora despertar a simpatia (essencial em nosso programa) pelos seres inferiores, dirigir e ajudar discretamente os alunos, preferindo que se corrija mutuamente; ensinar-lhes só os nomes indispensáveis e os fatos que estiverem ao alcance imediato de sua observação e experiência.

Quando o aluno fizer uma pergunta para cuja resposta não esteja preparada, dir-lhe-á a professora que só mais tarde, estando mais adiantado, poderá receber a explicação desejada. Não esquecer que a uma criança fale-se com franqueza, sempre.

Por vezes, é conveniente começar o estudo – seja de animal, de plantas, da água, etc. – pela leitura (feita pela professora) de uma poesia ou trecho em prosa em que o assunto da lição se revista de encanto e simplicidade. No *Livro das crianças*, de Zalina Rolim; nas *Poesias infantis*, de Bilac; no *Livrinho das aves*, de R. Von Ihering, e outros de nossa biblioteca, a professora encontrará páginas adequadas. Não se deixe passar nenhuma oportunidade de chamar a atenção dos discípulos para certas cenas da natureza que acaso possam testemunhar. Não há desvantagem alguma em interromper a aula para ouvir o canto de certo pássaro, pousado na vizinhança, ou o modo porque essa mesma

ave está a construir o seu ninho... Ao cabo de algum tempo, são as crianças as primeiras a chamar a atenção da professora para as pequenas maravilhas a que antes eram indiferentes. Algumas cantigas e brinquedos podem prestar o mesmo auxílio das poesias. Escolher em *Os nossos brinquedos*, de Alexina M. Pinto; em *Cantigas das crianças e do povo*, da mesma autora; *Cânticos infantis*, de Menezes Vieira, e outros.

Depois das poesias e dos comentários e “casos” que sobre o assunto as crianças contarem, começa-se a desenhar. Desenhar muito e modelar no barro o que se prestar à modelagem: frutos, folhas, animais, etc.

Estando suficientemente familiarizados com esses estudos, os alunos que souberem escrever devem fazer “descrições”, sempre acompanhadas de desenhos do natural. Embora escolham livremente a planta, o animal a descrever, é bom que as primeiras descrições sejam neste sentido: “por que gosto da laranjeira”, “por que a água é boa”, etc.

Todos os meses, à proporção que certas árvores floresçam, que outras frutifiquem, que uns insetos se tornem raros e outros infestem os roçados, que o tempo seja de chuvas, frio ou quente, os alunos devem ir registrando em seus cadernos esses e outros fenômenos que puderem observar. E só registrarão o que for observado pessoalmente, em “segredo” confiado apenas à professora. Aliás, todas as observações devem ser feitas assim; só ao terminar uma parte, uma série de observações, é que a professora deve ler em aula as observações de todos os alunos, a fim de que umas completem as outras.

Essas aulas devem ser, de preferência, dadas no jardim.

É indispensável ensinar a essas crianças, logo nas primeiras aulas, os nomes que se dão às principais partes do corpo humano.

Grande número de plantas e animais é conhecido das crianças roceiras; pois tanto melhor. Quanto às pedras, as pedrinhas do jardim, as lousas, o granito das pedreiras próximas, serão exemplos suficientes. E aí estão os três reinos da natureza.

Distinguir uma goiabeira de uma laranjeira, uma imbaúba de um ipê é coisa fácil para os nossos pequenos. Quando, porém, isso não se der, fazer atentar às folhas, às flores, a tudo o que caracteriza e diferencia uma espécie das outras.

Com os animais, a mesma coisa que com as plantas.

Comparar o porte de uma árvore ao de uma erva, o caule lenhoso daquela à haste tenra desta. Depois mostrar o arbusto: árvore pequenina.

Tronco, ramos, folhas, gomos, flores e raízes serão observados em plantas diferentes.

Dois punhados de grãos de feijão para cada aluno; ponha-se de molho em água pura um dos punhados; no outro dia, verifique o aluno o que sucedeu a cada um e tome nota no caderno. Retire os grãos “inchados” e deite-os numa vasilha forrada de algodão molhado. Deite os grãos secos em outra vasilha, forrada de algodão seco. Umedeça diariamente o algodão da primeira e vá descrevendo os fenômenos, minuciosamente. A professora intervirá quando as plantas, tendo atingido certo desenvolvimento, houverem esgotado as reservas dos cotilédones. Dirá aos alunos que plantem metade dos feijoeiros na terra, deixando os outros como estavam. O regime para os dois grupos continuara o mesmo: água só. Decorridos alguns dias, todos os feijoeiros da vasilha estarão mortos, ao passo que os da terra, viçosos, se prestarão ao prosseguimento da experiência. Neste ponto os alunos terão descoberto:

- 1) Que foi a umidade que determinou a germinação, tanto que aos grãos secos nada aconteceu.
- 2) Que a raiz (radícula) é que saiu primeiro da semente, logo seguida pelo caule (caudículo), a raiz sempre se dirigindo para baixo e o caule para cima, em qualquer posição que estivesse a semente.
- 3) Que as duas bandas da semente, cheias da polpa que serve para alimento do homem, presas ao caulículo, iam subindo à proporção que ele crescia.
- 4) Que, ao se apartarem uma da outra, as duas bandas (cotilédones), aparecerem as duas folhinhas da extremidade do caulículo (gêmula) de que se originaram o caule e as folhas do feijoeiro.
- 5) Que todas as partes da plantinha (plantícula), ao saírem da semente, eram esbranquiçadas, ficando depois, gradualmente, verdes.
- 6) Que os cotilédones foram aos poucos murchando até caírem.
- 7) Que os feijoeiros das vasilhas, até aí tão bonitos, começaram a fenecer e morreram ao cair dos cotilédones, enquanto os outros

continuaram a viver. Conclusão: aquela polpa de que nos utilizamos para as nossas suculentas feijoadas é que estava nutrindo as plantas recém-nascidas.

Bem postos na terra, os feijoeiros continuarão a contar a sua história. Para melhor contá-la, alguns terão de ser sacrificados. Evidencia-se aos olhos da criança este papel da raiz: fixar a planta ao solo. Que os vegetais bebem água é sabido de toda gente, porque, se não chover de vez em quando, morrem ou desaparecem. Se não se regasse o jardim todas as manhãs, como é hábito na escola, que seria das queridas “afilhadas”? Outro papel da raiz que se evidencia: o de absorver a água. Mas, dirão, e a comida? Como é que a planta se alimenta? Nenhuma criança ignora que é preciso botar estrume nos canteiros para dar viço às flores e hortaliças. No entanto, não possuindo nenhum órgão para mastigar, claro que é com a própria água que se nutrem. É que a água, quando chega às raízes, depois de atravessar as camadas do solo – que contém além do estrume, folhas secas, barro, areia, cal –, vai “carregada”, como a água que contém açúcar dissolvido. Assim, é chupando pelas raízes essa espécie de água mineral que os vegetais satisfazem sua sede e fome. As funções do caule – de suporte das folhas, das flores e dos frutos, e de condutor da água haurida pelas raízes (seiva) – são facilmente demonstráveis. Quanto às funções da folha, só no 2º grau.

Como nos roçados de Meriti não faltam feijoeiros, não é rigorosamente necessário esperar que floresçam esses plantados pelos alunos, para encetarmos o estudo da flor e do fruto. Para as crianças, toda flor se resume na corola. Compreenderá logo o seu engano diante do botão, no qual descobre o papel do cálice; outra flor desabrochada lhe mostrará os estames e o pistilo, cujas funções em pouco lhe serão reveladas. Flores grandes, fáceis de observar, sejam comparadas às do feijoeiro. Rosa, cravina, flor de laranjeira, estramônio, ipoméa, lírio, espirradeira e outras. Façam os alunos desenhos comparativos.

Vagens, em diferentes estados de desenvolvimento, serão examinadas pelos alunos; época de descência; número e posição das sementes; morte da planta-mãe, uma vez finda a frutificação, constituirão observações de muita importância e terminarão a história do feijoeiro contada por ele mesmo.



Os alunos acabam de observar que a vagem do feijão formou-se da flor. Poucas coisas na natureza despertam tanto a curiosidade infantil como a formação do fruto. A criança vê, em certa época do ano, a árvore coberta de flores; depois, em outra época, os frutos substituírem as flores. O que se passa numa flor para mudar em fruto, eis o mistério que a seduz. A flor da laranjeira muito se presta para esse estudo e, em Meriti, não faltam laranjais que nos sejam outras tantas salas de aula. Os meninos já conhecem os estames; olhem-nos agora mais atentamente; distinguem-se duas partes: um fio – o filete – tendo na extremidade um pequeno saco – a antera – cheio de um pozinho amarelo – o pólen. Rodeado pelos estames está o pistilo, composto de três partes: ovário, estilete e estigma. Cortado de alto a baixo, o ovário deixa ver uma porção de grãosinhos, lembrando minúsculos ovos – os óvulos; o estilete aparece como delgada coluna, oca, encimada pela grande dilatação, arredondada e cheia de um líquido viscoso que é o estigma. Examinadas todas essas partes da flor, torna-se muito simples a história do fruto e da semente.

Quando a antera acaba de amadurecer, abre-se como nesta flor e deixa cair o pólen sobre o estigma cujo visgo o retém; ele desce daí pelo estilete abaixo, até o ovário, onde se junta aos óvulos, também maduros, e então o fruto principia a formar-se, isto é, o ovário a transformar-se em fruto e os óvulos em sementes. É a fertilização – a flor está fertilizada – e é só esperar que o fruto pequenino e verde vá crescendo, crescendo e mudando de cor, até ficar maduro. Ali está uma flor fertilizada; as pétalas, os estames, o estilete, todos murchos, vão caindo; somente o cálice permanece intacto ao redor do ovário. Acolá, uma laranja, bem madurinha: o cálice não se desprende e a cicatriz da inserção do estilete é bem visível. Pelo chão, caídas, outras apodrecem; os caroços que estavam encerrados em seus gomos jazem livres, alguns em plena germinação. Assim, de cada semente dessas nascerá nova laranjeira, que crescerá, dará flores que se transformarão em laranjas, donde, por sua vez, sairão as sementes. Tudo o que se chama reprodução da laranjeira.

Um ligeiro confronto agora se impõe entre o fruto seco que é a vagem do feijão e o fruto carnoso que é a laranja. Lembrem-se dos diversos empregos que se fazem de um e outro. Compare-se a vida da planta vivaz com a da anual. É de bastante oportunidade o seguinte exercício: por que foi escolhida a laranjeira para símbolo da nossa escola.

Agora que as crianças conhecem o papel de cada parte da flor – o cálice, envelope protetor; os estames, fornecedores do pólen fertilizante; o pistilo, principal elemento do fruto e da semente –, indagarão, decerto, qual o destino da corola. E facilmente o descobrirão por si próprias, desde que se lhes ponha à vista um botão meio aberto e uma rosa, ou outra flor qualquer, vistosa e perfumada. No primeiro, resalta a sua função de capa, idêntica à do cálice. É que, acrescentará a professora, os órgãos essenciais da flor, os estames e o pistilo, carecem de proteção até amadurecerem. Na segunda, quem não se apercebe logo do atrativo do colorido e do perfume, ainda que à distância? A principal função da corola é, pois, de um anúncio. Com as suas cores brilhantes e o seu aroma, ela atrai os insetos como a abelha, que os meninos de Meriti têm visto tantas vezes pousando nas flores para lhes tirar o mel. E enquanto lambe o mel no fundo da flor, vai enchendo as patinhas de pólen, que transporta, sem querer, para o estigma daquela mesma ou de outra flor distante. Tanto é esse o papel da corola, que assim que o pistilo é fertilizado, ela emurchece e cai, conforme se viu há pouco com a flor da laranjeira.

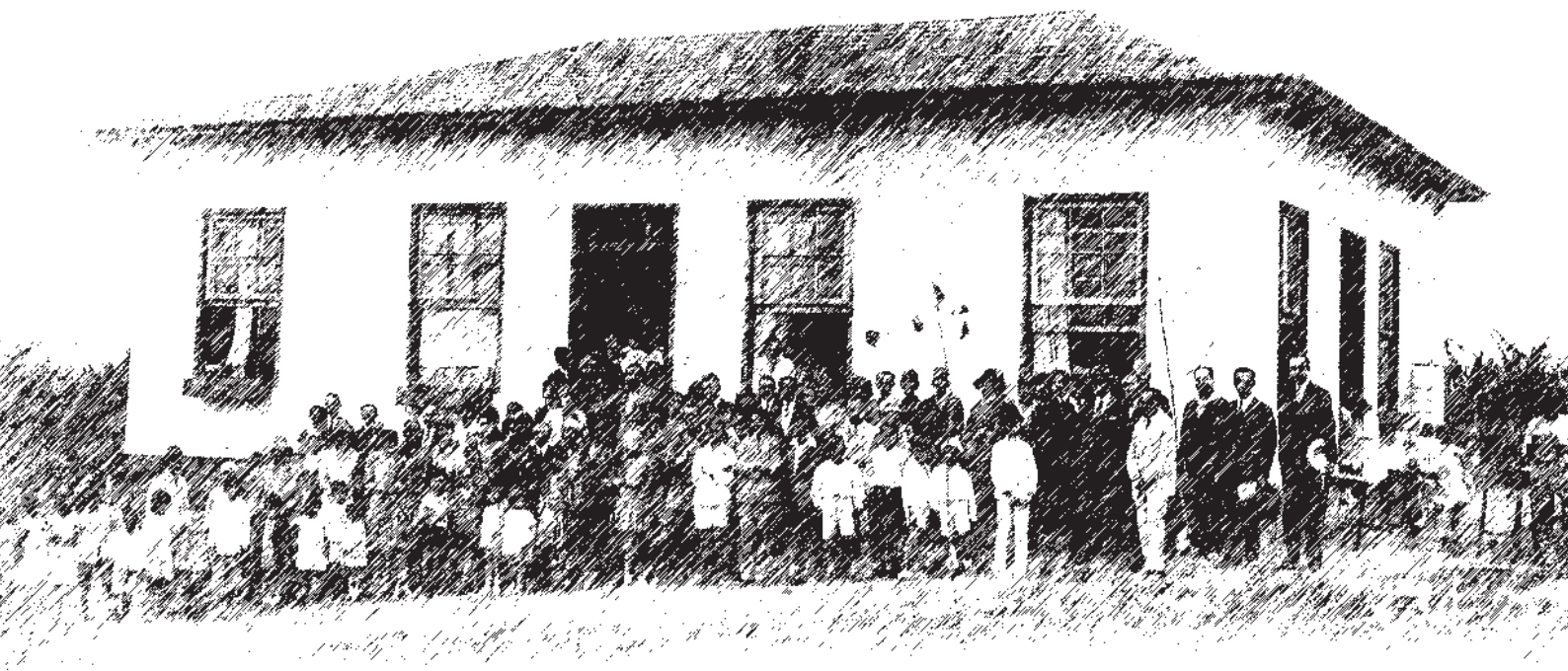
Um dos alunos traz para a aula o seu cãozinho amigo. Dada a simpatia de que goza o cão entre as crianças, o seu estudo será levado por diante com o maior proveito. Mesmo processo para o estudo das plantas: os alunos dirão o que já sabem da vida, dos hábitos, das diversas raças e das qualidades intelectuais do cão e, depois, guiados pela professora, farão novas observações. Não se considere tempo perdido os que levarem a contar casos, desde que sejam verídicos. De boa mente, as crianças comparam o animal com elas próprias; corpo com as mesmas partes: cabeça, tronco e quatro membros, só tendo a mais a cauda; dois ouvidos com orelhas, olhos, nariz, boca, língua, dentes, tudo análogo ao que elas possuem; come, bebe água, respira, dorme e se não fala, uiva, rosna e ladra para se exprimir, o que também sabe fazer abanando ou abaixando a cauda, empinando ou murchando as orelhas, lambendo-se e esgravatando o chão; tem o corpo coberto de pelo – e nisto veem elas grande diferença, se não repararem no cabelo que cresce na própria cabeça e no pelozinho que reveste o próprio corpo. Terão antes imaginado por que se alonga e espessa o cabelo do cão, enquanto o que cobre o corpo humano é tão ralo e curto? Essa questão é agora inevitável, e a professora não deixará passar uma oportunidade de fazer

pensar, de levar à conclusão já outras vezes atingida de que na natureza “nada é feito ao acaso”.<sup>3</sup> Para que servirá, então, o pelo basto do animal? Quem mergulhar os dedos por entre o pelo até sentir a pele quentinha e depois se lembrar que o cão se expõe ao frio, ao sol, à chuva, sem outra proteção, compreende que é dele o agasalho, a roupa do animal. Os meninos, que estão sempre vestidos, dispensam tal agasalho, salvo, naturalmente, na cabeça, onde a cabeleira é, ao mesmo tempo, proteção e adorno. Relanceando os olhos pelos outros animais, o aluno descobre que todos têm a pele protegida por penas, escamas, carapaças, etc. Observe-se qual o alimento predileto do cão adulto, qual o que toma o cachorrinho ao nascer. Merece atenção especial o emprego que o animal faz dos dentes ao capturar uma presa, ao estraçalhar a carne, roer um osso, etc. Variadas experiências para evidenciar a acuidade do olfato do cão sejam feitas quer na escola, quer em casa.

.....

<sup>3</sup> Explicação finalista admissível nesse nível de ensino.





## PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA\*

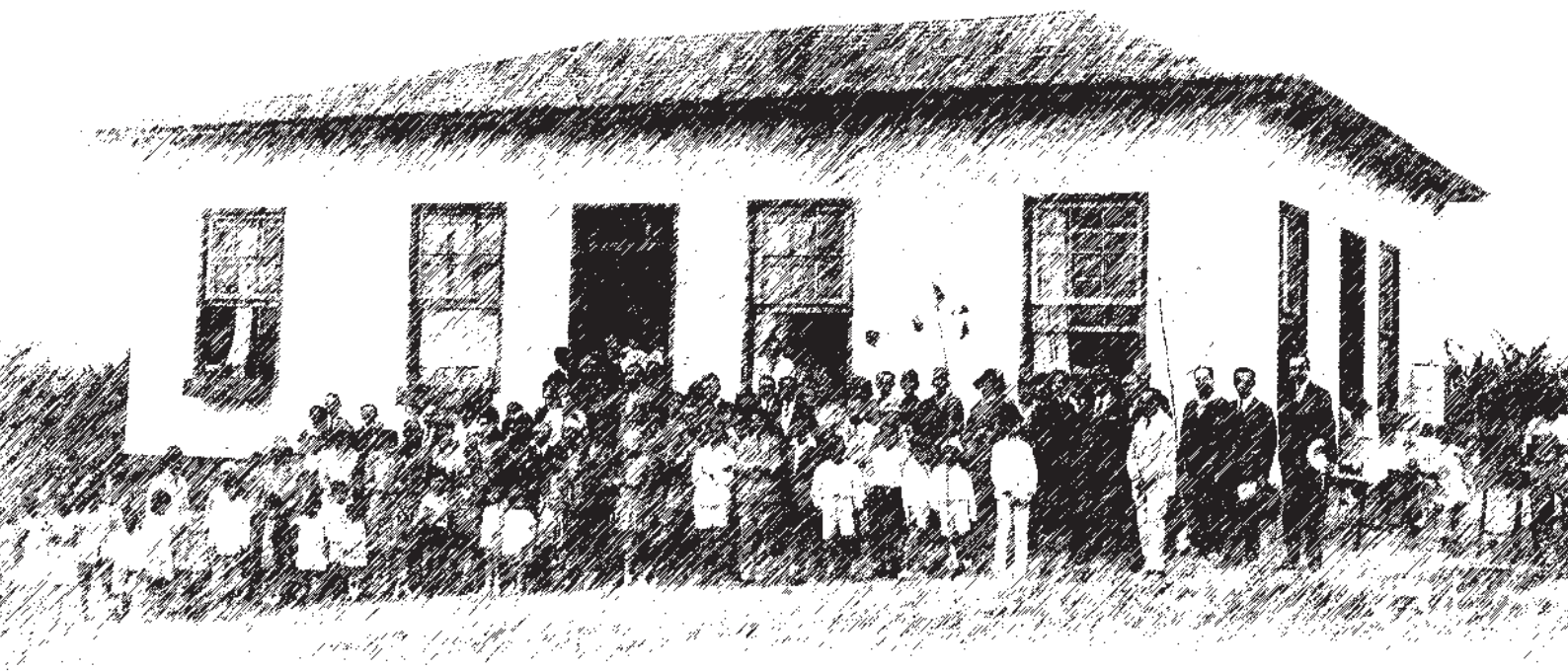
**Fernando de Azevedo**

Foi nesse ambiente de agitação de ideias, de transformações econômicas e de expansão dos centros urbanos que se iniciou no planalto e no litoral, para se propagar pelas principais cidades do país, o movimento reformador da cultura e da educação. O primeiro sinal de alarma que nos colocou francamente no caminho da renovação escolar foi a reforma empreendida, em 1920, por Antônio de Sampaio Dória, que, chamado a dirigir a instrução pública em São Paulo, conduziu uma campanha contra velhos métodos de ensino, vibrando golpes tão vigorosamente aplicados à frente constituída pelos tradicionalistas que panos inteiros do muro da antiga escola deviam desmoronar. Mas não só as

.....

\* In: AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 2 ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1944. p. 382.

resistências eram ainda muito fortes para que a obra, encetada e interrompida no primeiro ano, pudesse desenvolver-se e produzir todos os seus efeitos como também, ainda que fugindo à orientação puramente administrativa, essa reforma, limitada ao ensino primário, concentrava os seus melhores esforços na transformação de métodos e técnicas de ensino. Em 1924, Lourenço Filho, no Ceará, a que foi chamado para reorganizar o ensino primário; Anísio Teixeira, na Bahia, onde ensaia as atividades de reformador, que deviam desenvolver-se, em toda a sua plenitude, no Distrito Federal (1932-35), de volta de sua viagem de estudos aos Estados Unidos; Carneiro Leão, no Rio de Janeiro; e Lesímaco da Costa, no Paraná, já se orientam por uma ação, variável no grau de intensidade, como no conteúdo e nos objetivos, para a renovação escolar, semeando novas ideias e técnicas pedagógicas, promovendo realizações e organizando planos de reformas, parciais ou globais, mas todas limitadas ao ensino primário e aos seus problemas fundamentais. Não faltavam, aqui e ali, iniciativas particulares, como, para citar uma das primeiras e de sentido mais corajosamente renovador, a Escola Regional de Meriti, fundada no Estado do Rio, em 1921, por Armanda Álvaro Alberto, que se alistava entre os pioneiros da educação nova no Brasil.



## GRANDE PÁGINA DA HISTÓRIA DE NOSSA EVOLUÇÃO\*

**Alberto Rangel**

Acabo de ler o relatório da Escola Regional de Meriti, relativo a 1943. Agradecendo-lhe o envio, tenho a dizer que o li com o interesse apaixonado com que nos empolga o trecho de um bom romance. É a história ânua de um generoso esforço aos esbarros numa sociedade para a qual nada conta que não seja o interesse imediato de cada um. Como tem podido a senhora, constituindo-se a alma corajosa dessa campanha, ter conseguido o que já conseguiu? Ponho-me a imaginar o que seria o Brasil, se alguns milhares

.....

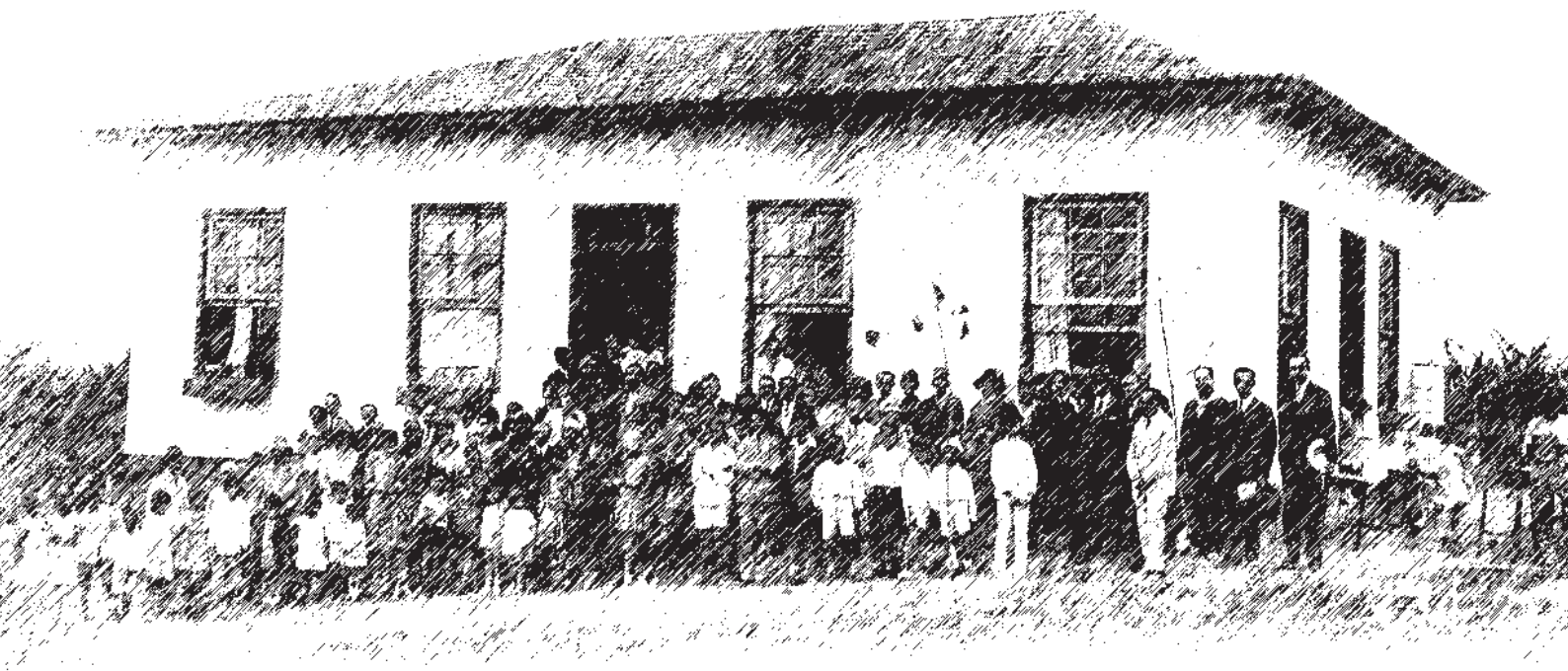
\* Carta do escritor e historiógrafo Alberto Rangel a D. Armanda Álvaro Alberto, datada de Nova Friburgo, RJ, 19 de dezembro de 1944.

de brasileiras de sua capacidade e boa vontade tomassem a si o objetivo encarnado na Escola de Meriti. Não estaria longe a ressurreição de nossa terra com o levantamento educacional das massas ignaras, que por agora lhe constituem o intestino amorfo e excrescente. E talvez seja por esse belo intento e esperado resultado que essa Escola de Meriti tenha encontrado, principalmente por parte dos poderes públicos, essa indiferença, para não falar em hostilidade, que tem suportado, se desenvolva esse núcleo independente sustentado apenas em meia dúzia de dedicações.

Na história de nossa dificultosa evolução que grande página ocupará a Escola de Meriti! Como a sua existência confirmará umas tantas possibilidades que se teriam anteriormente como inexequíveis em nossa pobre terra. De todos os numerosíssimos problemas, em cuja solução se acham empenhadas as condições de nosso futuro, nenhum maior que o encarado pela senhora na criação e manutenção da Escola de Meriti. Ou nós educamos o povo miúdo do Brasil, ou tudo o que pode sustentar a nossa soberania desaparecerá sem protestos. Não há elite que se aguarde e que possa influir na melhora do que a circunde se é tão vasta e impenetrável a massa de atraso que a rodeia. O programa da Escola de Meriti é o da salvação do Brasil, a integração dos seus mais numerosos elementos ao estatuto da vida nacional, compreendida e responsabilizada, a solidarização do corpo de nossa existência no conjunto dos indivíduos que devam exprimi-lo. Vive, por isso, de algumas esmolas!

Com os meus votos de Natal, de saúde e prosperidade para a senhora e seu marido, meu querido e inesquecível Edgar Sússekind, peço que não esqueçam o “Velho do Torreão”, que com toda a veneração e gratidão assina-se seu constante amigo.





## UMA ESCOLA VIVA\*

**Carlos Drummond de Andrade**

Se os relatórios burocráticos são sempre envoltos numa camada de tédio, há outros, os escolares, que podem oferecer-nos a sugestão dos documentos sociológicos e mesmo o interesse dos romances. Contar a vida de uma escola, durante um ano, é tarefa que deveria seduzir o escritor, ou despertar em quem não o fosse o desejo de sê-lo, porque nada há mais vivo e rico de humanidade, mais cheio de problemas e sugestões, do que o funcionamento da comunidade escolar. Necessariamente, a narrativa do ano será tanto mais palpitante quanto maior for a integração da escola nos seus verdadeiros fins; porém, mesmo da escola triste, mal dirigida e de nenhum

.....

\* Publicado na *Folha Carioca*, de 15 de janeiro de 1945.

rendimento, se poderá fazer uma pintura impressionante que desperte no leitor o sentimento de curiosidade e, mais, o de solidariedade com a pobre infância que ali se destrói.

O relatório não é, pois, em si, coisa enfadonha. Saiba-se escrevê-lo, isto é, saiba-se ver o que esta aí para ser visto, sentido e interpretado, e logo se conseguirá isto que, aparentemente, é tão difícil: interessar o povo na vida escolar. Que sabem os pais da escola? Nada ou quase nada. É o lugar onde se guardam os filhos durante o dia. Deve ter conforto e ensinar alguma coisa; se o filho for tratado com injustiça, os melhores pais resignam-se a perder o dia de trabalho para irem reclamar do diretor. No mais, o filho e a escola que se arranjam. Em vão a escola tenta chamar o pai, atraí-lo ao seu convívio. Não há tempo. A escola que fique no seu canto, realizando imperfeitamente, porque sem a colaboração dos pais e do resto da família, a obra educativa.

Mas há escolas que chamam, que continuam a chamar, na indiferença geral, não só os pais como todos os homens, diria, de boa vontade, se a expressão não estivesse desmoralizada (hoje chamamos de homens de boa vontade os que a têm ou não têm nenhuma de melhorar os rumos das coisas). Escolas teimosas, que querem vir até nós, já que não vamos até elas. Entre estas, figura a Escola Regional de Meriti, que há dezoito anos funciona em Caxias e é uma pequenina e grande casa devotada à educação do povo nas suas camadas mais singelas.

Todos os anos, o trabalho escolar é passado em revista e miudamente analisado em seus êxitos e falhas. Estabelecimento mantido por uma fundação e situado em zona rural, recebe os filhos de pequenos lavradores e trabalhadores da cidade, aos quais dá ensino primário e doméstico e as primeiras noções de ensino industrial, dentro das possibilidades e interesses da região. Terminado o curso, procura conduzir o aluno a estudo mais elevado em outra escola, ou ao emprego qualificado que possa obter: não o perde de vista. Vai à casa do aluno, sugerindo à família que enfeite a sua casa (concurso de janelas floridas), ou então atrai a família à sua sede (Círculo de Mães, Biblioteca Euclides da Cunha).

Assim, diz o relatório de D. Armanda Álvaro Alberto, sua esplêndida e infatigável diretora: “Mesmo fora dos dias de reuniões, as mães de nossos alunos comparecem à escola para conversarmos sobre os problemas de seus

filhos. A reciprocidade de serviços é coisa estabelecida entre nós. Sob certos aspectos, são-nos indispensáveis. Algumas são antigas alunas, filhas da casa, afeiçoadas à sua tradição. E alguns homens vêm, também, e prestam seu auxílio em muitas ocasiões”.

Que os homens aparecem, di-lo o movimento da biblioteca, sob os cuidados do poeta Osvaldino Marques. Além dos volumes lidos na sede, foram retiradas da seção de adultos 114 obras. O livro mais lido foi *O judeu Suss*, de Leo Feuchtwanger, e o homem que mais leu, e que amorosamente vive a concertar os livros da biblioteca, é Armando Pinheiro, tipógrafo.

Mas o grande acontecimento do ano parece ter sido a chegada de um mestre-carpinteiro. Vigilato Martins tem seu nome destacado no relatório; é competente e sabe ensinar como se faz um elevador, uma porta, uma tesoura, com o rigor das peças “de verdade”. Fez mesas e bancos para a escola, que deles carecia. A oficina estava desprovida de ferramenta, furtada no ano anterior. Comprou-se nova, e tudo vai bem.

“Calçamos a entrada do jardim. Se ainda não recomeçamos a criação regular de galinhas, é porque estamos cercando o terreno”.

“Apesar de tudo, refizemos as duas colmeias”. Esse “apesar de tudo” quer dizer: a criação sofrera danos em 1943, e há falta d’água em Caxias. Mas o relatório nem sempre é otimista: “Com o bicho da seda, sim, é que houve insucesso. Por duas vezes foram as lagartas atacadas de doenças”. Mas “vamos tentar nova criação”.

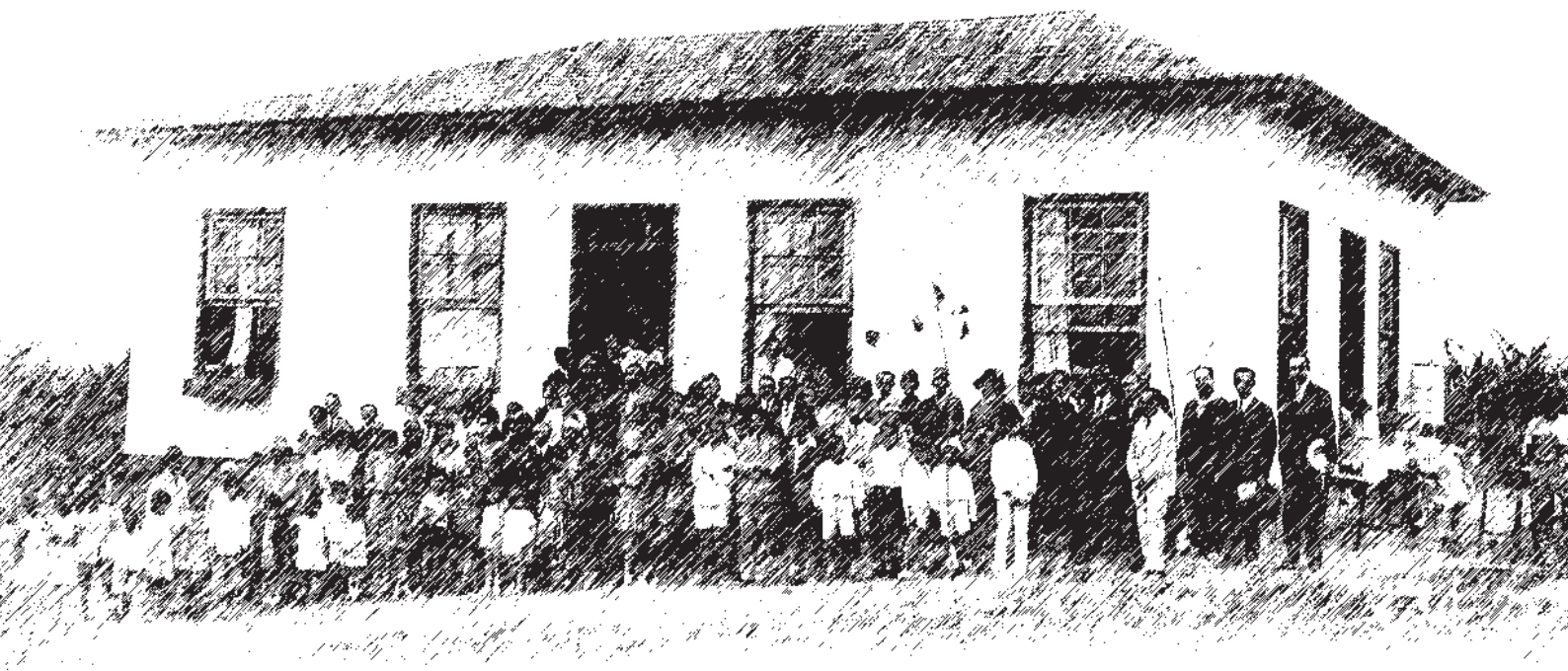
Os alunos faltam muito. Em 100 meninos e 79 meninas, apenas José Penhalves pôde apresentar o mínimo de seis faltas: 61% de faltas em agosto, 87% em abril. “Comparada a dos anos imediatamente anteriores, a frequência baixou este ano. É que as antigas causas – doença dos alunos e de suas famílias, trabalhos em casa, falta de agasalho – veio juntar-se mais esta: a fila para aquisição de querosene”.

E há os que deixam a escola para empregar-se: nove; os que se mudam: quatro; ou saem sem declaração alguma: 14. Como há também o quadro das doenças, que o médico gratuito verificou: 10 casos de verminose, 10 de anemia, 15 de lues, 2 de pré-tuberculose... A propósito: “Sobre o leite que vimos proporcionando às crianças mais fracas, é que temos más notícias a dar: a Comissão Executiva do Leite reduziu à metade a nossa porção de 10 litros

diários. Hoje, portanto, apenas 25 crianças ainda tomam sua caneca de leite. Se algum dos nossos amigos tiver a força que nos falta para restabelecer a situação anterior, será um bom serviço prestado à nossa causa comum”.

E há o problema espinhoso do encaminhamento à profissão: “É então que se revela a qualidade da gente com que lidamos. Ao lado dos que desanimam, por si mesmos ou por suas famílias, indo engrossar a massa dos trabalhadores não qualificados e dos desajustados, há os que sabem porfiar, sujeitando-se a empregos provisórios, etc. – até o dia do ingresso na profissão que lhes convém. Felizes são os que revelam vocação para mecânico, desenhista, marceneiro, costureira e outros de fácil emprego; mas, quando é o caso de um intelectual, a situação torna-se mais complicada, porque, sem fazer o curso secundário, como prosseguir? Depois de três anos de espera, um ex-aluno consegue o lugar de contínuo de banco, e pode fazer esse curso. Outro entrou para a Leopoldina como escriturário, mediante concurso: continuou a estudar. Um terceiro, mais robusto, é hoje aprendiz de lapidador. Um aluno visitou a cerâmica de Meriti e foi tão feliz no desenho de algumas peças que o gerente lhe garante um lugar, logo termine o curso.

A escola não para. E o novo ano a encontra com estes projetos: construir a varanda, completar a oficina de carpintaria e a serraria, desenvolver o clube de leitura, continuar à procura de uma professora de canto orfeônico, insistir no pedido de abertura da rua. Não fazer uma casa, mas, simplesmente, uma varanda, e nessa varanda, as crianças de Meriti tomarão sol e beberão leite, se houver leite. Muito bem, D. Armanda Álvaro Alberto.



## EMPREENDIMENTO ORIGINAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO\*

**Raul Bittencourt**

Em Caxias, perto do Rio de Janeiro, existe, há vinte e sete anos, a Escola Regional de Meriti. Não tem edifício pomposo, nem salas ricas, nem aparelhagem custosa. É um conjunto de duas ou três casas modestas, no alto de um morro e no centro de um pequeno parque. Sua população escolar não exhibe alto padrão físico ou social. É gente desengonçada, que traz no corpo e no gesto a marca das necessidades curtidas pela família. Gente do povo, humilde e boa, confiante e esperançada.

.....

\* Trabalho de autoria de Raul Bittencourt, publicado no *Jornal do Brasil*, de 12 de outubro de 1947.

É dentro desse quadro que a Escola de Meriti nasceu e se conserva original. Não a criou, nem a mantém o poder público, mas nada cobra dos alunos e nada rende à diretoria. Uma instituição, com 800 sócios, adquiriu a propriedade e custeia as despesas. Muitos alunos egressos, feitos adultos e operários, aderem à associação e passam a colaborar no sustento da casa que os habilitou para a vida. Há ofertas, doações, professores espontâneos. Depois de muitos anos, o governo fluminense ofereceu-lhe duas mestras permanentes e, mais tarde, também o município começou a cooperar com outras duas professoras.

As aulas são dadas ao ar livre e, só quando chove, com a frequência diminuída, é que os escolares se recolhem à casa principal. Há uma sala de refeição que é um abrigo familiar e carinhoso à infância. Há uma biblioteca que a direção da escola queria chamar de Euclides da Cunha, mas a meninada impôs que se denominasse Olavo Bilac e assim ficou sendo. Há uma pequena oficina, onde as crianças aprendem a fazer brinquedos, que são modelos de realidades úteis: barcos, elevadores, pontes. Há uma pequena horta, onde os alunos aprendem a plantar e donde tiram legumes para a sopa diária. Há retratos de benfeitores da escola e de brasileiros ilustres que, frequentemente, descem da parede para serem examinados e comentados por professores e discípulos. Na sala principal, perto do teto, pintada de cada lado, uma palavra de estímulo e conselho convida a petizada a sadias aspirações: trabalho, alegria, saúde e solidariedade.

Na festa anual que comemora a fundação, em outubro, os prêmios distribuídos não são para os que alcançam notas mais altas. Um é para o aluno que realiza o melhor trabalho manual; outro é para o preferido entre os colegas, por livre eleição; outro, ainda, é para o aluno cuja família, durante o ano, mais cooperou com a escola. Um Círculo de Mães estabelece um íntimo contato da escola com a sociedade circundante.

A escola se propõe, como o nome indica, a ser regional. Tem as suas raízes na vida de Meriti. Dela suga a seiva e extrai os objetivos para o seu trabalho. E tem a sua finalidade na população de Meriti. Para ela floresce e frutifica.

Quando Meriti era zona tipicamente rural, há vinte anos, a escola tinha fisionomia, propósitos e atividades rurais. Agora que os ofícios e os hábitos

urbanos invadem o município, a escola vai se transformando, paralelamente, para ser sempre como a sociedade a que serve.

Visitando os seus pequenos museus escolares, nota-se que três finalidades educacionais ali dominam: conhecer a vida real de nosso tempo, formar a consciência de brasileiro e atender às necessidades sociais de Meriti. Viver o dia de hoje, para Meriti e para o Brasil, é o seu lema.

Assim, a Escola Regional de Meriti, por suas finalidades sociais, por seus métodos ativos e globalizados, é um caso genuíno de escola nova em nosso País. Por isso, o livro modelar de Lourenço Filho, *Introdução ao estudo da escola Nova*, já a celebrou como “um ensaio brasileiro”. Através dessa obra e de sua tradução castelhana, todo o Brasil, todo o Continente, conhece a Escola de Meriti.

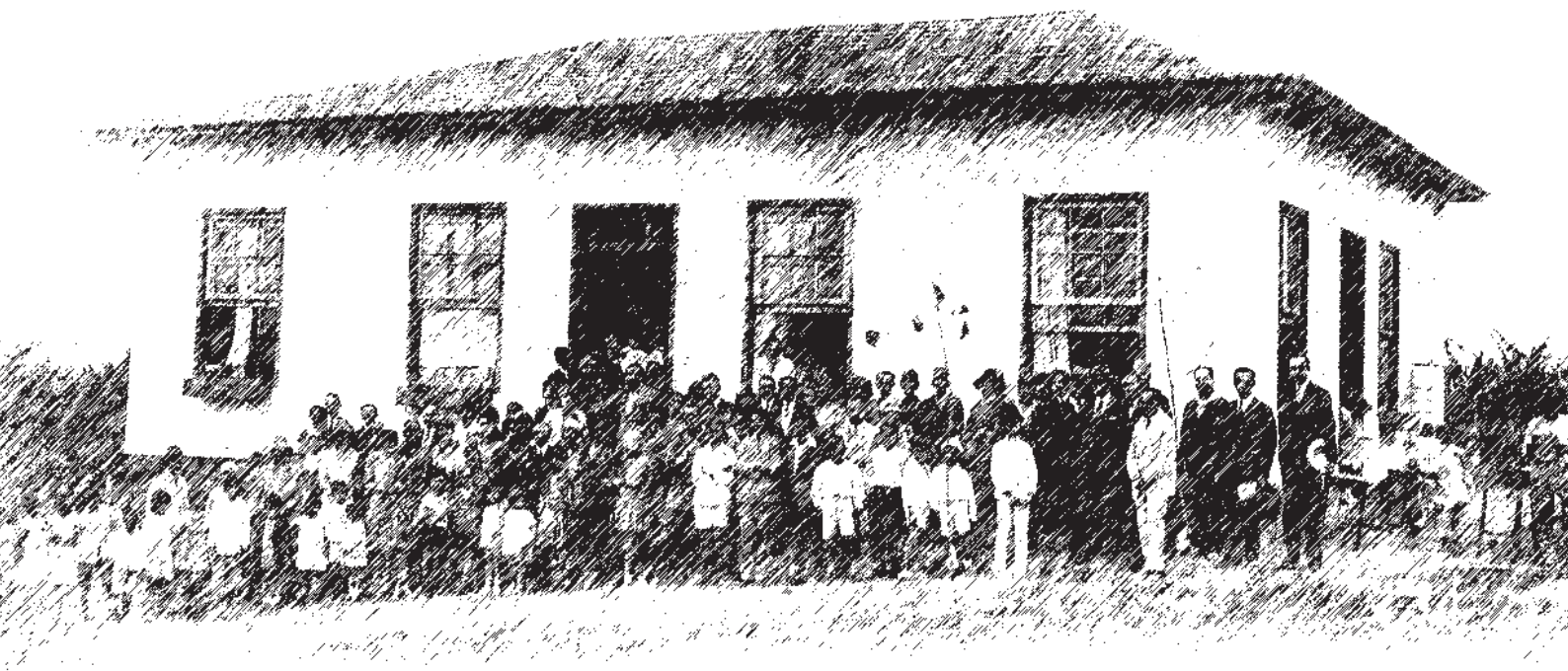
Mas não basta lhe encarecer o valor. É preciso visitá-la, conhecê-la de perto, vivê-la ao menos umas horas, senti-la em funcionamento, para que o elogio seja mais do que um frio assentimento da inteligência, também um aceno caloroso do coração. E não só as palmas do aplauso. Será necessário que a auxiliem de alguma forma, por atos práticos, todos quantos sabem da importância da educação e são capazes de estremecer com a emoção de ensinar.

A Sra. Armanda Álvaro Alberto, que fundou e dirige, com carinho inextinguível, a Escola de Meriti, escreveu, certa vez: “A Escola Regional de Meriti tem por máxima aspiração ser reproduzida em todo o País”.

Sim! Que se reproduzam assim, pelo Brasil afora, outras escolas, com o mesmo espírito regional, ligado à sociedade; com os mesmos métodos ativos; com o mesmo esforço de iniciativa privada, vanguardando as medidas do poder público; com o mesmo superior desinteresse pessoal; com o mesmo amor à criança; com a mesma dedicação ao povo humilde e necessitado. Fossem elas alguns milheiros, e o Brasil se tornaria muito mais como todos nós desejamos.







## INOVAÇÕES ADMIRÁVES\*

**Yvonne Jean**

As duas crianças que me levaram até ao ponto do ônibus conversavam como passarinhos e as palavras “Dona Armanda” voltavam em cada segunda frase.

– Gosto muito de dona Armanda e da escola, explicava a filha da doceira. No ano passado quase tive que deixar a escola. Chorei tanto, mas tanto. Comecei a emagrecer e fiquei como um palito. A senhora nem imagina.

– A senhora vai desculpar-nos, interrompeu o menino que quer ser ator. Temos que deixá-la agora. Quero comprar cravos para Dona Armanda e depois precisamos voltar depressa para a escola, pois vai haver uma representação para D. Armanda e eu trabalho na peça.

.....  
\* In: JEAN, Yvonne. *Visitando escolas*, Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1948. p. 46-51.

Lá se foram os dois. Entraram, correndo, numa loja de flores, saíram carregando um ramo de cravos e subiram a toda pressa a ladeira que conduz à Escola Regional de Meriti, que eu visitava, por coincidência, no dia dos anos da diretora. Assistira a parte dos festejos e, quando tive que voltar para o Rio, às quatro horas, as mães dos alunos – quase todas antigas alunas da escola – estavam começando a chegar, com flores e lembrancinhas.

A escola de Meriti faz parte integrante da vida dos alunos, como também de muitas famílias da cidade de Duque de Caxias. Quando a senhora Armanda Álvaro Alberto, fundadora, diretora e alma desta escola, disse: “Minha escola é a base moral e social... Fazemos o que está em nosso poder para levantar o nível das crianças... A cooperação da família na obra escolar é indispensável...”, não enunciava teorias, mas princípios que tencionava pôr em prática.

Não fiscaliza somente a saúde e os progressos mentais dos seus alunos. Visita também suas casas, procura ensinar ordem, asseio e higiene aos pais e interessá-los na escola, principalmente na biblioteca.

Essa biblioteca, grande e clara, contém um número impressionante de livros infantis, romances, obras pedagógicas, científicas e de interesse geral. Ficam à disposição de todas as famílias, cujo interesse pude verificar pessoalmente, pois diversas senhoras vieram trocar livros no dia da minha visita. A importância desse resultado, fruto de um trabalho social tenaz, não precisa ser comentada.

A diretora observa as crianças desde o dia da sua chegada e não os abandona quando deixam a escola. Graças a sua ajuda eficiente, muitos conseguiram aprender uma profissão e obter, em seguida, um bom emprego. Como devem trabalhar o mais cedo possível, a senhora Álvaro Alberto procura arranjar um emprego pouco cansativo, no Rio, sempre que é possível. Assim, sobram-lhes tempo e energia para seguir cursos especializados à noite. Contaram-me que as meninas também aproveitam os conselhos diários: quando casam, fazem questão de ter uma casinha limpa e agradável, bem diferente do lar da sua infância.

O gabinete médico é pequeno, mas suficiente, e algumas meninas mais velhas brincam de enfermeira, com seu bonezinho e avental branco. São compenetradas, eficientes e sabem dar injeções, fazer curativos e guardar o sangue-frio.

O orgulho do trabalho, o senso da responsabilidade e a necessidade da cooperação são ensinados em muitas lições e palestras. Não é fácil apagar os preconceitos e as superstições do espírito dessas crianças, vindo de um meio muito atrasado. Nada mais árduo, por exemplo, do que lhes comprovar que o trabalho não é uma vergonha nem uma maldição. Todas as meninas possuem um avental, mas recusam-se a usá-lo porque, no seu subconsciente, é um símbolo de trabalho. Preferem ficar com o vestido desbotado que já foi usado pela mãe e a irmã mais velha, o que aumenta, ainda, a impressão de miséria geral. Muitas não possuem sapatos e reparei uma pobreza muito mais desanimadora do que nas escolas que visitei no Distrito Federal. É pena que a escola não possa oferecer uniformes aos alunos. Não me refiro, naturalmente, a esses uniformes que parecem um fardamento militar ou um traje de prisioneiro, mas às saias e calças escuras e blusas brancas, que dariam, ao conjunto, um ar mais alegre e menos miserável.

Tão forte quanto esse falso orgulho perante o trabalho é a humildade exagerada, decorrendo da sua situação de “pobres” e, muitas vezes, de pretos. Numa aula de geografia geral, a diretora descreveu as diversas raças humanas. Tendo chegado à raça preta, perguntou a diversas meninas a que raça pertenciam. Todas responderam em voz inaudível: “Sou escura”. Procurando acordar seu orgulho de seres humanos, dona Armanda demonstrou-lhes a igualdade de todas as raças humanas. Não conseguiu levantar o tabu envolvendo a palavra “negro”.

Sempre guiada pelo sentido social, a Sra. Álvaro Alberto dá uma grande importância ao Círculo de Mães. Conhece, aconselha e guia inumeráveis senhoras. É preciso lembrar aqui que foi ela a fundadora do primeiro Círculo de Mães, entre nós, em 1925. Se esses Círculos se multiplicaram e fazem parte, atualmente, de quase todas as escolas públicas, devemos-la à sua iniciativa.

Outra inovação é a importância dada por ela a matérias que não constam, geralmente, dos programas escolares típicos: a botânica, a zoologia e tudo que se refere à história (a escola possui um museu interessante de minerais, produtos regionais, trabalhos folclóricos, etc.), a geografia viva, ensinada com a ajuda de álbuns postais e, sobretudo, o artesanato e tudo que desenvolve a habilidade manual. As meninas bordam, costuram, cozinham; os meninos fazem trabalhos de marcenaria; todos sabem consertar uma

tomada elétrica e aprendem a aproveitar-se de qualquer objeto velho para transformá-lo segundo sua fantasia e habilidade. Sob os cuidados de professor especializado, confeccionam muitos objetos. Vi, por exemplo, uma bandeja, bule de café, xícaras e açucareiros pintados de vermelho, feitos com latas velhas de biscoitos, conservas e talco. Estavam tão bem acabados que era difícil reconhecer sua origem. A oficina é uma maravilha. Nada lhe falta, desde a mesa de marcenaria até as ferramentas mais finas.

Enfim, citarei a horta, grande, mas arenosa e seca. O terreno é pouco fértil, e as árvores plantadas no jardim não são frondosas. Sente-se, por toda parte, muito boa vontade, mas, também, muita pobreza. A escola não possui recursos suficientes: precisa-se de muito dinheiro para manter uma escola particular e as dificuldades são numerosas. Uma delas é a falta de professores, outra certa animosidade dos poderes públicos, que se manifesta pela sua apatia total. Um exemplo dessa má vontade da Prefeitura é o estado da estrada que conduz à escola: não está calçada, o mato a invade e o lixo da vizinhança amontoa-se em frente à escola. Seria indispensável calçar uma rua onde tantas crianças passam diariamente. Não seria somente uma ajuda para a escola, como melhoraria também o aspecto da cidade de Duque de Caxias. É, portanto, uma obra que cabe à Prefeitura levar a bom fim.

Mas os esforços da Escola de Meriti são pouco apreciados na região. Outro dia, ainda, um vizinho ficou indignado porque os alunos estavam consertando cadeiras no jardim. Gritou que daria queixa aos jornais porque nenhuma escola tinha o direito de obrigar as crianças a “trabalhar”! A educação geral dos habitantes é péssima e suas ideias das mais atrasadas. Imagino que, muitas vezes, dona Armanda põe as mãos na cabeça, pensando: “Os esforços e sacrifícios de vinte e seis anos seguidos teriam dado um resultado compensador?” Mas nunca abandonará a obra da sua vida porque sabe que salvou a saúde de muitos, formou muitos caracteres e conseguiu fazer de algumas crianças miseráveis homens eficientes. Entretanto, grande deve ser a distância que separa o que sonhara e o que pode realizar! Os que assumiram o compromisso de manter a escola não reúnem bastante dinheiro a meu ver. A sopa diária, por exemplo, é uma instituição utilíssima, mas essas crianças precisariam de refeições completas. (Acrescentemos, entretanto, que é a única escola da cidade que oferece comida aos alunos!). As aulas ao ar livre

também são uma inovação interessante, mas os bancos e as mesas são muito primitivos. Enfim, é difícil encontrar boas professoras dispostas a ensinar em escola particular pobre. A maioria prefere pedir transferência para o Distrito Federal, onde os ordenados são maiores, ou lecionar em estabelecimentos particulares, ricos. Acredito que Meriti é uma das raríssimas escolas particulares para crianças pobres e talvez a única desinteressada. Em geral, uma escola particular destina-se a crianças que pertencem aos meios mais abastados, porque seu fim real é de ganhar muito dinheiro.

Nessas condições, a maior parte do trabalho cabe à diretora. É difícil levar tarefa tão árdua a bom fim, sem ajuda.

E chegamos aqui a um ponto onde discordo da Sra. Armanda Álvaro Alberto. “Sem a iniciativa particular, o Brasil não resolverá, tão cedo, o problema da educação do povo”, escreveu ela em trabalho apresentado em 1927 à Conferência Nacional de Educação. “A Escola Regional de Meriti tem por máxima aspiração ser reproduzida em todo o país. Que os fazendeiros, os industriais, os capitalistas fundem escola para os filhos dos seus colonos, sitiantes, operários, empregados. E aqueles que só dispõem de boa vontade, fundem associações como a nossa.” É evidente que nos lugares afastados do interior, nas grandes fazendas, nas aldeias esquecidas, o trabalho particular é o único remédio, atualmente. É também exato que o ensino particular tem ajudado muito o progresso do ensino nas grandes cidades, onde as verbas ridículas, destinadas à educação, não permitem a instalação de um número suficiente de escolas para a população. Mas meu ponto de vista é de que no futuro será preciso concentrar todas as energias para melhorar o ensino público. A campanha de educação só dará resultados compensadores quando os esforços não forem mais divididos. Os exemplos, as sugestões, as iniciativas particulares devem ser aproveitados, mas o plano de trabalho geral, a fiscalização, a distribuição de verbas e a direção geral devem ser obra pública. O problema é vasto e complexo. “Só o Estado totalitário tem pretendido resolvê-lo sozinho. No Estado democrático, o problema exige a mobilização de toda a sociedade e, sobretudo, a entrega a essa sociedade das responsabilidades da sua solução”, como foi explicado tão acertadamente domingo passado neste mesmo jornal, em artigo relatando o exemplo da Bahia, onde a nova Constituição do Estado criou um conselho para cuidar

dos problemas da educação. As medidas educativas devem seguir uma linha básica geral porque as escolas particulares sempre terão dificuldades monetárias, como se observa sempre nelas, ao lado de iniciativas admiráveis, falhas inevitáveis.

Na Escola de Meriti, por exemplo, cujas inovações admiráveis acabo de descrever, o ensino de base é menos desenvolvido do que na maioria das escolas públicas. Os alunos possuem uma base moral, um sentido de responsabilidade tocante, uma grande habilidade manual e conhecimentos úteis, devido ao contato permanente com a natureza, mas os cadernos de cálculo ou linguagem são pouco cuidados. Esse fato decorre, parcialmente, do nível muito baixo da vida familiar de cada um. Os desenhos, que dão sempre uma boa ideia do desenvolvimento geral de uma criança, comprovam seu estado mental. Não encontrei na Escola de Meriti um único desenho que revelasse imaginação, fantasia, poesia, originalidade e cujos traços desajeitados revelassem uma procura artística. As linhas retas e perfeitas lembram projetos técnicos, talvez porque essas crianças ignoram que, às vezes, é útil deixar a fantasia correr ao acaso, sem ter em vista um resultado prático imediato. Sua vida é dura e não adivinham a possibilidade de tais luxos, já que nunca viram em suas casas um enfeite, mas somente os objetos indispensáveis à vida quotidiana.

Entretanto, a ignorância de certas matérias básicas não decorre unicamente das reações individuais das crianças, como também de certas falhas inerentes ao ensino particular, sempre baseado em inovações excelentes, mas flutuantes.

Um dos princípios da Sra. Armanda Álvaro Alberto é de nunca interromper uma atividade interessante, aproveitando a atenção dos alunos ao máximo e encaixando as diversas matérias uma nas outras, sem que o reparem. As aulas não se limitam a um tempo determinado. O princípio é excelente, mas só pode ser posto em prática por professoras experimentadas. Uma única pessoa não pode cuidar de diversas turmas. As professoras que ajudam a diretora são cheias de boa vontade, mas seu preparo não dá margem a iniciativas pessoais desenvolvidas. O princípio de liberdade que rege as aulas traz consigo um perigo: o de seguir os desejos dos alunos que, naturalmente, interessam-se particularmente pelas matérias mais fáceis ou agradáveis, em vez de orientá-los para que assimilem os ensinamentos mais áridos.

Não estou menosprezando um esforço extraordinário que já deu resultados concretos conseguindo fazer homens conscientes e trabalhadores de meninos condenados a se atolarem na apatia da miséria. Estou examinando a questão sob um ponto de vista geral, tendo em mira o futuro. No momento, temos ainda que encorajar todas as iniciativas particulares e, especialmente, as que nascem de princípios tão honestos quanto os da Sra. Álvaro Alberto. Mas o nosso objetivo final deve ser a reorganização completa do sistema de ensino em todo o país. As escolas particulares muito ajudaram ao progresso do Brasil, mas são um paliativo. Sou contrária aos paliativos porque indicam uma adaptação às condições existentes. Acho mais importante preparar um futuro, talvez longínquo, mas de qualquer modo realizável, tomando medidas drásticas e completas, do que continuarmos agindo como se a situação presente de nosso ensino fosse um fato aceito e inevitável.

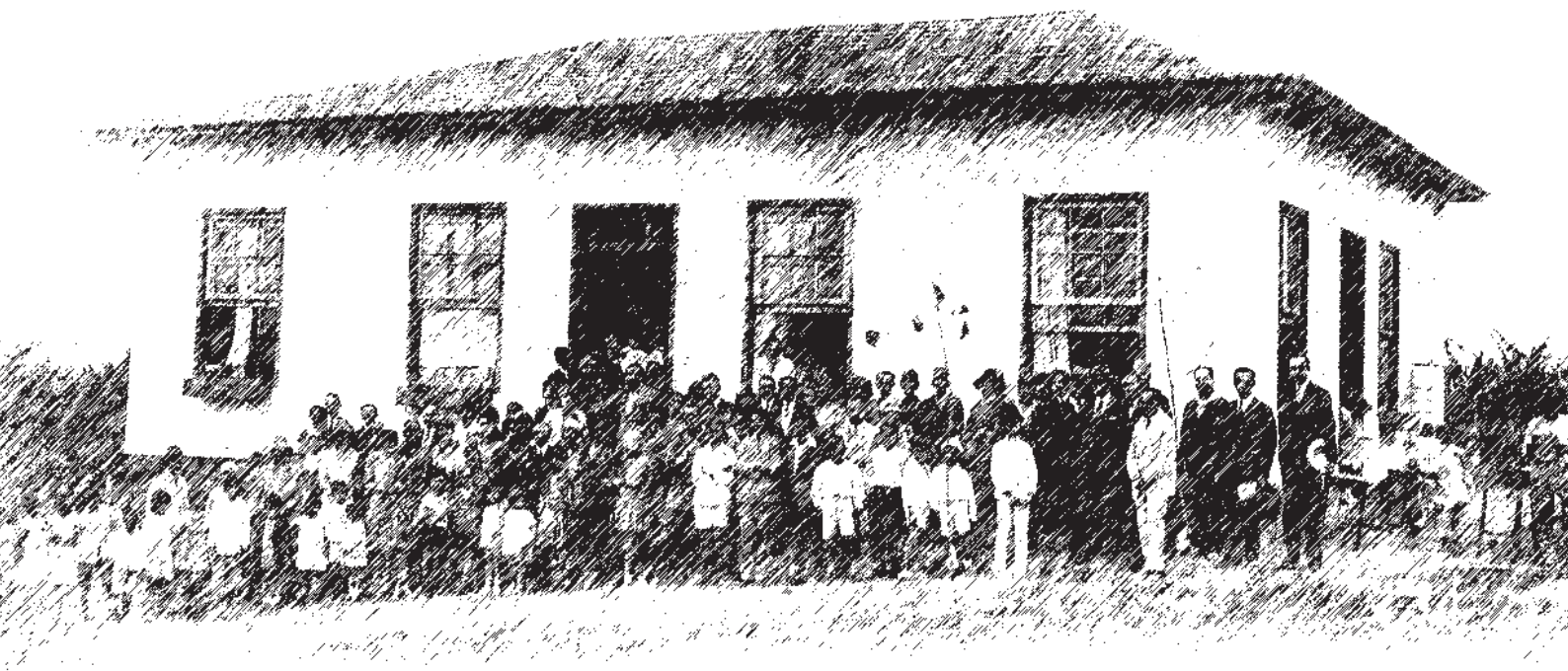
A reorganização geral do ensino deve ser racional. Se não deve encorajar demasiadamente iniciativas particulares isoladas, também não pode ser guiada pelas sugestões individuais de tal ou qual funcionário.

Estes inquéritos procuram apontar, objetivamente, as qualidades e as falhas observadas em escolas de tipos diversos. O agrupamento de todas as observações deste gênero dará sugestões para a organização de um plano de reforma do ensino. Cabe ao Governo sua organização, aproveitando todas as iniciativas particulares, mas dirigindo-as por intermédio de um grupo de especialistas bem escolhidos, entre os quais cabem pessoas com a experiência e a inteligência de uma Armanda Álvaro Alberto, que já comprovou que a boa vontade consegue milagres.

A Escola de Meriti destaca-se no ambiente geral da cidade de Duque de Caxias (que me deu uma impressão de miséria e atraso sob muitos pontos de vista) pela sua honestidade, sua independência e, sobretudo, sua base social. É porque soubera desse fato que fiz questão de passar um dia no Estado do Rio, fazendo uma única exceção nesta série de artigos limitados a observações colhidas no Distrito Federal.







## NO 30º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI

**João Telles Bittencourt**

Enorme é o meu desvanecimento e maior ainda é a minha alegria ao cumprir com o honroso dever de vos saudar, neste dia glorioso de vossa existência tão útil e proveitosa quanto honrada e dignificante. Outro que não eu devera ser o escolhido para melhor dizer-vos do nosso contentamento, da nossa gratidão e do elevado apreço à causa que abraçastes, aos benefícios que vindes patrioticamente prodigalizando às inúmeras crianças da terra desse imortal brasileiro, patrono do nosso município, o insigne Luís Alves de Lima e Silva.

Ao mais velho, talvez, dos caxienses vivos, foi conferida esta homenagem que guardarei sempre como um dos mais gratos acontecimentos de toda a

minha existência – a honrosa incumbência de traduzir, embora modestamente, o reconhecimento de uma comunidade agradecida aos benefícios que lhe proporcionou um dos seus maiores líderes – a professora Armanda Álvaro Alberto.

Minhas senhoras e meus senhores: Armanda Álvaro Alberto, que hoje homenageamos, foi sempre uma personalidade de educadora. Menina ainda, já se impressionava com a obra notável de Pestalozzi, esse precursor admirável de toda nossa moderna pedagogia e que muito influenciou o seu espírito, aperfeiçoando-lhe a nobre vocação de educadora. A ela deve o Brasil, na terra do Pacificador, o primeiro esforço construtivo por essa verdadeira política educacional, qual seja a criação da primeira escola rural, que ela criou, organizou e instalou em nosso município a 13 de fevereiro de 1921.

A Escola Regional de Meriti, como ainda hoje se chama, surgiu em bases modestíssimas, tal como a desejava a sua nobre idealizadora e fundadora. Ela deveria refletir em sua pobreza material o próprio meio rural brasileiro e em sua grandeza espiritual, toda a riqueza inesgotável de que é capaz o esforço bem conduzido e patriótico de brasileiros sinceramente devotados ao bem da coletividade.

E a obra assim iniciada, sem perder nunca as suas características essenciais, foi crescendo e exercendo a sua influência abençoada. Primeiro, era um edifício, por assim dizer, improvisado em terreno que não era seu. Depois, veio a aquisição do local onde hoje se acha instalada. Mais tarde, construiu-se ali o atual edifício da escola, melhorado e modificado, posteriormente, em varias ocasiões, para maior eficiência do trabalho que ali se executava. Mas conservou sempre o seu aspecto modesto de escolinha-padrão, que não visava tornar-se um centro educacional, mas exemplificar a escola que se desejava surgisse em todos os nossos meios rurais. Tudo quanto se arrecadava, que excedesse de qualquer forma as necessidades mais imediatas da manutenção da escola, revertia em favor dos alunos, em roupas, agasalhos, alimentos e auxílios de toda ordem. A escola timbrava em manter-se modesta em suas instalações, mas rica em influência no meio, de auxílio aos alunos e suas famílias, à população local, como um centro de vida e progresso para a comunidade.

E Armanda Álvaro Alberto, com a colaboração de seu esposo, Edgard Süssekind de Mendonça, e de seu irmão, o almirante Álvaro Alberto, ainda hoje permanece na estacada. A Escola Regional de Meriti, trinta anos depois de fundada, permanece como inicialmente, um tipo-padrão, um incentivo a ser seguido, em qualquer ponto de nosso território, por mais remoto e pobre que seja, como um exemplo do que pode fazer a iniciativa particular. Ela não terminou a sua missão de exemplo que presidiu à sua criação, paralela à missão de exemplo de auxílio que exerce na localidade onde foi criada. Ela é exemplo e incentivo para a iniciativa particular, que precisa surgir por toda a parte no Brasil, criando escolas rurais, como complemento indispensável e natural da obra de instrução do governo, da obra geral de disseminação da cultura e dos meios de progresso no seio de nossas populações rurais.

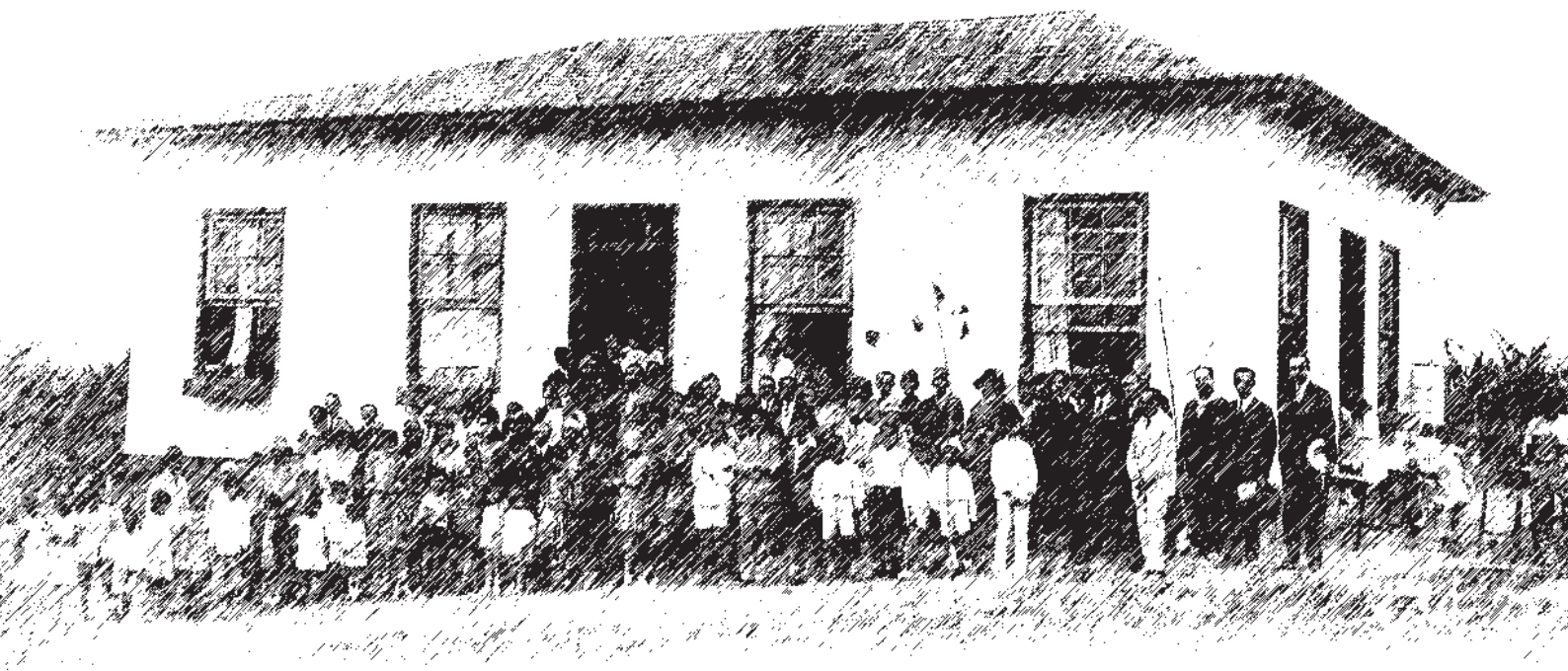
Daí a altíssima significação do 30º aniversário da Escola Regional de Meriti, da função que ainda tem que desempenhar no desenvolvimento de nossa educação. Por isso mesmo, é preciso que o acontecimento repercuta em todos os pontos do país, para que esse exemplo possa frutificar e produzir toda uma sementeira nova de escolas. A história da Escola Regional precisa ser contada a todos os brasileiros, para que novos valores se venham juntar ao esforço em prol das nossas populações rurais, criando escolas tão modestas e eficientes em sua influência e seu trabalho pela coletividade quanto o foi e é a realização magnífica de Armanda Álvaro Alberto.

Honra, pois, ao mérito inconfundível dessa educadora excepcional que é Armanda Álvaro Alberto.

Ela, como a escola que fundou, é modesta, sincera e tranquila, aliando a eficiência ao desapego pelas grandezas, aparências, exterioridades e pompas.

A ela, portanto, as nossas sinceras homenagens pelo jubileu do seu magistério e a gratidão eterna da terra a que tanto tem servido.





## CAXIAS CIDADE BEM-COMPORTADA\*

Olga Obry

Ir a Caxias e passar uma hora entre alunos, mães de alunos e professoras da Escola Regional de Meriti, à Rua Belisário Pena, é encontrar uma surpresa.

A rua foi aberta em 1947, pelo Departamento de Estradas de Rodagem e recentemente retificada pela Prefeitura, o que quase custou a vida a uma figueira brava que monta guarda na entrada da escola. A Escola Regional todo mundo a conhece: foi fundada há trinta anos, por Dona Armanda Álvaro Alberto, que a continua animando com seu espírito dinâmico. Para festejar o trigésimo aniversário, os moradores pintaram a casa, os vereadores ofereceram um forro novo para o teto, os alunos construíram um teatrinho no quintal.

.....  
\* Trabalho de autoria de Olga Obry, publicado em *Última Hora*, a 12 de outubro de 1951.

Não é dona Armanda quem deve agradecer – disse o senhor Custódio de Aquino, secretário da Comissão de Homenagens –, nós é que agradecemos!

Na véspera da festa, ele e sua senhora, dona Maria da Penha, trabalharam até as três da madrugada para aprontar tudo. Têm três filhinhas matriculadas na Escola Regional de Meriti. O senhor Custódio é guarda sanitário e dona Maria da Penha, costureira: agora, com a caçulinha na escola, ela já pode ter um emprego, numa fábrica de camisas; prega mangas de camisa esporte a sessenta centavos, embainha por trinta, prega punho por vinte, consegue fazer uns dezoito a trinta cruzeiros diários, com horário das nove às seis, uma hora para o almoço. Melhor do que costurar em casa, para fora, como fazia antes. Dona Maria da Penha acaba de completar 25 anos de existência. Mas as mais antigas são dona Jovelina e dona Cirila.

## Falta de alimentação

Dona Cirila veio do interior, de perto de Campos, teve 12 filhos, ficou com seis. Quando chegou a Caxias, tratou logo de arrumar um colégio para os mais velhos. As vizinhas informaram: “A escola de dona Armanda é que presta para a gente”. Dona Cirila foi ver, conversou com a diretora, gostou. Não queria um colégio de grande luxo e sim uma casa assim, modesta, limpa, com jardim, com horta, onde meninas e meninos aprendem, fora das matérias obrigatórias, trabalhos manuais, prendas domésticas, jardinagem, horticultura, para se tornarem úteis em casa e, além disso, têm recreação sadia, canto coral, pintura, modelagem, desenho e biblioteca. Matriculou uma filha e ficou satisfeita. Resolveu botar os outros no mesmo colégio, mas receava que não aceitassem o Ismael: com os seus nove anos, parecia um retardado mental, não sabia ler, não entendia nada. O diagnóstico de dona Armanda foi diferente: “Este menino é até inteligente. O que lhe falta é alimentação. É por fraqueza, por deficiência física que ele não consegue estudar”.

Aqui entrou em ação a campanha do óleo de fígado de bacalhau, que a Fundação Dr. Álvaro Alberto – que mantém a Escola Regional de Meriti – compra em latas de dez quilos, engarrafa e distribui de graça entre os alunos mais necessitados. O tratamento teve um efeito milagroso: hoje em dia, Ismael interessa-se pelas aulas e, se ainda continua no primeiro ano, junto

com sua irmãzinha dois anos mais moça, está fazendo progressos rápidos, principalmente em matemática – sua matéria predileta, como confessou entre encabulado e orgulhoso. Quando as crianças estiveram com sarampo, dona Cirila, todo dia, trazia seus cadernos para as professoras corrigirem. Ela mesma gosta de ler, mas tem a vista fraca – já deu tudo: a vista, os dentes, a força, a beleza – e mal enxerga à noite. Arranja, porém, uma hora ou outra durante o dia para ler os livros e folhetos que leva para casa. Acha muito úteis os debates do Círculo de Mães; há tantos problemas, aquele, por exemplo, de não espancar os filhos – ela sempre foi contra; mas há mães, a senhora sabe, que precisam ser convencidas... Naquele dia, havia reunião e dona Armanda explicava às mães por que não admitia que os alunos saíssem na hora do almoço – atrasavam-se no caminho, perdiam aulas; quem puder que leve um lanche de casa, quem não puder receberá merenda na escola, no intervalo do horário, que é das nove às duas, num turno único.

## Duzentos alunos e quatro professoras

Quatro professoras – uma comissionada pelo município, duas pelo Estado, uma mantida pela Fundação – para quase duzentos alunos, divididos em quatro anos, o primeiro dos quais subdivididos em primeiro atrasado e primeiro adiantado. As aulas de trabalhos manuais, a cargo de dona Brasilina Del Magnaio – que também ajuda dona Armanda na administração e nas visitas domiciliares –, são ministradas fora desse horário, à tarde, como também as de pintura, modelagem, etc. Entre as atividades recreativas, é o teatro que atualmente desperta o maior entusiasmo. “Seu” Camilo, um rapaz de 18 anos, que acaba de fazer um Curso de Recreação na Sociedade Pestalozzi do Brasil, voltou cheio de ideias. Fazem um pouco de tudo: teatro de bonecos, comédia improvisada, pantomina, dança de índios, confeccionam roupas e apetrechos com quase nada, um retalho de fazenda, um farrapo de cartolina, o que conta é a imaginação. Quando uma das professoras teve que suspender suas atividades, porque esperava um filho, Camilo ficou provisoriamente encarregado de tomar conta da sua turma. E foi uma das maiores surpresas que dona Armanda já teve: encontrá-lo um dia, em meio aos alunos muito atentos, dando, com a máxima seriedade, “aula de fazer caretas”! Não há

dúvida que os atores aproveitaram – deram-nos uma amostra convincente de suas aptidões mímicas, numa peça em que Neco fazia, com grande dignidade, um papel de rei. Neco é aquele garoto que ganhou este ano o prêmio de “melhor amigo de seus amigos” – o que não é fácil, pois na escola de dona Armada todos são bons amigos. Para a distribuição dos vários prêmios anuais, são os próprios alunos que formam o júri. Um dos sucessos do teatro é Getulinho, um pretinho, órfão de pai e mãe, que faz, com maestria, o papel de Saci-Pererê.

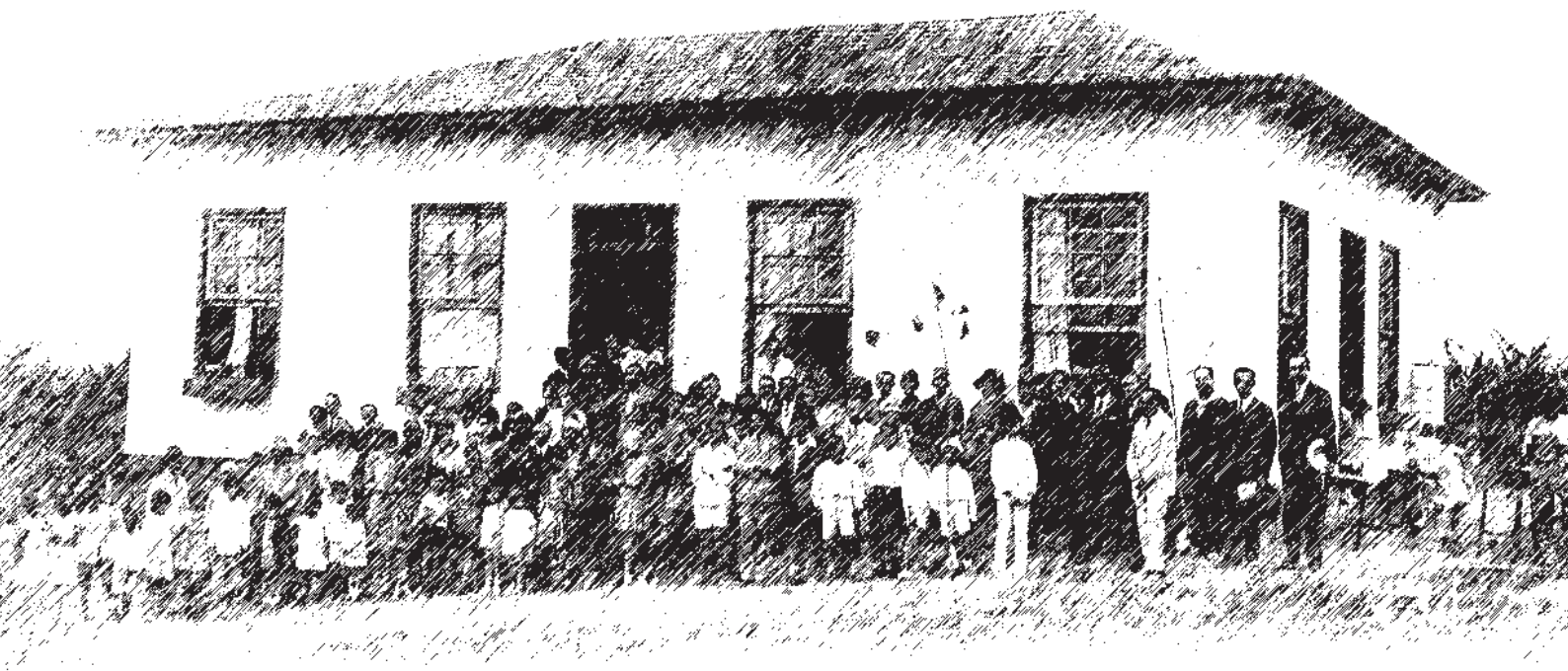
## Alunas de filho ao colo

Há, também, ex-alunas que já matricularam seus filhos na escola. “Essas mães são admiráveis!” Dona Armada não se cansa em elogiá-las: “Contam-me as dificuldades que têm com os filhos pequeninos”. Acreditem se quiserem: não há creches, jardins de infância, escolas maternais em Caxias. Muitas vezes, quando a mãe trabalha fora, as filhas mais crescidas levam os caçulinhas consigo ao colégio.

Quantas vezes já lecionei para meninas de 10 ou 12 anos que sentavam nos bancos da sala de aula com um nenê ao colo!

Falta leite, falta água, faltam conhecimentos rudimentares de higiene. Escusado dizer o que significa, nessas condições, uma escola consciente de sua missão como centro de vida social e de difusão cultural. E há o pesadelo da condução. O sonho mais arrojado de dona Armada é arranjar uma camioneta para a escola...





## DISCURSO DE PARANINHO\*

Lourenço Filho

Dona Armanda.

Na inauguração do atual edifício da Escola Regional de Meriti, plantaram-se muitas árvores. Isso foi há mais de vinte anos.

Muitos dos que aqui estão agora, com os cabelos grisalhos, eram ainda, como as mudas dessas plantas, brotinhos muito verdes. E eu estava entre eles. A mim me foi dada a alegria de ali aconchegar a terra às raízes de uma acácia delicada e tenra. Lembro-me como se fora ontem: o sol da manhã enchia tudo de luz. Havia um respeito natural dos presentes por aquele ato propiciatório.

.....

\* Discurso proferido em 30 de abril de 1952, pelo professor Lourenço Filho, como paraninfo da entrega da Medalha de Honra ao Mérito, conferida à D. Armanda Álvaro Alberto pela Standard Oil Company of Brazil.

Mas, ao notar a terra pedregosa da meia laranja onde assenta a escola, alguém não se conteve e disse: “Nesta terra as plantas não podem vingar”. Era mau profeta ou mau agricultor. Ou, pelo menos, um descrente desta verdade tão simples, mas tão bela: a de que, mesmo em terreno agreste, as plantas, como as ideias, logram vingar desde que tenham a protegê-las um espírito tocado da graça de bem-fazer.

Disso, porém, sabia Venâncio Filho. Esse nosso inesquecível companheiro voltou o olhar para aquele descrente, sorriu com a bondade infinita de seu coração e comentou: “Fique descansado, amigo, que dona Armandinha regará estas plantas, todos os dias, até que cresçam. Ela não as saberia abandonar”.

A cerimônia, que agora toca o seu termo com a entrega da medalha da honra ao mérito, que tão bem lhe cabe, é a colheita das flores, reais e ideais, das árvores que lá estão frondosas e amigas, minha prezada dona Armandinha. Colheita simbólica, por certo, porque a safra verdadeira, esta tem florido o seu coração, no olhar simples das crianças, nas palavras de gratidão dos pais e, sobretudo, na compreensão cada dia mais viva que a coletividade passou a demonstrar pelo empreendimento, que deveria, aliás, ser reproduzido em todos os recantos de nossa terra.

A Escola Regional de Meriti foi pioneira da educação renovada em nosso país. Foi das primeiras, se não a primeira escola a tentar a educação conjunta de crianças e de adultos. Foi a primeira a criar um Círculo de Mães. Foi a primeira a organizar concursos de higiene e de arte popular, entre toda a população da localidade a que devia servir.

Uma geração passou; as árvores estão fortes. Crianças, filhos das crianças de outrora, cantam sob a sua sombra. A povoação cresceu e é uma próspera cidade. As árvores florescem, florescem sempre e florescem tanto que enchem este grande auditório da Rádio Nacional para engalanar a medalha que a Standard Oil oferece, neste instante.

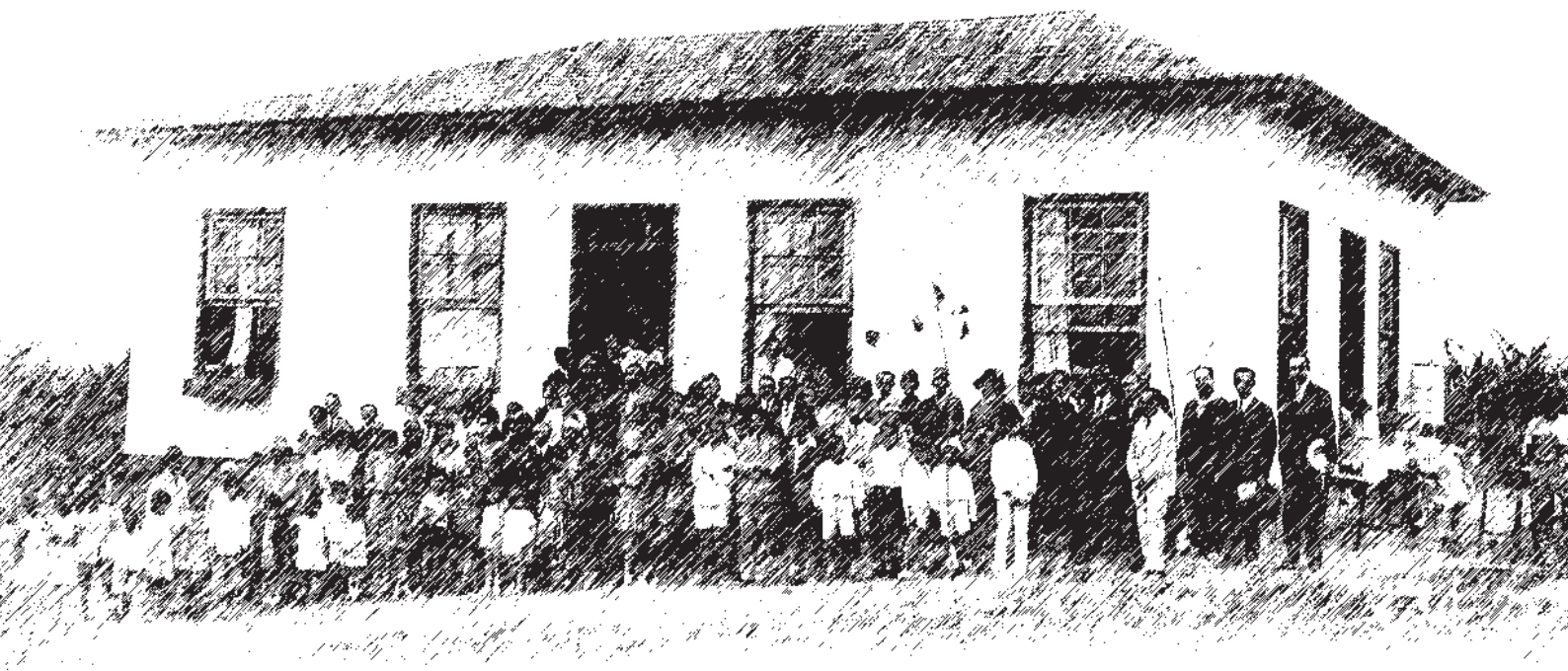
Ao entregar este testemunho de reconhecimento social, dona Armandinha, evoco as páginas finais do romance de Ellen Carlyle, *The Mother's Cry*. Atormentado com a ideia do Bem e a ideia do Mal, o Diabo pergunta a uma velha mãe: “Mas afinal o que é o Bem e o que é o Mal?” E a velha mãe responde com simplicidade: “O Bem é quando as crianças são felizes e riem

ao pé de mim. O Mal é quando elas sofrem, ou quando, distantes do nosso carinho, andam às cegas, desamparadas e incompreendidas”.

A senhora merece esta medalha, dona Armandinha, porque a senhora sabe o que é o Bem. Mais do que isso, a merece porque a senhora tem realizado o Bem sem outro fito senão o de praticá-lo.

Com esse alto pensamento, aplaudamos todos, meus senhores e minhas senhoras, a criadora da Escola Regional de Meriti.





## NO 40º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI\*

**Paschoal Lemme**

Nada mais fácil e agradável do que falar de uma instituição como a Escola Regional de Meriti, porque é uma realização concreta, vitoriosa; porque já tem um passado pelo qual pode ser julgada; porque é fruto de dedicação e da inteligência de um grupo de amigos queridos, tendo à frente essa figura singular de D. Armanda Álvaro Alberto, que já se inscreveu nos quadros da pedagogia brasileira.

.....

\* Saudação do professor Paschoal Lemme, por designação do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE), na solenidade comemorativa da fundação da Escola Regional de Meriti, em 23 de outubro de 1961.

Conheço outros casos de grandes dedicações dessa natureza e quero citar aqui apenas aqueles que apreciei de perto, e dos quais até sofri a influência, e que tiveram por ambiente o Rio de Janeiro, onde nasci e fiz minha formação, pois haverá muitos outros por esse Brasil imenso: Corinto da Fonseca, Benevenuta Ribeiro, Teófilo Moreira da Costa, meu professor. Corinto da Fonseca (cuja morte se dava exatamente nesse dia, 8 de outubro de 1961, quando escrevia estas linhas, mas de que somente no dia seguinte tive conhecimento), na escola Souza Aguiar e, depois, em outras iniciativas, viveu sua vida a pregar uma escola média brasileira, que se antecipava a tudo o que temos procurado; diretor de Heitor Lyra da Silva, nessa escola, e na escola Wenceslau Brás, talvez tenha sido o inspirador de lutas semelhantes a que se dedicou nosso fundador; sua obra, porém, sofreu as vicissitudes das flutuações e incompreensões das administrações que se sucediam, levando-o quase ao desespero e tornando-o áspero e sarcástico e, portanto, de trato difícil; seu trabalho intitulado *A escola ativa e os trabalhos manuais* deve, entretanto, ser relido pelos velhos e estudado pelos jovens educadores, com proveito. Benevenuta Ribeiro batia-se pelo seu sonho de uma escola para a educação de moças; “sua” escola foi-lhe entregue na fundação e dela saiu para morrer; áspera também e agressiva contra os que impediam a completa realização de seu ideal, teve sua obra várias vezes interrompida e deturpada pelas mesmas flutuações e incompreensões das administrações. Teófilo Moreira da Costa, meu professor, que me fez professor, tomou uma escola primária comum e a foi transformando no tipo que andamos agora a procurar: uma escola primária de sete anos, com oficinas, para dar aos jovens a iniciação ao trabalho, como utilidade prática e como formação geral. De aluno, tinha me tornado professor; e um dia, levei-o para casa, com uma violenta hemoptise, que o vitimara, pelo esforço, pelo trabalho continuado por longos anos, sem um descanso; pelas lutas para realizar o seu sonho. E nunca mais voltou a subir o Morro do Vintém, no Méier, onde “sua” escola se transformou depois na escola Secundaria Visconde de Cairu.

O caso de D. Armanda Álvaro Alberto, porém, é único: fundadora da Escola Regional de Meriti, manteve-se até hoje na direção da mesma, insistiu em seus ideais, realizou seus sonhos. As alterações que a escola sofreu, e vem sofrendo, são resultantes das modificações do próprio ambiente em

que se instalou e vive. Antes, era um meio quase rural; hoje, a escola quase desaparece no burburinho de um dos maiores centros industriais do país. Mas ficou fiel às suas características de servir à população como ela é: acrescentou oficinas e desenvolveu as atividades artesanais, aumentou a biblioteca e o museu, cresceu organicamente, diferenciou-se quase que biologicamente com o meio e criou novos órgãos para as novas funções. E isso a salvou de qualquer artificialismo, não se transformando numa simples teimosia de iluminado.

Que influências teriam levado D. Armanda a idealizar e realizar uma obra tão sólida, tão orgânica, ela, uma simples pessoa particular, sem qualquer curso especializado, sem ser diplomada “em nada”, sem ter o bafejo oficial?

Foi o problema que mais me preocupou quando recebi a honrosa incumbência de meus companheiros do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação de saudá-la pelo transcurso deste evento raro, que é a comemoração de 40 anos de existência de uma instituição como essa.

Creio que três influências principais levaram D. Armanda à sua grande obra.

Naturalmente, a primeira, foi a origem, a família, onde nasceu e se educou; seu pai, o ilustre médico Dr. Álvaro Alberto, a quem sei que era profundamente ligada; sua mãe, que foi sempre um sustentáculo de suas aspirações.

Em Angra dos Reis, conheceu a miséria tremenda dos pequenos brasileiros que ali viviam, cuja condição pôde observar ainda muito jovem, e onde começaram suas atividades de educadora. A questão social não lhe foi estranha, assim, desde muito cedo, e essa foi, provavelmente, a segunda influência, decisiva.

Por fim, a ciência, as ciências naturais, a que se dedicou, a botânica, especialmente, que amava, estudava e ensinava (no Colégio Jacobina).

E foi assim, que a 13 de fevereiro de 1921, fundava a escola Proletária de Meriti, que passou a denominar-se, depois, Escola Regional de Meriti.

Ouçamos a própria fundadora, em palavras que transcrevo de uma conferência do Dr. C. A. Barbosa de Oliveira, pronunciada durante a IV Semana Nacional de Educação, realizada de 13 a 18 de maio de 1931, e que aparece reproduzida no livrinho intitulado *A Escola Regional*, publicado pela nossa Associação Brasileira de Educação:

Uma página escrita por mão afeita à vida infantil e ditada pelo sentimento nobre de um patriotismo raro ilustra superiormente o espírito que tem de presidir tais instituições [o autor refere – se à escola Regional], provando como na natureza riquíssima e no trabalho multiforme encontramos as melhores sugestões para imprimir ao ensino acentuado cunho educativo.

– Tendo observado de perto, em convivência longa, vários grupos de população do centro e do nordeste do país, sempre interessada pelos problemas de educação no Brasil, aproveitei durante uma estada de muitos meses numa praia de Angra dos Reis, em 1919, a primeira oportunidade que se me oferecia para ensaiar uma escola. Apareceram prontamente cerca de 50 crianças, para as quais não existia escola pública ou particular por toda a redondeza. Não tendo coragem para rejeitar nenhum desses alunos, que iam dos 3 aos 16 anos, organizei as turmas, com a homogeneidade possível em tais circunstâncias, e pus-me a praticar o que estudara nos livros da Montessori. Era pouco, por causa dos alunos mais velhos.

Enfim, experiências, tropeços, não é mister recordá-los aqui, bastando acentuar que lidava com crianças, adolescentes, mesmo, que não sabiam sequer dar nomes às cores, salvo a dos frutos verdes e maduros; que ignoravam sua condição de brasileiros; que dos engenhos da civilização moderna apenas conheciam os vapores costeiros e os navios de guerra, de vez em quando ancorados na baía...

Os desenhos espontâneos que ainda conservo são documentos fiéis daquela mentalidade. Para a compreensão de tanto atraso, é preciso lembrar que o impaludismo, a opilação e o alcoolismo degradam a população da Ponta da Cidade, tal qual a de Meriti. Além da pesca, ocupação de todos os homens, existia uma indústria: a de aguardente; lavoura única, a da cana, e a da bananeira, em escala reduzida.

Aquela escola ao ar livre, à sombra dos bambus, cujo mobiliário constava de uma mesa, uma cadeira e esteiras pelo chão, onde as manhãs eram consagradas à distribuição de remédios, e muito material escolar improvisado ali mesmo, do que pudesse ser aproveitado, se foi a escola que iniciou alguns patriciozinhos nas coisas primordiais da vida, foi também a nossa própria escola, a que preparou essa outra de Meriti, fundada menos de um ano depois de sua extinção.

Eram propósitos, ao fundar-se a então Escola Proletária de Meriti, continuar o que fora interrompido em Angra: *um ensaio de escola moderna, regional, criada e mantida por iniciativa particular* [o grifo é meu].



Não tendo sob meus olhos nenhum modelo a seguir, foi inaugurada a 13 de fevereiro de 1921, sem um só programa escrito; tomou, desde o começo, no entanto, a feição de um lar-escola, embora externato, com número limitado de alunos, a quem não se dão notas, prêmios ou castigos.

A orientação geral apresentava-se resumida em quatro cartazes, com os dizeres: Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade. Juntamente com a escola, considerada anexo indispensável, inaugurava-se a Biblioteca Euclides da Cunha, repartida em três seções: para alunos, professores e moradores de Meriti.

Um museu escolar foi-se logo organizando, em parte, com as contribuições trazidas pelos próprios alunos, da natureza local.

Muito naturalmente as funções domésticas, mais as de auxiliar da biblioteca e do museu, e outras que a vida do estabelecimento ia exigindo, foram sendo exercidas pelas crianças. Nunca tivemos um servente ou outro empregado para tais misteres.

Dadas as condições em que vivem nossos alunos, cedo compreendemos que a sua *escola* não devia ter férias completas.

Assim, a assistência médica e as aulas de trabalhos manuais não se interrompem nesse período. “Afeiçoada pelo seu próprio meio é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele”, está dito no primeiro relatório da diretora. Se a feição de escola-casa de família, baseada na liberdade, no trabalho individual, nos hábitos de saúde, na alegria com que se desempenham as funções domésticas, se essa face evidenciou-se desde os primeiros dias, a outra, de ação na vida local, direta, essa foi surgindo a partir do terceiro ano de existência da escola, com o primeiro concurso das “janelas floridas”, em 1923. São notórios a indolência, o descaso por tudo que não seja o estritamente necessário ao seu viver de incultos, sem uma parcela de intuição na arte de aformosear a vida, entre nossos roceiros. Combater a fealdade e o desconforto de Meriti, dar-lhe a alegria das flores e a sombra das árvores, tais são os fins visados pela iniciativa da escola. A princípio, só os alunos floriram suas janelas; depois, a população foi concorrendo também.

E, comenta o Dr. Barbosa de Oliveira:

Esse quadro encantador, tão vivo no seu colorido, tão fiel na realidade – tão rico na generosidade revelada pela alma brasileira –, foi traçado por um dos mais brilhantes

elementos de nosso professorado, do “nosso” – digo bem –, considerando que a ABE tem, desde a sua fundação, nela encontrado um dos mais poderosos esteios da imensa obra idealizada por Heitor Lyra.

Esta página é cheia de ensinamentos para todos nós, pelo precioso empreendimento realizado por uma pessoa de boa vontade – no significado evangélico da boa vontade –, D. Armanda Álvaro Alberto, a ilustre diretora da Escola Regional de Meriti, a quem a Associação deve serviços inestimáveis pelo entusiasmo comunicativo, pela colaboração valiosa e pela verdadeira devoção com que se consagra à causa do ensino!

“O exemplo de Meriti, de iniciativa particular, fala aos poderes públicos com a incomparável autoridade de uma excelente lição”, conclui o Dr. Barbosa de Oliveira.

Mas a obra de D. Armanda, nascida sob a inspiração de Euclides da Cunha, e isso já era todo um programa de seriedade, de devoção, de profunda compreensão do homem brasileiro, de sadio nacionalismo, pôde, como era natural, interessar às maiores figuras, os verdadeiros apóstolos dessas causas. D. Armanda soube atrair, e o mereceu pela autenticidade de sua obra, e teve a felicidade de ver desfilar pela escola, a dar-lhe o apoio, o ânimo e as bênçãos, figuras como as de Heitor Lyra da Silva, que se emocionava até as lágrimas, com as “janelas floridas”; de Belisário Penna, dos maiores amigos da escola, que fazia conferências sobre saúde para a população local, para ajudar a ação da escola; Roquete Pinto, o grande cientista, que deixava como marco o “pau-brasil”, plantado numa festa da árvore; e depois, de Venâncio Filho, o amigo número um de D. Armanda e da escola, que tinha aquele dom de nos fazer colaborar em todas as obras pelas quais se interessava; e, por fim, desse admirável Edgard Sússekind de Mendonça, depois companheiro de D. Armanda, que pelos fins de sua vida encantadora e encantada – e cuja morte foi para nós tão surpreendente, tanto amava a vida –, como que encabulado da paternidade que assumira da escola, “reprendia” D. Armanda, diante dos amigos comuns:

“Mas, Armandinha, não é possível; você está se tornando ‘cacete’ com essa história da Escola Regional de Meriti. Você deve entregar a escola a alguém que possa levar avante a obra, sob sua direção, e passar de mãe a avó. É tempo de nos tornarmos avós de nossa filha diletta”, queria ele dizer.

Eram a persistência e a versatilidade admiráveis desses dois grandes espíritos que se uniram, e que se chocavam, produzindo aquele equilíbrio magnífico que manteve a escola entre a diretora fundadora e o secretário perpétuo.

Da. Armanda viu tombarem, um a um, esses amigos queridos, deixando cada um um pouco de sua vida e de sua lembrança na obra admirável. E ela continuou impávida.

Um deles, talvez o primeiro a compreender todo o valor da obra, e que também é o fundador desta casa – Heitor Lyra da Silva –, para ver até que ponto as duas iniciativas se entrelaçam, assim se expressava, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do novo prédio da escola, em Meriti:

O que acabamos de entregar ao solo não é uma pedra, mas uma semente. Ela há de germinar, a planta crescerá, transformar-se-á em árvore frondosa, capaz de abrigar em sua sombra acolhedora todos os que a procurarem, vizinhos deste lugar, e capaz de atrair pelo seu porte majestoso, pela beleza de seus ramos erguidos para o céu, a atenção dos que passarem, céticos ou distraídos.

Aquilo que um pequeno grupo de vontades esclarecidas empreendeu aqui realizar – posso dizê-lo livremente porque não pertenço ao número dos iniciadores – é, ao mesmo tempo, uma obra de inteligência e de coração.

Comoveu-os o espetáculo de miséria, de incultura, de imprevidência que rodeia, num doloroso contraste, a nossa grande, bela e luxuosa capital, contraste a que só espíritos desatentos e sensibilidades embotadas podem ficar indiferentes, quando ele deveria gritar violentamente na consciência de todos os que têm em mãos uma parcela de poder ou um elemento qualquer de ação prática.

Não é raro, entretanto, empregar tais recursos em serviços exclusivamente materiais, em trabalhos suntuários, que se uma ou outra vez se harmonizam com o ambiente, muito mais frequentemente o deformam e são, quase sempre, adiáveis, ao menos diante do dever primordial de cuidar, antes de tudo, da criatura humana. Por isso, já tivemos um visitante estrangeiro ilustre, que ao defrontar o fausto arrogante de um dos nossos edifícios públicos, não se pôde impedir de perguntar a quem o acompanhava qual era o número de escolas que a administração da cidade mantinha.

A Escola Regional de Meriti pretende realizar muito mais uma missão de educação, do que de simples instrução! Estamos aqui felizmente emancipados do preconceito de que o mero conhecimento da leitura, da escrita e das contas possui virtudes intrínsecas, capazes de transformar cada indivíduo em fator social útil, de elevá-lo moralmente, de

fornecer-lhe melhores elementos de conforto e de felicidade. Sabemos, ao contrário, que a instrução pura e simples é arma e, como toda a arma, perigosa. Sabemos que incumbe a quem a entregar o dever estrito de preparar quem a recebe para manejá-la benfazejamente, para si e para os outros.

A Escola Regional de Meriti quer evitar que uma instrução mal orientada possa vir a agir como fator de dispersão; quer ligar intimamente a instrução e o trabalho; quer afeiçoar e não escravizar à terra a população infantil que nela vai labutar; quer que essa população saiba viver mais racionalmente, ajudando a sanear o meio e conhecendo os recursos de higiene individual e coletiva; quer que ela possa executar um trabalho mais eficiente e, portanto, mais remunerador, conseguindo, assim, materialmente, viver melhor; finalmente, quer que ela aprenda a discernir no ambiente que a cerca, nas coisas mais simples e aparentemente mais banais, assim como na solidariedade humana, todo o tesouro de beleza que encerram, elevando as almas e enobrecendo a vida.

Não nos iludimos, contudo, os fundadores desta instituição de bondade e de justiça, que não é uma esmola, mas uma reparação, nem os que a eles nos viemos juntar com o mesmo entusiasmo refletido, que desde o início os caracterizou sempre; não nos iludimos acerca das dificuldades que teremos de vencer. Para não descer a minúcias, basta dizer que compreendemos bem que nunca será possível realizar, neste meio, uma verdadeira obra de educação, sem que ela se apoie na franca melhoria da saúde pública e em uma organização estável do trabalho.

Temos fé, porém; estamos animados desse idealismo fecundo que não esquece a necessidade de pisar em solo firme, quando se quer caminhar erguendo os olhos para o alto.

A casa que esperamos erguer aqui não será um palácio que humilha a pobreza; será modesta, clara e alegre, hospitaleira e franca, será a casa que pertencerá a todos e que precisará do apoio e do carinho de toda a população que vive em volta, e que a ela deseja servir.

E só assim estará realizado o sonho dos trabalhadores que a idealizaram, porque só assim a Escola Regional de Meriti terá adquirido a força material de que ainda carece, sem nada perder da pureza do espírito que a anima desde o primeiro instante e que, temos confiança, a animará sempre.

Poderíamos dizer hoje a Heitor Lyra:

A semente germinou, a planta cresceu e se transformou em árvore frondosa, como ele desejava e previu, sem nada perder da pureza do espírito que a animou desde o primeiro instante... Sobre ela rolaram quarenta anos,

fortificando-a, desenvolvendo-a. Os caderninhos de D. Armanda e os relatórios anuais, infalíveis, da diretoria, contam toda a sua história de lutas, de vitórias, de desenganos, de presenças grandiosas e de saudades imensas... Relatórios e caderninhos esses que mereceriam ser divulgados um dia, pois contêm páginas das mais autênticas da pedagogia brasileira. E ver-se-á, então, que os modelos que ansiosamente andamos a procurar alhures e a arquitetar muitas vezes no vazio ali estão vivos, funcionando, bem perto de nós.

Mas uma dívida maior tem que ser paga para com a Escola Regional de Meriti : uma legítima experiência brasileira de educação. Tal como a barraca de Euclides da Cunha, à beira do Rio Pardo, onde o monumento de *Os Sertões* foi concebido e escrito, e que o governo envolveu em sua proteção carinhosa, pelo muito que representa para a nacionalidade, a Escola Regional de Meriti está a merecer também a atenção das autoridades, não para rodeá-la de vidro, nem para transformá-la em museu, como a Iasnaia Poliana, de Léon Tolstói, mas para aproveitá-la em toda a sua plenitude, dando-lhe recursos para sua sobrevivência, para completar seus planos, transformando-a numa verdadeira instituição de caráter experimental, onde o professorado vá receber a inspiração de métodos progressistas de ensino e educação, numa instituição nascida do ideal e do sonho, mas forjada na luta com a prática e com a realidade.

Uma vez, na sede da escola, creio que quando ela comemorava 35 anos de fundação, terminei algumas palavras de saudação, lembrando o exemplo de um grande educador russo, A. S. Makarenko, o autor do *Poema pedagógico*, uma das mais notáveis obras da pedagogia e da literatura contemporâneas, que ao ter vencido a maior parte das terríveis dificuldades de sua obra de recuperação de crianças e jovens, abandonadas, degradadas pela guerra, pela fome e pela guerra civil, explicava o título da última parte de seu trabalho, revelando os tempos mais felizes, da colheita dos frutos dos seus esforços: “Bandeiras sobre as torres”: “Quando há fracassos e falhas, que venham as críticas implacáveis. Mas, nas vitórias, que se desfraldem as bandeiras sobre as torres!”

D. Armanda Álvaro Alberto, podeis içar no mastro da Escola Regional de Meriti a bandeira da vitória incontestada!



■ 13 de Fevereiro de 1921 – É inaugurada a Escola Proletária de Meriti, depois Escola Regional de Meriti. Principais fundadores: Armanda Álvaro Alberto, Diretora. Prof. Francisco Venâncio Filho, Prof. Edgar Sussekind de Mendonça, comandante Coriolano Martins, Dr. Ernesto de Otero, Profa. Corina Barreiros.

■ 12 de julho de 1925 – Visita dos Drs. Belisário Penna e Savino Gasparini à escola. Nesse mesmo dia, realizava-se no Cine Meriti a primeira conferência de educação sanitária, pronunciada pelo Dr. Belisário Penna e promovida pela Escola.





■ 24 de junho de 1928 – O prédio próprio da Escola Regional de Meriti é inaugurado com a presença da direção do estabelecimento, de educadores, professores, alunos e amigos.



■ Pavilhão para aulas e teatrinho, inaugurado em setembro de 1950.





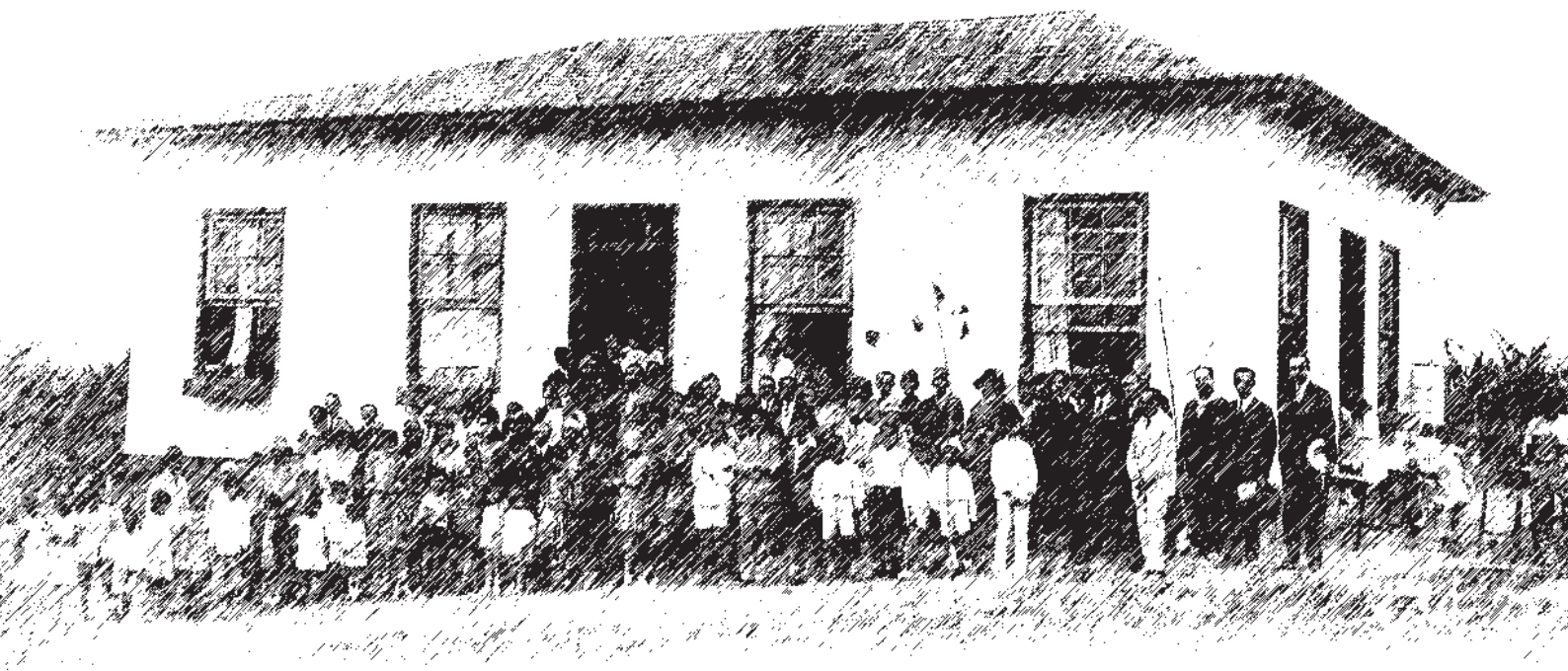
■ 16 de setembro de 1951 – Marco comemorativo do 30º aniversário da escola, oferecido pela população local. Ao lado, a diretora da escola, professora Armanda Álvaro Alberto.

■ 18 de setembro de 1960 assinala a data da inauguração do pavilhão, da nova sede da Biblioteca Euclides da Cunha e da Oficina Heitor Lira.





■ 8 de outubro de 1961 – Comemoração do 40º aniversário da Escola Regional de Meriti. À mesa, a inspetora de ensino municipal, Profa. Nomília Brandão; o prefeito municipal, Adolfo Davi; a diretora, o vereador Alayde Cunha e o Sr. Custódio d’Aquino.



## NA FESTA DA DESPEDIDA\*

**Raquel Trindade**

D. Armanda, Senhores, Senhoras, Alunos e meus Companheiros Ex-Alunos:

Fui incumbida de falar em nome dos ex-alunos nesta reunião. Eu deveria dizer coisas alegres, pois a escola está festejando o encerramento de mais um ano letivo. Mas, infelizmente, senhores, não posso.

Como posso dizer coisas alegres se minha alma está triste? Eu sei que a administração estadual, que de hoje em diante tomará conta da escola, fará o possível para que ela seja uma escola-modelo. Não duvido disso. Mas, senhores, coloquem-se no meu lugar e vejam se eu não tenho razão para

.....

\* Discurso da ex-aluna Raquel Trindade, na Festa da Despedida, realizada em 15 de dezembro de 1963.

estar triste. Olhem estas paredes, olhem estes quadros, cheguem à janela, senhores, e vejam aquelas árvores lá fora. Sabem o que tudo isso significa para mim?

Significa *a minha infância, a infância de meus companheiros ex-alunos.*

Como se sentiriam os senhores se de repente alguém tirasse de suas vidas a parte mais bela, a parte mais pura, que na vida do homem é a infância?

Senhores, só quem estudou aqui pode imaginar o que é para nós a Escola Regional de Meriti; os estudantes de outras escolas primárias da mesma época em que eu estudei aqui não entendiam porque eu falava da minha *escola* com tanto entusiasmo. Eu tentava dizer a eles que a minha *escola* era diferente, que a minha *escola* tinha alma, que a minha escola tinha vida.

Quando estive na Europa, mostraram-me métodos de ensino adiantadíssimos. Os senhores não imaginam o que eu senti quando verifiquei que os métodos da escola que o povo chamava de “mate com angu” estavam além dos métodos europeus. “Mate com angu” era como nos chamavam na rua, mas eles sabiam que nós não ligávamos para o apelido, não ligávamos porque éramos felizes.

Tudo isso, senhores, sentíamos porque acontecia nesta escola um grande milagre, um milagre enorme. Sabem qual foi o milagre? Uma mulher transportou para uma casa o seu próprio coração. Isto não é possível, dirão os senhores. Não é possível, mas aconteceu. Pulsou durante anos e anos dentro desta casa o coração de D. Armanda Álvaro Alberto. O que sociólogos do mundo inteiro, o que mestres de todos os continentes somente imaginaram, o coração de D. Armanda Álvaro Alberto realizou nesta escola.

E foi muita coisa, senhores. Tem razão esse coração de se dizer cansado. E de entregar a outras mãos o fruto do trabalho árduo de tantos anos.

Eu nunca imaginei este momento, até alguns dias atrás. Eu não sabia que esta escola iria ser entregue ao Estado. Desculpem-me os representantes do governo estadual que estão presentes. Desculpem-me este desabafo. Mas, desde o dia em que eu soube que o coração de D. Armanda tinha-lhes entregue a escola, eu fiquei comovida porque sei que só terminaria o milagre quando esse coração cansasse.

Sempre que qualquer um de nós, ex-alunos, pensava na “Regional”, esse pensamento vinha ligado ao nome de D. Armanda. Tudo que existe

dentro desta escola reflete o gosto e a figura de D. Armanda. A primeira vez que assistimos a um concerto sinfônico fomos levados pela mão de D. Armanda. A primeira vez que visitamos um museu fomos levados pela mão de D. Armanda. O gosto pela boa leitura nós herdamos de D. Armanda. A primeira árvore que plantamos, sua semente nos foi dada por D. Armanda. A verdade que existe neste versículo que diz: “Se não amas o teu irmão, a quem vês, como podes amar a Deus, a quem não vês? “; símbolo de fraternidade, nos foi esclarecido por D. Armanda.

Por isso, senhores, eu pensava que o milagre não terminasse.

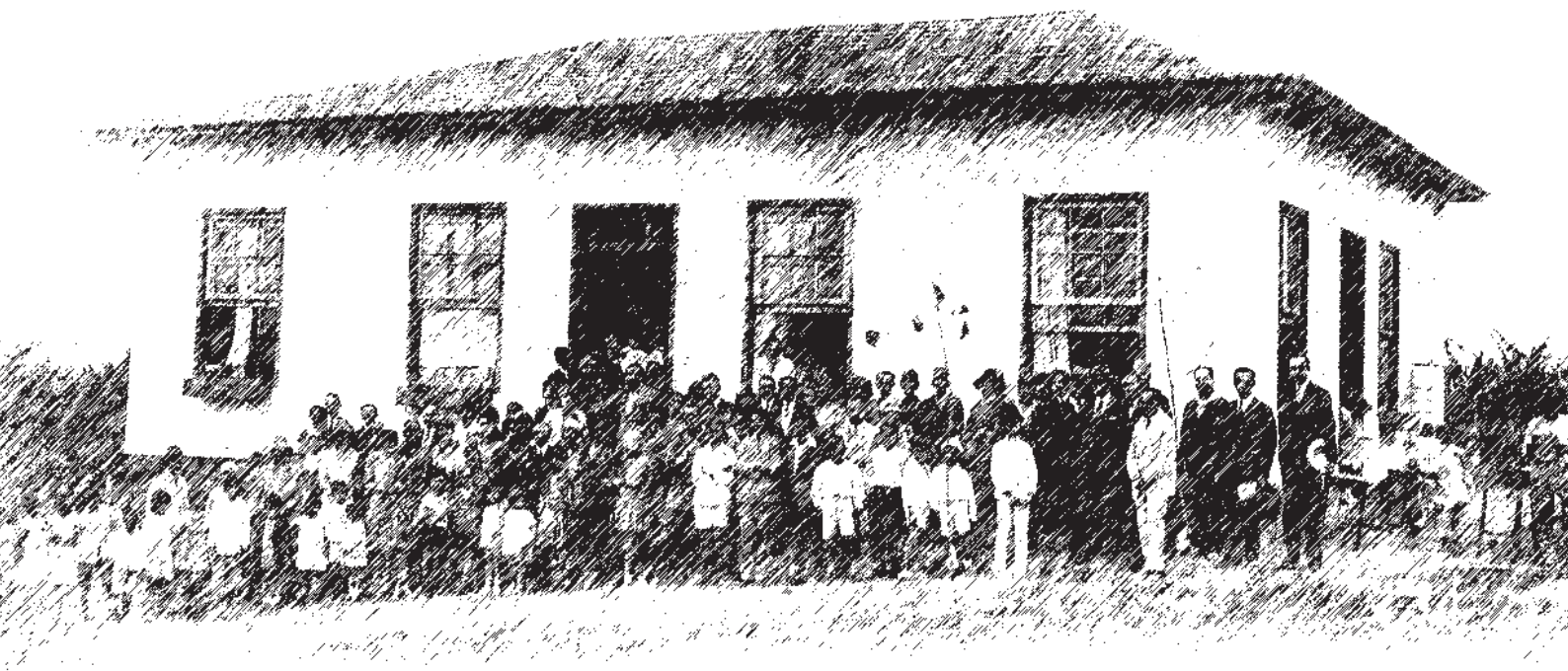
Eu lhes peço, senhores representantes do Estado, quando dirigirem esta escola, deixem-na como está: com estes móveis, com estes quadros, com o balanço e as flores daquelas árvores lá fora, com os Concursos Monteiro Lobato e Euclides da Cunha, com as músicas de Natal e de São João.

Tornem a fazer a horta, o pomar, a sopa do meio-dia feita pelos próprios alunos. Voltem ao antigo horário da escola, de 9 às 17 horas. E então, senhores, assistirão a outros dois grandes milagres: o primeiro será ver uma geração de caxienses mais bem esclarecida, mais culta, mais trabalhadora. O segundo milagre é que vai dar nova vida a um coração cansado, que confiou nos senhores. Se os senhores fizerem isso, darão alegria e juventude ao coração dessa grande mulher, que é D. Armanda Álvaro Alberto.

E, para finalizar, eu peço a todos os ex-alunos que não se afastem de D. Armanda. Ela sempre foi nossa companheira, não pode ficar só. De hoje em diante, lembrem-se de que ela é o símbolo de nossa infância, o símbolo de nossa primavera, e ninguém pode arrancar, esquecer de sua vida, A INFÂNCIA.







## PROPOSTA DE DOAÇÃO DA ESCOLA AO GOVERNO DO ESTADO\*

Armanda Álvaro Alberto

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1963.

Exm<sup>o</sup> Sr. Dr. Badger Silveira

MD. Governador do Estado do Rio de Janeiro

Palácio do Ingá

Niterói

Senhor Governador,

Tenho a honra de dirigir-me a V. Ex<sup>a</sup> a fim de, em nome da Fundação Dr. Álvaro Alberto, com sede em Duque de Caxias, levar ao seu conhecimento

.....

\* Ofício encaminhado ao governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Badger Silveira, propondo a doação da escola ao Estado do Rio de Janeiro.

que, depois de entendimentos com as autoridades da Secretaria de Educação, por intermédio do chefe da 20ª Região Escolar, professor Ovídio Gouveia da Cunha, foi apresentada e aprovada pela Assembleia Geral Extraordinária dos sócios, realizada a 19 do corrente, uma resolução da maior importância, qual seja a de fazermos a doação da Escola Regional de Meriti, mantida pela referida Fundação, ao Governo do Estado do Rio de Janeiro.

A cópia da ata daquela assembleia, que juntamos a este documento, contém as condições de nosso oferecimento, ora apresentado ao alto espírito de V. Exª.

Sentimo-nos no dever de informar a V. Exª sobre o que tem sido a obra educacional que agora oferecemos ao Governo.

Trata-se de uma iniciativa privada, gratuita, integrada pela Escola Regional de Meriti, a Biblioteca Euclides da Cunha e a Oficina Heitor Lyra. Ao museu anexo, que deveria chamar-se Museu Regional de Meriti, com apreciável quantidade de material, por vezes valioso, a organização entregue nos últimos anos a professores-naturalistas, não logramos construir-lhe sede própria como para as outras seções da Fundação.

A Escola Regional de Meriti, então denominada Escola Proletária de Meriti, "*cellula mater*" da Fundação, foi inaugurada a 13 de fevereiro de 1921. Caracterizava-a o propósito de uma experiência, de uma tentativa de escola moderna, não como realização de uma personalidade só, mas da colaboração imprescindível de um grupo de pessoas jovens e decididas, interessadas na educação de nosso povo. Na elaboração de planos pedagógicos, de programas, etc., estavam eles ao nosso lado, os professores Francisco Venâncio Filho (da Escola Normal, hoje Instituto de Educação e Colégio Pedro II), Edgar Sússekind de Mendonça (da Escola Normal), Corina Barreiros e comandante Coriolano Martins (catedrático da Escola Naval). Provendo a manutenção da escola, o então 1º tenente Álvaro Alberto da Moita e Silva, hoje almirante, inventor dos explosivos Rupturita, cuja fábrica, em Meriti, foi o motivo da localização da escola. Hoje, os dois, somos os sobreviventes do grupo inicial.

Define as intenções dos fundadores o que está dito no primeiro relatório anual das atividades da escola, apresentado pela diretora, ao encerrar-se o ano letivo, em 25 de dezembro de 1921:

Tanto a nossa atitude é ainda de quem não atingiu a sua meta que o nome definitivo, Escola Álvaro Alberto, em homenagem à memória do Dr. Álvaro Alberto da Silva, seu patrono, só lhe será conferido quando a virmos mais próxima do tipo que idealizamos. Esforçamo-nos porque venha a ser uma acabada escola regional; afeiçoada pelo seu próprio meio é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele.

Para alcançar esse desiderato, a escola já surgiu com o ensino dos trabalhos manuais e o funcionamento da biblioteca, dividida em três seções: para as crianças, para as professoras e para os adultos, em geral, e as atividades do museu escolar; em seguida, fornecimento de merenda, visitas domiciliares, assistência médica, concursos de janelas floridas, círculo de mães.

Associando-se ao modesto trabalho em curso, além de outros, três homens ilustres deram-lhe, para logo, sua cooperação prestigiosa: Roquette Pinto, Heitor Lyra da Silva e Belisário Penna. Gradativamente, com o correr dos anos, construímos um teatrinho; contratamos professores especializados em canto orfeônico; nossos alunos tomaram parte em exposições de desenho infantil da Escolinha de Arte do Brasil, de Augusto Rodrigues; passaram a frequentar os concertos para a juventude, da Orquestra Sinfônica Brasileira, sendo que, como o Concurso de Janelas Floridas, o Concurso Monteiro Lobato, em que tomam parte os alunos de outras escolas e as excursões culturais no Rio e na própria localidade nunca foram interrompidos. Se algumas dessas iniciativas estão hoje suspensas, é fácil reconhecer a causa: a crise financeira que está sufocando a maioria das organizações culturais e assistenciais particulares.

Passando a outro ponto que vale focalizar no passado da nossa obra, é que ela se formou, cresceu, ampliou-se, construiu sede própria sem jamais recorrer a subvenções oficiais. Só em 1932, quando contava onze anos de existência, depois de explicarmos nossa atitude ao comandante Ari Parreiras, que nos honrou com um convite ao Palácio do Ingá, pedimos que substituísse o auxílio que estava decidido a nos conceder pela designação de professoras, o que foi efetivado pelo Decreto nº 2.757, de 4 de abril de 1932. Um parêntese: esse decreto não foi um ato de favoritismo. O preclaro interventor, antes de o redigir, tomara conhecimento suficiente do que se estava tentando em Meriti, tanto assim que nos escreveu o seguinte, a 29 de janeiro de 1932:

Com a maior satisfação, acuso recebimento da vossa carta de 20 do corrente, em que fazeis sucinta exposição acerca dos objetivos e da organização da Escola Regional de Meriti. Li com atenção o vosso trabalho, que contém sugestões oportunas e apreciáveis. Por isso mesmo, remeti-o ao Sr. Diretor de Instrução, alvitando a possibilidade de serem aproveitadas na reorganização do ensino público algumas das ideias contidas na vossa carta.

Já em 1949, desaparecidos vários companheiros de trabalho, foi que aceitamos pequena subvenção extraordinária da União, por interferência espontânea do Dr. Edgard Teixeira Leite. Em vista da situação objetiva, éramos obrigados a mudar de atitude. Entretanto, o primeiro auxílio do Estado devemo-lo ao espírito público de Roberto Silveira. O então secretário do Interior representou o governo fluminense na comemoração festiva do 30º aniversário da escola (setembro de 1951), tendo proferido, na ocasião, um belo discurso. Interessou-se pela Escola Regional, voltando, de surpresa, dias depois, em demorada visita. E, por intermédio de um deputado seu amigo, foi contemplada a escola com a referida subvenção.

O governador Miguel Couto Filho; o secretário de Educação, Dr. Alberto Francisco Torres; o deputado Joadélio Codeço e, no âmbito federal, os deputados Tenório Cavalcanti e Jonas Bahiense foram outras figuras da política fluminense que proporcionaram subvenções à nossa fundação. Aliás, nos meios educacionais registraram-se sempre, a partir do decreto Ari Parreiras, e do noticiário frequente no jornal *O Estado*, manifestações encorajadoras. Citemos as seguintes, entre tantas outras, provindas dos meios oficiais de educação: do professor Celso Kelly, secretário de Educação, em 1933, depois de visitar a escola:

Uma escola maravilhosa, onde tudo é humano; a atividade que aqui se sente é espontânea, porque brota do próprio meio. O sentido regional a ser adotado pelas escolas imprime-lhes as condições essenciais de sua integração no local. Tudo aqui obedece a esse ritmo superior de beleza, que decorre da simplicidade, da feição eminentemente democrática da Escola, da feliz alegria que se sente, da luz que as largas janelas projetam nas salas de aulas e, sobretudo, das flores que, a cada canto, encontramos.

Do professor Moysés Xavier de Araújo, inspetor-chefe do Ensino:

Mais do que um registro ou uma crítica, gostaria de traçar nesta página os apontamentos da lição viva que foi para mim esta visita. Escola de vida e de alegria! 9-11-1933.

Do professor Amaral Fontoura, técnico de educação e inspetor das Escolas Típicas Rurais:

Há dez anos que escrevo, falo, sonho com escola rural. E eis que a escola com que sempre sonhei aqui está em carne e osso. Elogiá-la? Não é necessário. Um voto apenas: que o nosso Estado do Rio possa um dia realizar as suas escolas copiando e adaptando esta Escola de Meriti. E que o Brasil inteiro possa um dia – quando? – possuir milhares de Escolas de Meriti. 20-3-1941.

Do professor Paulo de Almeida Campos, chefe da Divisão de Ensino Primário, em parecer enviado ao diretor do Departamento de Educação:

... há em Meriti uma “Escola”, no sentido mais completo da palavra. Realiza-se, efetivamente, uma obra de educação primária de alto sentido social. O movimento das instituições escolares, as oficinas de trabalhos manuais, a criação de pequenos animais, a horticultura e a jardinagem, a assistência médico-dentária e a alimentação, o problema da saúde, enfim, dos escolares, as excursões, o problema do encaminhamento dos egressos da Escola, a ação educativa da escola junto ao lar e a cooperação deste àquela fazem da Escola Regional de Meriti uma escola que vem realizando, há muitos anos, uma notável experiência educacional, digna da admiração e do aplauso da comunidade brasileira e merecedora do apoio moral e material do poder público.

Fica, aí, a sugestão para que o Departamento de Educação pleiteie do Exm<sup>o</sup> Sr. Interventor Federal um auxílio anual para essa magnífica instituição que, sem alardes, sem propaganda organizada, vem prestando eloquente serviço à infância e à juventude de nossa pátria.

Já o nosso Governo reconhece a sua importância quando autoriza, por decreto, a designação de professoras para ali fazerem estágio. Não seria, igualmente, o caso de sistematizar excursões de professoras e alunos de escolas fluminenses, especialmente das mais próximas à Escola Regional de Meriti? Julgo da mais alta valia e muito terá a lucrar o ensino público primário fluminense.

Com esta rápida impressão, os calorosos aplausos da Divisão de Ensino Primário à Escola Regional de Meriti. 25 de novembro de 1944.

Quase datado do mesmo dia, recebemos de outra alta autoridade, esta federal, o diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), professor Lourenço Filho, a seguinte carta:

Este Instituto recebeu e examinou, com a maior atenção, o expressivo relatório *A Escola Regional de Meriti* do ano de 1943, em que tão bem se documentam os trabalhos dessa casa de educação, no referido ano.

Muito grato ficaríamos se nos fosse dado receber mais alguns exemplares, pois os desejávamos enviar a chefes de serviços educacionais, interessados no problema da adaptação da escola às condições regionais.

Apresentando-vos congratulações pelo crescente desenvolvimento da Escola Regional de Meriti, envio-vos cordiais saudações. 30 de novembro de 1944

Seria longa demais – e esta carta já está tão extensa – a citação de documentos que guardamos, da parte de autoridades públicas, de educadores, de escritores, de sanitaristas e de outras personalidades. Portanto, mencionaremos apenas alguns livros e artigos em que se tratou da escola:

Fernando de Azevedo – *A cultura brasileira*

Associação Brasileira de Educação – *In Memoriam de Heitor Lyra da Silva*

Lourenço Filho – *Introdução ao estudo da Escola Nova*

Orlando M. de Carvalho – *Ensaios de Política Econômica*, 1ª série

F. Venâncio Filho – *Educar-se para educar*

Associação Brasileira de Educação – *A Escola Regional*

A. J. de Sampaio – *Biogeografia Dinâmica*

C. Delgado de Carvalho – *A escola como ajustamento social*

Afrânio Peixoto – *Noções de História da Educação*

A. Carneiro Leão – *A sociedade rural, seus problemas e sua educação*

Ivonne Jean – *Visitando escolas*

Dois artigos de apresentação da Escola Regional de Meriti ao público foram insertos na revista *A Educação*, dirigida por Heitor Lyra da Silva, número de maio e junho de 1925, duas exposições que se completavam sobre as realizações e projetos daquela tentativa pedagógica. Autores: Edgar Sussekind

de Mendonça e Francisco Venâncio Filho. Quanto à diretora, só em dezembro de 1927 apresentou uma comunicação à 1ª Conferência Nacional de Educação, reunida em Curitiba. O trabalho mereceu um voto de louvor da Conferência. Quando da reunião da 5ª Conferência Nacional de Educação, em dezembro de 1932, em Niterói, apresentamos outro trabalho, continuação do primeiro, intitulado: “Uma experiência de escola regional”. Artigos: devem ser citados de Belisário Penna vários artigos e conferências realizadas em Meriti; de Savino Gasparini, Alberto José de Sampaio, Aquiles Lisboa, Júlia Lopes de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Raul Bittencourt, Henrique Castriciano, Raul de Paula, Victor Zappi, Mauro Paiva e muitos outros.

Paschoal Lemme, um dos líderes da educação progressiva entre nós, foi quem fez o discurso, publicado mais tarde, na comemoração dos quarenta anos de existência da escola, pela Associação Brasileira de Educação.

Uma palavra final, Sr. Governador. A vida de nossa escola não tem sido o desenrolar de 42 realizações, modestas embora, mas sem maiores tropeços. Longe disso. As lutas têm sido árduas, frequentes, mas não causadas pela gente do povo a quem ela serve. Mas deixemos de parte qualquer expressão que traduza uma recriminação. Reconhecemos, realmente, ter sido até aqui a nossa escola um foco de felicidade para as crianças que educa, tanto quanto para os que a ela se dedicam. As crises pelas quais passou, de várias naturezas, acabaram sempre sendo superadas. Agora, porém, é diferente. A morte e a velhice levaram quase todos os nossos companheiros. E, em consequência dessa situação, somos obrigada a renunciar à ação que tanto nos empolga.

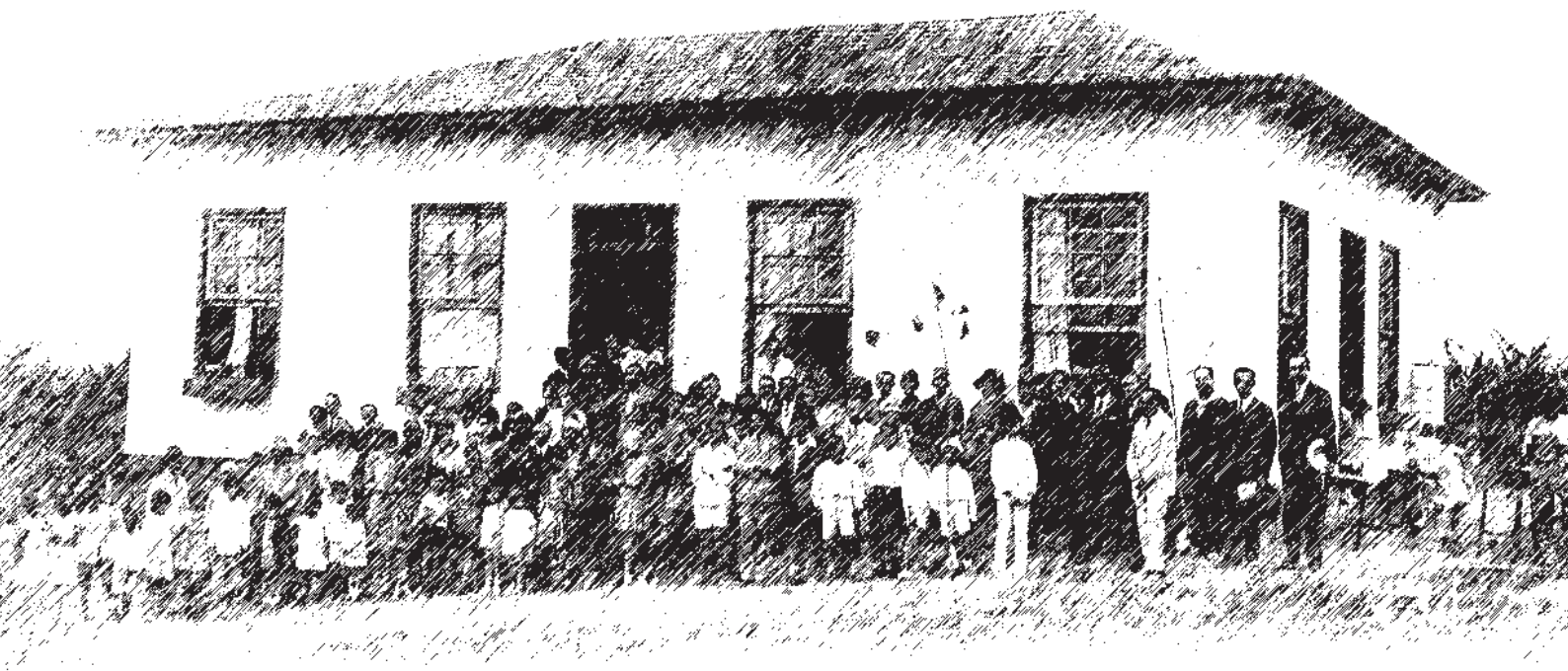
Que o Governo do Estado do Rio de Janeiro leve em consideração a individualidade, que tentei esboçar, da obra que ora lhe oferecemos, impedindo que se venha a desfigurar, um dia, aquelas feições próprias, características que até hoje conservou.

Nesta oportunidade, apresento a V. Exª os protestos de meu elevado apreço e distinta consideração.

a) Armanda Álvaro Alberto  
Presidente da Fundação Dr. Álvaro Alberto  
e Diretora da Escola Regional de Meriti.







## RESPOSTA DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Secretaria de Administração Geral

Serviço de Administração

OF. Nº 44/64

Niterói, 12 de maio de 1964.

Ilma. Sra.

Da. Armanda Álvaro Alberto

DD. Presidente da Fundação Álvaro Alberto

Senhora Armanda,

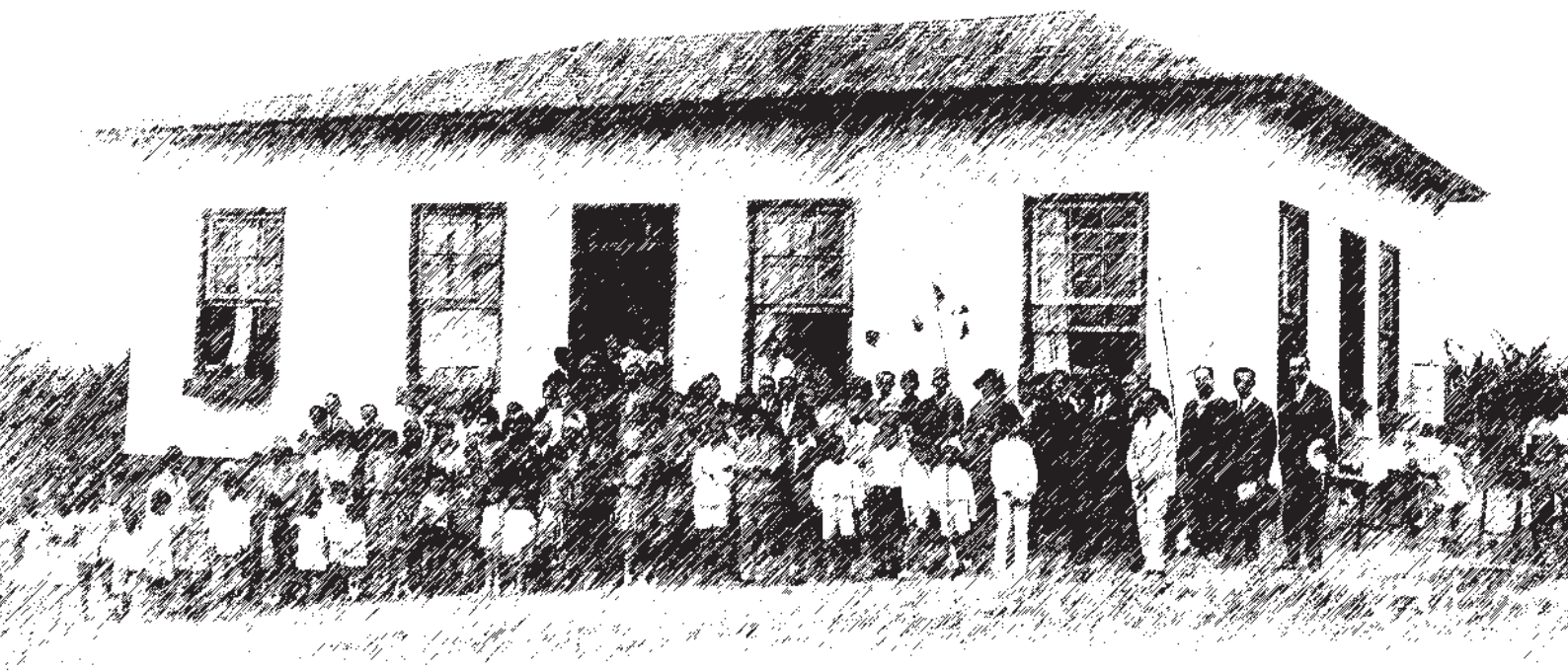
Cumprindo o despacho de fls. 32 do processo nº 813/63 – DPE, comunico a V. S<sup>a</sup> que, segundo parecer da Procuradoria Judicial, independentemente do pronunciamento do Sr. Secretário da Fundação às fls. 29 do processo em causa, necessário se torna sejam tomadas as providências seguintes:

- 1 – Aprovação pela Assembleia Geral da Fundação Dr. Álvaro Alberto de doação incondicional em revogando decisão anterior.
- 2 – Averbação da alteração do art. 15 dos Estatutos.

Aguardando suas breves providências, sirvo-me do ensejo para apresentar-lhe

Atenciosas saudações,

a) Leda Peçanha César de Oliveira  
Chefe do SA



## SEM ÊXITO OS ENTENDIMENTOS COM O GOVERNO DO ESTADO\*

Conforme já dito no relatório de 1963, encerramos o ano à espera da conclusão do processo de doação da escola ao Governo do Estado do Rio de Janeiro. Entramos em 1964 – e o processo não chegava ao fim. Houve, é claro, a presença do secretário da Fundação e de outras pessoas interessadas nas repartições competentes e, mais ainda, uma professora estadual, designada desde outubro, entre cujas atribuições estava a de acompanhar a tramitação do processo. Aproximava-se o mês de março e com ele a reabertura das aulas.

.....  
\* Preâmbulo do Relatório Anual, referente ao ano de 1964, enviado aos sócios da Fundação Dr. Álvaro Alberto, mantenedora da escola, expondo o insucesso das demarches para a sua doação ao Estado do Rio e sugerindo a transferência do oferecimento para o Instituto Central do Povo.

Tornou-se necessário avisar aos sócios da Fundação, mediante uma circular, que suas contribuições ainda lhes seriam solicitadas. E na contingência de manter a escola em funcionamento, além do prazo razoavelmente previsto, foram-nos faltando os meios para atender quaisquer outras despesas, como as que exigiam as obras de reparo que se iam impondo. Em suma, o período de janeiro a maio deste ano de 1964 viu agravarem-se, cada vez mais, os problemas que sobressaltaram e tumultuaram a vida da escola, desde fins do ano anterior. Quanto à carta dirigida ao governador, transcrita no relatório de 1963, nenhuma resposta nos chegou.

Finalmente, datado de 12 de maio de 1964, recebíamos o Ofício nº 44/64, do Serviço de Administração Geral, assinado pela chefe do referido Serviço, comunicando o despacho do Departamento do Patrimônio do Estado exigindo a “doação incondicional”, “revogando decisão anterior” (da Assembleia Geral da Fundação). Ante esse despacho, era mister convocar a Assembleia Geral Extraordinária dos Sócios. E esta foi realizada no dia 7 de julho próximo passado, em segunda convocação. Então, por unanimidade, a Assembleia votou pela retirada da oferta de doação ao Governo. (Lembramos que as condições para efetuar-se a doação se encontram em nosso relatório de 1963).

Uma vez votada a decisão acima, assumimos, pessoalmente, a responsabilidade de propor à Assembleia que a doação agora fosse oferecida ao Instituto Central do Povo, obra de educação popular que conhecemos há muito tempo. Numa feliz coincidência, várias pessoas, entre os presentes, também conheciam a referida obra e corroboraram nossas informações perante os demais associados.

Seguiu-se a discussão do assunto, ampla e esclarecedora. Em nome da diretoria do Instituto Central do Povo, especialmente convidado, foi lida, então, pelo Sr. Joel de Souza, presidente do seu Conselho Diretor, uma carta dirigida à Diretoria da Fundação Dr. Álvaro Alberto, na qual se expunham os objetivos com que foi criado o Instituto, há 58 anos, pelo reverendo H. C. Tucker; no que consiste o seu programa de ação e a aceitação do nosso programa, que em nada colide com o seu e, por conseguinte, não sofrerá solução de continuidade.

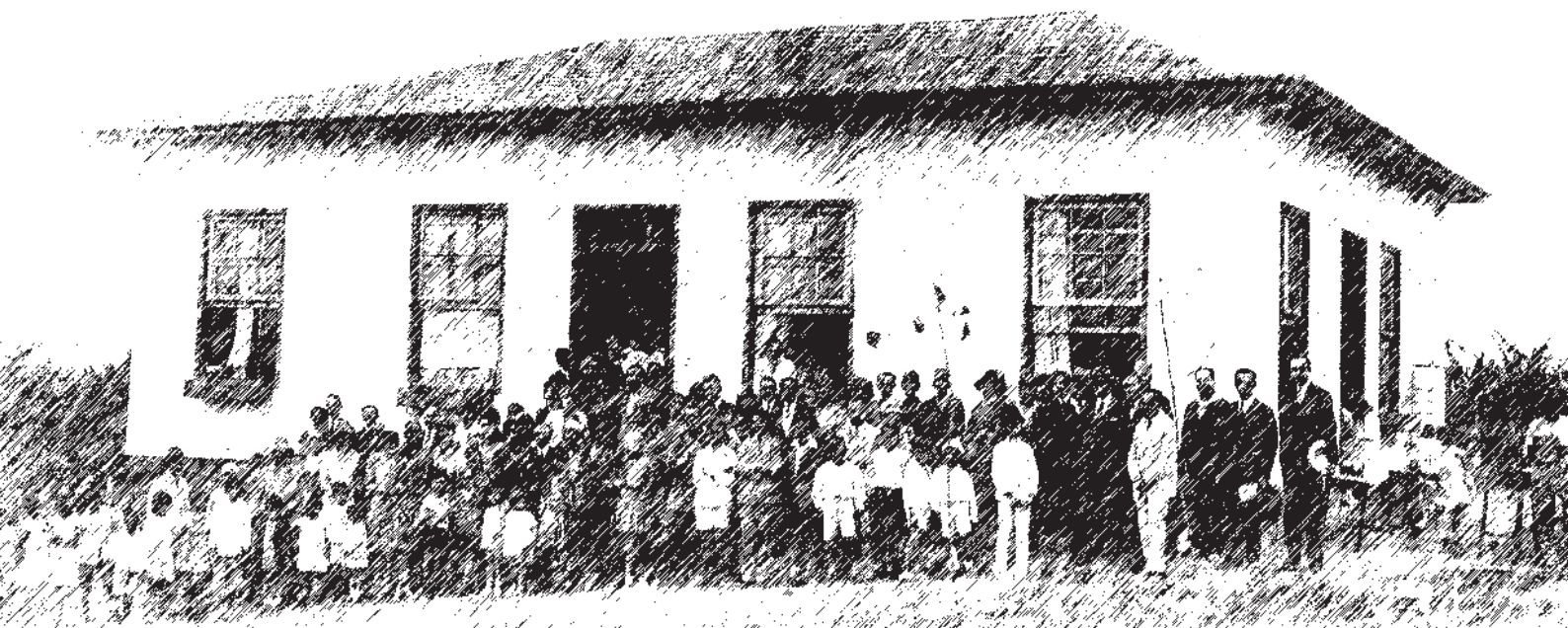
O Instituto Central do Povo, com sede na rua Rivadávia Correia nº 188, Cais do Porto, mantém os seguintes departamentos: Jardim de Infância, escola Primária, Curso de Admissão (diurno e noturno), Ginásio (diurno e noturno), Curso de Datilografia, Serviço Social de Grupos e Casos, Artesanato (carpintaria, cerâmica e *silk-screen*), Artes Domésticas, Educação Física, Acampamento de Férias em Sacra Família e Associação de Pais e Alunos.

Em relação à nossa escola, o Instituto se propõe, inicialmente, a tomar as seguintes providências: aceitar o nome – Escola Dr. Álvaro Alberto, que sugerimos, atendendo a que uma vez extinta a Fundação, cujo nome lhe fora dado em homenagem a seu patrono, esse nome deveria passar à Escola; procurar obter do Governo do Estado do Rio a manutenção das professoras; substituir o nosso antigo Círculo de Mães pela Associação de Pais e Alunos; criar o Departamento de Serviço Social; estudar a instalação de cursos noturnos; desenvolver o artesanato; ampliar a biblioteca e o museu; instalar, logo que possível, o Departamento de Educação Física e Esportiva.

A Assembleia Geral decidiu, por unanimidade, doar a Fundação Dr. Álvaro Alberto ao Instituto Central do Povo. Estiveram presentes, além do Sr. Joel de Souza, representando o Conselho Diretor, os professores Edgard Kuhlmann, superintendente, e Mário Way, da diretoria.



**APÊNDICE**  
**DECRETOS, REFERÊNCIAS,**  
**IMPRESSÕES DE VISITANTES, ETC.**







# DECRETO DO GOVERNO DO CTE. ARI PARREIRAS\*

Pelo Cte. Ari Parreiras, interventor federal, foi assinado ontem o seguinte decreto:

“Considerando que a Escola Regional de Meriti, que funciona sob os auspícios da Fundação Álvaro Alberto, vem realizando profícuo ensaio dos mais modernos processos da escola ativa, com real aproveitamento da nossa população circunvizinha;

Considerando que, na experimentação das variadas práticas que resultam, de fato, na dinâmica do trabalho escolar, muito há nessa escola de que se possa utilizar para adaptação no exercício do magistério público fluminense;

Considerando que o Estado, por força de suas próprias funções sociais, deve auxiliar a iniciativa particular sempre que oferecer resultados de imediato interesse público,

DECRETA:

Art. 1º – O Governo auxiliará a Escola Regional de Meriti, criada pela Fundação Álvaro Alberto, mantendo duas professoras do curso primário junto ao seu corpo docente e sob a respectiva orientação pedagógica.

Art. 2º – As professoras para ali designadas apresentarão, de comum acordo ou separadamente, ao Diretor da Instrução, no fim de cada ano letivo, um relatório sucinto dos trabalhos escolares, indicando principalmente a matrícula efetiva, os meios e experimentação que lhes parecer tenham sido mais salutares à eficiência do ensino e a sua adaptação ao regime comum de nossas escolas.

Art. 3º – É facultado a essas professoras fazerem acordo com a Diretora da escola ou dela receberem qualquer estipêndio para a realização do programa e das práticas que lhes incumbe efetuar.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário.”

.....

\* Publicado no *O Estado*, Niterói, em 7 de abril de 1932.

# DELIBERAÇÃO DA CÂMARA DE CAXIAS

Deliberação nº 218, de 14 de janeiro de 1952.

A Câmara Municipal de Duque de Caxias decreta e eu promulgo a seguinte Deliberação:

Art. 1º – Fica considerada de utilidade pública municipal a “Fundação Álvaro Alberto”, com sede no 1º Distrito de Duque de Caxias, sita à Rua Belisário Penna, s/nº, com Escritura Pública de Constituição e Estatutos Registrados no Tabelião Eugênio Müller, 14º Ofício de Notas da Cidade do Rio de Janeiro, no Livro nº 122, às folhas 19.

Art. 2º – A presente deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Duque de Caxias, em 14 de Janeiro de 1952.

as.) Zulmar Baptista de Almeida – Presidente

# IMPRESSÕES DE VISITANTES

## ■ *Lembrança imorredoura* .....

Joaquim Moreira de Sousa

28 de setembro de 1929

Levo da “Escola Regional de Meriti” lembrança imorredoura. O que a gente vê aqui nunca mais esquece. Que organização admirável!

## ■ *Felicidade e grandeza do país* .....

Luis Carpenter

29 de dezembro de 1929

A convite de sua ilustrada e dedicada fundadora, Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Armanda Alberto Sussekind, tive hoje a ventura de visitar a Escola Regional de Meriti.

Que obra modesta na sua aparência e grandiosa e patriótica na sua realidade, no seu alcance social!

Se todas as escolas primárias do Brasil se transformassem de repente em uma organização como a Escola Regional de Meriti, o país teria lucrado, em um momento, tanto como meio século de cultura e progresso.

A Escola Regional de Meriti adota os meios pedagógicos mais modernos.

É a escola ativa.

É a escola em que o estudo e o trabalho estão consorciados.

É a escola em que o aluno se sente bem.

Não há louvores que bastem para a benemérita fundadora da Escola Regional de Meriti e suas devotadas professoras!

As crenças religiosas, os sistemas filosóficos, as opiniões políticas e outras ideias separam os homens em grupos rivais.

Mas ninguém nega que, em qualquer país, há uma grande causa que se sobrepõe a todos os espíritos, e à qual ninguém pode recusar apoio – é a causa da instrução do povo.

Os que se dedicam a essa causa são os maiores obreiros da felicidade e da grandeza do país.

Que a Escola Regional de Meriti se torne de mais a mais conhecida, para servir de modelo e exemplo para os educadores brasileiros!

■ *Obra notável de educação* .....

Belisário Penna

18 de julho de 1931

Não preciso manifestar-me sobre a Escola Regional de Meriti, que admiro desde a sua fundação, em manifestação pública na imprensa. É a obra de educação mais notável que conheço, realizada no Brasil.

■ *Caminho único a ser seguido* .....

Delgado de Carvalho

Do livro *A escola como ajustamento social*. Rio, 1931, p. 409

Por fim, no Brasil, a Escola Regional de Meriti, criada por Armanda Álvaro Alberto, que, bem moderna nos seus métodos, visa, além da criança, os próprios pais dos alunos e indica o caminho único a seguir para uma solução prática do problema educacional no Brasil entre as classes rurais.

■ *Encantamento na pobreza* .....

Thiers Martins Moreira

7 de janeiro de 1933

Minha impressão global é de encantamento na pobreza que aqui é mérito e é valor. Mas particularizo alguma coisa nessa impressão total: a completa adaptação regional sem, todavia, um abandono do sentido nacional do ensino.

■ *Trabalho em comunidade* .....

Afrânio Peixoto

Do livro *Noções de História da Educação*, 3. ed., 1942, p. 342

Também aqui D. Armanda Álvaro Alberto ensaia a Escola Regional de Meriti, perto do Rio, adaptação rural, trabalho em comunidade, interesses naturais das crianças, cooperação da família na obra escolar.

Lourenço Filho, em São Paulo, na Escola Rio Branco, instituiu uma escola nova de projetos à Dewey.

Fernando de Azevedo, Diretor da Instrução, no Rio, de 26 a 30, instituiu oficialmente a escola nova. Anísio Teixeira, diretor de 30 a 35, procurou executá-la, ou efetuá-la, a escola progressiva. Três educadores podem concorrer principalmente para isso: Maria Montessori, Ovídio Decroly, John Dewey.

■ *Esforço e entusiasmo* .....

Dr. Cesar Leal Ferreira

Chefe da Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado do Rio de Janeiro

Caxias, 21 de agosto de 1942

Visitando a Escola Regional de Meriti, sob a direção de D. Armanda Álvaro Alberto, apreciei o esforço e o entusiasmo demonstrados pela sua dirigente e suas dedicadas auxiliares.

Com particular interesse, visitei o consultório médico, museu, biblioteca e oficina de trabalhos manuais, além da organização da merenda distribuída a todos os escolares.

■ *Importante trabalho* .....

Elizabeth Munro Clarke

Children's Bureau, Department of Labor

Washington, DC, 25 de agosto de 1943

With my good wishes and the Children's Bureau for continued success in the very important work you are doing.

[Com meus votos e os do Children's Bureau pela continuação do sucesso do muito importante trabalho que se está realizando aqui.]

■ *Renovação de elogio* .....

Ovídio G. da Cunha

Duque de Caxias, 22 de agosto de 1951

Aos 22 dias do mês de agosto, visitei a Escola Regional de Meriti, encontrando os trabalhos escolares em plena atividade, cinema educativo, clube de leitura e diversas instituições escolares.

Renovo os termos do elogio para com a Escola Regional de Meriti, que sempre se colocou na vanguarda das iniciativas escolares.

■ *Exemplo e métodos dignos de propagação* .....

Gustavo Lessa

Da revista *Educação*, nºs 57, 58 e 59, 3º e 4º trimestres de 1957 e 1º trimestre de 1958

Rio, 12 de novembro de 1957

Exm<sup>os</sup> Srs. Membros da Comissão de Redação da Educação.

Quem ler o primeiro parágrafo do meu artigo sobre “Os objetivos do ensino de artes industriais”, publicado em o número dessa revista, verá que, ao falar das “felizes e raras iniciativas”, seguidas “pelo desânimo e pelo recuo”, eu me estava referindo ao campo do serviço público. Tinha em mente, sobretudo, as escolas experimentais, criadas, no Distrito Federal, pelo Prof. Anísio Teixeira, quando superintendia aqui os serviços de educação pública: tais escolas, como é sabido, foram supressas após o seu inspirador ter deixado o cargo.

Não me referi a iniciativas dessa época no campo da ação privada. Hoje, relendo o artigo, pareceu-me, entretanto, que tal completa omissão não era justificável. Cumpre não esquecer que a Escola Regional de Meriti, estabelecida há cerca de trinta anos, continua a manter-se, graças aos esforços heroicos de sua fundadora, a professora Armanda Álvaro Alberto. Lutando com mil dificuldades, entre as quais a maior, talvez, é a instabilidade do seu professorado, tal escola oferece, entretanto, exemplo de práticas e métodos da escola ativa, dignos de ser propagados. E aproveito a oportunidade para sugerir um pedido à ilustre abeana, no sentido de abrilhantar as páginas de nossa revista com um relato desses métodos e práticas.

■ *Esforço tenaz* .....

A. Carneiro Leão

Do livro *Sociedade rural – seus problemas e sua educação*

Editora S.A. A Noite, Rio, s.d., p. 290

Ao lado do ministério, os Estados mantêm escolas com preocupações de preparação agrícola. Algumas são boas e atingem seus objetivos. Estão neste caso, entre poucas outras, a Escola Experimental de Tigipió – Escola Rural Alberto Torres, em Pernambuco, que procura ministrar uma educação agrícola correspondente às necessidades das diferentes zonas do Estado, e o Grupo Escolar de Butantan, em São Paulo.

A iniciativa particular criou a Escola Regional de Meriti, estabelecimento modelo fundado e mantido pelo esforço tenaz de Armanda Álvaro Alberto.

■ *Moção da Academia Nacional de Medicina* .....

Conferência do professor Oscar Clark sobre “escolas-hospitais”

*Jornal do Comércio*, 16 de outubro de 1943

Por último o Prof. Aleixo de Vasconcelos propôs que também fosse reverenciado o nome de D. Armanda Sussekind de Mendonça, devotada à causa da infância, mantendo à própria custa uma escola educacional em Meriti, hoje Caxias, no Estado do Rio, com grande proveito para a população local.

A Academia aprovou essa proposta, por unanimidade.

# DO INSTITUTO CENTRAL DO POVO À ESCOLA REGIONAL DE MERITI

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1964.

Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>

Armanda Álvaro Alberto

Diretora da Escola Regional de Meriti

Prezada Sra. Armanda Álvaro Alberto:

Primeiramente, queremos agradecer-lhe a escolha do Instituto Central do Povo para receber da Fundação Álvaro Alberto a doação da Escola Regional de Meriti. Sabemos que nossa instituição receberá mais um encargo, aumentando, assim, as suas responsabilidades financeiras, educacionais e sociais. Entretanto, o Instituto foi criado, em 13 de maio de 1906, com “o objetivo de trabalhar pelo desenvolvimento moral, cultural e espiritual do povo proletário”, conforme estabeleceu o seu inesquecível fundador, o reverendo H. C. Tucker. Hoje, após 58 anos, o Instituto Central do Povo funciona com esse objetivo – grandemente ampliado com os seguintes departamentos:

- 1) Jardim de Infância,
- 2) Escola Primária,
- 3) Curso de Admissão (diurno e noturno),
- 4) Ginásio (diurno e noturno),
- 5) Curso de Datilografia,
- 6) Serviço Social de Grupos e Casos,
- 7) Artesanato: Carpintaria, Silk-Screen e Cerâmica,
- 8) Artes Domésticas,
- 9) Educação Física,
- 10) Acampamento de Férias em Sacra Família,
- 11) Associação de Pais e Alunos.

Todos aqueles sadios princípios pedagógicos, que inspiraram os fundadores da Escola Regional de Meriti – isto é, a integração da escola na comunidade –, têm sido rigorosamente adotados no Instituto Central do Povo. Assim, sem falsa modéstia,



podemos garantir a V. S<sup>a</sup> que estamos aptos a desenvolver o programa da Escola Álvaro Alberto, continuando a magnífica obra iniciada por V. S<sup>a</sup> e pelos professores Francisco Venâncio Filho, Edgar Sussekind de Mendonça, Corina Barreiros, comandante Coriolano Martins e pelo então tenente, hoje almirante, Álvaro Alberto da Motta e Silva, o qual tem sido um dos beneméritos mantenedores da escola.

Se a assembleia geral da Fundação Álvaro Alberto resolver doar inteiramente ao Instituto Central do Povo a Escola Regional de Meriti, adotaremos lá, inicialmente, as seguintes providências:

- 1) Conservaremos o nome de escola Álvaro Alberto em homenagem aos seus fundadores.
- 2) Procuraremos obter do Governo do Estado do Rio a manutenção das professoras. Entretanto, a Escola Álvaro Alberto ficará sob nossa exclusiva e total administração.
- 3) Criaremos na escola a Associação de Pais e Alunos e o Departamento de Serviço Social.
- 4) Estudaremos a instalação de cursos noturnos.
- 5) Procuraremos desenvolver o artesanato da escola.
- 6) Procuraremos ampliar sua biblioteca e seu museu.
- 7) Estudaremos a possibilidade de instalação de um Departamento de Educação Física e Esportiva.

Cooperação: Solicitamos, entretanto, a cooperação de V. S<sup>a</sup> para levarmos avante a grande obra da Escola Álvaro Alberto. Essa cooperação que solicitamos se traduz no seguinte:

- a) Contarmos com a assistência da Sra. Armanda Álvaro Alberto.
- b) Contarmos com a colaboração dos mantenedores atuais da escola, ampliando ainda mais o seu quadro.

Permanecendo ao inteiro dispor de V. S<sup>a</sup>, subscrevemo-nos com elevada estima.

Atenciosamente,

INSTITUTO CENTRAL DO POVO

- a) Joel de Souza, Presidente do Conselho Diretor
- b) Edgard Kuhlmann

# MOÇÃO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Niterói, 23 de janeiro de 1965.

Exma. Sr<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup>

Da. Armanda Álvaro Alberto

DD. Diretora da Escola Regional de Meriti

Duque de Caxias

Senhora Diretora,

Tenho a honra de comunicar-lhe que esta Assembleia inteirou-se, em sessão de 30 de novembro último, da moção, anexa por cópia, de autoria do senhor deputado Romeiro Júnior e outros.

Aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos de elevada estima e distinta consideração.

(as.) José Haddad – 1º Secretário

## MOÇÃO

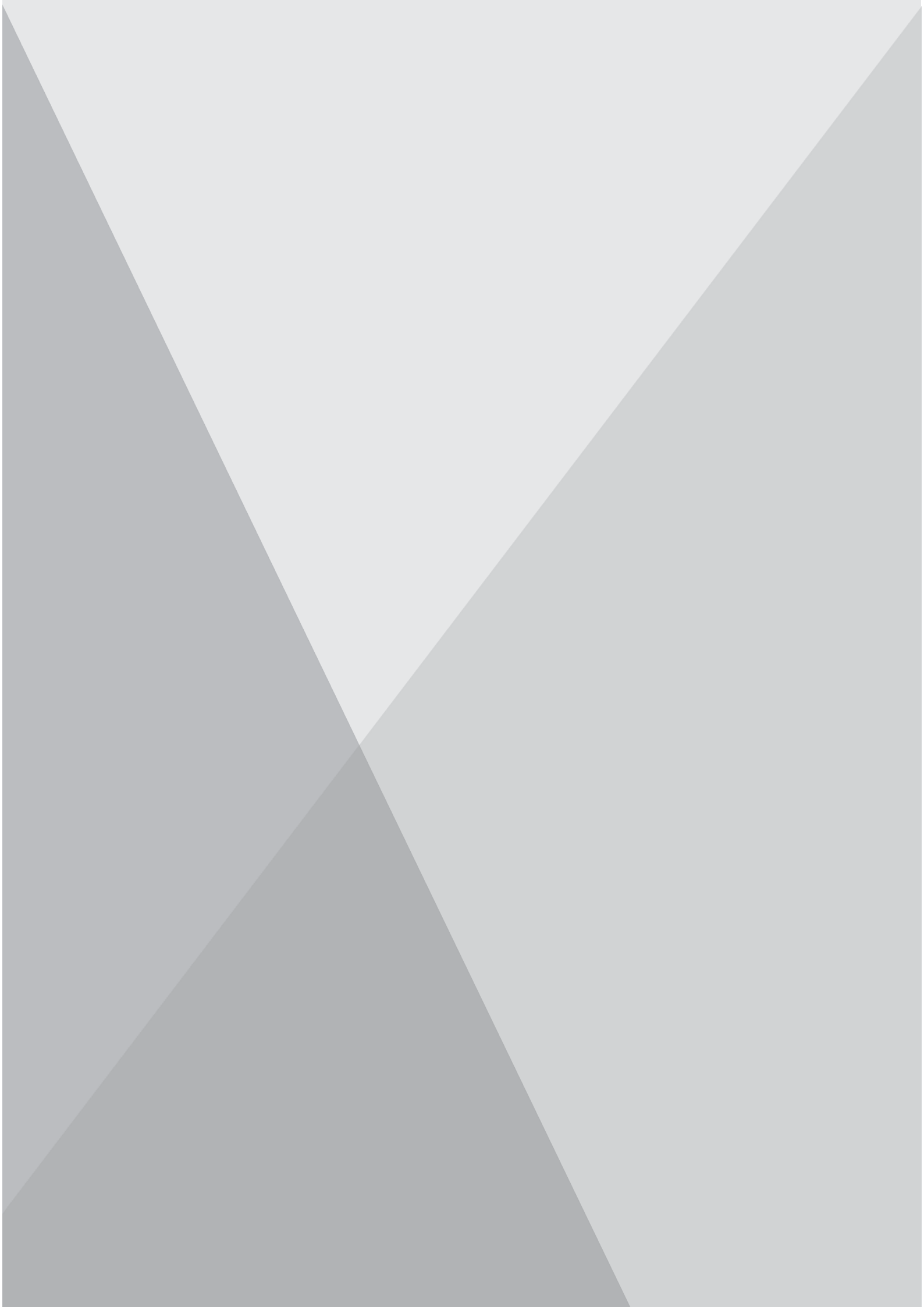
Os Deputados que esta subscrevem, representando a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, rendem sua homenagem à ilustre e veneranda educadora, D. Armanda Álvaro Alberto, presidente da Fundação Dr. Álvaro Alberto e diretora da Escola Regional de Meriti, até há poucos meses, após mais de 40 anos de trabalhos fecundos em prol da educação.

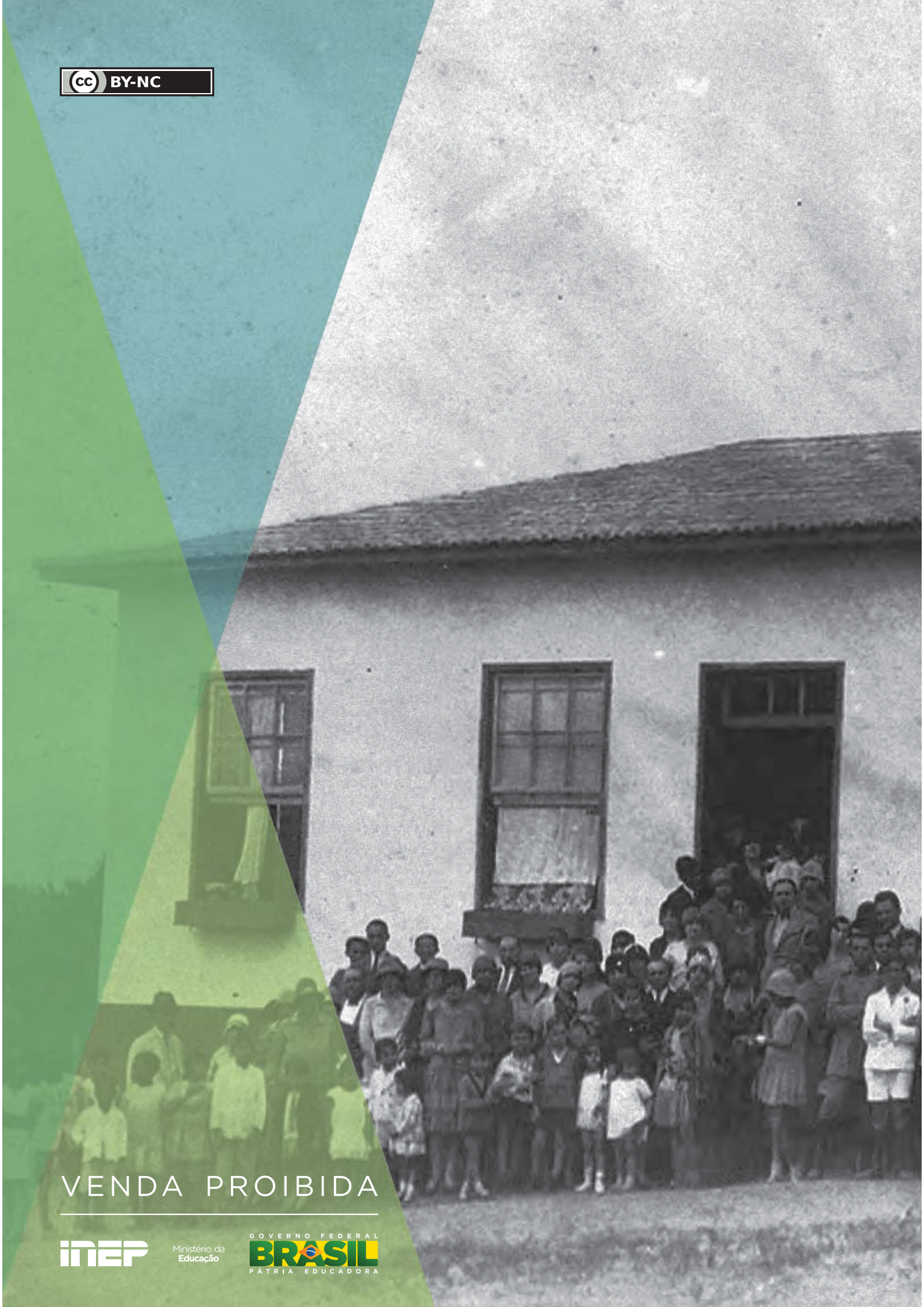
Em todo esse tempo, foi uma colaboradora eficiente do Estado e amiga e mestra de gerações e gerações de caxienses. Hoje, só, já cansada e sem seus antigos colaboradores, desejou doar a Escola Regional de Meriti, mantida pela Fundação, ao

Governo do Estado e, sem que tivesse a receptividade desejada e merecida, encontrou no Instituto Central do Povo a certeza da continuação de sua obra.

Sala das Sessões, novembro de 1964.

(as.) Romeiro Júnior, Waldir Medeiros, Amyl Rechaid, Zorly Martins, José Amorim, João Kiffer Netto, José Sally, Jamil Sabrá, Feliciano Costa, José Romero, João Rodrigues de Oliveira, Walter Pacheco, Lima Teixeira, Palmir Silva, Antônio Gaspar, Norberto Marques, Newton Guerra, Zulmar Baptista, Sá Rêgo, Michel Saad, Nicanor Campanário, José Kezen, Antônio Alexandre, Pereira Pinto, Andrade Figueira, Paulo Hervé, Bezerra de Menezes, Wilson Federici, Dayl de Almeida, Henri Novo.





# VENDA PROIBIDA